

Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

162

Satyricos

Portuguezes.

162

Satyricos

Portuguezes.

**NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE CASIMIR ,
Rue de la Vieille-Monnaie , n^o 12.**

HARVARD COLLEGE
LIBRARY

NOV 1 1 2007



Villeroy del et sculp

Satyricos Portuguezes.

Collecção Selecta

DE

POEMAS HEROI-COMICO-SATYRICOS;

ILLUSTRADA COM NOTAS.



PARIS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD,

QUAI VOLTAIRE, Nº 11.

—
M. DCCC. XXXIV.

Post 4358.4

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF

JOHN B. STETSON, Jr.

Jun 23, 1924

A quem ler.

O desejo de ser util aos meus Compatriotas, me impelliu a lançar mão das tres melhores producções *heroi-comico-satyricas*, que existem na litteratura nacional, e a unil-as em um so volume. Ellas tornam - se recommendaveis, tanto pela pureza do estylo, como pela habilidade com a qual seus Auctores souberam tractar os assumptos, que escolheram. Vão, além d'isso, expur-

a

gadas dos muitos erros, que as afeiavam nas edições precedentes. Espero pois, que os Leitores (atendendo aos sobredictos motivos) acolham favoravelmente o livro, que lhes apresento.

O EDITOR.

O HYSOPE,

POEMA

HEROI-COMICO

DE

Antonio Diniz da Cruz e Silva.

. . . . *Ridentem dicere verum
Quid vetat?*

HORACIO, liv. 1, sat. 1.

ARGUMENTO

DO POEMA.

José Carlos de Lara, Deão da Igreja d'Elvas, querendo obsequiar seu Bispo, o Ex^{mo} e Rev^{mo} D. Lourenço de Lancastre, vinha offerecer-lhe o Hyssope, à porta da Casa-do-Cabido, todas as vezes que este Prelado ia exercitar suas funcções na Sé. Depois, esfriando esta amizade por motivos, que nos são occultos, mudou o dicto Deão de systema; o que o Bispo sentiu em extremo, como uma grande affronta feita á sua ill^{ma} pessoa: e para o constranger a continuar no mesmo obsequio, machinou com alguns seus parciaes do Cabido, que este lavrasse um Accordão, pelo qual o Deão fôsse obrigado, debaixo de certas multas, a não o esbulhar da pretendida

2 ARGUMENTO DO POEMA.

posse, em que se achava. D'este terribil Actordão appellou o Deão para a Metro-poli, onde teve sentença contra si. Esta é a acção do Poema.

Passado pouco tempo depois da referida sentença; morreu o Deão, e lhe succedeu no Deado um sobrinho seu, chamado Ignacio Joaquim Alberto de Matos; o qual, recusando sujeitar-se, como seu tio, ao sobredicto encargo, foi pelo Bispo asperamente reprehendido, e ameaçado. Então interpoz o mesmo um recurso á Coroa, cujo Tribunal mandando ao Bispo dar razão de seu procedimento, este, cheio d'um terror panico, desistindo da imaginada posse, negou haver tal Accordão, e o mais que tinha obrado a esse respeito.

Tudo isto dá materia ao vaticinio d'Abacadabro, que é um dos episodios de que se reveste o presente Poema.



O Hyssope.

CANTO PRIMEIRO.

Eu canto o Bispo, e a espantosa guerra,
Que o Hyssope excitou na igreja d'Elvas.
Musa, tu, que nas margens apraziveis
Que o Sena bordam de arvores viçosas,
Do famoso Boileau (1) a fertil mente
Inflammaste benigna, tu m' inflamma;
Tu me lembra o motivo; tu, as causas
Por que a tanto furor, a tanta raiva
Chegaram o Prelado, e o seu Cabido.

Nos vastos Intermundios d' Epicuro (2)
O gran' paiz se estende das Chimeras,
Que habita immenso povo, differente
Nos costumes, no gesto, e na linguagem.
Aqui nasceu a Moda, e d'aqui manda
Aos vaidosos mortaes as várias fórmas
De segas, de vestidos, de toucados,

De jogos, de banquetes, de palavras;
Unico emprêgo de cabeças oucas.
Trezentas bellas caprichosas Filhas,
Presumidas a cercam, e se occupam
Em buscar novas artes de adornar-se.
Aqui seu berço teve a espinhosa
Escholastica vã Philosophia,
Que os claustros iuundou; e que abraçaram
Até a morte os perfidos Solipsos (3).
D'aqui saíram, a infestar os campos
Da bella Poesia; os anagrammas,
Labyrinthos, acrósticos, segures (4),
E mil especies de medonhos monstros,
A cuja vista as Musas espantadas,
Largando os instrumentos, se esconderam
Longo tempo nas gruttas do Parnasso.
Aqui (cousa piedosa!) alçou a fronte
A insipida Burletta, que tyranna
Do Theatro desterra indignamente
Melpómene e Thalia, e que recebe
Grandes palmadas da Nação castrada (5).

Do denso Povo, que o paiz povôa,
Uns com pródiga mão ricos thesouros,
A trôco d'uma concha, ou borboleta,
Ou d'uma estranha flor, que represente
As vivas côres do listrado Iris,
Dependem satisfeitos. Outros passam,

Sem cessar, revolvendo noite , e dia
Do antigo Lacio antigos manuscriptos ,
Do roaz tempo meio-consumidos ,
Para depois tecer grossos volumes
Do—H—sobre a pronuncia ; ou se se deve
A conjuncção unir ao verbo , ou nome ,
Que marcham antes d'ella no discurso.
Alguns (misera gente !) inutilmente
Compoem grandes Iliadas , e tecem
Aos vaidosos Magnatas mil sonetos ,
Mil Pindáricas odes , e epigrammas ,
A que apenas de olhar elles se dignam.
Estes , cujas cabeças desgraçadas
Não bastam a curar tres Anticyras (6) ,
Abrasados se crêem d'um sancto fogo ,
E ter commércio com os altos deuses :
Senhores da aurea fama , e seus thesouros
Se inculcam aos Heroes , e em seus delirios ,
Se julgam mais felizes e opulentos ,
Que o grande imperador da Trapizonda ;
Em quanto , na pobreza submergidos ,
Cobertos de baldões , e d' improperios
Dos Ricos ignorantes , e dos Grandes ,
Com mofa , e com desprezo , são olhados.

D'este pois populoso e vasto Imperio
Em paz empunha o sceptro soberano
O Geuio tutelar das Bagatellas.

N'um magestoso alcaçar, que se eleva,
Com estranha structure, até as nuvens,
Assiste o grande Nume; e d'alli rege
A lunatica gente, a seu arbitrio.
De transparente talco fabricado
É o largo edificio, que sustentam
Cem delgadas columnas de missanga.
Nos quatro lados, em igual distancia,
Quatro tórres de lata se levantam;
Do capricho obra, em tudo, muito prima,
Onde a materia cede muito á arte.

Aqui pois a conselho chama o Genio
Do seu imperio os principaes Dyustas.

N'um vistoso salão, todo coberto
De papel-prateado, e lentejoulas,
Se ajuncta a grande Côte; e alli, per ordem,
Assentando-se vai : aos pés do throno
De alambres, e velorios embutido,
A Lisonja se ve, e a Excellencia;
Segue-se a Senhoria, e abaixo d'ella
O Dom surrado, as grandes Cortezias,
O Whist, o Trinta-e-um, os Comprimentos;
E logo o Vampirismo, os Sortilegios,
Os Sylphos, Salamandras, Nymphas, Guomos,
E os outros Genios da subtil Cabala (7).

De mil vãs Ceremonias rodeada ,
Os assentos reparte a Precedencia.

Composto o gran' rumor, e socegado ,
Assim do alto do throno o Genio falla :
« Illustres moradores d'este excelso
Magnifico palacio , bem sabido
Ja ha muito tereis o quanto deve
O meu augusto genio , a nossa côrte ,
Ao gran' Prelado , que as ovelhas pasce
Dos Elvenses redis : notorio a todos
Sem duvida vos é , como pospondo
Das funcções mais piedosas o cuidado
Ás nossas bagatellas , so se emprega
Em cousas vãs , ridiculas e futeis.
A corrupta , mas real genealogia ,
O roixo-tercio-pêllo dos sapatos ,
As pedras , que lhe esmaltam as fivelas ,
A preciosa saphira , a linda caixa ,
Onde (sôbre Amphitrite , que tirada
D'escamosos Delphins , n'uma aurea concha ,
Os verdes campos de Neptuno undoso ,
Cercada de Tritões , nua passeia)
Do famoso Martin (8) o verniz brilha ;
Seu emprêgo so são , e seu estudo.
Emfim , entre os mortaes , não ha quem renda
Á minha divindade maior culto.
Agradecido pois ao grande empenho ,

Que mostra em nos honrar, tenho disposto
 Dar á sua vaidade um novo pasto :
 Que a uma escusa porta o Deão saia ,
 Co'o Hyssope, a esperal-o, determino.
 D'este meu parecer quiz dar-vos parte ,
 Não so para escutar os vossos votos ;
 Mas para que saibais, e fiqueis certos
 Que a côrte não fazeis a um Nume ingrato. »

Acabou de fallar ; e confirmando
 Todo o sabio Congresso o seu dictame ,
 Um susurro no Cônclave s' espalha ,
 Ao do Zephyro em tudo semelhante ;
 Quando , nas frescas tardes suspirando ,
 A bella Flora segue , que travêssa
 Ca , e la , entre as flôres , se lhe furta.

Mas a vã Senhoria , que se lembra ,
 Que em casa do Deão sempre encontrara
 A mais benigna , a mais certa guarida ,
 Que seu nome na bôcca do laçao ,
 Do cozinheiro , da ama andava sempre ,
 A cabeça movendo descontente ,
 Tres vezes escarrrou , e a voz alçando ,
 D'esta sorte fallou ao gran' Despóta :

« Soberano monarcha , que tu queiras
 Premiar a quem te honra , empresa digna

É de teu coração : eu mesma approvo,
E mil vezes dictara este conselho :
Mas que , para o fazer, hoje pretendas
Que um Deão, de crescente, e curta vista,
A dignidade abata, e a esperar saia,
N'uma porta d' escada, o seu Prelado;
Nem justo me parece, nem louvavel.
Se tu queres honrar sua Excellencia,
Outras maneiras ha de conseguil-o :
Na mesma Igreja d' Elvas, e Cabido,
Ha um Bastos, um Sousa, dous Aporros,
Que, junctos com os Pittas, podem todos
Inda á mesma commua acompanhal-o,
Levantar-lhe a cortina do trazeiro,
Lavar-lhe o nedio cu, — e até beijar-lh'o.
Estes, e outros d'esta mesma estofa
(De que o Bispado, quasi todo, abunda)
As costas vão buscar o gordo Bispo,
Que, indaque um pouco pésa, vem seguro;
Que são Cavallos mestres e possantes. »

Mais queria dizer o vão Dynasta,
Quando, de sen assento, esbravejando,
Se levanta impetuosa a Excellencia :
O furor, que lh' inflamma o grave aspecto,
As palavras lhe corta ; principia
Cem vezes o discurso, e logo pára :
Até que n'estas descompostas vozes

Finalmente atroou a grande sala :

« Como! E é possibil que haja quem se atreva
N'este Congresso, a oppor-se, cara á cara,
Aos obsequios que tu, o' Nume! ordenas
A uma reverendissima Excellencia?
Um Deão, co'o seu Bispo comparado
Um cominho não é? Se tu, o' Nume!
O teu grande projecto não sustentas,
Eu so... » E n'isto bate o pe na casa.

Ao rijo som da bestial patada,
Tremeu o regio solio, e o pavimento:
Assentos, e Assistentes assustados
Caíram pela terra. Então o Genio
Alçando um pouco a voz : « Basta (lhe disse)
Eu disputas não quero em meu Conselho,
Minha resolução está tomada;
Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho,
E o que escrevo nma vez, nunca mais borro.»

Aqui, co'o rosto um pouco carregado,
O Cónclave despede; e logo chama
A vistosa Lisonja que, n'um ponto,
Cem caras, cem vestidos, cem figuras,
Cem linguas toma, e muda brevemente
De palavras, e tom, segundo o gôsto
Dos que o govêrno teem : e assim lhe falla :

« Magnata principal da minha Côrte,
Eu, para executar este projecto,
Entre todos te escolho; diligente
Parte a cumpril-o; pois de tuas artes,
E de ti so confio a grande empresa. »

Acaba; e mais veloz que a leve setta
Parte do Itureo arco, ou na alta noite
Cair se ve do ceo brilhante estrella,
Voa o falso ministro, abrindo os ares.

Juncto da bôcca do cruel Averno (9),
A provincia se ve da Dependencia,
Cujos campos retalha, murmurando,
Um pequeno ribeiro d' agua turva :
Não cria em suas margens tronco altivo;
Mas so hervas humildes e rasteiras
Produz o seu humor; se algum arbusto
Mais viçoso rebenta, as suas folhas
Tem para a terra todas inclinadas :
Funesto influxo do liquor maligno,
Que o succo lhe ministra! Aqui, voando,
A Lisonja chegou; e enchendo d' agua
Uma pequena infusa, que trazia,
As azas abre, parte alegremente
Fendendo os leves ares; mil cidades,
Mil povos deixa atraz, até que chega
Da famosa azeitona á grande terra.

Aqui, tomando a fórma do lacaio
Do farfante Deão, entra na casa,
A tempo que, de chambre, e de chinelas,
Pela comprida sala passeava,
Sorvendo uma pitada de tabaco,
De quando em quando, sua Senhoria;
Ora á janella chega, e applicando
Uma pequena lente á curta vista,
O que passa na praça vigiava;
Ora, arrotando, para dentro torna.
Ardia então em calma toda a terra;
E o calor, que as guelas lhe seccava,
Lhe faz bradar por agua, e caramelos.

A Lisonja, que idoneo tempo vira
Para tammanha empresa, um copo enchendo
Da turva lympha do regato impuro,
Com quatro caramelos, n'uma salva
Lhe levou mui lampeira; elle sorvendo
Com muita mogiganga o fôfo açucar,
Os dedos lambe, e logo o copo vasa
Do maligno liquor dentro na pança.
Acabou de beber, e pouco a pouco
O veneno se actúa dentro n' alma:
Uma chamma subtil, um vivo fogo
Lentamente se ateia: arde em desejos
D'ir o Bispo buscar, de offerecer-lhe
O mais activo incenso; mil obsequios

Na cabeça lhe rolam , e o transportam :
Da tardê em todo o resto não socega ;
Nem na profunda noite estas ideias
O deixam descansar um so momento :
Sôbre os fôfos colchões revolve o corpo ,
Mil maneiras pensando de adulal-o :
Umaz vezes lhe lembra debuxar-lhe
Em dourado-papel sua prosapia ;
Mas de genealogia nada intende
O triste , por seu mal : outras , lhe occorre
Ir calçar-lhe os sapatos : com iuveja
Ôlha do illustre Almeida a feliz sorte ,
Que os pratos , e a bebida lhe ministra .

Da noite a maior parte assim consome
N'estes projectos vãos , e em nada assenta :
Até que , — juncto ao toque da alvorada ,
Apenas , de cançado , cerra os olhos , —
Emboscada a Lisonja prestes toma
D'um prazenteiro sonho a leve fórma ,
Entre mil vãos phantasmas lhe apparece ,
E assim lhe falla : « Ó grande Dignidade ,
Cabeça illustre do Cabido Elvense ,
Se de teu alto ingenho hoje pretendes
Dar ao mundo uma prova , humildemente
Tomando o bento Hyssope , á porta nova
Com elle , o teu Prelado , prompto espera .
Honrar nossos Maiores cousa é sancta ,

Que a natureza inspira : da syntaxe
O cartapacio diz , que mais illustres
Seremos , quanto formos mais humildes. »

N'este ponto acordou o Prebendado ;
E vestindo-se á pressa , á Igreja corre :
Sem fazer oração , o Hyssope toma ,
E com elle , na porta sinalada ,
Sua Excellencia espera : alli apenas
Da liteira assomou o grande macho ,
Per terra se prostrou , e d'esta sorte
Ao Pastor, que se apeia , o Hyssope off'rece ;
Quê uma sancta vaidade respirando ,
N'elle alegre pegou , e o sacro Asperges
Circumspecto lhe lança ; em si cuidando
Que todo este profundo acatamento
A seu illustre bêrço era devido ;
E, n'estas vãs ideias engolphado ,
Foi devoto cantar a grande-missa.



O Hyssope.

CANTO SEGUNDO.

REINAVA a dôce paz na sancta Igreja ;
O Bispo, e o Deão, ambos conformes
Em dar, e receber o bento Hyssope ,
A vida em ócio sancto consumiam.
O bom vinho de Málaga, o presunto
Da célebre Montanche, as gallinholas,
As perdizes, a rôla, o tenro pombo,
O gran' cha de Pekin, e la da Meca
O cheiroso café, em lautas mezas,
Do tempo a maior parte lhes levavam ;
E o restante, jogando exemplarmente,
Ou dormindo, passavam sem sentil-o.

Emtanto a Senhoria, em cujo peito
Altamente ficou depositada
Da suberba Excellencia a petulancia,
Mil vinganças na mente revolvendo,

Comsigo mesma diz : « Que! Per ventura
Não sou eu a sublime Senhoria,
Idolo de Pelões, e de Casquilhos?
Quantas Môcas gentis, em cujos rostos
Entre lírios brilhar se vêem as rosas,
A meu culto não rendem seus cuidados?
Quantos graves Varões, que sôbre os livros,
De cãs se teem coberto, ou sob os elmos?
Nas ricas e faustosas Assembleias
Não tenho porta franca? Não me fazem
Os Circumstantes todos mil lisonjas?
Não correm apôs mim? não me festejam?
Pois, como soffro que a Excellencia altiva,
A seus pés me derrube, e me atropelle?
Que triumphe de mim impunemente?
Ah! se esta injuria soffro; com desprezo
Entre a gente será méu nome ouvido :
Nem em casas armadas de damasco,
Ou de pannos-de-raz, onde spumando
Na rica transparente porcelana,
De Carácas se serve o chocolate,
Roda o cha, o café, se joga o Whist,
Terei (como costume) entrada livre :
E somente nas lojas dos barbeiros,
Ou pintadas boticas, entre as moscas,
A vida passarei triste, e sem honra.
Ás armas pois corramos, e á vingança :
Que desmaiar á vista dos perigos

É de animo abatido indicio certo.
Mil artes, mil maneiras de vingar-me
Buscará minha astucia. O mundo inteiro
Hoje conhecerá minha potencia. »
Disse : e sôbre o veloz dourado carro,
Que tiram seis Pavões, irada sóbe,
Levemente rasgando o ar sereno.

Nas entranhas de Rhódope (1) escabrosa,
Uma furna se rasga, tam medonha,
Que um gelado tremor, á sua vista,
Dos tímidos mortaes os ossos corre :
Aqui luctando sempre em viva guerra,
Rugem mil furacões de oppostos ventos ;
Aqui se ouvem silvar horrendamente
Górgones, e Cerastas. A Discordia
Aqui morada tem, aqui seu throno.
A este horrendo hospicio a Senhora,
Batendo as redeas ás pomposas aves,
Guia o suberbo carro. Espavorido
Da triste vista do medonho albergue,
Tres vezes quiz atraz volver o vôo
Das bellas aves o brioso tiro,
E tres vezes o Genio vingativo
Sacudindo, irritado, o longo açoute,
O constrange, por fim, a tomar terra.
Alli do carro desce, e ás palpadelaç,
Pela cega caverna entra animosa.

No mais profundo da sombria estancia
 Assiste a cruel Deusa, cujo rosto
 Apenas se divisa, á luz confusa,
 Que espalham respirando de continuo
 Per olhos, e gargantas, mil Serpentes.
 Aqui o Genio chega; e derribado
 Pela terra, que beija humildemente,
 D'esta sorte fallou: « Nume terribil
 Cujó grande podêr, cuja vingança
 A Terra faz tremer, e o mesmo Olympo;
 A teus pés hoje chega a Senhoria,
 Atrozmente ultrajada: o teu soccorro,
 Contra a fera Excellencia, humilde implora:
 Se de peitos illustres glória, e timbre
 Foi sempre proteger os desvalidos,
 Tu me vale em meus males: tu, castiga
 D'um Genio insultador a petulancia.
 Além d'isto, presumo não ignoras
 Que o farfante Deão da Igreja d' Elvas,
 Pela baixa Lisonja persuadido,
 Olvidado da sua dignidade,
 N'uma porta travessa, o bento Hyssope
 Vem, sem brió, off'recer ao gordo Bispo.
 D'aqui nasce a concordia, que hoje reina,
 Em desprezo da tua divindade,
 Na mesma Igreja: o Ocio e a Priguiça,
 De teu podêr zombando, n'ella habitam:
 Tu mesma, se o meu pranto te não move,

Para credito teu, perturbar deves
Esta serena paz, que o Ócio nutre.
Tu podes, se te agrada, a um so aceno,
No seio da familia mais conforme,
Dissensões semear, motins, e bandos;
Banhar no fraternal sangue innocente
O buído punhal; e n'um momento
A Terra confundir, e o Mar profundo :
Mil Fraudes, mil Ciladas, e mil Tramas,
Como escravas fieis, promptas te servem.
Do Deão fascinado pois desperta
A Innata presumpção, o genio altivo.
Tu fazes que conheça o desar grande
Em que caído tem, e se arrependa
Do baixo incenso, que á Lisonja rende :
Tu lhe trazes á memoria, que seu nome,
Seu nome illustre, na futura idade,
Dos Deãos no catalogo, com mofo
De todos os vindouros, será lido
Sabendo-se, que a tanto abatimento
Seu spiritu chegou : tu furiosa
Os animos altera, e a paz desterra. »

Disse : e o tyranno Nume respirando
Das entranhas um negro e vivo fogo,
D'esta sorte responde : « Bem conheço,
Ó nobre Senhoria ! quanto devo
A teu suberbo influxo ; quantas vezes

Auxiliado tens minhas cabalas.
 Sei, que, por teu respeito, se não falla,
 Na Terra, muita gente; as muitas mortes
 De que auctora tens sido. Não me esqueço
 Do que devo aos amigos. Vai segura,
 Que eu ja parto a vingar tuas affrontas. »

Aqui, sôbre um feroz Dragão montando,
 Rapidamente vôa : incendios, mortes,
 Sacrilegios, traições, roubos, ruínas
 Vai deixando a Cruel, per onde passa.
 Chega dos Elvios á colonia antiga;
 E vendo de passage os Dominicos,
 Entre o Prior, e os Frades mil disputas
 Sôbre o cha, sôbre o jôgo, e sôbre os doces,
 Que aos Tafues, com mão larga, dá na cella,
 E sôbre os trastes, que ás Senhoras manda,
 Tyrannamente excita : alguns gritavam
 Que o convento roubava, que a clausura
 E religiosa vida se perderam :
 Outros, cheios de colera, bradavam,
 Que por jogar o Whist, e dar mérendas,
 As rendas dissipava do mosteiro ;
 Que por isso, no sancto refeitorio,
 A fome cruelmente os consumia.
 Mas o sancto Prelado, todo cheio
 D' exemplar paciencia e de modestia,
 Vociferar os deixa, — e vai jogando.

Entretanto a Discórdia encara a porta
Do grande Presidente-do-Cabido,
A tempo que estirado, á perna sólta,
Sóbre um molle Sophá, dormia a sésta.
Roncava mui folgado, e cada ronco
A grande sala estremecer fazia.
Alli, encarquilhando o feio rosto,
Um Rosario tomou, e na figura
Da velha e carunchosa Ama se torna :
Assim, a lentos passos caminhando,
Ao Conego chegou ; assim o acorda :

« Como, em tam dôce paz repousa agora,
Dorme, e descança vossa Senhoria ;
Ao mesmo passo que, na Terra toda,
De seu nome se faz ludibrio, e mófa ?
Como (discorrem uns) como é possibil
Que o bom Capitular, que viu o Papa,
Que em Roma conversou com o Datario,
E do sacro Palacio com o Mestre,
Que joga o Trinta-e-um, e mais o Whist,
Que cha, e que assembleia dá em casa,
A tanto abatimento hoje chegasse,
Que á porta da commua o Hyssope traga,
Para offrecel-o a um Bispo de má morte ?
Outros dizem : — Parece cousa incrível,
Que a principal figura do Cabido,
Que tem loba de sêda, e trouxe ás costas,

La da famosa Italia, a Senhoria,
 Tanto de si se esqueça, e do seu cargo? —
 E vossa Senhoria, ao ócio entregue,
 Dorme profundamente? Acorde, acorde
 D'esse molle lethargo, que é ja tempo:
 Veja o que deve a si, a seus Maiores,
 Á grande Dignidade que, brilhando
 Com seus raios, o cêrca magestosa;
 E deixe a vil Lisonja, que o arrastra. »

Aqui, os turvos olhos esfregando,
 O Deão abre a bôcca, estende os braços,
 A cabeça levanta, e d'esta sorte
 Ao Monstro enganador irado falla:
 « Que phrenesi é este, Velha tonta?
 Está fóra de si? ou bebeu vinho,
 Que o miôlo lhe faz andar á roda?
 Reze nas suas contas: quem a mette
 Em cousas a fallar, que não lhe tocam?
 Va-se logo d'aqui... » N'estas palavras,
 Outra vez, sôbre o molle travesseiro
 A pesada cabeça cair deixa.

Então a cruel Deusa, ardendo em ira:
 « Pois não queres de grado (lhe tornava)
 Por teu brio acudir, a minha fôrça
 Agora provarás. » Isto dizendo,
 A furtada figura prompta despe,

As hydras arrepella da cabeça,
E cheia de furor, uma arrancaudo,
No seio do Deão, feroz a lança,
E subito pelo ar desaparece.
Em tanto a cruel hydra a cauda ferra
Do Couego nas miserias entranhas.
Em Delphos a famosa Pythonissa (2),
Toda agitada d'um furor divino,
Não geme tam convulsa, tam raivosa
Não corre, não retorce os vivos olhos,
(Não podendo soffrer a Divindade)
Como o pobre Deão : — Do Sophá salta ;
Correndo furioso toda a sala,
« Armas! armas (bradava) guerra! guerra! »

A estas altas vozes prompta acode
Da casa toda a gente; e presumindo,
Que algum grave accidente lhe roubara
De todo o pouco siso, pegam n'elle,
E per fôrça o levaram para a cama,
Onde, a cru cachação, a murro sêcco,
Lhe fizeram cessar parte da raiva.





O Hyssope.

CANTO TERCEIRO.

ERA dia de festa; e, na alta tórre
Da grande cathedral, de vinte sinos
O grave carrilhão, rompendo os ares,
Os freguezes chamava á grande-missa;
Quando sua Excellencia vigilante,
Montando a gran' liteira, em que se via
(Com modestia exemplar) Venus pintada
Sôbre um globo de tenros Cupidinhos,
Qual ao mancebo Adonis, ou a Páris,
Na Idalia selva ja se apresentara,
Para a Sé lentamente s' encaminha.

Tu, jocosa Thalia, agora dize
Qual seu espanto foi, sua surpresa,
Quando á porta chegando costumada,
N'ella o Deão não viu, não viu o Hyssope.
Tanto foi da Discórdia o fero influxo!

Caminhante, que ve subito raio
 Ante seus pés cair, ferindo a terra,
 Tam suspenso não fica, tam confuso,
 Como o grave Prelado : a côr mudando,
 Um tempo immobil fica ; mas a raiva
 Succedendo ao desmaio, entra escumando
 Na grande-sacristia, e d'alli passa
 Para o altar-mor, onde se reveste,
 Onde, como costuma, em contra-baixo,
 Sem saber o que diz, a missa canta.
 Toda aquella manhã, uma so bênção
 Sôbre o Povo não lança ; antes confuso,
 Em profundo silencio á casa torna,
 Onde, logo a Conselho convocando
 Toda a grande familia, assim lhe falla :

« Amigos, companheiros, que o Destino
 Fez de meu mal, e bem participantes,
 O caso sabereis mais execrando,
 Que até hoje no Mundo se tem visto.
 O Deão...» (E aquí, dando um gran' soluço,
 Em pranto as negras faces todas banha,
 Suspenso um pouco fica, e logo torna)
 « O suberbo Deão, que sempre attento
 A meu alto decóro, o sancto Hyssope
 Vinha trazer-me á porta do Cabido,
 Hoje não so deixou de vir render-me
 (Ah ! que não sei, de nojo, como o conte !)

Este obsequio devido ao real sangue,
Que nas veias me pulsa heroicamente;
Mas, na sua cadeira empantufado,
Os psalmos entoava, em mim fitando
A carrancuda vista; de tal sorte,
Que mostrava insultar-me, com desprezo.
A raiva, e o gran' furor, que a alma me occupam,
Me tem fóra de mim: não sei que faça
Para vingar tam grande e atroz delicto.
Vós conselho, vós artes, vós maneira
(Pois a vós tambem chega a grande affronta)
Me dai, para punir este atrevido.»

Disse: e um grande lacaio da liteira,
Famoso Rodomonte das tabernas,
A voz tomando a todos, d'esta sorte
Seu conselho propoz: « Tam grande caso,
Senhor, se leva a pau: eu tenho um raio
De sege, ha muito ja exp'imentado
Em funcções similhantes; eu com elle
De sua Senhoria tal vingança
Hoje espero tomar, que d' escarmento
A todos sirva... » Aqui o grande Almeida
Gentil-homem da camara, e da bôcca,
Homem de Gabinete, e de Conselho,
Bom poeta, orador, *Petrus in cunctis*,
Que goza do Prelado a confidencia,
O discurso lhe atalha d'este modo:

« Se este horrendo execravel attentado,
Ao vêl-o, digno de que o Sol brilhante,
Os rubidos cavallos afastando,
Corresse a mergulhar-se eternamente
Nas voragens da noite mais espessa,
Se houvesse de levar per fôrça, e armas;
Eu armas, coração, e fôrças tenho:
Mas violentos remedios so s' applicam
Em mal desesperado; isto supposto,
Astucia, e mais astucia se precisa;
Que, onde reina a Prudencia, nada falta.
Vossa Excellencia conta no Cabido
A muitos parciais, e lisonjeiros;
Estes pois, sendo a Cónclave chamados,
Poderão sustentar o seu partido,
E obrigar que o Deão faça per fôrça
O que fazer recusa voluntario. »

A estas vozes, babando-se de gôsto,
O Prelado exclamou: « Ó raro ingenho!
Meu podêr, minha fôrça, e meu conselho!
O teu voto me praz; seguil-o quero.
Chamem-me, logo logo, o docto Andrade,
O Gran' Penitenciario, o sêcco Márques;
E o jantar se prepare promptamente. »

Ja na suberba meza cem terrinas,
O vapor mais suave derramandø,

A insaciavel gula provocavam ;
Quando chegam ao cheiro os Convidados
Que, feitos os devidos cumprimentos,
Sem distincção, emtórno, se assentaram.
Começam a chover logo os manjares,
Cem perdizes, cem pombos vêem voando,
Cem especies de môlhos, cem d' assados,
Grandes tortas, timbales, pasteis, cremes
Cobrem, com symmetria, a grande meza :
A cabeça não falta de vitella,
Nem do gordo animal a curta perna,
Cozida em brauco leite, ou dôce vinho.
Mil fructas, mil corbelhas, mil compotas
A terceira coberta logo adornam ;
E em dourados crystaes, ó loução Baccho !
De tuas plantas brilha o roixo summo.
Entretanto na porta do pafacio,
A cem pobres o Bicho-da-cuzinha,
Per ordem do Pastor caritativo,
Um caldeirão de caldo repartia.

Entre os copos, que emtórno sempre gyram,
Brevemente propoz o gordo Bispo
Aos bons Capitulares seu projecto,
Que todos approvaram, e alli juram
Polo dôce liquor, que impetuoso
Pelas veias, e cerebro lhes corre,
De o sustentar — até darem as vidas

Por vêl-o felizmente executado.

Assim da lauta meza entre as delicias
Largas horas passaram docemente :
Em um queijo de Parma inda roía
A alegre Companhia, pastejando,
Quando das sanctas vesporas , na tórre ,
Fez signal o relojio. Descontentes
Ao triste som do aborrecido sino,
Se levantam em pe os Prebendados,
E fazendo uma longa reverencia,
Correm velozes , por fugir da mulcta ,
A ganhar no alto côro os seus assentos.
Alli mesmo , primeiro que rezassem ,
A seus sabios Collegas proproseram
Que , para resolver certo negócio
De maior interesse ao grande Corpo,
Preciso vinha a ser, que ao outro dia,
Em que o Deão da Terra s' ausentava ,
Se ajunctasse o Cabido. Na proposta ,
Sem nenhum discrepar, todos concordam.
Engrolados os psalmos , para casa
Cadaum se partiu , em si pensando
Qual seria o negócio , que obrigava
O Cabido a chamar. Alguns julgavam
Que a pia d'agua-benta se mudava :
Outros , cheios de gôsto presumiam ,
Que para se vender mais caro o trigo,

Que no commum celleiro se guardava,
Algum celeste arbitrio se encontrara.

Mas o famoso Bastos, d'outra sorte
Comsigo discorria ; « Certamente,
Para nos distinguir da baixa plebe
Dos vis Beneficiados, d'esta feita,
(E como se ufanava !) Se nos manda,
Que de verde forremos as batinas ;
E que chapeo azul, com borlas brancas
Tragâmos na cabeça. » N'este ponto,
Em si proprio, de gôsto, não cabendo,
Pulava para o ar, batia as palmas.
Não d' outra sorte o misero mendigo,
Que sonha achar thesouros soterrados,
Se alegre, salta, e folga, e s' imagina
Igual ao gran' Sophi da rica Persia ;
Que o vão Capitular, que ja se piuta
Na sua extravagante phantasia
A par do gran' Lamá, no fausto, e pompa,
Ou do fero Muphti dos Musulmanos.

Cheio d'estas ideias entra em casa,
E para dar seu voto na Assembleia
Com mais legalidade, pedir manda
Ao Rabula do Céa alguns Auctores,
Que os canones sagrados commentaram.

O docto Accursio, todo satisfeito

De podêr grangear um Prebendado ,
Esperando medrar per esta via ,
E vestir alguma hora a roixa murça ,
Digno premio das suas gordas lettras ,
Lhe envia o Bertachino , o grande Granha ,
Tamborino , Escolano , Spada , e Pichler ,
Meninas de seus olhos , flor , e honra
Da rançosa indigesta livraria .

O bom Conego , vendo os grossos tomos ,
De prazer , em si proprio , não cabia :
Julgando , pelo vulto dos volumes ,
Qued'elles qualquer seja Auctor de arromba ;
Ja , sem demora ordena , que lhe tragam ,
Para um voto lançar , que similhante
Nas decisões da Rota não se encontre ,
Papel-de-Hollanda , pennas , e tinctorio :
E para que completo em tudo fôsse ,
A Roda-da-fortuna , e Crystaes-d'alma (1)
Trazer manda tambem , fazendo conta
De , em partes , lhe cirzir alguns pedaços ,
Que incantado o deixaram , quando os lera .
Isto ordenado , para a banca chega ,
O lenço tira , o grosso monco assoa ,
Toma tabaco , escarra , os livros abre ,
E a folhear começa ; porê m vendo
Que nada intende do que está escripto ,
Para a ceia se chega , e enchendo a pança ,

Se foi a repousar no brando leito.

Ja a vermelha Aurora, derramando,
Do candido regaço, sôbre os prados,
Mil roscidas boninas, despertava
Com a trémula luz de sette côres,
Os miserós mortaes a seus trabalhos;
Quando, na grande sala do Cabido,
Se ajunctam os zelosos Prebendados;
E tomando, per ordem, seus assentos,
Depois d'um breve espaço de silencio,
Alçon-se o grande Abreu, com rosto grave,
E feita uma profunda reverencia,
D'esta sorte fallou: « Cabido egregio,
Exemplar de Cabidos, e virtudes;
Bem sabe vossa illustre Senhoria,
Que goza felizmente a insigne honra
De ter por chefe, por pastor, e Bispo,
Um ramo do real portuguez Tronco:
Tambem sabe, que a glória da cabeça
Aos mais membros s'estende; e além d'isto
Occulto lhe não é quanto se empenha
Em honrar sua Sé este Prelado.

Tu, sancta-quarentena, tu o dize;
Pois viste a importantissima refôrma,
Que em nossas grandes capas fez zeloso
Este grande Prelado, não soffrendo,

De seus Capitulares em desdouro,
Os antigos franjados alamares,
Que a moda ja ridiculos tornara.
Deixo por ora de fazer memória
D'outras grandes accões em que seu zêlo
Por nós, brilhar se viu; e so não pôsso
Em silencio passar aquella rara,
Grande e quasi real lib'ralidade,
Com que sua Excellencia foi servido
A muitos membros d'este grave Corpo
Uns capitães fazer, outros tenentes,
Alguns alferes, adjudantes outros,
Este major, sargento, e cabo aquelles;
Quando a Furia infernal da voraz Guerra,
Rompendo as portas do espantoso Averno,
Desboccada saiu, o ferro, o fogo
Nas garras sacudindo; e furibunda,
Depois de ter corrido largo tempo,
Com sanguinosa planta, toda a Enropa,
Em Portugal entrou, ameaçando
D'um estrago fatal nossas prebendas:
Nem o raro valor, com que seguindo
De seus Avós as inclytas façanhas,
Ao som da caixa e pífaros, na frente
Da brava ecclesiástica phalange,
Coronel-general dignou chamar-se:
Accão, por certo, digna de ser lida
Com lettras-de-ouro, na Gazeta da Haya,

Ou nas folhas-volantes, que em Lisboa
Os cegos apregoam pelas ruas,
Estas razões, Senhores, nos obrigam
A olhar, como propria, a honra sua.
Ella ultrajada se acha indignamente
Pelo altivo Deão; pois costumando
(Nós testemunhas somos, nós o vimos!)
Vir humilde esperar, co'o sancto Asperges
Á porta d'este Alcaçar, derepente
Mudando de systema, hoje refusa
Este obsequio render, este tributo
De tam altas virtudes merecido;
Turbando injustamente em sua posse
O grandioso Prelado. Este desprezo,
Esta pois tam atroz e negra injuria,
Que, em menoscabo seu, nas nossas barbas,
Se fez ao seu character, nos releva
Promptamente vingar. Sim, consultemos
Os canones sagrados, e vejamos
A fórma, o modo. » — Então o Ramalheté,
Theologo chapado e canonista,
Que o dialectico-Pharo de cór sabe,
Que de sancto Thomaz ha lido a *Summa*,
O Genet, Busembaum, Lacroix, Guiménio;
Que sabe decidir magistralmente
A famosa questão, — se um Burro póde
O baptismo beber, ardendo em sêde; —
Que argumenta nas theses dos Capuchos,

E iuchando do pescoço as cordoveias,
 Inhere, grita, prova, e nada colhe;
 A voz alcanço grave e magestosa,
 N'esta fórma votou: « Lavrar-se deve
 Um terribil Accordão, que de exemplo,
 Da historia nos annaes, a todos sirva:
 O farfante Deão seja obrigado,
 D'elle em virtude, a desistir da fôrça
 Que ao bom Prelado faz na sua posse,
 Fulminando-lhe mulctas, e outras penas:
 Este Cabido tem auctoridade
 Para o fazer: em muito bons auctores
 Assim o tenho lido: este é meu voto.»

— O Bastos, n'esse instante, homem versado
 Na lição de Florinda, e Carlos-Magno,
 Quiz metter seu bedelho: mas Audrade,
 De seu discurso não fazendo caso,
 Do docto Magistral o voto apoia
 Com mil textos, que aponta a troxe moxe;
 No Sexto, Decretaes, e Clementinas
 Capitulos inteiros terminantes,
 Para proval-o, encontra; e a outra turba
 Que, co'o queixo caído, os escutava,
 Arqueando, de pasmo, as sobranceilhas,
 No que dizem os dous, prompta, concorda.

Em vão o Thesoureiro, em vão o Chantre,

(Homens austeros , que adular não sabem)
S'oppeem tres vezes ao sinistro Accordão ;
Que a Lisonja astuciosa (que volita
Sôbre suas cabeças invisibil ,
E seus votos inspira) faz que todos ,
A calar-se , os obriguem : murmurando ;
E levados da fôrça da torrente ,
Assignaram tambem o vão decreto .





O Hyssope.

CANTO QUARTO.

NUMA casa-de-campo, descuidado,
Entretanto passava, alegremente,
O farfante Deão os longos dias
Em que Phebo insoffrido, unindo as furias
Ás que raivoso vibra o Cão celeste,
Abrasa as calvas terras Transtaganas :
Quando o Monstro veloz, que per cem olhos
Todas as cousas ve, e as cousas todas
Per cem bôccas, cem linguas palra, e conta ;
Com cem azas fendendo os largos ares,
Aos ouvidos lhe leva a cruel nova
Do barbaro decreto. Em paz serena
Então jogando sua Senhoria,
Ganhava um real-róber : mas apenas
As orelhas lhe fere o infausto aviso,
Quando subitamente lhe caíram
Das mãos as cartas. Pallido e suspenso,
Largo espaço, ficou. — Não de outra sorte

Immobil jaz , qual o mancebo hardido,
Que seguindo no campo, com seus galgos,
O fugace animal, subitamente
Ante os pés do cavallo, ve a terra
Em profundos abysmos despenhar-se; —
Mas das potencias recobrando o uso,
Que o subito desgosto lhe embargara,
Escumando de raiva, entre si disse :
« Pois não querem a paz, haverá guerra.
Vós, sanctos Ceos, e tu, astro brilhante;
Que o dia trazes, e que o dia levas,
E que eu nascer não vejo, ha longos annos!
Vós testemunhas sois, se eu pretendia
Mais que em paz desfructar minha prebenda,
Comer, jogar, dormir, e divertir-me.
Mas ja que tu, ó Bispo revoltoso!
E tu, infame adulator Cabido,
A mudar me obrigaes, com vis cabalas,
De tam sancto proposito, — até onde
Chegam dos Laras o valor, e o brio,
D'esta vez provareis. » Isto dizendo,
Levanta-se furioso, e sem respeito
Ao real-róber, que ganhado tinha,
(Tanto póde a paixão no peito humano!)
Assim mesmo, e sem ver quanto indecente
Foi sempre á Senhoria andar á pata,
A caminho se poz, aos ilhaes dando,
Suado e melancolico entra em casa.



Alli, sem socegar, ora passeia
Pela comprida sala, ora se assenta,
Ora comsigo falla. Em vão a meza
Os criados lhe põem; em vão os gordos
E tenros Perdigotos, a salada,
A fructa, o vinho, os dôces o convidam;
Que, sem ceia, esta noite foi deitar-se.
Alli a molle pluma se lhe torna
Em duro campo de cruel batalha.
Mil cuidados o investem; seu decóro
Atrozmente offendido, a todo o instanté,
À memória lhe vem : ora d'um lado
Os lassos membros volve, ora de outro :
Suspira, tosse, escarra, e abrindo a caixa
Toma o insulso rapé, e não socega.

A triste Senhora, que chorando
A deshonra commum, aos pés do leito,
Companhia lhe faz, compadecida
De seu desassocego, veloz parte
A trazer-lhe um pesado e doce somno.

Entre as rochas do Bósphoro Cimmerio (1)
Uma grutta se ve, onde não entra
Jamais a luz do sol : sombria alcova,
Onde, em triste lethargo submergido,
Repousa o deus do somno, coroado
De brancas priguiçosas dormideiras.

Emtôrno ao torpe albergue não se escuta,
Com seu canto, chamar o esperto Gallo
Da Aurora a clara luz; nem n' alta noite
LadRAR raivosos cães; mas so murmúra
Um placido ribeiro, que respira,
Com o surdo rumor, paz, e descanso.
Outros menores Somnos, fertil prole
Do indolente Morpheu, alli assistem.
Tanta espiga não doura a fertil Ceres
No caloroso Estio; tantas flôres,
Na fresca Primavera, pelos prados
Fecunda não produz a Madre-Terra,
Quantos alli se vêem, todos diversos
De genios, de costumes, de figuras!
Uns de lugubre aspecto, outros de ledô,
Muitos pesados são, muitos são leves;
Estes, entre vãos sonhos, de contínuo
Pela escura caverna andam voando;
Os olhos teem cerrados, e dormindo,
De mil hervas lethargicas o succo
Espremem d'entre as mãos. Caladamente
Aqui se chega a triste Senhoria,
E um d'elles, pelas azas, agarrando,
Á casa do Deão, comsigo o leva,
Que urrando de desgosto, não dormia:
Mas mal o lumiar tóca da porta,
Quando o humor somnolento, derramado
Do Somuo pelas mãos, aos olhos chega

Do desperto Deão, que logo os cerra,
E a resonar começa docemente.

Então o Genio em sonhos lhe apparece,
E fallando com elle assim dizia:
« Que é isto, illustre Lara? Assim desmaia
Teu forte coração! Como é possibil,
Que quem pôde soffrer o grave aspeito,
Em Roma, das maiores Personagens,
Sem susto, sem temor, — hoje esmoreça,
Perca toda a constancia, trema, e gele,
So á vã ameaça d'um Cabido,
A quem faltou, sem ti, alma, e cabeça?
Animo pois, valor, e segurança,
Que o campo cederão os inimigos.
N'esta cidade tens discretas pennas,
Tens de Serpa o Ouvidor, que o velho Accursio,
E Bártholo o famoso so despreza,
Por que idólatras foram, e adoraram
A Jove, Marte, e Juno, divindades
A quem aras ergueu o Paganismo.
O Céa tens tambem, tens o Fernandes,
Oraculos de Astrea, que seu dente
Em canones tambem mettem ousados;
Estes consulta, e segue os seus dictames,
Para o orgulho abater de teus contrarios. »

— « E tu, quem es, Espiritu celeste,

(O Deão incantado , lhe pergunta ,
 Da graça que no rosto lhe scintilla)
 Quea consolar-me vens nos meus trabalhos ? »
 — « Eu sou (ella lhe torna) a Senhora ,
 A quem , com tanto extremo , tu adoras. »

A estas vozes , da cama salta fóra ,
 Per terra se lhe prostra , bate os peitos ,
 De gôsto dôces lagrymas derrama ,
 Bejar-lhe quiz os pés ; mas n'este instante ,
 Ella desaparece , e elle acorda .

Ja o sol , esmaltando com seus raios
 A alegre terra , entrava ás furtadelas ,
 Das cerradas janellas pelas figas ,
 E as importunas moscas começavam ,
 Com seu lento susurro , e com os curtos
 Aguilhões , que nas caras lhes cravavam ,
 Os poltrões acordar , que inda dormiam :
 Quando o nosso Deão , todo engolphado
 Na Celeste visão , se veste alegre ;
 As meias *gris-de-fer* , e mais as luvas ,
 A casaca de sêda , e mais a capa ,
 Em signal de prazer , preparar manda ;
 O crescente penteia , e todo guapo
 E do po sacudido , sai de casa .

Ha d'Elvas na cidade um escriptorio ,

Onde assiste a Trapça, e o Pedantismo.
Alli os feios monstros consultados,
Do gritador Fernandes pela bôcca,
Suas respostas dão á rude plebe.
Aqui o reverendo Prebendado
Seus passos encaminha, e aqui chega,
A tempo que, de chambre, o novo Caio
A um rude Camponez, que o consultava,
D'uma fraca jumenta sôbre o escãibo
Com outro seu visinho, respondia :
Mil livros tem abertos, e mil textos
Em latim, *ad formalia*, lhe repete.
Mas se o Rustico d'elles nada intende,
O Doctor muito menos intendia :
« O seu caso (lhe diz) proprio, escarrado
N'este livro, aqui temos; va seguro,
Que, a seu favor, terá final sentença. »

N'este momento sua Senhoria
Á porta chega, e o gran' Consulto, ao vêl-o,
Logo o Rustico deixa, e vai buscal-o.
Á parte se retiram; e no caso,
Que o Deão lhe propõe, ambos conferem..
Aqui a livraria vem abaixo;
De poeira uma nuvem se levanta,
Que sai dos velhos e traçados livros :
Em vão sacode os punhos, e a casaca
O bom Deão; que quanto mais sacode,

Mais poeira dos livros vem caindo.
 Lê, e relê o gran' Jurisconsulto,
 E depois consid'rando, assim conclue :
 « Á metrópole vossa Senhoria
 Deve logo appellar. Isto me ensinam
 Os doctores, Senhor, que tenho lido. »
 — « Inda assim (replicou o fôfo Lara)
 Veja vossa mercê sempre o que dizem
 No ponto Van-Espen, Dupin, Barthelio :
 Estes livros louvar, e seus Auctores,
 N'uma docta Assembleia tenho ouvido. »

— « Que Van-Espen, Dupin, e que Demonio?
 (Disse o Consulto então excandes-cido)
 Esses nomes jamais, esses escriptos,
 Nem ouvi repetir, nem meu peculio
 Com elles uma vez allega e prova :
 Sem duvida serão d'alguns Herejes.
 Aqui temos o bom Panormitano
 Em grande lettra-gothica, os Fagnanos,
 Valenças, Belárminos, Atacletos :
 Estes sim, que são livros de mão-cheia ;
 E não esses Auctores estrangeiros,
 Que com sua doutrina a Igreja empestam :
 O que lhe digo, faça : appelle, appelle ;
 E deixe-se do mais, que é parvoice.
 Advirto-lhe tambem, que não se esqueça
 De pedir os Apostolos ; e sejam

Os reverenciaes, por que suspendam
Do malevolo Accordão os effeitos;
E não uma so vez; maq muitas vezes,
Com mais e mais instancia, iustantemente. »

— « Isso (diz o Deão) é escusado:
Eu conservo, entre varias bafarinhas
(De Agnus Dei, de Veronicas, de Breves,
Que truxe la de Roma, e ao despedir-me,
Me deu o Passionei) uma cabeça
Do glorioso san' Pedro, cousa rara!
Obra de insigne mestre! Talvez este,
Como principe foi do Apostolado,
Baste no nosso caso, a serem n'elle
Os sagrados Apostolos precisos.
Veja, Doctor, se tem isto caminho,
Por poupar-me a vergonha de pedil-os. »

— « Não são esses (surrindo-se, lhe torna)
Mas outros, os Apostolos, que digo,
E que precisos são em nosso caso:
Esta phrase, Senhor, entre os Praxistas,
Tem diverso sentido, e significa
O como a appellação deve expedir-se.
A alguns d'estes modernos tenho ouvido
Que fóra no romano Foro usada,
E n'elle os Canonistas a pescaram:
Eu porém d'este achado, e d'outros muitos

De que elles se presumem os Auctores ,
 (Do bom Phebo, bom Mendes, e bom Pêgas,
 A luz e norma dos que o Foro cruzam ,
 Com punivel despejo motejando !)
 Ca para mim me rio ; pois não acho
 Em meu peculio semelhante nota.
 Faça pois , sem demora , o que lhe digo ,
 Que outra estrada não tem , per onde póssa
 Do Accordão escapar á sem-justiça. »

Corrido , e aconselhado ao mesmo tempo ,
 Do Doctor o Deão se despedia ;
 Quando o Consulto dando uma palmada
 N'um livro , que na banca estava aberto :
 « Espere (lhe gritou) que n'este instante
 Uma cousa me lembra de substancia :
 De Juizes venaes e corrompidos
 Tudo esperar se deve ; e deve tudo
 Com tempo prevenir , o que é prudente.
 E como os seus , Senhor , são d'esse porte ,
 Se deve receiar , que levianos
 A sua appellação ousem negar-lhe :
 Assim , por evitar longas ambages ,
 Que dinheiro , paciencia , e tempo gastam ,
 Será melhor que vossa Senhoria
 Appelle logo , — *coram probo viro.* »

— « E que querem dizer , Doctor amigo ,

Essas palavras, — *coram probo vira?*
 Que eu do latim estou quasi esquecido :
 Sem embargo de que (volyia o Lara)
 Quando fui estudante, era eu uma Aguia,
 (Não o digo, Doctor, por sanfarrice ;
 Que eu de bazofia nunca tive nada)
 Em declinar veloz nominativos :
 E na classe o tropheu levei mil vezes ;
 Por signal, que de têt-o, boas fitas
 O Mestre me rapou, que era um alambre.
 Mas voam, voam os ligeiros annos,
 E damninhos, comsigo, tudo levam,
 Os gostos, a saúde, e a memória ;
 E qualquer rapazinho agora pôde
 Rachar-me com quinaus afoutamente. »

— « Querem dizer, que vossa Senhoria
 (O Fernandes lhe volta) appellar deve
 Perante algum Varão, que em dignidade
 Constituído seja ; *verbi-gratia*,
 O Guardião dos Capuchos, dos Paulistas
 O Reitor, o Prior dos Dominicos :
 Este foi efficaz, prompto remédio,
 Que os famosos letrados Palma, Decio,
 Bartolo, Castro, e Baldo descobriram
 Contra injustos Juizes, que denegam
 A justa appellação aos Litigantes.
 Esta lembrança é minha ; não intenda

Que, por gabar-me, o digo; os meus estudos
Assás notorios são n'esta Cidade.
Nove vezes (não tracto por agora
Do Auctor da Arte-legal, nem do Perfeito-
Advogado, ou do Flaviense Gomes,
Por serem todos tres de menos polpa)
Teuho lido, e cotado em mil logares
O grande Portuguez Cabral, Vanguerve,
E o famoso Bremen, de cujo livro
Faz logo ver o titulo a grandeza;
O mesmo digo do moderno Campos;
Sem que o nosso Ferreira me escapasse;
Auctores todos de maior chorume,
Que esses seus Zalweins, qu' os seus Barthelios.
Esta lembrança pois (a dizer tórno)
Nem todos a teriam; não o Cêa,
Não o Doctor Caetano, e a récua toda
Dos novos lettradinhos á franceza,
Que sem tregoa as orelhas nos martellam,
Não sei com que Noodts, nem com que Strachios,
E outros galantes nomes taes como estes,
Que na bôcca não cabem, nem a lingua
Póde, bem que se afane, pronuncial-os :
Mouriscos devem ser, ou eù me engano,
Que Christãos nunca usaram de taes nomes.
Va pois, Senhor Deão, e sem receio
A sua appellação prompto interponha,
Que aos Juizes depois intimar deve,

Se quer das multas escapar ao raio,
Que o terribil Accordão lhe fulmina.
Não durma sôbre o caso, nem descance :
Que, segundo a vulgar regra em Direito,
O direito aos que dormem não soccorre. »

— « Essa regra, Doctor, é o Diabo!
Merecia, o que a fez, as mãos cortadas :
(O Deão assustado repetia)
Visto isso, por amor d'esta demanda
Hei-de eu perder a paz, e o meu socêgo,
Não dormir, vigiar continuamente?
Ó ditoso Arganaz, e tu, Marmota,
Que sem demandas ter, nem ter cuidados,
Passaes dormindo quasi o anno inteiro!
Ó quanto mais feliz é vossa sorte,
Que a nossa, tristes homens! Pois, se acaso
Queremos defender nosso direito,
O direito nos deixa, se dormimos!
Meu Doctor, se essa regra é verdadeira,
Fique o malvado Accordão subsistindo,
Chovam embóra sôbre mim as multas,
O vestido de sêda, a loba, a murça,
Pela agua abaixo vão, tudo se perca,
Com tanto que eu não perca um so instante
Dos meus suaves regalados somnos. »

Aqui, com branda voz, o bom Fernaudes-

Ao afflicto Deão assim consola :

— « Senhor, os textos tanto ao pe da lettra
Se não hão-de intender, como imagina ;
Não é da mente pois do gran' Consulto,
Que esta regra dictou prudentemente,
Que não devam dormir os pleiteantes,
Que isso seria desmarcada asneira :
Sua tencção somente foi lembrar-nos,
Que quem litigios tem, e quer vencel-os,
Deve tudo attentar, e ser experto. »

— « Isso agora (cobrando novo alento,
Diz o Deão farfante) é outra cousa.
Por experto, não tenha, Doctor, mêdo,
Que me haja de vencer, o gordô Bispo ;
Que aqui, onde me ve, sou gran' laverco :
Muitas vezes no Whist, estando a nove,
Na segunda partida, os meus Contrarios,
De taes artes me valho, taes maranhas,
Que, não tendo mais qu' um, lhes ganho o róber. »

Isto dizendo, e feita uma zumbaia,
Do Doctor Bartolista se despede ;
E mais ligeiro, que um ligeiro galgo,
Para casa direito o fio toma,
Onde, sem se despir, manda lhe tragam
Prestemente a comida, e prestemente
Engole, pensativo, alguns bocados ;

E na mesma cadeira, sem deitar-se,
Umas vezes dormindo, outras pensando,
Por algum tempo recostado fica.





O Hyssope.

CANTO QUINTO.

AINDA o chylo bem não tinha feito
O farfante Deão; quando, lembrado
Do—*coram probo viro*—do Fernandes,
Abre a caixa, e tomando uma pitada
De mososo tabaco, assim dizia:
« Que inercia é esta? Que priguica, ó Lara!
Que os membros, e sentidos te adormenta,
Quando por inimigos tens em campo
O gordo Bispo, o Abreu, o Ramalhete,
Velhacos todos da primeira plana?
Á lerta, Lara, pois, á lerta, á lerta;
Que o Direito aos que dormem não soccorre
E cumpre aos litigantes ser expertos. »

Isto dizendo, o corpo inteiriçava,
E abrindo a bócca, e os olhos esfregando,
A modorra sacode em que jazia;
E o suado crescente endireitando,

Sem attender ao sino, que o chamava
A vesporas tocando, nem á multa,
Que a bolsa lhe ameaça, sai de casa,
E per baixo da calma, com que assava
Syrio, ladrando, a sequiosa terra,
Aos Capuchos, de trote, s' ençaminha.

Sôbre uma agra montanha, que se estende,
Em pequena distancia dos suberbos
Guerreiros muros da triumphante Elvas,
O célebre Convento se levanta.
Aqui, da molle Inercia no regaço,
Das austeras fadigas descansando,
Da provincia se ve cem Padres graves,
Ex-guardiães, ex-porteiros, ex-leitores,
Ex-provinciaes, e alguns d'estes famosos
Polas artes subtis, pola ardileza,
Com que forçado teem o Sp'ritu-Sancto,
Nos rixosos capitulos, mil vezes,
Os votos a seguir de seu partido.
D'estes tambem no meio, alli se encontram
Do gordo badulaque ex-cuzinheiros,
Na fumosa cozinha, entre as tismadas
Certãs fuliginosas, e marmitas,
Com grande glória sua, jubilados.

Aqui, suando pois, como um cavallo,
Chega o Deão, a tempo que o Porteiro

A porta da clausura prompto abria ;
E vendo do Deão a gran' fadiga,
D'esta sorte lhe diz, sobresaltado :
—«Que é isto, meu Senhor? Qu' estranho caso
Aconteceu a vossa Senhoria,
Que per baixo de calma tam intensa,
A nossa casa o traz tam affrontado?
Matou acaso algum dos seus Collegas?
Roubou a sacristia? ou, do Diabo
Tentado, violou alguma virgem,
E asylo vem buscar na nossa igreja? »

—« Nenhum d'esses desastres, Deus louvado!
Me succedeu (o Lara lhe replica)
Ao Padre-Guardião somente quero
N'um negocio fallar, se for possibil. »

—« Inda bem : pois cuidei que era outra cousa ;
(Lhe torna o bom Porteiro) e de assustado
Fiquei sem sangue, em quasi todo o corpo.

O Padre-Guardião, antes das cinco,
Não costuma da sésta levantar-se ;
Mas por servir a vossa Senhoria,
A despertal-o vou : no emtanto, póde
La na cêrca esperar, tomando o fresco. »

Isto dizendo, ao dormitorio sóbe ;
E o Deão, caminhando para a cêrca,

Com outro Reverendo acaso topa ,
De gran' barriga , de cachaço gordo ,
Que attento o comprimenta , e acompanha .

Quiz então a fortuna , que este fôsse
Um dos Padres mais graves da provincia ,
Ex-guardião , Ex-leitor , e jubilado ,
De todos o mais docto , excepto o Arronches ,
Pregador de gran' fama na cidade .

O bom Lara , que havia longo tempo ,
Que n' esta sancta casa não entrava ,
Aturdido ficou , quando a seus olhos ,
Na cêrca entrando , junctos se lhe off'recem
As areiadas ruas , as estátuas ,
Os buxos , os craveiros , as latadões
De mil flôres cobertas , e que , emtórno ,
O virente jardim adereçavam ;
E não bem quatro passos tinha dado ,
Quando , fitando curioso a lente
Na státua , que primeira alli se encontra ,
Pergunta ao Jubilado : — « Quem é este
Monsieur París? segundo diz a lettra
Que per baixo , na base , tem aberta :
Se se houver de julgar pela apparencia ,
O nome , a catadura , o penteado
Dizendo-nos estão que este bilhostre
Foi Francez , e talvez cabelleireiro ,

Inventor do topete , que o enfeita. »

— « Paris, e não Paris diz o lettreiro,
(Circumspecto lhe volve o Padre-Mestre)
Nem Francez, como crê, cabelleireiro
A personagem foi, que representa;
Mas em Troia nasceu d' estirpe régia. »

— « Pois , se Francez não foi (replica o Lara)
Como Monsieur lhe chamam? »

— C'um sorriso

Lhe torna o Padre-Mestre : « Não se admire
Que isto está succedendo a cada passo ;
Ao pe de cada canto, hoje, sem pejo,
Se tractam de Monsieurs os Portuguezes (1).
Isto, Senhor, é moda ; e como é moda,
A quizemos seguir ; e sôbretudo
Mostrar ao mundo, que francez sabemos. »

— « De tanto péso pois (lhe volta o Lara)
É, Padre-Jubilado, per ventura ,
O saber o francez ; que d'isso alarde
Fazer quizessem vossas Reverencias?
Per acaso, sem esse sacramento,
Não podiam salvar-se , e serem sabios?
Pois aqui, em segredo, lhe descubro,
Que o francez , para mim , o mesmo monta,
Que a lingua dos selvajens Boticudos. »

— « Não diga , Senhor, tal; que n'este tempo,
Ó tempos ! ó costumes ! (diz o Padre)
O saber o francez é saber tudo.

É pasmar ver, Senhor, como um pascasio (2)
De francez com dous dedos, se abalança
Perante os homeus doctos e sisudos,
A fallar nas sciencias mais profundas,
Sem que lhe escape a sancta Theologia ;
Alta sciencia aos claustros reservada,
Que tanto fez suar ao grande Scoço (3),
Aos Baconios, aos Lullos, e a mim proprio.

D'esta audacia, Senhor, d'este descoco,
Que entre nós, sem limite, vai lavrando,
Quem mais sente as terriveis consequencias
E a nossa portuguez casta linguagem,
Que em tantas traducções anda envasada.
(Traducções, que merecem ser queimadas !)
Em mil termos, e phrases gallicanas (4) !

Ah ! se as marmoreas campas levantando,
Sáissem dos sepulcros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os antigos
Lusitanos Varões, que com a penna,
Ou co' a espada, e lança, a Patria ornaram ;
Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar intentam seus escriptos
Estes novos ridiculos Auctores ;
(Como se a bella e fertil lingua nossa,

Primogenita filha da latina ,
Precisasse d' estranhos atavios !)
Subito , certamente , pensariam
Que nos sertões estavam de Caconda ,
Quilimane , Sofála , ou Moçambique ;
Até que , ja por fim , desenganados
Que eram em Portugal , que os Portuguezes
Eram tambem , os que costumes , lingua ,
Per tam estranhos modos , affrontaram ,
Segunda vez de pejo morreriam .

Mas elles teem desculpa ; a negra fome
Os miseros mortaes a mais obriga :
Sem saber o que escrevem , escrevendo
Buscam d' ella o remédio , e como logram
Os fins de seus intentos , o que escrevem ,
Seja ou não portuguez , isso que monta ?
Quem desculpa não têm , nem a merece ,
E quem vedar-lh'o deve , e não lh'o veda :
Mas por ora deixemos estas cousas ,
Que o mundo corrigir a nós não tóca .

Este (como dizia) foi Troiano ,
Enos campos , que o phrygio Xantho corta ,
Guardando , em dôce paz , o seu rebanho ,
Eleito foi juiz do grande pleito ,
Que Juno , e Pallas , entre si , com Venus ,
Sôbre a belleza , um tempo , sustentaram ;
No qual , não sei porêm se com justiça ,
Deu a favor de Venus a sentença ,

Entregando-lhe o rico pomo de ouro (5),
Que a Discórdia lançara n'um banquete. »

— « Ja n'esse pleito ouvi, se bem me lembro,
E no pomo fallar (lhe volve o Lara)
Mas o tal Monsieur Páris foi um asno .
(Perdoe a sua ausencia.) Se na causa
De ser juiz a sorte me coubera,
Daria, mal ou bem, minha sentença,
Conforme o meu bestunto me adjudasse,
Sem em nada gravar a consciencia ;
Mas a maçã, havia d'eu papal-a,
Pelas custas, por certo : e quando muito,
Daria á Vencedora d'ella as cascas.

Mas, diga-me, meu Padre-Jubilado,
Se gado apascentou esse marmanjo,
Como de cortezão está vestido,
De cabello, de bolsa, e penteado? »

— « Essa é boa ! (replica o Reverendo)
Pois parece-lhe, a vossa Senhoria,
Que lhe bastava o sêcco tractamento
De Monsieur, que lhe démos, e um cajado,
Um intonso cabello, uma samarra? »

— « Essa razão me quadra (diz o Lara.)
E esta Madama Helena (continúa)
Que d'elle está defronte, per ventura

É Troiana também, ou é Franceza,
Como do penteado mostra o gôsto? »

— « Não foi, Senhor, Franceza, nem Troiana;
(Responde o Padre-Mestre) d'alto sangue,
Em a Grecia nasceu; e no seu throno
Esparta um tempo a viu: mas sceptro, espôso,
A patria, a fama, a glória d'alta estirpe,
Tudo deixou por Páris. »

— « Pois que! o espôso,
A cara patria, o sceptro, a fama, a glória,
Tudo deixou por esse barbas-d'alho?
Valente marafona foi por certo,
A tal Madama Helena? E quem foi esta?
Diz a lettra, Madama Pena-Lopes,
(Proseguia o Deão) talvez seria
Tam boa, como ess' outra? »

— « Essa (responde
O docto Jubilado) é d'outra laia :
A famosa Penélope foi esta,
Do conjugal amor, da fe jurada,
Do sagrado Hymeneu nas castas arás,
Um perfeito exemplar; grande matrona;
Boa mãe-de-familias; e extremada,
Entre as mais do seu tempo, tecedeira.
N'uma têia gastou mais de dés annos... »

— « Que me diz, Padre-Mestre? está zombando!

(O Deão aturdido lhe replica)
 Em urdir, e tramar uma so têia
 Dés annos consumia a tal Madama!
 E diz-me que foi grande teceloa?
 A minha Ama... e mais é uma zoupeira,
 N'outro tanto não gasta nove mezes:
 E comtudo, não passa, entre as peritas,
 Por grande sabichona n'este officio. »

— « N'isso mesmo é que esteve a habilidade,
 (O Padre lhe tornou) pois que de noite,
 O que obrava de dia, desmanchava. »

— « Peior! (diz o Deão) Isso é o mesmo,
 Que para traz andar, qual carangueijo.
 Jurarei em cem pares d' Evangelhos
 Que essa mulher perdido tinha o siso. »

— « Perdido o siso! Que galante cousa!
 (O Padre lhe tornou) antes no mundo
 Nunca mulher se viu tam atinada;
 E digna de passar á eternidade,
 Sôbre as azas da pósthuma memória.
 Foi prudencia, Senhor, o que estulticia
 A sua phantasia lhe figura:
 Pois se assim practicava, era somente
 Por enganar (em quanto o caro espôso
 Da prolongada ausencia não volvia)

Cançados rogos de importunos procos,
 Que aspiravam do seu consorcio á glória.
 Arachne, que Minerva vingativa
 Em Aranha tornou, por arrojar-se
 A competir com ella; certamente
 Lhe não levara no tecer a palma. »

— « Como é isso? (o Deão diz assustado)
 Pois, salvo tal logar, um homem póde,
 (Isto fallando, todo se persigna)
 Ou póde uma mulher, em feio bicho
 Ou animal quadrúpede mudar-se? »

— « Isto fabulas são, com que os antigos
 Quizeram explicar aos seus vindouros
 De muitos animaes a indústria, e a arte;
 E além d'isso ensinar que ás divindades.
 Se deve ter um grande acatamento.
 Mas, que acontecer póssa, quem duvida?
 (Dizia gravemente o docto Padre.)
 Não fallo agora das antiguas Lamias,
 Que inteiros enguliam os meninos,
 De Circe, de Medea, nem d'Alcina,
 Ou da velha Canidia, de quem conta
 O bebado de Horacio as nigromancias:
 Todos sabem, que todas estas Bruxas,
 Em ossudos Leões, manchados Tigres,
 Em hardidos Ginêtes, negros Ursos,

Ou em Toupeiras vis, vis Musaranhos,
 A seu sabor, os homens couvertiam.
 Além d'isso, Apuleio (6) nos informa
 Que, per malicia d'uma certa Fótis,
 Em Asno, n'um instante, se formara,
 E como Asno passara mil trabalhos.
 Não tem ouvido vossa Senhoria,
 Ruídosos Cães uivar, la n' alta noite?
 Pois que querem dizer aquelles uivos,
 Senão, que anda no bairro Lobis-homem;
 Ou homem, por fadario, transmudado
 Em Jumento orelhudo, ou em Sendeiro? »

— « Sancto Breve-da-marca! (aqui exclama
 O farfaute Deão, de temor cheio;
 E logo proseguin.) Se minha estrella
 Ordenado me tem, que per incantos
 De alguma Feiticeira, ou Nigromante,
 Em fero bruto eu haja de mudar-me,
 Praza a vós, sanctos Ceos! ao Fado praza
 Que, antes do qu' em Sendeiro lazarento,
 Em brioso Cavallo elles me mudem:
 Pois assim poderei, inda algum dia,
 A sorte vir a ter de ser pae d'Eguas:
 Que bons Potros darei da minha raça!
 Mas, se muito julgais o que vos peço,
 Ao menos concedei-me que em Fuinha,
 Ou matreira Raposa me transtornem;

So para do Bispo ir ao gallinheiro,
De quantas aves tem a dar-lhe cabo. »

Socegado o Deão do seu espanto,
Ao bom Padre pergunta: — « E quem é este
Circumspecto Monsieur, que ca s' enxerga? »
— O Padre-Mestre, vendo-se obrigado
A recontar d' Ulysses os trabalhos,
Para o tempo ganhar de recordal-os,
Ronca, escarra, da manga o pardo leuço
Saca, nas espalmadas mãos o tende;
Em ambas sopesado o leva á penca;
Com' strondo se assoa, e dobrado o colhe:
D'esturro então sorvida uma pitada,
O hábito sacode; aos sobacos
Alça o cordão, arrocha-o na casola,
E de papo ao Deão assim responde:
« Esse que ahi está, nem mais, nem menos,
É o facundo decantado Ulysses,
De Madama Penélope marido:
De todos quantos Gregos aportaram
Da neptunina Troia ás curvas praias,
O mais prudente foi, excepto o velho
Nestor, que viu dos homens tres idades.
Este, depois que a cinzas reduzido
Foi o fero Ilion, per suas traças,
E da altiva Cidade so ficara
O campo, em que imperiosa antes estava;

Voltando á Patria amada, carregado
 D'altos despojos da immortal victória,
 De Neptuno soffreu a cruel sanha,
 E dos ventos, e vagas açoutado,
 Undívago correu per longos mares,
 Vendo de muitas gentes as Cidades,
 As várias artes, os costumes varios,
 Até que levantou, na foz do Tejo,
 A rainha do mar, Lisboa invicta. »

— « Ó grande Fundador da minha patria!
 (Aqui brada o Deão) se mãos tiveras,
 E se pernas e pés te não faltaram,
 Os pés, e mãos, humilde, te beijára!
 Mas se manco e maneta aqui te vejo,
 E á franceza vestido, a mal não hajas
 Que á franceza te beije a fria face. »
 Disse : e ao collo, furioso se lhe lança,
 E na cara tres beijos lhe pespega.

Passado este pequeno enthusiasmo,
 O Lara proseguiu : « E aquell'outro,
 Que do jardim no meio se empertiga
 Com cara de ferreiro, é per acaso
 O grande Ferrabraz d'Alexandria?
 Ou Galafre da ponte-de-Mantible? »

— « Esse (responde o Padre) foi Alcides,
 Cujos tremendo braço, cujos feitos

**Ha-de, por certo, vossa Senhoria
Ter ouvido exalçar discretamente,
Em seus sermões, ao nosso Padre Arronches.»**

— « Engana-se, Senhor (O Deão volve)
Que eu sermões nunca ouvi em minha vida ;
E pôstoque, no côro, muitas vezes,
Em razão d'esta minha dignidade,
A meu pezar, alguns ouvir eu deva ;
Em quanto o Padre grita, estou dormindo :
Pois d'outra sorte disfarçar não pôsso
A fome, que me ataca a essas horas.
Se eu algum dia for eleito Bispo,
(Como esperar me faz o regio sangue
De Lara, que nas veias me circula)
Ja desde-aqui, meu Padre, lhe prometto,
Que estes sermões desterre do Bispado ;
E se n'elle inda achar quem tenha o flato
De prégar, lhe darei prompto remédio :
Mandarei que, cumprindo seus desejos,
Va prégar aos Hercjes, e Gentios,
Que o prémio lhe darão do seu trabalho ;
E escusem de quebrar-nos os ouvidos
Com uma insulsa dilatada arenga,
Que ouve, per uso, o povo e não entende,
E a pagar vem, per fim, por alto preço ;
Dando (cousa que muito a mim m'espanta !)
Sem saber o porque, o seu dinheiro.

Sermões? — E quando quer jantar a gente?
 A fome so augmentam, causam somno.
 Mas, tornando, meu Padre, ao nosso ponto,
 Este Alcides, segundo tenho ouvido,
 Foi o maior tunante dos seus tempos. »
 — « Foi amigo de Môças? Que tem isso?
 Vê-me aqui? Pois com ter mais de setenta,
 (Dizia o Jubilado) nem por isso
 Onde quer que as eu tópo, lhe perdô. »

— « Outro tanto de mim, ó quanta mágoa!
 (O Deão exclamou) ó quanto pêjo
 Me custa, Padre-Mestre, o confessional-o!
 Outro tanto de mim dizer não pôsso,
 E comtudo não passo dos sessenta;
 Mas isso é do burel virtude innata.
 Agora pois, se á vossa Reverencia
 Pesado lhe não fôr, dever quizera
 Que d'esse traficante toda a história
 Me reférisse; pois, segundo penso,
 Ha-de ser vária e muito divertida.
 Lembra-me a mim que, sendo inda estudante,
 Do Bacharel Trapça, e Peralvilho
 De Cordova (7) a história portentosa
 Ouvi lêr (por signal, que por ouvil-a,
 Na classe pespeguei valentes gazios)
 A um Clerigo visinho, bom Poeta,
 Que sabia o Borrvalho todo inteiro,

E tinha uma escolhida livraria;
 E confesso-lhe, Padre-Jubilado,
 Que nunca, em minha vida, tenho ouvido
 Cousa, que ca no gôto mais me dêsse. »
 — « De bom grado o farei, por dar-lhe gôsto
 (O Padre lhe tornou, e assim começa):

« Este grande varão Alcmena e Jove
 Teve por pacs, aindaque gran'tempo
 Do forte Amphitrião passou por filho... »

— « Com que, de mais a mais o tal Alcides
 De barregã foi filho?... Avante, Padre,
 Que o comêço promette grandes cousas. »
 (Diz o Deão,

— e o Padre proseguia)

« De tantas fôrças foi. logo em nascendo,
 Que inda elle não contava bem dês mezes,
 Quando (em logar de bêrço, repousando
 N'um escudo de cobre, que a Pterelas
 Amphitrião ganhara batalhando)
 Duas Cobras, mais grossas qu'um madeiro,
 Que entraram a papal-o surrateiras,
 No silencio da noite, per mandado
 De Juno, que em ciúmes se abrasava,
 Rompeu, espedaçou, com mais presteza
 Do que eu trinchar costume uma Gallinha,
 Quando com fome estou, na nossa cella :
 Digo — na cella; — pois no refeitório

Esta ave nunca entrou ; que n'elle reina
 Somente o Bacalhau, e talvez podre.
 Depois, sendo mancebo, a estrebaria
 De Augias alimpou, façanha grande...! »
 — N'este ponto o Deão ter-se não pôde,
 Sem que esta sabia reflexão fizesse :
 « Filho de barregã ! môço-de-mulas !
 Vejam de que relé era a criança ! »

— « Logo (prosegue o Padre-Jubilado)
 Fez maiores accções ; um Leão fero
 Na floresta Nemea, cara á cara ,
 Destemido affrontou ; e lhe machuca ,
 Com a pesada maça, o duro casco... »

Aqui chegava o Padre em sua história,
 Quando o experto Deão, á porta vendo
 Da cêrca o Guardião, que a vel-o vinha,
 Inda do somno os olhos esfregando,
 O fio lhe cortou, em altas vozes
 Ao Guardião gritando : « Appello, appello,
 Perante vossa sábia Reverencia,
 Varão constituído em dignidade,
 Da affronta que me faz o meu Cabido,
 Pretendendo com mulctas constranger-me
 A vir apresentar ao gordo Bispo,
 Á porta da latrina, o sancto Hyssope.
 Peço tambem, com todo o acatamento,

Os reverenciaes Apostolos, mil vezes,
Com mais e mais instancia, instantemente...»

— « Basta (o Prelado diz) ja interposta
A Appellação está. Agora, em quanto
O Reverendo Padre-Jubilado,
(Pois Notario não ha que dê se d'isso)
A certidão lhe passa, nos sentemos
Ao pe d'esta roseira a tomar fresco. »

Dictas estas palavras, se assentaram,
E o farfante Deão assim começa :
— « Por certo, que não póde duvidar-se
Do augmento, Senhor, que em nossos dias
Tem tido Portugal, per alto influxo
Do grande, forte e nunca assaz louvado
Rei, primeiro no nome, e nas vîtudes,
E do sabio Ministro, que lhe assiste.
Não fallo nas Sciencias, e nas Artes,
Que eu d'ellas nada sei; pois meu emprego
Às lettras applicar-me não me deixa,
Qual o meu gôsto, e genio m' o requerem;
E da arte-de-cuzinha tam somente
(Que é obra, quanto a mim, mais proveitosa
Aos homens, que o Francez, que anda na moda)
Alguns pedaços leio, estando vago.
Fallo, sim, no apparatus dos banquetes,
No polido dos trajés, e assembleias;
Dos jardins no bom gôsto, e dos palacios :

Digo isto, meu Senhor, porque esta cêrca,
Que era um chiqueiro, ha menos de dous dias,
Hoje tornada está n'um Paraíso.

Mas que não poderá um genio grande,
E tal, como o de vossa Reverencia? »

— O Guardiãõ então todo enfunado,
Mas modestia affectando, lhe responde :
« Aqui que póde haver, que os olhos encha
De vossa Senhoria, que tem visto
As terras estrangeiras tam gabadas,
Se é tudo uma pobreza *franciscana!* »

— « Tanto não direi eu (replica o Lara)
Que ao vêr d'este vergel a amenidade,
O desenho dos buxos, o bom gôsto,
Com que são as estátuas trabalhadas;
A abundancia dos vasos, e das flôres,
Que no jardim estão, se me figura
De Castello-Gandolfo, ou de Frascáti
(Onde fallei mil vezes com o Papa)
Vêr o primor, e o curioso aceio.
Tudo está esmerado; e so lhe falta
Para em nada ceder aos mais gabados
Deliciosos jardins d'Italia, e França,
Uma cascata, que a de Têrni iguale.
Se vossa Reverencia quer a planta,
Eu ja mandar-lh'a vou; que a tenho em casa. »

— « Essa obra ha-de custar muito dinheiro

(Responde o Guardiã) e hoje as esmolas,
Para encher a barriga a tantos Frades
Que teem fome-canina, apenas bastam.
Algum dia foi rico este Convento;
Mas estas novas leis testamentarias
Deram um grande córte em suas rendas.
É verdade, que os sanctos Exorcismos,
O benzer dos feitiços, e lombrigas,
O grande e extraordinario privilegio
D' irmão, e mãe de Frades, e outros pios
E sanctos institutos, que inventaram,
Devotos e subtis, nossos antigos,
E que nós pelo Povo propágamos,
Com zêlo, e com destreza, maiormente
Entre o devoto feminino séxo,
Inda pingando vão de quando em quando :
Mas isto tudo é nada, é um cominho,
A par do que rendia o Purgatorio!
Senhor, o Purgatorio, e as almas sanctas
Eram o Potosí (8) da franciscana. »

N'este ponto chegando o Jubilado,
O discurso lhe atalha, e ao Lara entrega
A grande certidão, que passar fôra.
O Deão a recebe civilmente,
E com mil importunos cumprimentos,
E outras tantas profundas cortezias,
Dos dous Padres, cortez, se despediu :

E correndo, e saltando, como um Corço,
Risonho e prazenteiro entrou em casa;
Onde á sua presença, pelos ares,
Faz vir o triste Luz, que a honra goza
De tocar mal rabeça, na Sé d'Elvas,
E de ser, em seu fóro, mau notario,
Ou pessimo escrivão, que vale o mesmo:
Além d'isso, cursado tinha as classes;
E a todas estas cousas ajunctava
Uma profunda erudição, bebida
Nos Autos de Reinaldo, e Valdevinos,
E do Infante Dom Pedro nas partidas,
Florisel de Niquea, e outros livros
Da andante, da immortal cavallaria;
Ao qual o Deão disse: « Hoje um negócio
De ti fiar pretendo, d' importancia;
Mas antes será bom, que ao grande Baccho
Algumas libações, como costumás,
Aqui façás. » Dizendo estas palavras,
Ordena que lhe tragam promptamente
Do bom vinho de Borba tres garrafas.

— O bom Luz transportado á sua vista,
Sem fazer-se rogar, logo a primeira,
Ás duas palhetadas, deixa enxuta:
Muito tempo não passa, sem que próve
Igual sorte a segunda; sem descanso
Com a terceira investe; largo espaço

O forte Campeão entra per ella :
 E depois que esquentada teve a bilis ,
 Assim com o Deão falla animoso :
 — « Que cousa póde vossa Senhoria
 Querer d'este seu servo , que não faça?
 Que perigo haverá , que não arrostes?
 Da Nova-Zembla os duros caramelos
 Irei a passeiar : ao meio-dia ,
 Na Libya soffrerei a calma ardente :
 Com Tigres , com Leões , com Crocodilos
 Audaz affrontarei : do reino escuro ,
 Para seu Cão-de-fralda , se é seu gôsto ,
 N'um pulo , lhe trarei o Cão-Cerberos ;
 Se mais d'isso se paga , c'uma corda
 Á porta lh'o atarei , como um Macaco. »

— « Menos que isso (bradou o Prebendado)
 Menos que isso de ti hoje pretendo.
 Uma Appellação so quero que intimes
 Ao gordo e fero Bispo : isto somente
 De ti hoje desejo , e de ti fio. »

— Aqui , mudando a côr do triste rôsto ,
 Começou a tremer o novo Alcides ;
 E com voz balbuciante , lhe replica :
 — « Muito , illustre Senhor , tam grande empresa
 Minhas forças excede : o mesmo Achilles .
 Mandricardo , Gradasso , Sacripante ,

Commettel-a, por certo, receiaram,
 E Orlando, indaque fôra verdadeiro.
 D'ella pois me dispense; que eu sem pêjo,
 Ante os Ceos, ante a Terra, hoje confesso
 Que meu ânimo a tanto não se atreve. »

— A este breve discurso, ardendo em ira,
 O Deão exclamou: « De minha vista
 Vai-te, indigno, Furão vil e rasteiro,
 A quem, na cara e feitos, te pareces;
 Que eu saberei achar quem me obedeça. »

Trémulo, e semivivo o pobre zote
 Então se foi d'alli escapulindo;
 E o farfante Deão fica suspenso,
 No peito revolvendo a quem daria
 A grande commissão: quando á memória
 Lhe traz a Senhoria (que a seu lado
 Invisibil assiste) o bom Gonsalves,
 Escrivão atrevido, e sem piedade;
 Que a si mesmo prendera, se podera.
 « Este sim (exclamou então contente)
 Que é capaz de citar a Jesu-Christo. »
 Isto dizendo, que lh'o chamem, manda.
 A Senhoria então, tomando a fôrma
 Do Galopim de casa, veloz parte,
 E com elle voltou *in continenti*;

A quem logo o Deão propõe a empresa,
Que elle, sem duvidar, risonho aceita;
E para executal-a, tempo accómodo,
Cheio de confiança, a esperar, parte.



O Hyssope.

CANTO SEXTO.

JA o sol grande espaço declinava
Do brilhante Zenith, para o Occidente,
E a socegada Tarde, conduzida
Nas frescas azas dos subtis Favonios,
A passeio os Peraltas convidava :
Quando, por divertir sua Excellencia
O fastio, que a longa ociosidade
Nos peitos dos mortaes tyranna gera,
Se dispõe a sair, como costuma,
A frescura gozar do seu Versalhes.

Mil infandos prodigios (trama urdida
Pela mão industriosa da Excellencia,
Para obrigar-o a não sair de casa)
Esta infausta jornada precederam.
Á meza pôsto, e a beber um copo
De generoso viuho da Madeira,

Em vinagre na bôcca se lhe torna
O suave liquor ; e ao mesmo passo ,
No aparador saltando um Gato negro ,
Em hastilhas lhe faz , com grande estrondo ,
Os dourados crystaes , que n'elle estavam .
Depois , dormindo docemente a sésta ,
Se lhe figura , no melhor do somno ,
Que andando de passeio pela quinta ,
Com passos lentos a elle se chegava
Da nora o velho Burro , e alçando o rabo ,
Dous couces lhe pregava no vasio .
Á phantástica dôr , gritando , acorda ;
E acudindo a familia promptamente ,
Lhe narra o triste caso , inda assustado :
Mas , passado o primeiro sobresalto ,
Desenganado emfim de que era souho ,
A vestir-se começa : então calçando
O polido sapato , das fivellas
Salta da guarda-roupa ao aureo tecto ,
Com medonho estampido , a melhor pedra .
Finalmente , ao montar a carruagem ,
Batendo um gran'Besouro as negras azas ,
Com horrendo stridor lhe açouta as ventas ;
E um Pardal lh' esterçou no tejadilho .

N'este instante a Excellencia , que tomado
Tinha do grande Almeida a gentil fórma ,
Vendo que estes agouros não bastavam

Para aterrar do Bispo o forte peito,
C' uma grande zumbaia, assim lhe falla :
— « Se crer em abusões é d' almas fracas ;
Desprezar portentosos vaticinios
É de peito obstinado, ensurdecido
Ás vozes com que o Ceo mil vezes falla.
Se em Africa, Catão; se em Roma, Cesar
Deram fe aos presagios : nem aquelle
Nas sérvidas aréias africanas
Acabara infeliz ; nem no Senado,
Ás mãos de Cassio, e Bruto, ferozmente
Este fóra, qual rez nas aras, morto.
O mesmo digo do temido Almeida,
De quem vossa Excellencia tem o sangue ;
De Cambaia murchar as altas palmas
Na brutal Cafraria elle não vira,
Se afouto, ou temerario não zombara
Do bater dos sapatos dos Menezes (1).
Vossa Excellencia ja viu os portentos
Que lhe teem n'este dia acontecido :
Ah! se a mente presaga não me engana,
Algum grande desastre prognosticam
N'este passeio, que fazer intenta.
Para illudil-os pois, torne a apear-se,
Ao paço se recolha : considere
Que, por grande, a cautela nunca damna.
Se pois da ociosidade, e seus prestigios,
Que tanto horror lhe faz, fugir deseja,

Mande chamar alguns Capitulares,
E com elles em sancta paz jogando,
O resto passe da calmosa tarde;
E não queira, com vã temeridade,
A seu gôsto a razão sacrificando,
Desafiar a colera dos Astros. »

— A estas vozes, risonho, o gordo Bispo,
Lhe responde : « Meu Filho, bem conheço,
Que o amor, que me tens, é quem te dicta
Essas sábias razões; mas que diria
Esta marcial cidade que, admirando
Meu heroico valor, trazer pendente
Do bordado talim me viu na guerra
Uma talhante espada; e sóbretudo,
Erguer da cama, n'uma fria noite,
Por correr, sem temor, suas muralhas;
Quando o fogo nas altas atalaias
Brilhando tristemente, annunciava
Roubos, assolações, incendios, mortes :
Se hoje soubesse, que eu ficava em casa,
Assombrado de quatro bagatellas?
Eu confio no Ceo, que esses successos
Nada contenham, que aziago seja :
Mas, se assim succeder, constante e forte
Irei per onde os Fados me chamarem. »
Isto dizendo; resoluto ordena
Aos Moços, que caminhem sem demora.

No tempo que estas cousas succediam
No episcopal palacio, o bom Gonçalves
A quem a grande empresa desvelava,
Sendo per seus espias avisado
De que o Bispo saia, aproveitar-se
Da occasião, que a Sorte lhe offerece,
Comsigo determina; e a toda a pressa
A vestir-se começa: quando a cara
E longeva Consorte, do cartorio
Nas sordidas trapaças tam versada,
Como o déstro marido, toda cheia
D'um panico terror, que dentro n'alma
A feroz Excellencia lhe infundira,
Ao collo se lhe lança, e assim lhe falla:

— « Onde, ó luz de meus olhos! doce Spôso,
Assim corres veloz, assim me deixas
Cercada de reccios, e tristezas?
O Bispo vas citar? Ah! tu não sabes
Qual é d'este Prelado a sancta raiva?
Ignoras, que as menores bagatellas,
Em seu conceito são graves insultos,
Que castigar costuma sem piedade?
Tu, ó pobre Milheiro! tu o dize,
Que por zombar da fita do palmito,
Na respeitavel face do Roquete,
(Mestre-de-ceremónias, e cabalas,
Com poder d'Assistente, juncto ao solio,

Para insultar, sem termo, os pobres zotes
Em toda esta cidade, e seu Bispado)
A jazer longo tempo na cadeia
Barbaramente condemnado foste !
Não sabes, que a pezar das leis sagradas
Do nosso piedosissimo Monarcha,
Elle Meirinho tem de vara alçada,
Que prende, escorcha, e rouba impunemente,
A sombra do sagrado sanctuario?
Pois, como a provocal-o hoje te arrojás,
Por servir o Deão? Crês per ventura,
Que elle te livrará das suas garras?
Ou te fias talvez em que es sujeito
A outra jurisdicção? Mas, oh, repara
A quantos, como tu, Leigos isentos,
Em seu cruel aljube, opprime, e vera!
Oh! se um raio voraz dos Ceos descesse,
E todos os aljubes abrasasse!
Quantas, ó Ceo! ó quantas se evitaram
Vexações, injustiças, e insolencias!
Ólha o que succedeu, ha pouco tempo,
Ao charlatão do Medico pequeno
(Que a hábito perpétuo d'estudante
Foi, de Esculapio em Juncta, condemnado)
Por não dar alimentos á Consorte
Em dinheiro corrente; que de balde,
Os homens, e as estrellas attestando,
Allegava não ter o miseravel;

E em vão, para pagal-os off'recia
A venda de seus predios, ou seus fructos.
A pezar da Razão, e da Justiça,
Foi este pobre zote receitante,
Com público pregão excommungado!
Bem que dizer-se d'elle se não póssa
Que de Herodes á fera tyrannia
Não devera escapar, por innocente;
Pois so, d'uma pennada, a muitas almas
Tem feito as margens ver do stygio lago,
Onde por elle esperam barregando,
Para as barbas tirar-lhe, e a cabelleira.
Pretendes pois que o mesmo te succeda?
Ah! não, amado Spôso, per aquelles
Primeiros e suavissimos instantes
Do nosso doce amor, pela fe pura,
Que no sagrado laço me juraste;
Per estas ternas lagrymas, que chóro,
Que a tanto não te exponhas : ah! não queiras,
A ti mesmo cruel, e a meu socêgo,
Roubar-me a triste vida, dar-me a peua
De ouvir-te excommungar pelas esquinas!
Ou prêso cruelmente, entregue ás garras
Do Meirinho voraz, qual tenra Pomba
Entre as unhas crueis de Açor ligeiro.
Do meu pranto tem dó, e dos cançados
Longos annos da minha amarga vida. »
Aqui um magoado e gran' suspiro

As queixas lhe impediu ; e o sentimento
A voz lhe congelou dentro no peito.

— Então o grande e intrepido Gonçalves,
Assim, de brio cheio, e de ternura,
A tímida Consorte alenta, e anima.
« Enxuga o bello pranto, ó bella Spôsa !
Que sem causa derramas, pois com elle
O forte coração me despedaças.
Eu não vou combater algum gigante,
Nem tenho o Tamerlão (2) por inimigo ;
Vou fazer meu officio ; e bem conheço
A quanto m'abalanço, e me aventuro.
Mas que dirá o Mundo, se vir hoje,
Que eu fujo dos trabalhos com o corpo ?
De mais, que d'este excesso, a que me arrojô,
Tu a causa so es ; pois d'outra sorte
Mal poderei, meu rico Bem, comprar-te
A saia, a capa, a fita, o leque, o pente.
Os annos estão caros ; e eu não devo
Um gancho desprezar, que raras vezes
A Ventura depara, e nos off'rece.
As censuras, o Bispo, e sua vara,
Vãos espantalhos são, que não me assustam ;
Eu não temo o Meirinho, nem da Igreja
O forte raio, sem razão vibrado ;
E para me livrar do Bispo ás iras,
Teuho braço, artes tenho, e tenho modo.

O susto deixa pois ; que brevemente
Tu me verás volver sem frio, ou febre,
A gozar de teus mimos, teus favores. »
Isto dizendo, de seus braços foge ;
E mais ligeiro, que o ligeiro Gamo,
A esperar se partiu, sua Excellencia.

Ja, na rica liteira recostado,
Da cidade saia o gordo Bispo.
Dous Lacaios membrudos e possantes
Guiavam a compasso os grandes Machos ;
E dous do mesmo talhe, na dianteira,
A lenta e priguiçosa marcha abriam.
Nos altos campanarios os Donatos,
E das Freiras as Môças, muito alegres
Davam, como costumam, aos badalos :
Quando o bom Escrivão, que prompto estava,
Qual sagaz caçador, que alegre e fero,
A porta d'uma mouta a rez espera,
Á liteira se chega, e respeitoso,
Uma carta ao Prelado logo entrega,
Na qual a Appellação descomedida
Em lettra-garrafal ía traçada.

O innocente Pastor, que não suspeita
O veneno mortal, que em si levava,
Depois de lhe lançar a sancta bênção,
Com risonho semblante, péga n'ella,

O sobrescripto rompe, e solettrando,
Vai lendo com trabalho; mas, apenas
O sentido da astuta carta entende,
Começou a tremer; das mãos lhe cai
O atrevido papel. Não, se cem bôccas,
Cem linguas eu tivesse, e a voz de ferro,
Poderia contar qual foi a raiva.
Do gordo Bispo. A Ira, a Impaciencia,
A Suberba, a Vingança, e outras Furias
O rodeiam, o agitam, e o transportam:
O rôsto se lhe inflamma; os olhos, tintos
D'um vivo e negro sangue, lhe chammejam:
Escuma, geme, e brama, range os dentes.
Tam cruel, tam espantoso, tam feroz
Não treme, não avança, não se rasga
O que mordido foi de Cão-damnado;
Quando o triste veneno, que fervendo
Pelas veias lhe corre impetuoso,
Ao coração lhe chega, e lh'o devora;
Como o grave Pastor! A vil Priguiça
Que a seu lado jazia recostada,
Ao vê-lo, d'alli foge espavorida.
Emfim, em raiva ardendo, grita e clama
Aos Lacaio, que logo, sem piedade,
Aquelle infame ousado lhe castiguem.
Então os insolentes vis mochilas
Arrancam das espadas que, em desprezo
Das leis, e Magistrado, á cinta trazem,

E cheios de grande ira (quaes raivosos,
Arremessados Cães, que hardidos seguem
O fero Javali, que veloz foge
A emboscar-se na densa e vasta mouta)
Correm, sem tino, após o bom Gonsalves,
Que em seguro ja pôsto, ao pe da guarda,
Os ólha, com deprezo, e com insulto.
Não de outra sorte rubido Podengo,
Que seguindo, fiel e lisonjeiro,
O rustico Saloio, que á cidade
Vem, de seus campos a vender os fructos;
Se ao pe d'alguma esquina se demora,
Prêso da vista das formosas côres
Da galhofeira cidadã Cadella,
E sôbre elle caindo a roaz turba
Dos bairristas Cachorros, que namora:
Entre as pernas mettendo a longa cauda,
Corre sem se deter, até que chega
Juncto de seu Senhor, a cujas abas
Seguro e confiado encrespa as ventas,
Contra elles se revira, então rosnando
Lhes mostra os brancos navalhados dentes.

Denodado Gonçalves (se meus versos
Alguma cousa podem, se rompendo
A névoa escura dos futuros évos,
Sôbre as azas do Tempo se espalharem
Pela terráquea mole) em quanto Alcoides,

Quadrilheiros houver, houver Meirinhos ,
O teu nome será sempre famoso ,
Polo heroico valor, com que abarbasto
Do gordo Bispo a temerosa sanha :
E dos leilões na praça , em quanto ás nuvens
A fronte levantar a gran' Lisboa ,
Entre a terribil pestilente corja
De Alguazis desalmados e vorazes,
Com inveja , e louvor, serás de todos
Polo primeiro Beleguim contado.

Em tanto a Senhoria, que presente
- Á esta cómica scena sempre esteve ,
Chama a Fama veloz, e lhe encarrega
Que a gran' nova ao Deão leve ligeira.

Estava então o triste combatido
De alegres esperanças, e temores;
Umaz vezes confia, outras receia,
Que o Escrivão medroso não se atreva
A proseguir no empenho começado ;
Quando a rapida Fama, em seus ouvidos,
A nova espalha do feliz successo.

Vós, Filhas da Memória, que do Pindo
Concordes habitaes as frescas selvas,
Qual foi seu gran'prazer, dizei agora.

De Baccho nas solemnes Anthestérias,
As desenvoltas Ménades não correm,

Nyctélio invocando, mais furiosas,
Do deus e da alegria arrebatadas;
Como o farfante Lara corre as casas,
Gritando de contente. Os Mocós chama,
E a todos, entre grandes gargalhadas,
O successo declara. Ora lhes pinta
Do arrojado Escrivão a grande astucia,
Ora as vãs íras do cruel Prelado.

Ó geração humana! e quanto es facil
No meio da bonança a engrimpinar-te,
Sem temer, que a pellada má Fortuna,
Lúbrica, extravagante, caprichosa,
Te vire as costas, e te mostre a calva!
Tu, ó farfante Lara! em pouco espaço
O viste, por teu mal, tu o provaste;
Pois, quando mais ditoso te julgavas,
De improviso fugiu tua alegria;
Qual leve exhalção, que apenas nasce,
Nos abysmos do Ceo desaparece.

Engolphado o Deão nas esperanças,
Que este fausto principio lhe annuncia,
Aos Criados ordena *in continenti*,
Que para festejar o feliz caso,
Uma splendida ceia se prepare;
E á Velha, que tambem de gôsto salta,
Com risonho semblante intima, e manda

Que não fique, na grande capoeira,
Fólego vivo em tam festivo dia.
Não contente com isto, maior prova
De seu immenso gôzo dar pretende:
Que bizarro concêrto, de prelúdio
Sirva ao farto banquete, determina,
Da musica melhor, que ha na cidade:
E por dar mais prazer aos Convidados,
De cavallinhos-fuscos, depois d'ella,
Na vaga sala, com suberba pompa,
O galante spectaculo prepara.
Então a convidar, saltando, envia
Do cléro, e da milicia cem pessoas.

Ao passo que estas cousas se faziam,
A despiciosa Velha ferozmente
A barbara sentença executava,
Cem Gallinhas, cem Frângãos degolando.
Entre todos havia um velho Gallo,
Pae da grande familia, victorioso
De cem feros rivaes, e respeitavel
Pelo roixo esporão, e roixa crista:
D'este pois nem, sequer, o vulto escapa
Da grande mortandade; e com seu sangue,
De seu cruel Senhor honra o festejo.



O Hyssope.

CANTO SEPTIMO.

ENTRETANTO, surdindo a Noite escura
Do Bosphoro-Cimmerio, e despregando
As estellantes azas, involvia
Todo o nosso hemispherio em densa treva,
Quando na casa do Deão triumphante,
Ajunctando-se vão os Convidados.

Vós, Deusas do Parnasso, vós agora
Novo fogo inspirai dentro em meu peito;
Regei-me a voz cançada, e o debil canto,
Por que n'elle celebre dignamente
De tam altos Varões nomes, e manhas.

O primeiro que entrou na grande sala
Foi o môço Sequeira, que hombraendo
Co'o Pae sagaz, na usura, e na trapaça,
Lhe sobreleva muito de avareza.

D'uma sebenta desbotada fita,
 A bengala da dêxtra traz pendente,
 Com que as Moscas enxota do castello.

Após este se segue circumspecto
 O Noventa-cabellos, conhecido
 Por fido Achates do pomposo Lara;
 Homem sisudo e grave, e o mais calado
 De quantos pizam d'Elvas a cidade;
 Excepto o triste, misero Tacanho,
 Que gerou, por seu mal, o velho Tórres.
 Muitos d'elle murmúram, (Feia Inveja,
 Quem de teus dentes ficará isento,
 Se não te escapa a simples Innocencia!)
 Que não falla, porque fallar não sabe :
 Outros porêm mais justos o defendem,
 E ás estrellas o sobem; pois ao menos
 Se não sabe fallar, sabe calar-se;
 E (qual lúbrica negra Sanguisuga,
 Que aferrando-se á pelle, se não sólta,
 Sem de todo fartar a cruel sêde)
 Dos que encontra ás orelhas não se agarra;
 E não similha o zote do Sardinha
 Que, sem antes gastar-lhe a paciencia
 Com questões importunas, os não larga.

Nas ancas d'este entrou esbaforido
 O Velloso, arithmetico afamado,

Capaz de duvidar, até de Christo;
E que tem, de loquaz e d'arengueiro,
Quanto de taciturno tem o outro;
Elle sabe de Acclamo o grande schólio;
De cabo a rabo, sem falhar-lhe um verbo;
E á fôrça de Pae-velho (1), algum pedaço
Vérte, em mau Portuguez, do Tridentino.
Com o que, e repetir alguns exemplos
Da longa jesuítica syntaxe,
Passa, entre os seus, por homem consummado:
Bom juiz de sermões, e Prégadores;
Apezar do atrevido Casadinho,
Que, por ser o barbeiro do Prelado,
Arrogar este cargo a si pretende.

Pouco tempo depois, ao beque dando
Entra o vaidoso mulheril Perinha,
Ramo insigne dos Gatos-Rodovalhos,
E chefe dos Pelões da sua terra.
Então de Senhorias toda a casa,
Qual d'um picante enxame de Mosquitos,
Azoinada se viu: umas da bôcca
Em borbotões lhe saiem, outras lhe entram
Pelas grandes orelhas lisonjeiras,
E subindo-lhe ao cérebro, a cabeça
De illustrissimos flatos lhe enchem toda.

Não passou muito espaço, sem que á porta

Se não vissem chegar ambos os Bichos,
Alegria, e prazer da elvense terra;
O Leite, e o Barquinhos, tam famosos,
Aquelle, pela teima com que intenta
Mungir d'um grande Bode as grandes têtas;
Este, pela piedade com que vendo
Jazer em terra morto o bravo Touro,
Que os calcões de camurça lhe rasgara;
Por que o Ceo suas culpas lhe perdoe,
Perdoa em altas vozes, generoso,
O estrago do vestido, e a grave affronta.
Estes per onde passam, mil apodos,
Mil graças, e risadas, entre a bulha
Do vulgo insultador, soar se escutam:
Não de outra sorte viu Lisboa, um tempo,
Da vil plebe entre a grande borborinha,
Passeiar suas ruas, hombro a hombro,
O célebre Dom Félix, e o Caturra (2).

Mas outro entrando vem, de insignes prendas,
Que no ingenho, agudeza, brio e garbo,
Com os dous póde bem correr parelhas.
Afastai, afastai: deixai passál-o;
Que é o grande Salgado, cujo nome
Per todo o Alem-Tejo, em suas trompas,
Com sonoro louvor pública a Fama.
D'elle relata pois a chocalheira,
Que inda o rol pendurado traz ao collo,

Das M^oças que, em mancebo, namorara;
Onde, com distincção, se lêem seus nomes,
Suas graças, e dotes. Pelos prados,
Que o Hebro crystallino corta, e rega,
Tantas, d'Amor captivas, não seguiram
De Thracia o gran'Cantor, que a cara Spôsa,
Na solitária praia descansando,
Duas vezes perdida, em vão chamava;
Quantas o rol contem, desde a mais baixa
E roliça fregoua, até a Dama
Mais nobre, mais *gagé* (3), e mais chibante.
Hoje porém, que em mais serios estudos,
Os dias gasta, desfructando a honra
Da rustica curar gente da vargem,
Inda este phrenesi curar não pôde;
Nem da empirica sciencia o gran'segredo,
As hervas, cataplasmas teem bastado,
Para os males curar-lhe da cabeça.

Eis outro chega, de não menos fama,
Cavalheiro do porte dos Venegas,
Que muitos infanções por Avós conta.
Este so comerá d'uma assentada,
Sem qua papo lhe faça, um Boi inteiro;
E como quem um copo bebe d'agua,
De café, chocolate, cha, sorvete,
D'um trago, beberá toda uma pipa.
Elle ceia não ha, não ha merenda,

A que prompto não võe, não assista.
Tam rapida, calar das altas nuvens
Não vê o Passageiro, em largo campo,
A grasnadora Gralha, o negro Corvo,
Sôbre o triste animal, que de cansado
Em comprido caminho, deu a ossada;
Como correr se vê o bom Fidalgo
Á voz, e chetro do mais vil banquete.
D'esta canina-fome, que o devora,
De *Alarve* lhe ficou o gentil nome,
Com que em toda a cidade é conhecido.

Nem tu has-de deixar de ser lembrado
Em meus versos, Prior da sancta igreja,
Que Alcáçova ennobrece; tu, que sendo,
Um tempo, branco e louro, te tornaste
Per artes incantadas, negro e pardo.
Este na sala entrou de loba, e capa;
Mas debaixo do braço, co' a catana,
Com que em noites d'escuro tem brigado
(Se de seu gran'valor não mente a fama)
Muitas vezes, com todos os Diabos.

Então, tremendo chega a passos lentos,
O longevo potroso do Saldanha,
Que em regras economicas bem póde
Dar sota e az ao Grego Xenophonte (4).
Para prova do seu contentamento,

Se adorna do vestido domingueiro;
Sôbre uma véstia branca, airoso traça
Casaca, que foi negra ha quinze lustros;
Os calções eram pardos, e os sapatos,
As meias, e espadim, e os outros cabos
Em nada do vestido desdiziam.
A seu lado marchava o velho Preto,
Com a suja panella, em que costuma
Ajunctar as reliquias dos banquetes,
A que assiste faminto, e com que passa
O resto da semana co'a família.

Tu tambem, grosso Silva, lustre e glória
Da tua patria, antiga Tórres-Vedras,
Doctor em Anno-historico, não foste
Dos ultimos, que a rica sala entraram.

Estes, e outros Varões d'igual calibre,
Dignos todos de fama, e maravilha,
Honraram n'esta noite a grande festa:
Mas da justiça o amor me não consente
Que eu deixe vossos nomes involvidos
Entre a treva, que espalha somnolenta
A agua-estófa do sombrio Lethes:
Bolorento Pão-ralo; e tu, que fallas
A lingua da Mourama, ó bom Gonsalo!
E que os melões, e pêras almotças,
Com tanta rectidão ao povo d'Elvas,

Quando empunhas severo a rubra vara (5).

Juncta emfim a selecta Companhia,
 O vistoso salão emtórno c'roam.
 Então ao côro, que esperando estava,
 Deu signal o Deão, e uma sonata
 De cravo, de machete, e castanholas,
 Da orchestra strepitosa foi prelúdio,
 A que um duo se segue, cousa rara!
 E que igual nunca ouvin em seus theatros
 Milão, Veneza, Napoles, Florença.
 O grande Eugenio, e o famoso Félix
 Foram os dous Virtuosos, que o cantaram.

Se tu, ó extremada Zamperini (6)!
 Que em Lisboa os Casquilhos embaraças,
 Seus suaves accents escutaras,
 Passages, e volatas; bemque as Graças
 Lisonjeiras te cerquem, e derramem
 Em teu peito, e garganta, mil incantos,
 Com que as tres filhas d'Áchelôo vences;
 Quantos novos incantos aprenderas!

Depois, o Vidigal ligeiro toma
 Uma bandurra, que na orchestra estava,
 Per mão d' insigne mestre trabalhada:
 N'ella se viam, sôbre a branca saia,
 De marfim embutidas, e pau-sancto,

As foliaş do filho de Semele ;
Quando, do Ganges triumphando, á Grecia,
Entre ledos tripudios, se tornava.
Jazia o gordo deus alli sentado
N'um grande carró, que virentes parras,
Contra os raios do sol todo toldavam ;
Uma bojuda pipa, que esparzia
Um largo jórro de liquor vermelho,
De throno lhe servia; e o Mõço imberbe
Co'o' verde thyrsó, de uma mão picava
Os dous accesos mosqueados Tigres;
E co'a outra chegava á sêcca bõcca,
De saboroso summo um cheio vaso.
Após elle se via debuxado
O bebado Sileno, sôbre um russo
E cançado Jumento; de verde hera
C'roada a fronte tinha o semi-Capro;
E com tal arte figurado estava,
Que a cada passo do animal imbelle,
Aos olhos dos que o vêem, se representa,
Que, balançando, o semi-deus caía,
Co' os fumos, que a cabêça lhe toldavam.
De foliões Silenos uma tropa,
Quasi para o suster, o rodeiava;
E sôbre ella lançava o bom Sileno,
Todo risonho, os mal-abertos olhos.
Precediam o carro, desgrenhadas
Mil Bacchantes, e Satyros lascivos,

O HYSOPE.

Dando nos ares descompostos saltos.
Uns tocavam businas retorcidas,
Outros rijos adufes, e pandeiros.

O Vidigal, pegando no instrumentó,
Se encommendou ao deus, a quem amava;
E dando á escaravelha largo espaço,
Até de todo temperar as cordas,
Soltou a bruta voz, com que costuma
Levantar os *mementos*, nos enterros.
Com tam grande attenção não pendem promptos,
Do novo batalhão da elvense terra
Os marciaes soldados, na parada,
Da voz agallegada do Malifa,
Quando o manejo, á falta d'homens, rege;
Como a festiva Companhia pende
Dos duros berros do Cantor famoso,
Que, da patria em louvor, assim dizia:
« Ó grande Elvas, cidade em todo o tempo,
Per teus famosos filhos, memoranda!
Hoje até as estrellas meus accents
Teu nome levarão, e tua fama;
Mas d'onde minha voz a teus louvores
Dará principio? Tu, ó brincão Baccho!
Como tens por costume, tu me inspira.
Mil, em silencio deixarei, successos,
Em mais remotos tempos celebrados,
Que tua glória illustram; pois não póde

Um ingenho mortal todas as cousas
Abranger co' o acceso pensamento ;
E a louvar passarei de teu Senado
A rara e nunca-vista economia,
Com que no velho, ja rachado sino ;
Por se acharem as rendas do Conselho,
Em luminarias, luctos, e propinas,
Todas (em seu proveito) consumidas,
Quatro gatos mandou lançar de ferro (7). »

Com tal arte feria o Cantor déstro
Do pequeno instrumento as tesas cordas,
Acompanhando o som, com que cantava
Este estupendo gracioso caso,
Que, ao bater das pancadas, parecia
Que se ouviam no sino as martelladas.

« Que direi (prosequiu) da subtileza,
Com que gravar mandaste, sôbre a porta
Que tem de esquina o nome, em negra pedra,
Por que ninguem a lêl-a se atrevesse,
A famosa inscripção, em negras letras?
Mais intricado, mais escuro enigma,
Que o que nas portas da famosa Thebas,
Por destino fatal, aos peregrinos
Feroz propunha a monstruosa Sphinge (8). »

Aqui, para tomar maior alento,
Um pouco se calou ; e em alvo pondo,
Como quem pensa em cousas mais profundas,

Os turvos olhos, prega um grande esgarro,
Com que assustou os Circumstantes todos;
E de novo comêça: « Oh! se eu lograsse
A grande dita de nascer em Roma,
E alli, na tenra idade, me tivessem,
Qual misero e novel Frangão, castrado:
Que então so, dignamente, em fino tiple,
Qual Achilles nas óperas d'Italia,
De teu grave Senado cantaria
A acção maior, que viram as idades!

Tu, ó povo miúdo, e povo grosso!
Que dos Touros (9) ao barbaro combate,
Presidido de serios Magistrados,
La na praça assistias galhofeiro,
Tu testimunha foste! e no futuro
Testimunha serás, que eu não matizo
Com falsas côres o notavel feito:
Fallo da profusão, com que lançaram,
(Ao primeiro rumor, e ainda incerto,
Com que a Fama espalhava vagamente
A noticia dos regios desposorios (10)
Da Princeza Real, Real Infante)
Depois de terem feito bem o papo,
As reliquias da pródiga merenda,
Sôbre as cabêças da apinhada gente.
Então (cousa pasmosa!) os ovos-molles,
Arroz-dôce, cidrão, e leite-cresco,
Que o povo, ás rebatinhas, apanhava,

De toda a parte a flux chover se viam;
Cobrando n'um instante toda a praça.
Qual nas tardes de maio (quando Jove
Com a rúbida mão dardeja irado,
Per entre as negras condensadas nuvens,
Com medonho fragor, torcidos raios)
Cái a grossa saraiva, alaga os campos;
Taes, de manjar-branco as tostadas pélas...»

Aqui chegava, quando os Convidados,
A quem de tantos dôces a lembrança
Tinha feito crescer água na bôcca,
Da demora da ceia impacientes,
E da fome voraz, estimulados,
Em tropel se levantam, e lançando
Pela terra cadeiras, e instrumentos,
Correram para a meza, onde scintilla
Nos dourados crystaes, nos finos pratos,
A radiante luz de cem bougias (II).

O primeiro que occupa a cabeceira
É o tolo Aguilar; sem comprimento
Entra logo a cevar a fera gula;
Exemplo, que os mais seguem vorazmente.
Brilha nos copos o rosado çumo,
Que desterra a cruel melancolia
Da meza festival, — reina a saúde!

Mas de todos tu foste, ó gran'Gonçaves!

Quem as primicias colhe; todos brindam
 A teu grande valor, á tua astúcia;
 Em quanto tu, no collo recostado
 Da prezada Consorte, entre os seus mimos,
 Do Bispo, e do Deão te estavas rindo.

A alegria reinava em toda a meza;
 Mil chistes, mil apodos, mil pilherias
 Gyravam sem cessar, sua Excellencia
 De todos era o alvo; todos n'elle
 Malhavam satisfeitos e contentes;
 Pôstoque era malhar em ferro frio.

Uns, a brilhante escolha lhe louvavam
 Dos synodaes Theologos, — do Arronches,
 Eximio prégador (que leu inteiro
 O livro dos Conceitos-predicaveis,
 O Zodiaco-sob'rano, e outros muitos,
 Que na schola capucha estão em preço),
 —Do Guardião dos Capuchos,—do Roquete,
 Thomista petulante e confiado.

Outros, a prepotencia celebravam,
 Com que, de motu-proprio, um pobre Leigo
 Despejar, promptamente, fez das casas,
 Para n'ellas viver o seu barbeiro.

Este, a grande philaucia encarecia
 Com que a portuense mitra na cabeça,
 E seu bago reger ja se suppunha,
 Officios repartindo, e dignidades.

Aquelle, murmurava da arrogancia,
Com que ministro eleito á grande Roma
A julgar-se chegou; e rodeiado
De Pages petulantes, e Lacaios,
Do Tíbre assuberbar as verdes margens,
Em malhados Frizões, imaginava.

E todos, sem respeito, blasphemavam
Da fatal ignorancia, ou liberdade,
Com que, apezar dos canones sagrados,
Beneficios-curados entregava
De avaros Regulares entre as garras.

Nem tu, gentil roupão de fresca xita,
(Com que á grande janella, empanturrado,
Da inutil ociosa bibliotheca,
Nas noites de verão, a calma passa)
Ás suas tesouradas escapaste.

Entre tantos motejos, so, calado,
Chupando os dedos, e roendo os ossos,
Comia, e mais comia o Dom Alarve;
E algum caso fatal, de quando em quando,
Todo cheio d'espanto, recontava
Do Anno-historico, o grosso e torto Silva.

Quando subitamente (caso horrendo,
Que as carnes faz tremer, ao repetil-o!)
O velho Gallo, que n'um prato estava,

Entre Frângãos , e Pombos , lardeado ,
Em pe se levantou , e as nuas azas
Tres vezes sacudindo , estas palavras ,
Em voz articulou triste , mas clara :
— « Em vão , cruel Deão , em vão celebra
Com nosso sangue o próspero successo ,
Que a futura victória te promette ;
Que per fim cederás a teu contrário. »

Disse : e caindo sôbre o grande-prato ,
Sem mexer-se , ficou. N'este momento
Um gelado suor dos Circumstantes
Banha as pallidas faces ; os cabellos
Nas fronte se lhe erriçam ; largo espaço
Immoveis ficam , sem dizer palavra.
Mas o perdido spiritu cobrando ,
Se levantam tremendo , e pela terra
A recheiada meza baquearam :
Tres vezes se benzeram co' a mão toda :
Tres vezes ; mas em vão , esconjuraram
O fatal Gallo , que jazia morto ;
E , mil , a infausta ceia dando ao Démo ,
Se foram , sacudindo os calcanhares.



.....

O Hyssope.

CANTO OITAVO.

NA superior-instanciã introduzida
A grande Appellação, ardia a guerra.
Dous Rabulas famosos trabalhavam
Em offuscar das Partes o direito.
Quantos rançosos livros, que jaziam
Sepultados em po, meio-comidos
Da cruel e voraz maligna Traça,
Tornaram outra vez a vêr o dia!

A Excellencia, a Discordia, a Senhoria,
Cadauma, de per si, os excitava;
E sôbretudo, a fome devorante
Do luzente metal, que o Mundo incanta.
De papel muita resma, em lettra-grypha,
Onde, a montões, os Textos, os Doctores
Sem ordem, e sem tempo, se allegavam,
Cadaqual, de si pago, tinha escripto...

Quando o Genio feroz das Bagatellas
 Uma fiel balança nas mãos toma,
 E n'um dos aureos discos, põe attento
 As razões do Deão, n'outro as do Bispo;
 E vendo que estas tinham maior pêsso,
 Talvez por terem mais papel, e tincta;
 Per um geral edicto á Côrte chama
 Os vaidosos Magnatas, e em senzala,
 Com fera continencia, assim lhes disse:
 «Nunca a pensar cheguei, que em meus Vassallos
 Que do Orbe a estimação, e o ser me devem,
 Tam louco algum houvesse, e tam iugrato,
 Que combater ousasse meus projectos!
 Mas o Tempo, que a todos desengana,
 Me mostrou quanto errava, e quam perdidos
 São, com ingratos, grandes beneficios!
 Este enorme attentado merecia
 • Um castigo exemplar; mas a Clemencia,
 Companheira fiel do meu Imperio,
 A espada me suspende, na esperança
 Da prompta emenda.»

Aqui fitandô os olhos

Na pallida e confusa Senhoria,
 D'esta sorte prosegue em seu discurso:
 « É pois minha vontade, ordeno, e mando,
 Sob pena de incorrer no desagrado
 De meu real favor, de abrir os olhos
 Do Mundo fascinado, e de mostrar-lhe

Que nada teem de real vossas Pessoas,
Que todas são phantasticas chimeras :
Que nenhum dê vós-outros se entremetta .
No famoso litigio, que hoje corre
Entre o Bispo, e Deão da igreja d'Elvas. »
Severo, isto dizendo, se retira,
Deixando a todos tristes e confusos.

Mas a vã Senhoria, que conhece
A quem as ameaças s'eucaminham,
Vendo, per este modo, as mãos atadas,
Para seguir o empenho começado;
A carpir, se retira n'um deserto,
Sua grande desgraça, envergonhada.

Entretanto o Deão confuso, afficto
Passava as horas, na memória tendo
Do lardeado Gallo o infausto annúncio.
Pouco e pouco, a cruel Melancolia
O devora, e consome; não graceja,
Como d'antes usava, có' a família :
Mas, em seus pensamentos abysmado,
Comia pouco, pouco repousava;
Não joga; nem café, nem cha bebia.
No pico d'um rochedo solitario,
Entre as trevas da noite carregada,
Tam lugubre gemer, de quando em quando,
O feio e ronco Mocho não se escuta,

Como o pobre gemia, retirado
No escuro canto d'uma uua sala.

Então a zelosa Ama, a quem penetra
Do afficto Patrão a grave pena,
Um dia lhe fallou, per esta fórma :
—«Que tem, Senhor Deão? que mágoa é essa,
Que tam mudado o traz do que antes era?
Mal haja quem lhe dá tanto cuidado!
Essa cara, Senhor, que n'outro tempo,
Era cara de Paschoas, tam alegre,
Tam gorda e reverenda, tam affabil,
(Até para os seus Servos) tam mudada
Está do que ja foi, que hoje parece
Uma cara de angustias! Não socega;
Mas em triste silencio sepultado,
Nem toma o seu café, nem joga o Whist!
Supponho que lhe deram mal-de-olhado!
Ah! se esse fôr seu mal, prompto remédio
Em mim encontrará; pois do quebranto
Sei benzer, e curar per mil maneiras :
Porém, se a causa é outra, não m'a occulte;
Que talvez lh'eu descubra algum allívio :
Pois, mil vezes, na planta desprezada,
Está de grave enfermidade a cura. »

— « Ama (diz o Deão) para que é tonta?
Per ventura não sabe o gran'litigio,

Que trago com o Bispo ; em que meu brio,
O meu ser, minha glória se interessam?
Não se lembra tambem do infausto agouro
Do lardeado Gallo? Que mais causa,
Em mim pretende pois, de viver friste?
Oh! se os Astros crueis teem ordenado
Que eu a demanda perca, derepente
Me verá estalar sem frio, ou febre,
Entre as barbaras mãos d'este desgôsto.»

— « Senhor Deão (replica então a Ama)
Se da sua tristeza é essa a causa,
Tem por certo razão para affligir-se ;
Suppôsto, que não é o mal tam grande,
Que não pôssa remédio ter ainda.

Na minha mocidade, instituída
Fui nas artes da Madre Celestina,
Pela velha Canidia ; muito tracto
Tive então com o sabio Abracadabro (1),
Famoso Incantador, que ainda vive,
Não longe d'este sítio, n'uma grutta.
Este estupendo Magico conhece
Das pedras, e das plantas as mais raras,
As occultas virtudes ; sabe a lingua
Das aves, e animaes ; com seus conjuros
Muda as louras searas ; sôbre a terra,
Mil vezes, faz descer trovões, e raios ;

Arranca do alto Ceo a branca Lma ;
Em negro Urso , mil vezes , se converte ,
Mil em Lobo-Cerval , e mil em Touro :
Este pois mudar póde do Destino
As leis , e a natureza ; e mentiroso
Tornar (se lhe parece) o triste agouro
Do diabolico Gallo. A consultal-o ,
Se fôr do seu agrado , iremos ambos. »

Disse : e o Deão suspenso largo espaço ,
Sem saber resolver-se , mudo fica.
Umás vezes se anima , outras receia
Do Magico feroz o horrendo aspecto.
Não de outra sorte está carvalho annoso ,
Que emtórno , pelo pe , sendo cortado ,
Pendente d'um so fio , com a quéda
Cem partes ameaça , e a verde copa
A nenhuma , por longo tempo , inclina .

Finalmente , o desejo da victória
Vence o frio temor. Tanto em seu peito
Póde a Raiva , póde a cruel Vingança !
Dando um grande gemido , estas palavras
Do mais íntimo d'alma afficto arranca :
— « Vamos , Ama , buscar o grande Sabio ;
E veremos se tem meu mal remédio. »

Era alta noite , e a terra esclarecia ,

Com duvidosa luz, a branca Laa;
Quando o Deão, pela Ama conduzido,
A um monturo se foi, onde ambos junctos
Se despem promptamente, e untando o corpo
Com sangue de Morcego, e de Toupeira,
Sóbre sordidas pennas se espojaram.
Então o corpo todo agita, e move
Com medonhos esgares, e rosmando
Em baixo som, per entre os podres dentes,
Certas palavras a espantosa Velha,
Ao farfante Deão diz açodada:
— «Voemos.» — E n'um ponto (cousa rara!
E que igual nunca fez Juan de las Vinhas)
Pelos ares voaram livremente,
Procurando do Archimago a morada.

De Alcáçova o Prior, homem vexado
De nocturnas visões, que então á casa,
Do Nunes Bacchanal em companhia,
D'um puxativo escalda se tornava (2),
Vendo alçar-se da terra os negros vultos,
Arranca da brilhante Durindana,
E o capote traçando, velozmente,
Põe-se no recto, parte, atira um furo,
Faz pe atrás; mas tropeçando acaso
N'um Podengo, que á fôrça de pedradas,
Os travessos rapazes tinham morto,
De costas se estendeu na dura terra,

Coberto de vergonha, stérco, e lama.
Então mais furioso se levanta,
E c'um golpe mortal a partir torna.
O Pejo, e o Furor lhe dobra as fôrças :
Berra, salta, esconjura, põe preceitos,
Sem descançar, talhando os subtis ventos;
Mas tudo em vão; que leves e seguros,
Nadando pelos ares, se sumiram
Os novos Anthropógriphos nas nuvens.

Tu so, n'esta aventura, infeliz Nunes,
Provaste a furia do pesado braço;
Pois, ao vibrar um talho o Dom Quichote,
Co'o rabo te chegou da rija espada,
Pregando-te um gilvaz pelos focinhos,
Com que em duas te fez a aguda barba.

Nas entranhas d'um monte solitario,
Que entre as nuvens esconde a calva fronte,
Assiste Abracadabro, a quem patentes
Os profundos mysterios da Cabala,
E todas as leis são da Onomania (3).
Mil globos, mil compassos, mil quadrantes
Confusos jazem no sombrio albergue :
Alli Betyles ha, ha Chelonites,
Corações de Toupeiras, ha entranhas
De vãos Camaleões, ha pedras-d'ara,
E magicos espelhos; ha cabêças

De mortos animaes , Lameiras Virgens ,
Hypómanes , Mandrágoras , e outras hervas ,
Á luz colhidas da nascente Lua
Nas campinas do Ponto , e da Thessalia.

Aqui Ama , e Deão descem , a tempo
Que , á mal-accessa luz d'uma lanterna ,
Um Talisman o Magico compunha.

— Ao feio aspecto do fatal hospicio ,
As carnes ao Deão se arripiaram.
Começa a vacillar ; mas a malvada ,
Velha Bruxa o segura , alenta , anima.
Entram pois onde o Sabio trabalhava ;
E prostrada per terra , a vil Carcassa ,
D'esta fórma , o silencio interrompia :
— « Famoso Abracadabro , a cuja illustre
Alta sciencia os Fados concederam
Dominar Elementos , e Planetas ,
Este , que vês (eu creio , o não ignoras)
É o nobre Deão da Igreja d'Elvas.
Pelo arrogante Bispo perseguido ,
Do teu grande podêr se chega ás abas :
Com o gordo Prelado , e seu Cabido
Uma demanda traz ; para vencel-a ,
Tuas artes procura . Ah ! se algum dia ,
Com teu alto favor , benigno honraste
Esta Serva fiel ; per elle mesmo ,

A teus pés humilhada, hoje te peço,
 Que o queiras amparar; elle o merece
 Por triste e desvalido; e pelo grande
 E profundo respeito, que tributa
 A teu alto saber, ás tuas barbas. »

— Aqui o Velho Magico lhe torna :
 « Nada do que tu dizes me é occulto;
 E por elle, e por ti provar intento
 Quanto minha arte póde. »

Isto dizendo,

Todos tres se saíram da caverna,
 E á mal-distincta luz da frouxa Lua,
 Sobre a rasa campina, Abracadabro,
 Com uma curta vara, quatro linhas
 De circulos pequenos logo traça :
 A estas linhas juncta tres fileiras
 De outras, iguaes em tudo, quatro linhas ;
 E entre si alguns circulos unindo,
 D'elles várias figuras prompto fórma :
 Umas se chamam Mães, as outras Filhas,
 Testemunhas, e Arbitros : isto feito,
 Diversas hervas queima, e murmurando
 Tres vezes, ao redor, certas palavras,
 Começou a tremer toda a montanha :
 Cem espantosas Feras, cem Serpentes
 Se ouvem bramir, silvar ao mesmo tempo.

Então na frente do Deão pellado,

Os cabellos, que ainda lhe restavam,
 Em espetos se tornam; pelas veias
 Subitamente o sangue se lhe gela.
 Mas quando viu sair da rude furna,
 Horrendamente uivando, um Cão medonho,
 De negro spesso retorcido pêllo,
 Que lança pelos olhos triste fogo,
 E chegar-se do Magico ás orelhas,
 De todo perde a côr, o alento perde :
 Tres vezes quiz fugir, e tres o mêdo
 Os passos lhe embargou ; immobil fica ,
 E semi-vivo respirar não póde.

Passado finalmente um breve espaço ,
 Com horrendo fragor, se abre a terra ,
 É crepitantes chammas vomitando ,
 Em seu ardente seio o Monstro esconde.

—Então , deixando o Bruxo o fero incanto,
 Para o Deão se vólta, e n'estes termos,
 Com feia catadura lhe responde :
 « Emfim não ha remédio : nada podem
 Co'o Fado inexorabil meus conjuros :
 Nos duros diamantes tem escripto
 Que a lide perderás. »

A estas vozes
 Todo o valor cedeu do heroico Lara :
 Começou a tremer, e sôbre a terra,
 Sem alentos caíu, e sem sentidôs.

Sóbre elle se debruça a torpe Velha,
 Chorando amargamente. Abracadabro
 Á grutta corre, d'onde, compassivo,
 Trazendo um negro frasco, todo cheio
 D'um spiritu vital, lh'o arruma ás ventas.
 Então um gran'suspiro derramando,
 O Deão abre os olhos, e começa
 A cobrar os alentos, que perdera.

— Por largo espaço, o deixa o Nigromante
 Repousar em descanso, até que ao vél-o,
 De todo, do desmaio recobrado,
 Com mofa, e compaixão, assim lhe falla:

« Não cuidei, que tam pouco esforço tinhas,
 Priguiçoso Deão, imbelle e fraco;
 Que uma sentença, contra ti vibrada,
 Te fizesse perder de todo o alento:
 Mas es Conego emfim, e tanto basta!
 Ignoras tu acaso, que as desgraças
 Pedras-de-toque são, onde os quilates
 Das grandes almas sempre resplandecem?
 De mais, que os duros Fados tam injustos
 Não são para contigo, que vingança
 A teus grandes agravos não permittam. »

— Ao echo da vingança, o antigo esforço
 Cobra o pallido Lara; e alvoroçado
 Esta pergunta faz ao Velho Bruxo:

— « E que vingança é essa, Abracadabro,
Que o Fado me promette? »

— Então o Sabio,
Com severo semblante, lhe responde :

« Virá a succeder-te no Deado
Um novo Heroe da tua mesma raça.
Este, sendo tambem indignamente
Pelo orgulhoso Bispo injuriado,
Por que á porta recusa do Cabido
Ir, como tu, a off'recer o Hyssope;
Para em salvo se pôr de seus insultos,
Deixando (sabiamente aconselhado)
De venaes Magistrados o recurso,
Refugio buscará nas sanctas Aras
Onde Themis preside, e firme asylo
Acham contra a violencia os opprimidos.

Os Ministros da Deusa que zelosos
De seu altar, e culto, attentos seguem
As pizadas do Principe famoso
(Que dando ao Sacerdocio, ao Sceptro dando
O que é do Sacerdocio, o que é do Sceptro,
Tem de ambos os poderes felizmente
As sagradas balizas assignado)
E defendem, com prompta vigilancia,
Da Real Jurisdicção os justos termos;
Ao Bispo mandarão per seu Decreto,
Que a razão d'este excesso logo assigne.

Á fatal vista do imprevisto golpe,
 Ficando muito afflicto o bom Prelado,
 Com fraqueza a mais vil, dolosamente,
 (Accção bem digna so d'um home' indigno!)
 Do livro mandará riscar as mulctas;
 Negará têl-as feito, e negaria,
 Se necessario fôsse, o mesmo Christo.
 Então desistirá, cheio de mêdo,
 Da pretendida posse, e seus direitos:
 E a pelle convertendo, na apparencia,
 De fero Lobo se fará Cordeiro. — »

Disse : e o Deão, de onvil-o satisfeito,
 Mil graças dava aos Fados, dava ao Sabio,
 Mil á Velha, que a vél-o o conduzira.

Já a Aurora, deixando enfastiada
 Do potroso Titão o frio leito,
 Sôbre o carro, d'aljofres guarnecido,
 Com um mólho de rosas excitava
 Ao veloz curso as remendadas Pias (4),
 Que os freios mastigando de diamante,
 Per olhos, e per ventas scintillavam
 Tremulos raios, que de luz cobriam
 Os longo-apavonados horizontes :
 Quando a Velha, e o Deão, ambos deixando
 O grande Abracadabro, e sua grutta,
 A descancar da longa ameijoada,

Para casa velozes se partiram.

Era ja alto dia , e retumbava ,
Em alegres repiques , Elvas toda ;
Quando o Deão acorda ao grande ruido ,
E chamando os Criados , lhes pergunta ,
Qual do grande zão-zão era o motivo .
Então o Cuzinheiro , debulhado
Em lagrymas , lhe conta « que a noticia
De ter vencido o Bispo o grande pleito
Que trazia com sua Senhoria ,
Tinha , ha pouco , chegado per um Proprio :
Que em todas as Igrejas não havia
Sino grande , matraca , ou campainha
Que , em signal de prazer , se não tocasse . »

Acabou o bom Servo a triste arenga ,
De seu peito exhalando um gran'soluço :
Mas sua Senhoria consolado
Da futura vingança com a imagem ,
Sem alterar-se , ouviu a infeliz nova .



Notas.

CANTO I.

(1) Boileau Despréaux (Nicolaus), celebre Poeta satyrico francez. Invoca - o Diniz, em razão d'elle ter composto o Poema heroi-comico intitulado: — *A Estante-do-Côro.*



(2) Epicuro, philosopho grego; designou, na palavra *intermundios*, os espaços existentes entre os astros. É n'um d'esses espaços, que Diniz colloca o imperio do Genio tutelar das Bagatellas.



(3) Solipsos. — Melchior Inchofer, jesuita allemão, inventou este vocabulo para indicar os Padres da Companhia-de-Jesu.



(4) Segures. — Certas composições mui tolas,

em que as prosas, ou alcunhados versos tomavam a fórma d'uma *segure*, ou machado, etc.



(5) Nação castrada. — Os Italianos.



(6) Anticyra. — Ilha famosa antiguamente, por dar o *helleboro*, o qual (segundo era fama) restituía o siso ás pessoas, que o perdiam.



(7) É a *Cabala* uma loucura, que (sob o nome de sciencia) tem salteiado, em differentes epochas, o infeliz genero humano.



(8) *Martin*. — Torneiro parizino, nomeado então pelo bello verniz com que aformoseava as caixas-de-tabaco, e outros trastes, que fazia.



(9) *Averno*. — Lago da Campania, perto de Bayas: era tam fetido, outrora, pelas muitas árvores, que o cercavam, que as aves fugiam d'elle. Toma-se commumente polo Inferno.



CANTO II.

(1) Rhodope.—Monte de Tracia altissimo, e coberto de neve.



(2) Pythonissa. — Sacerdotiza d'Apollo : proferia seus oraculos em Delphos, no Templo do dicto deus. Sentava-se em uma tripode coberta co'a pelle da Serpente Python. Assim que queria pre-dizer o futuro, entrava em furor; soltava vozes mal-articuladas; e, agitando-se horriavelmente, avocava (quando lhe bem aprazia) os manes dos Mortos.

CANTO III.

(1) A Roda-da-fortuna, e Crystaes-d'alma, etc. — Allude este verso a dous dos muitos livros *mystico-moraes*, de que a litteratura portugueza abunda, em desdouro do bom siso, da sã moral, e até da religião christã. Aos Jesuítas, e á sua eschola é que devemos essa praga.

Francisco Mannel disse : « Quem não leu *Crystaes-d'alma*? Quem não leu Poetas, que chamam *serpe-de-crystal* o mais desmazelado ribeiro? »

CANTO IV.

(1) Bósphoro-Cimmerio. — Estreito situado na costa do Reino de Napoles juncto a Bayas.

CANTO V.

(1) Se tractam de *Monsieurs* os Portuguezes, etc. — Dous petimetres de buço amoladinho, trunfa a *la titus*, brinco na orelha, etc., etc., etc., tendo sido convidados per outros da mesma tèmpera a verem certa procissão em Lisboa, alugam uma sege, partem á desfilada, chegam defronte da casa onde os outros consocios ja os aguardavam á janella; e sem lhe darem tempo de se apear, gritam -lhe mui despejados : — « *Entrez, entrez, Messieurs.* » Os dous ouvindo estas vozes, e vendo que a porta da rua não estava aberta, respondem-lhe balbuciando : « *Mais...mais... a porta é feché.* »



(2) *Pascasio*, tem n'este logar a accepção de rematado tolo.



(3) O doctor Escoto floresceu no principio do XIV^o seculo, e morreu em Colonia no anno de 1308.

Rodrigo Bacon nasceu em 1214 no Condado de Sommerset, em Inglaterra; attribuem-lhe a invenção da polvora, e outros productos chymicos.

Raimundo Lullo viu a luz em 1235 na cidade de Palma, Capital da ilha de Maiorca. Escreveu infindas Obras em estylo cabalístico.



(4) Phrases gallicanas, etc. — Francisco Manuel, imitando a Diniz, tambem zurziu co'a vergalhada da satyra os cultivadores, e entusiastas da lingua-gem gallo-lusa. Eis como se elle exprime :

« Muitos dos que hoje escrevem francezeam ;
Muitos, que nada escrevem francezeam.

Francezear em lingua portugueza

Se atrevem quatro tolos vangloriosos

D'uns laivos, que pozeram mal-assentes

Na face maternal, que se envergonha.

Se não soffre um Francez ; se ri, se zomba

De quem com arrogancia, ou com desprezo

Do presente fallar, classico e puro.

Estraga a lingua com fallar mestiço ;

Como soffremos, seja franco a um biltre,

Que ignora os livros dos Auctores lusos,

Nos metta á queima-roupa, muito ufano

Contrabando francez ? »



(5) Certa Madama, vendo este grande pleito das tres Deusas representado n'um painel, perguntou a um Padre-prégador « o que significavam aquellas tres figuras nuas, e o tal Marmanjo co'a maçã na mão? » — Sua Reverencia (depois de ter parafusado um pouco) respondeu: — « que o Pastor era o Dragão, que com o pomo enganara Eva no Paraíso, que... » « — Mas (replicou a Dama) Eva era uma so, e não tres. » — O Padre embatucou; porém logo, com cara de Frade retorquiu: — « O Pintor figurou n'esse ratabulo Eva antes do peccado, Eva no peccado, e Eva depois do peccado; e assim as tres Evas formam so uma. São pontos da Escripura, que Mulheres não devem esquadri-nhar. »



(6) O philosopho Apuleio viveu sob o imperio dos Antoninos: era Africano. Compoz a fabula, ou metamorphose, a que deu nome de *Asno-de-ouro*.



(7) Peralvilho, ou o *Amante desgraciado* é assumpto d'uma engraçadissima novella, que se acha (se não me engano) em um dos tomos da Constante Florida.



(8) Potosí. — Cidade, e Provincia assim cha-

mada no Reino do Perú. Abunda em minas de prata.

CANTO VI.

(1) Um fidalgo, da familia dos Menezes, tinha a mau agouro ver bater alguem sola contra sola dous sapatos. Vinha-lhe logo á lembrança a desastrosa morte do Principe D. Afonso, em Sanctarem; o qual acabara arrebetado debaixo do próprio Cavallo, em que ía; visto ter-se este espantado ao estrondo, que um Homem fez, batendo dous sapatos, quando o Principe passava.



(2) Tamerlão foi Imperador dos Tartaros e famigerado conquistador: alcançou muitas victorias dos Persas; aprisionou Bajazeto I, Imperador dos Turcos, em uma grand. batalha na qual este ficou vencido. Tamerlão mandou-o metter n'uma gaiolade-ferro.

CANTO VII.

(1) *Pae-velho*. — Gaspar Pinto Correia escreveu commentarios aos livros de Horacio, segundo a ordem litteral, illustrados depois com notas mais copiosas, tres partes em quarto, e repetidas vezes impressos. Eis os commentos, que vulgarmente se chamam nas aulas os *Paes-velhos*. — Francisco Manuel disse ácerca d'esta Obra, o seguinte :

« *Pae-velho*, chamavam, no meu tempo d'estudante, uma versão litteral, que se apprendia de cór, para fazer o exame; e que (segundo meu parecer) era a respeito do exame de Latim, o que a respeito do exame de Moral, era o *Larraga*. »



(2) *Dom Félix*, e o *Caturra*. — Bobos mui celebrados no seu tempo.



(3) *Gagé*. — Palavra, que denota uma Menina, ou Senhora esbelta e d'airoso menceio.



(4) O philosopho grego *Xenophonte* (além d'ou-

tras muitas Obras) escreveu um Tractado sobre o *regimen caseiro*.



(5) É a vara rubra, ou vermelha, em Portugal, o symbolo das jurisdicções, ou justicas-ordinarias.



(6) *Zamperini*. — Comica e cantora veneziana. Representou muito tempo no Theatro de San' Carlos, em Lisboa.



(7) Gatos de ferro. — Allude aqui o Poeta ao logro, em que caiu, em Portugal, certa Corporação religiosa; a qual chamando um Charlatão para lhe soldar um sino rachado, o dicto Charlatão, depois d'exigir d'ella alguns marcos de prata para a tal solda, desapareceu com a prata, e algum dinheiro, que recebera adiantado.



(8) *Sphinge*. — Monstro thebano: pintan-o com cabeça, mãos de Donzella, corpo de Cão, cauda de Drago, e com unhas e azas. Vigiava sôbre um penhasco, na orla da estrada, do qual propunha enigmas aos Viandantes: se estes os não decifra-

vam, morriam nas garras da Sphinge. OEdipo explicando o enigma, que esse Monstro lhe propoz, fez com que elle, desesperado, se precipitasse do rochedo, e exhalasse a vida na quédra.



(9) Que dos Touros, etc. — Um Theologo dizia a certo Rei :

Touros, Touros, Senhor, nunca Theatro
 Onde o Démo, com vistas, a alma encrava :
 Para os Homens, no côrro ba menos mal;
 Por tres, que o Touro estripa, ao muito quatro!



(10) Regios desposorios. — Foram os do Senhor D. João com a Senhora D. Carlota Joaquina.



(11) Bougia. — Vêla de cera-fina.

CANTO VIII.

(1) Diniz pessoalisou o talisman *Abracadabra* em Magico, ou Bruxo. A dicta palavra (segundo

osembusteiros) tem a virtude de curar febres, etc., e d'obstar á mesma morte.



(2) *Escalda*. — Palavra alentejana, significa iguaria apimentada, ou para melhor dizer as iscas de figado frito, que provocam, aos que as comem, a regar frequentemente os gorgomilos com o sumo de Baccho.



(3) *Onomárfia*. — Arte de adivinhar per nomes, ou palavras.



(4) Chama-se *Pia*, em termos de *Caudelaria* o Cavallo malhado de preto e branco.



O REINO
DA ESTUPIDEZ,

POEMA HEROI-COMICO-SATYRICO
EM QUATRO CANTOS;

DE ***

Hæc miscere nefas.
PERSIO.

Prologo.

VAI ó Poema! não digo discorrer, pelo Universo, porque sei que estás escripto em Portuguez; mas ao menos corre as mãos de todos esses que compoem a Universidade. Eu te vaticino desde ja uma desgraçada sorte: serás praguejado, e per muitos reduzido a cinzas, que irão até lançar-te no Mondego, como cousa contagiosa. Não esmoreças, que entre esses alguns haverá, ainda que poucos, que folguem de ver a verdade com os seus proprios vestidos: não receies penetrar os mesmos claustros: ahí é que te prognostico os maiores desprezos: soffre com paciencia, que o teu fim é so de fazer ver a verdade: affirma pois a esses

homens, que o teu Auctor venera os seus sanctos Instituidores; que so desejara, que aquelles que se prezam de ser seus filhos, fossem vivas copias suas; porque então não chegariam a muitas duzias em Portugal. Dize-lhes que o que mais o afflige, é ver, que os que per voto devem ser pobres, humildes e castos, são os mais regalados, suberbos e libidinosos, a quem custa muito cumprir os votos, que fazem. Pergunta-lhes, como será possibil ver de sangue-frio a um Monge, a um pobre de Jesu-Christo, robusto, gordo, e capaz de vender saúde, ás costas de dous pobres homens pela Couraçados-Apostolos acima até o Patio-das-Artes? Dize-lhes, que bem sabes, que este é o Mestre d'Hebraico o Sr D. João de Tal.

Irás ter ás mãos de muitos, que te censurem de pouco verdadeiro; porque hoje a Universidade está em seu auge, e esplendor: dir-te-hão, que para dizer tanto, é preciso, ou não ter noticia da reforma, ou ser maldizente per officio: a

estes taes pede a resolução do seguinte problema. Achava-se um homem nas trevas sepultado no mais profundo somno, rodeiavan-o per todos os lados mil perigos, e despenhadeiros; compadecido outro do miseravel estado em que se achava aquelle desgraçado, foi despertal-o para o pôr fóra dos perigos, que o cercavam: tinha ja o bemfeitor dado alguns passos; mas derepente lhe falta a vista, e fica o infeliz ainda nas trevas acordado sem guia, caminhando de precipicio em precipicio. Pergunta-lhes pois, quando era mais desgraçado este homem, se no tempo em que estava engolphado em seu lethargo, se quando se via acordado, so, e nas trevas? Não te cances em fazer-lhes a applicação, que é manifesta; dize somente, que o fructo, que d'aqui levam os Legistas, é a pedanteria, a vaidade, e a indisposição de jamais saberem: enfarinhados unicamente em quatro petas de Direito-romano, não sabem nem o Direito-patrio, nem o publico, nem o das Gentes, nem Política, nem Commércio,

finalmente , nada util. Que os Canonistas saiem d'aqui com o cerebro intumecido com tanto Direito de Graciano, sem critica , sem methodo, engolindo , com alguns verdadeiros, immensos Canones apocryphos ; dando ao Papa a torto e a direito poderes , que lhe não competem per titulo nenhum , e esbulhando os Rêis dos que per Direito da Monarchia lhes são devidos. Com estes não te abras mais , e acrecenta so , que é melhor morar em uma casa vasia , dô que n' uma cheia de trastes velhos e desconcertados , onde reina a desordem , a confusão , e a immundicia. Deves porê m confessar , que a Refórma trouxe á Universidade as Sciencias-naturaes , que na verdade tiveram , e teem ainda alguns Mestres dignos de tal nome ; mas que estes ficam tam submergidos pela materialidade dos Compãheiros , que fazem a maior porção , que para os distinguir é preciso ter vista bem perspicaz ; tanto reina ainda aqui mesmo a Estupidez ! Adverte emfim , que não reparem em não fazeres menção dos Senho-

res Theologos , devendo ser os primeiros ,
porque *ex fructibus eorum cognoscetis*
eos : S. Matheus , cap. I. , e invertendo :
ex illis cognoscetis fructus eorum. O
Ceo te leve a mãos , que te não deem
lôgo tyranno garrote antes de seres lido
per algum que te propague. *Si Musa*
vetat , facit indignatio versum.



.....

O REINO

Da Estupidez.

CANTO PRIMEIRO.

Não canto aquelle Heroe pio e valente,
Que depois de ter visto a cara Patria
A cinzas reduzida, e campo vasto,
Mil p'rigos contrastando um clima busca,
Aonde com os seus, ditoso seja.
A molle Estupidez cantar pretendo,
Que distante da Europa desterrada
Na Lusitania vem fundar seu Reino.
Dicta-me, ó Musa! que eu não posso tanto,
Os nobres feitos, e diversos casos,
Que a esta grande empresa acompanharam.
Um feio Monstro de cruel figura,
Desgrenhados cabellos, olhos vesgos,
Disforme ventre, circular semblante

148 O REINO DA ESTUPIDEZ.

Da lugubre caverna, aonde jazia,
Bocejando saiu, e longo tempo
Nas visinhas montanhas reparando,
Estas vozes soltou de mágoa cheia :
« É possibil, que sendo venerada
Em outro tempo pela Europa toda,
Hoje aqui viva sem domínio, ou mando,
N'estas brenhas incultas desterrada?
É possibil, qu'a Deusa, que usurpara
De Sábia o nome, e ser de Jove filha,
Dos meus vastos dominios m'expellisse,
E haja sôbre o meu, pôsto o seu throno!
(Deixar esta inaccção, um dia, quero)
Não ha-de ser assim! essa tyranna
Ha-de ver uma vez, o quanto posso. »
A fria Estupidez accessa em ira,
Tanto jamais se viu; ao reino escuro,
Aonde mora a macilenta Inveja,
Co' a furiosa e vingadora Raiva,
Quanto lhe soffre a natural inercia,
Ligeiramente marcha. — « Ó fortes Densas!
(Soluçando lhes diz) se tantas vezes
Em taes empresas ja me soccorrestes,
Não podereis deixar tambem agora
De dar-me a mão em tam afflicto caso.
A suberba Minerva injustamente
Depois de meus dominios ter roubado,
(Dominios, que na Europa tanto prézo)

Por cúmulo de mal, em feias selvas
De ninguem habitadas, me desterra. »

O fero coração das negras Furias,
(Por ser causa commum) enterneceram
Da molle Estupidez as brandas queixas :
— « Deixai, amiga Irmã, somente dizem ;
Vinde tambem connosco, e vingaremos
Essa injustiça, que te faz Minerva. »
Em si não se fiando, tambem chamam
O duro Fanatismo, a Hypocrisia,
E tu, Superstição, que tanto podes
Nas credulas Nações, não os deixaste.
Em forte batalhão todas armadas
Os elementos turbam : negra nuvem,
De mil coriscos prenhe, se encaminha
Á parte, d'onde sopra o frio Noto.
A raivosa cohorte alli se encobre ;
Subtis stratagemas alli traça.
Ja França se lhes mostra, e déstramente
Tomando cadaqual sua figura,
Para o combate espreitam util meio.
Então o Fanatismo, que tomara
Um ar sisudo, e marcha compassada,
Vendo reinar somente a Humanidade,
De tristeza, e rancor se despedaça ;
Suas maximas duras assoalha
Ja entre o Povo, ou entre a sábia gente.

Em vão é trabalhar (com riso, e mofa
A porção mais sensata lhe responde)
Mas o povo uma vez entre apupadas
Pelas ruas o corre duramente,
Qual o Cão, que damnado se presume.
Da vil Superstição, da Hypocrisia
Mais effeito os trabalhos não produzem;
Reinam a seu pezar a singeleza
Nos costumes, candura, e são verdade.
Minerva, que o ardil não desconhece,
Nos animos infunde novas luzes;
Luzes, que dissipando a fusca névoa
Com que a recta razão manchada fica,
Com proprias côres a verdade pinta.
Da gallica Nação ligeira e docta,
Mil pragas vomitando, fogem todas.
Iradas ainda mais ligeiras buscam
A britannica Gente : ataques novos
Em conselho alli poem, ferve de novo
Nos bravos corações rancor funesto;
Fulminam tudo; a toda a parte correm.
Mas qu'importa, se a ti, profundo Povo,
Brilhantes apparencias nunca illudem;
Se per entre a verdade, e falso buscas
Manifesta divisa, e so descanças,
Quando das cousas tens a sã medúlla!
Desesperam d'alli as Furias logo;
Voam, não fogem, d'esta Gente clara,

A que intractavel e ferina chamam.
Vão discorrendo pelo frio Norte,
Aqui, alli, novos combates dando.
A Deusa tutelar vendo com susto,
Que alguns dos seus a vacillar começam,
Que se deixam levar dos vis enganos,
Convoca em continente um gran' Congresso
D'aquelles que sustentam fortemente
O seu brilhante e majestoso throno.

— « Alumnos meus; mas não, não disse tudo,
(A fallar principia d'esta sorte)
Amados filhos, que da infancia tenho
A meus peitos nutrido, e com desvelo,
A vós, a vossos paes tenho livrado
Da vil escravidão, em que os tivera
A frouxa Estupidez ja n'outro tempo;
Sabereis qu'este Monstro bafejado
De muitas Furias, que tornar lhe juram
Seus antiguos dominios, disfarçado
Armando laços, entre vós passeia :
Ao vosso lado noite, e dia vélo;
Mas de modo teem sido os seus encontros,
Que entre vós sinto alguns ja titubantes;
Que mágoa a minha, que pezar não fóra,
Se em triste captiveiro ainda vos visse,
Comigo ingratos, para vós tyrannos !
Ao Leão rugidor, qu'emtórno gyra,

Constantes resisti. As almas fortes
 Com phantasticas fórmas não sossobram.
 Qual déstro Capitão, que descortina
 Ardilosas ciladas do Inimigo,
 Na vossa frente pelejando marchou :
 Victória conseguiu ja d'elle a França,
 Outro tanto tem feito a Gente ingleza.

Com estas vozes tal esforço inspira
 Nos vacillantes peitos, que ligados
 Um corpo fazem, como nunca, firme.
 De novo as Furias seus ardis empenham,
 Multiplicam combates, dobram fôrças;
 Mas a sábia cohorte a peito aberto
 Sem p'riço alcança a vencedora palma.
 Qual annoso carvalho, cujos ramos
 Tauto procuram as cinzentas nuvens,
 Quanto as raizes vão minando a terra,
 Despreza immobil a sobeja furia
 Dos ventos zunidores, que o combatem :
 Vendo sem fructo o seu trabalho as Furias,
 A certo aceno se congregam todas
 Em occulto logar, aonde so moram
 As negras sombras da tristonha noite:
 A Raiva então, de cujos vesgos olhos
 Scintilla o ódio, e a cruel vingança,
 Assim ás outras falla em tom irado :

— « Será possibil, qu'um podêr tam forte,

Qual é o vosso, e qual o meu conheço,
Em nada pare? que nenbum effeito
Haja destas fadigas resultado? »
Ao lado chora, sem dizer palavra,
Afflicta a Estupidez, e largo espaço
Aguda mágoa põe na lingua freio.
Senão quando, depois de feita a venia,
D'este modo começa o Fanatismo :

— « A vosso, e meu pezar ja tendes visto
Que suamos em vão; Minerva impera
Nos duros peitos d'esta Gente infame :
Deixemos pois estes gelados climas,
Bem digna habitação de taes cabêças :
D'aqui fuçamos para o Meio-dia,
Paiz de toda a Europa o mais ditoso :
Aqui mais resistencia não teremos;
O Povo habitador d'este terreno
A pezar dos passados contratempos
A meu mando viveu sempre sujeito.
Não chores, cara Irmã; o teu Imperio,
(Segundo creio) la verás fundado.
Fugir, fugir d'esta inimiga terra. »
Todas a uma voz promptas concordam:
Da fria região logo desertam ;
E sôbre as azas dos ligeiros ventos
As amenas Hespanhas vão buscando.



.....

O REINO

Da Estupidez.

CANTO SEGUNDO.

ERA alta noite, e o enregelado Hivero
Ja começava a sacudir as azas,
Que ao sereno gottejam frio orvalho;
Dormia tudo, e so nas êrmas ruas
Errantes Cães ladrando se encontravam :
Foi então que a Lisboa rica e vasta
Em segredo baixou o bando infame.
Se á suberba Madrid primeiro iriam,
Hesitaram, em quanto o Fanatismo
Não decidira, que no luso Reino,
Como mais certo, começar deviam.
Per accôrdo commum assentam todas
Que aos publicos logares com disfarce
Ir sem demora devem, p'ra que espreitem,

Que diz o Vulgo, que censura o Sabio.
 Uns, que murmuram no actual Governó,
 Que louvam outros : d'esta sorte podem
 Cair melhor, no que fazer se deve.
 Dispersas pelas Praças vão notando
 As prácticas diversas, a que assistem,
 Não so ouvindo ; mas também seu voto,
 (Como a bem lhes fazia) declarando.
 Não deixam sem visita parte alguma ;
 De fórmãs differentes se revestem
 Ja d'Homem, de Mulher, de Môço, ou Velho,
 De Casquilho, de Frade, ou de Jarreta,
 Segundo julgam, que requer o caso.
 N'esta pesquisa muitos dias andam,
 Até que chega o desejado instante,
 Em que haviam proposto, se ajunctassem,
 Para em pleno-Conselho darem conta,
 Do que ouviram dizer, do que fizeram.

Em occulto logar, que não perturbam,
 Nem o tropel dos anafados Machos,
 Nem das velozes rodas o ruído,
 E nem do Povo o baralhado tracto ;
 Logar, que fica além do claro Tejo,
 As vagas sentinellas se congregam.
 Duvidam entre si qual d'ellas ha-de
 Dar primeiro razão, do que passara :
 Da sua parte cadaqual recusa ;

Mas nisto a Raiva impaciente falla :

—«Não noteis Companheiras, qu' eu primeiro
Tome mão da palavra, serei breve :
Nem deve para nós haver cer'monia.
Per mil sitios andei ; andei de noite,
Assisti uma vez a um caso grande:
Era um Cadete de figura esbelta
Que diziam ser filho de tal Conde ,
Vestido muito bem de ponto em branco ;
Uma espada tremenda tinha á cinta,
Toda de prata sem-senão lavrada :
Para mais casquilhar como soldado ,
Nem da guerra sabia a menor cousa ;
Porém de namorar todos os modos
Manejava melhor-que o seu florête ,
Em que muitos progressos tinha feito :
Na Assembleia passava as noites todas,
E n'ella com respeito era escutado.
Assentava com sigo , que nos olhos
Trazer devia as settas de Cupido ;
Pois para requestar qualquer Senhora ,
Não precisava mais , que pôr-lhe a vista.
Encontra per acaso um Velho grave
Com a sua familia passeiando ;
A uma filha pelo braço tinha ,
Por bella conhecida , e que trazia ,
Havia tempo ao tal Cadete louco.

Apenas a vislumbra, em tórno gyra.
Um dicto sólta, e outro disfarçado :
Na filha, inquietação o Velho nota ;
No Mancebo repara, e em seus gracejos ;
Diz-lhe, que o deixe, que não seja tolo ;
Que a não serem os annos se vingara.
Do comprido florete tira logo
O bravo Militar enamorado.
Quer defender-se o vacillante Velho,
A dous passos porêr ferido cai.
Acode immensa gente ; mas feroso
Destroça tudo, e impaciente leva
Entre o tumulto a aturdida Mõça.
No fundo do seu peito o Velho geme ;
Ao Ministro se queixa magoado :
Este ao Fidalgo busca, e de bom modo
Propõe-lhe, queira ao Pae levar a filha.
Qual sibilante Cobra, cuja cauda
Pizou o incauto e frouxo caminhante ;
Assim no Militar se accende a ira,
Descompõe o Ministro, e se não foge,
Não voltaria, como foi, inteiro.
Pelo successo espera o Pae afflicto,
Em resposta o Ministro so lhe torna :
Amigo, são Fidalgos, tenho feito
Da minha parte o que fazer podia :
Para os pequenos so as leis teem fôrça.
Folguei de ver esta ousadia, e fogo,

Que nas outras Nações jamais notara.
Vi de noite roubar, tambem de dia.
Uma forte quadrilha de marujos
É quem faz per alli maior fachina :
Nada mêdo lhe põe, zombam da ronda,
Que de vis sapateiros é composta,
E de outros taes, que dormitando levam,
Por espadas, espetos ferrugentos.
Isto vi, Companheiras, e mil casos,
Que não refiro, por não ser extensa. »

Logo a Superstição em pe se põe;
Mas fazendo primeiro mil moñices,
O chão prostrada per tres vezes beija;
Outras tantas rosnando certas cousas,
Faz sôbre o coração quinhentas cruces.
Debaixo da camisa tambem tira
Uma grande almofada, que constava
De muitas orações, muitas reliquias,
Ja contra mal-feitiços, contra a peste,
E muitas contra a tentação da carne.
Beija, e rebeija o venerando Breve;
E com os olhos para o Ceo erguidos,
Com o mesmo se benze immensas vezes.
D'este modo disposta principia
A dar conta fiel do que passara :

— « Tam outro Portugal agora vejo,

Que o mesmo não parece; quem diria
 Que estas pobres Mulheres perseguidas
 Do Dragão infernal (1), em pouco tempo,
 Haviam de encontrar pelos mosteiros
 Prompto soccorro a seus crueis tormentos?
 Mal haja esse Judeu, esse tyranno,
 O Paulo de Carvalho, homem ferino,
 Que ás tristes prohibiu este remedio.
 Ja não é, Camaradas, como outrora.
 Fui aos Frades Capuchos quarta feira :
 Que cousas la não vi edificantes?
 Na Portaria estavam certamente
 Para cima de cem, ou mais Mulheres,
 Humas em convulsões, outras zurrando ;
 Cousa-má na verdade pareciam !
 Apareceu depois um Frade idoso,
 Vinha de estola armado, e pela cara
 Todos diziam que ja era um Sancto.
 Não era d'estes Frades, que capricham
 Em trazer os sapatos de camurça
 Muito amarella, e o calcanhar brunido ;
 Que o cabello penteiam, que arregaçam
 O escovado burel, quando passeiam !
 Este não era assim; de muito estudo
 Via pouco, grandes oculos trazia,
 E tam negligente era em seus habitos,
 Que no peito guardava de simonte
 Mui boa quarta, se não fosse arratel.

Apenas se avistou, umas entraram
A fazer-se em pedaços, outras davam
Horrendos uivos, como Cães famintos.
É dôr do coração ver tal martyrio!
Suspenso esteve o Frade muito tempo,
Para todas olhando; e derepente
Em profundo silencio ficou tudo.
N'um livro entrou a ler, primeiro baixo;
Mas depois carregando as sobrançelhas
C'uma voz de trovão, e irado lia.
Aqui é que foi pena!... D' improvise
Todas quebraram o silencio a um tempo;
Taes urros, taes bramidos atroaram
O Claustro todo, que ainda hoje teuho
De susto o coração como abafado.
O Frade cada vez mais lhes gritava,
Batendo com o pe, que se calassem.
A muito custo accommodou a bulha;
Suspiravam somente enternecidas,
Como quem de um combate se livrara.
O Exorcista ja lia em voz mais mansa;
E benzendo-as tres vezes, so lhes disse,
Que se fossem na paz de Jesu-Christo.
Umas a par das outras em fileira
Pondo em terra o joelho a manga beijando,
E com grande mesura, se despedem.
Não pára aqui somente a caridade
Do bom Religioso : de outro lado

Affictas Mães co'os Filhos entre os braços
 Ante os pés do Exorcista os apresentam.
 Umás lhe dizem que crueis lombrigas
 As pobres Criancinhas martyrisam;
 Outras lhe pintam os horriveis damnos,
 Que aquelles innocentes recebiam
 De uma sua vizinha geralmente
 Por bruxa, e feiticeira reputada:
 Promptamente os benzeu, e com brandura
 Uma práctica breve foi fazendo,
 Que tivessem fe viva; enfim lhes disse,
 Que do seu sancto Padre se lembrassem.
 D'esta longa fadiga descansava.
 Já no seu aposento o bom Fradinho,
 Quando o Porteiro a toda a pressa o chama.
 Uns poucos de Gallegos carregados
 De presuntos, Peruns, e de bom vinho
 Pelo Padre Exorcista perguntavam.
 A sua caridade isto lhe rende,
 E ser entre os seus Padres respeitado.
 Lisboa já não é (torno a dizer-vos)
 A mesma, que ha dés annos se mostrava:
 É tudo devoção, tudo são terços,
 Romarias, novenas, via-sacras.
 Aqui é nossa terra, aqui veremos
 A nossa cara Irmã cobrar seu Reino. »

A fina Hypocrisia é quem se segue.

Co'os olhos baixos, macilento rôsto,
Longos vestidos de côr parda e negra,
A fazer sua venia se levanta :
Depois, em voz submissa assim começa :

« A Cidade corri, e tive o gôsto
De vêr per quasi todos practicadas
As maximas subtis, que lhes prégava.
No público-passeio, onde concorre
A mais luzida gente d'esta Côrte
Uma tarde me achei, e perto estavam
Quatro Sujeitos de figura séria,
Em quanto alli se via, reparando.
Dizia um d'elles : Notem bem, amigos,
Os oucos cascos d'esses dous Mancebos;
Em logar de topetes concertados,
Medonhas conchas de revelhos Cágados,
Da injúria do tempo lhes defendem
As vaidosas cabêças : os vestidos,
Se não teem as feições ja nos sobacos,
São vestidos de Ginja, e de Jarreta.
No enbigo o espadim atravessado;
Por calções, hollandezas calças trazem.
Gemem os pobres pés dentro das talas
Dos lustrosos sapatos, carregados
Co'ô pêsô enorme das luzentes placas :
Casquilhar á Malteza a isto chamam.
Muitos dias não ha, que a moda-chefe

164 O REINO DA ESTUPIDEZ.

Era o contrário do que vemos hoje.
O ter de Portuguez o nome indigno,
É a pena maior, que me atormenta.
Nomear Portuguez a qualquer homem,
É fazer-lhe a maior descompostura,
Que póde proferir a aguda lingua
D'uma vil Regateira enfurecida:
É chamar-lhe sem dúvida Macaco,
Somente imitador dos vãos caprichos
Das estranhas Nações, não das virtudes:
Sem rebuço, é chamar-lhe um ignorante,
Um confirmado tolo, que não sabe
Nem artes, nem sciencias, nem commércio.
Miseravel Nação! Que fielmente
Os thesouros franqueia aos Estrangeiros
Por chitas, por fivelas, por volantes,
E por outras immensas ninharias. —
N'isto estava inflammado o homem, quando
O fio lhe cortou a seus discursos
O estrondo, que faziam nas calçadas
As fumegantes rodas d'um carrinho.
Quatro asseitados e membrudos Mócios
Promptos saltando da vermelha tábua
Adjudam a descer um gordo Bispo,
Que na Córte se achava com licença.
Vinha todo de sêda, e do pescoço
Uma cruz lhe pendia cravejada
De lucidas saphiras; de brilhantes

O majestoso anel cegava os olhos,
E pouco menos as fivelas de ouro.
O austero Censor ficou pasmado
A mirar o Prelado passeiando.
Depois, com vozes d' azedume cheias,
Para os outros se volta, assim dizendo :
— Ó costumes! ó tempos primitivos!
Tempos, em que o Pastor so differia
Do seu rebanho pelas sãs virtudes,
Pela vida exemplar, com que o guiava!
Quem o sancto Evangelho lê attento,
Do Supremo-Pastor quem lê a vida,
A presença de um Bispo Petimetre
Como pôde levar á paciencia?
Se o venerando Apostolo das gentes
Aqui apparecesse, quereria
Por companheiro ter um homem d'estes?
O grande Paulo, que o enrugado rôsto
Todos os dias de suor banhava;
E para não servir jamais de pêso
A seus caros Irmãos, antes escolhe
Ganhar escasso pão com seu trabalho.
Sancta Religião, tempos ditosos!
Ou tu não es a mesma, ou teus Ministros
De Pastores o nome não merecem. —
N'esta prâctica sempre os quatro amigos
Se foram com a noite retirando:
Não fiquei do discurso satisfeita.

A horas, em que o Bispo ja dormia,
 Medonha e enormissima figura
 Tomei; e como setta despedida,
 A seu rico aposento fui direita.
 Estirado em colchões de branda pluma
 Em profundo silencio repousava :
 Mil divertidos e agradaveis Sonhos
 Ao redor do semblante revoavam,
 Um a bella assembleia das Senhoras,
 Outros o Wisth, o bom café pintando.
 De pressa os fiz fugir; e promptamente
 Seu logar occupando, este discurso
 Em breve lhe intimei com voz horribil :

— É possibil, que durmas descansado,
 Sem te lembrares de que rosna o Povo,
 Do teu modo de vida, do teu fausto?
 Não digo que practiques fielmente
 As maximas austeras do Evangelho :
 Para teres de Sancto o nome houroso,
 Não precisas de tanta austeridade.
 Embora te regales, te divirtas,
 Ainda mais se é possibil, do que d'antes;
 Mas n'isso deve haver certa medida.
 Sê embora um velhaco, um libertino,
 Um lobo tragador do teu rebanho;
 Mas devem outras ser as apparencias :
 De outro modo, serás mal reputado

E muita duração os teus prazeres
Não podem ter, se não mudares logo. —
Do brando leito espavorido salta;
Na visão acredita, e vólta prestes
Em meos de oito dias ao Bispado :
Em modesta liteira então passeia;
Aos pobres manda dar todos os dias
Seu caldo por jantar, e ás terças-feiras
Dés réis a cadaum, sendo aleijado. »
Dizendo que occultava muitas cousas,
Acabou de fallar a Hypocrisia.
Tam somente restava o Fanatismo,
Que tinha sóbre todos ascendente,
E d'aquella palestra a Presidencia.

« A vossa exposição (assim começa)
Com prazer escutei ; tudo promette
Um exito feliz á nossa empresa.
Aquelle furioso e ardente zêlo,
Que em París fez correr rios de sangue
Na celebrada noite dos Francezes,
Aquelle matador e fero Genio,
Que os duros Castelhanos animava
A regar d'indiano sangue um dia
O Mexico, e Perú, entre este Povo
Agora mesmo eu incitar podia.
Um Inglez, um Gentio, um Mahometano,
Se as leis civis o não vedassem tanto,

168 O REINO DA ESTUPIDEZ.

Com a mesma presteza assassinados
Aqui seriam, como a um Cão se mata ;
Pois por alma de Cão qualquer é tido,
Que a sancta fe de Roma não professa.
Agora pois so resta qu'assentemos,
Se deve ser aqui, ou em Coimbra,
A nossa cara Irmã enthronizada.
N'esta Córte, annos ha, se tem fundado,
Uma cousa chamada Academia :
Mas isto quanto a mim sem differença
É um corpo sem alma, que não póde
Produzir accção propria, ou um phantasma
Qu'em bem poucos minutos se dissipa.
O meu voto é que vamos demandando
O mesmo assento, d'onde foi lançada
A mansa Estupidez injustamente.
Cobrar novos esforços é preciso;
Que por fim a victória está segura. »

Todas em uma voz n'isto concordam.
Entretanto saltava de contente
A molle Estupidez, com taes risadas,
Que nos montes visinhos retumbavam.



.....

O REINO

Da Estupidez.

CANTO TERCEIRO.

Do fertil Portugal quasi no centro
A vistosa Coimbra está fundada:
Pelo cume suberbo de alto monte,
E pelas fraldas, que o Poente avistam,
Vai-se ao longo estendendo, até que chega
A beber do Mondego as mansas aguas.
Defronte outra montanha senhoreia
A liquida corrente dividida .
De longa Ponte pelos grossos arcos.
Apraziveis campinas, ferteis valles
Do crystallino rio retalhados,
Emtórno a cercam, aos habitantes dando
Os mais bellos passeios do Universo.
Da fronteira montanha, que dominam

170 O REINO DA ESTUPIDEZ.

Dous famosos Conventos, se desfructa
A linda perspectiva da Cidade,
Que tem tanto de bella, quanto é dentro
Immunda, irregular e mal calçada.
A terra é pobre, é falta de commercio;
O Povo habitador é gente infame,
Avarenta, sem fe, sem probidade,
Inimiga cruel dos Estudantes;
Mas amiga das suas pobres bolsas.
Aqui de muito tempo está fundada
A nobre Academiá Lusitana.

O Monstro, que é dotado de cem olhos,
Que ao longe avista os mais pequenos vultos;
Que debaixo do tecto o mais forrado,
Nada se passa sem lhe ser notorio;
O Monstro, que per outras tantas bôccas,
Quanto sabe, e não sabe, põe patente,
Aqui em altas vozes apregoa,
Que vem a Estupidez em breve tempo
Seus dominios cobrar, seu diadema,
Armada de terribil companhia.

Na minha phantasia accende, ó Musa!
Um fogo vivo; põe na minha lingua
Expressivas palavras com que pinte
As proezas que vont dizer agora.
A academica Gente alvorçada

Não pensa, não conversa n'outra cousa :
Em quasi todos geralmente reina
Excessiva alegria, e nos Conventos,
(De que consta a Cidade em grande parte)
Mandam os Guardiães, que os Refeitorios,
De mais vinho, e presunto se reenchem.
Da Universidade o grande Chefe
Um Claustro-universal convoca logo,
Para que em pleno-conselho votem todos,
O que deve fazer-se n'este caso.
Em comprido salão, cujas paredes
Ricamente compostas teem em ordem
Dos Lusitanos Rêis proprios retratos,
Em suberba cadeira se apresenta
O Reitor, e per um, e outro lado
Os Lentes, e Doctores assentados,
Segundo o vão capricho o destinara,
A dar o seu par'cer s'apromptam todos.
Tira n'isto o barrete o Presidente,
E ao Lente-Primaz de Theologia
Acena, que comece; logo feita
Ao Congresso em geral submissa venia,
O seu voto profere n'estes termos :

« Muito illustres e sabios Academicos;
Per direito divino, e per humano,
Creio, que deve ser restituída
Á grande Estupidez a dignidade

172 O REINO DA ESTUPIDEZ.

Que n'esta Academía gozou sempre.
Bem sabeis, quam sagrados os direitos
Da antiguidade são : per elles somos
Ao logar, que occupâmos, elevados ;
Occulta vos não é a violencia,
Com que foi d'esta posse desbulhada.
Vós testemunhas sois dos sentimentos
Com que a vimos partir tam desprezada ;
Porém sempre, a pezar do seu destêrro,
Constante tributei dentro em meu peito
Homenagens devidas á que fóra
Na minha infancia carinhosa Mestra,
E na velhice singular Patrona.
Entraí pois, Companheiros, em vós mesmos,
Ponderai sem paixão, para que serve
As pestanas queimar sóbre os Auctores,
A estimavel saúde arruinando?
P'ra levar este tempo em boim socêgo,
Divertir, e passar alegremente,
Acaso precisaes de mais sciencia?
Se os dias d'esta breve e curta vida
Tivessémos co'os livros perturbado,
Houveramos acaso mais prebendas,
Mais dinheiro, mais honra, mais estima?
De que podem servir estes estudos,
Que mais da moda se cultivam hoje?
A barb'ra geometria tam gabada,
Que mil proposições todas hereticas

Aqui faz ensinar publicamente,
Sabeis para que presta n'este mundo?
Diga-o a Inquisição, e mais não digo.
Ó gothicos estudos nunca ouvidos,
Nos tempos, em que tanto florescia
Um Ceara, maior do que o seu nome,
Um Pupillo, um Fr. Paulo de San' Mauro,
Que sempre chorarão os Frades Bentos!
Historias-naturaes, Phoronomías (1),
Chymicas, Anatomías, e outros nomes,
Difficeis de reter, são as sciencias,
Que vieram trazer os Estrangeiros.
Ha cousa mais cruel, mais deshumana
Mais contrária á razão, que ver os Medicos
Um cadaver humano espatifando,
Um corpo, que habitou o Esp'ritu-Sancto?
Nunca tal practicastes, ó bom Lopes!
Quando pelo Natal em um Carneiro
O bofe, o coração, as tripas todas
A teus habeis Discipulos mostravas.
Quem póde sem desprezo ver um Lente,
De immensos Estudantes rodeiado,
Pelos campos vagar, alli colhendo
Uma hervinha, uma flôr, um Gafanhoto?
Acolá c'um fuzil ferindo as pedras?
Deixemos pois um dia, ó sábia Gente!
Estes prestigios, que nos teem cegado;
Ponhamos, como d'antes, estas cousas

174 O REINO DA ESTUPIDEZ.

Em seu antigo ser : como bons Filhos
Recebamos a nossa Protectora :
O que foi sempre seu , em paz governe. »

Qual sussurrante enxame , que em tumulto
Segue a vereda , que seguiu a Mestra ,
Assim dos Frades todos , e dos Bécas
Seguiu a turba o explanadô voto.
Algun d'estes talvez quizesse oppor^{te}-se ;
Mas de um Collega refutar os dictos
Da honra do Collegio é menoscabo.
A porção principal tinha votado .
Faltava a outra , que em desprezo é tida :
Lentes de capa-e-espada são chamados ,
Que aos Collegios não teem algum accesso ,
Nem recolhem da Igreja os doces fructos.
Pelo mesmo theor votaram muitos ;
Mas chegando o Tirceu (2) homem singelo ,
Que seus dias consome sôbre os livros
Contemplando a profunda Natureza ,
Os longos cumprimentos põe de parte ,
E com voz resoluta assim começa :

« Não é a glória vã de distinguir-me ,
Quem me obriga ençontrar a tantos votos,
Que por serem conformes , talvez sejam ,
Ao parecer de muitos , verdadeiros.
A glória do meu Rei , o amor da Patria

São dous fortes motivos, que me impellem
A dizer francamente quanto penso.
Trazei, Sabios illustres, á memória
Aquelle tempo em que contentes visteis
Entrar n'esta Cidade triumphante
O grande, invicto, o immortal Carvalho,
As vezes de seu Rei representando,
D'aquelle sabio Rei, cujo retrato
Inda agora me anima, e me dá forças,
Para que em seu favor, em sua glória
Derramando o meu sangue exhale a vida.
Visteis ao gran' Marquez, qual sol brilhante
De escura noite dissipando as trevas,
A frouxa Estupidez lançar a longe,
E erigir á Sciencia novo throno
Em sabios estatutos estribado.
Das vossas mesmas bôccas retumbaram
Canticos de louvor n'estas paredes.
O triumpho cantasteis na presença
Do zeloso Ministro respeitado.
Que diff' rente linguagem hoje escuto?
Como é possibil, que sem pêjo, ou honra,
O contrario digaes do que dissesteis?
As sublimes sciencias da Natura
Como podeis tractar com tal desprezo?
Ó tu, sombra immortal! ó gran' Ministro!
Da face do teu Deus, onde repousas
(A cabêça abanou, deu tres cuadas

176 O REINO DA ESTUPIDEZ.

Ouvindo esta heresia o bom Bustoque)
Vem um instante apparecer agora
Aqui n'esta Assembleia , e d'estas bôccas ,
Que em teu nome entoavam tantos hymnos
Ao heroico triumpho das sciencias ,
Blasphemias ouvirás... Mas ah ! não venhas ;
Nem permittam os Ceos que tanto saibas .
Que dôr a tua , que afflicção não fôra
Ver sem fructo as vigalias , os trabalhos ,
Que por zêlo da Patria padeceste !
Ver, sóbretudo, ingratos e falsarios ,
Que affectando apparencias d'alegria ,
No fundo do seu peito idolatravam
A molle Estupidez , como uma Deusa !
Se o mesmo , que então eras , hoje fosses ,
Quizera , ó Pae da Patria ! que tivessem
Com a tua presença validade
As minhas vozes , o meu zêlo ardente .
Ainda reinará (com mágoa o digo)
Em nossa Academiá essa tyranua ,
Essa vã Divindade ; mas protesto ,
Que nem hoje o approvo , e que inimigo
Ha-de em mim encontrar , em quanto o sangue
Seu círculo fizer n'este meu corpo .
Se algum de vós , illustres Companheiros ,
Comigo pensa , sem temor exponha ,
Apezar da torrente , os seus discursos .
As almas varonis nunca temeram ,

Ainda á vista dos maiores p'rigos,
Pola glória da Patria, e da verdade
Expor á vida, derramar seu sangue... »

Ao dizer estas vozes se arrasavam .
De lagrymas seus olhos, e as palavras
Ja prêsas lhe ficavam na garganta.
Os Homens grandes, os Varões preclaros
Tambem sabem chorar, quando a ternura,
A bem da humanidade, os estimula.
Nos animos fradescos, e nos Bécas
Contra Tirceu um tal rancor fervia,
Que vivo o tragariam, se a preseuça
Do serio Presidente o permittisse.
Disfarçando porê m, com riso, e mofa,
A dissonante falla receberam.

Acabou-se a funcção, e timorato
Não decide o Reitor, o que se faça.
Era ja noite, e nos Collegios ambos
Exquisitos manjares esperavam
Aos rubicundos e nutridos Bécas.
Nos Conventos porê m cousa mais grossa,
Em que o dente atolasse, preparavam :
Famosas postas de Vitella tenra
Sôbre as brasas chiavam nos espetos;
Peruns assados, e tremendos quartos
De bom Carneiro per mil modos feitos,

Muito vinho, e presunto, eram as massas
 Com que os seus Refeitórios adubavam.
 Em quanto os outros com prazer comiam,
 E á saúde da Deusa grandes copos
 De bom vinho enxugavam; pensativo
 O tímido Reitor escrupuloso
 Passeia as salas todas, té que chega
 O Patricio a saber « se inda não ceia
 Sua Excellencia, que ja eram horas. »
 Responde-lhe, « que não, que estava afflicto, »
 E os motivos lhe conta, consultando-o.

— « É bom caso, Senhor, vossa Excellencia,
 Do que deve fazer inda duvida?
 Depois de ser d'um voto tanta gente
 Tam sábia, tam distincta? Pouco importa
 O que diz meia duzia d'esses homens,
 Que apenas são por Lentes conhecidos.
 Coma vossa Excellencia alguma cousa,
 Durma, que tudo em paz ha-de fazer-se. »

Assim o consolou o bom Mordomo.
 Sua Excellencia mais quieta fica;
 Um pouco come; e no seu brando leito
 Vai allívio buscar a seu cuidado.
 As Furias, que em Coimbra ja se achavam,
 Que no Claustro-geral tinham estado,
 Do famoso Orador pondo na lingua

Palavras, que a seu caso mais faziam,
Ao sombrio logar, onde descança
O languido Morpheu, ligeiras voam.
Nunca alli penetrou a luz da Aurora;
Em perenne repouso dorme tudo.
Somente os frescos Zephyros brincando
Com suave sussurro as folhas movem:
Murmúra ao longe a crystallina fonte,
Escabrosas pedrinhas volteando.
Sôbre viçosa relva recostado,
Entre rubras papoulas, verdes myrtos
Nada pressente o deus do que se passa.
Então depressa no soturno bosque,
Ja quasi dormitando as flôres colhem,
Que a molle cabeceira lhe formavam;
Dos somníferos ares se retiram,
E, de improviso ao bello quarto chegam,
Aonde ainda perplexo o Presidente
Com os olhos no tecto vigiava.
Mal das flôres se espalha o grato cheiro,
Boceja, estende os braços, adormece.
O Fanatismo então, tomando a fórma
D'um pequeno Rapaz gordo e risonho,
Juncto ao leito volteja em curtos gyros,
E com doces palavras assim falla:

« Não te assustes ó Homem venerando!
Eu não sou cousa-má, que te appareça,

Tuas altas virtudes me encaminham
 D'esta dúvida vã a pôr-te fóra.
 Aos Lentes, Doctores, e Estudantes
 Ordena, que á manhã de tarde saiam
 A receber em Préstito pomposo
 A nobre Estupidez : faze-lhe as honras,
 Que lhe são per direito bem devidas. »

Com mais se não cançou o Fanatismo,
 Pois sair com a sua não duvida;
 Nem Minerva subtil e poderosa
 Aqui ja lhe fazia a menor guerra.
 Deixou por uma vez os Portuguezes,
 Como Gente rebelde e refractaria,
 Com a sua ignorancia, e preconceitos
 Docemente abraçados. N'isto acorda
 O devoto Reitor; e inda imagina
 Que um Divino clarão no quarto brilha.
 Da cama salta, e a toda a pressa manda
 Que venha o Secretario, e os Escreventes.
 Um comprido edictal se lavra logo :
 Que as ordens da visão, continha todas,
 Pelas mesmas palavras, com que a ouvira.
 O docto Secretario, que em Aveiro
 Alçou ja vara-branca, o *subscripsi* (3)
 Põe no fim do papel, e o Presidente
 Per extenso se assina em lettra-grande.



.....

O REINO

Da Estupidez.

CANTO QUARTO.

APENAS o Edictal se põe ua porta
Da grande sala, que p'ra os Actos serve,
Entre o corpo, que fórma a Academia
Um novo reboliço, um alvorôço
Geralmente se move; não se fiam
Na fe dos que referem a notícia:
Desejam com seus olhos vêr a nova,
Que tam doce alegria lhes motiva.
Deixam os Estudantes nos bilhares
A partida no meio; e perturbados,
Das capas lançam mão, como succede;
Mas o dono da casa, que o barato
Não dá por bem parado, clama, e grita:
« Parceirinhos, pagar; nada me importa

182 O REINO DA ESTUPIDEZ.

Que venha a Estupidez, ou que não venha.»
Dão-lhedous encontrões, per terra o lançam;
E, a qual primeiro, pelas ruas correm.
Outros no Sette-é-ponto extasiados,
No Wisth, no Marimba, e mais na Banca,
Os dados com as cartas deitam fóra.
Jamais os obrigou a tanto excesso
Nem do lúgubre sino o toque infausto,
Que os chama ás Aulas, nem tam pouco a Ama
Com a nojenta Vacca ao lume posta
Praguejando a tardança, e quem lh'a causa;
Nem ainda a venal e immunda Mõça,
Que fretada os espera a certas horas.
Tal a cega paixão, o vil apêgo,
Que estes miseros Mõços teem aos vicios!
Esta Gente revólta e mal-criada,
Tam suberba e ociosa, que entre tantos,
Apenas se acham, quando muito, doze,
Que o nome d' Estudantes bem mereçam,
A ler o Edictal chegam a montes;
E batendo nas palmas: « Bravo! bravo!
Ó que férias agora não teremos!
Viva a Estupidez! » dizem, saltando.

Nos Collegios, Conventos, e nas Casas
Os Doctores, os Frades, e Estudantes
Disputam sôbre o caso; e mil castellos
Ácêrca do futuro levantando

Melhorar de fortuna todos cuidam.
N'estas gratas ideias se recreiam,
Até que o sino a grandes vozes brada,
Que venham todos, que é chegada a hora
Em que o novo edictal cumprir se deve.
Promptamente concorrem, e marchando
Ao rude som d' ingratos instrumentos
Vão a Deusa esperar além da Ponte.
Ainda bem ao Convento franciscano
O Préstito não chega; eis derepente
Uma nuvem brilhante vem ao longe,
De luzentes estrellas esmaltada;
No meio um throno ricamente feito;
A molle Estupidez n'elle sentada.
Entre tanto apparato la disfarça
A sua horrenta e natural figura:
É tudo traça das astutas Furias.
Mansos ventos curvados encanfinham
A majestosa pompa: em terra postas
Os suberbos joelhos, com as palmas
Para o Ceo levantadas, se assombravam
De ver baixar com tanta majestade
A Deusa tutelar da sua Athenas.
Brandamente ondeando a nuvem pára
Aonde, co'o Reitor, os Lentes-chefes
Com o queixo caído, presenciam
Tam grande maravilha nunca vista.
Tem de recato um sumptuoso Pállio,

184 O REINO DA ESTUPIDEZ.

Com que a Deusa recebem reverentes.
Cousa mais espantosa, de improviso
O caminho, que trouxe, a nuvem segue f
A frouxa Divindade, per tres vezes,
Com alegre semblante, a todos lança
Uma benção papal, como a bons Filhos.
Os Donatos repicam : e á contenda
As descaradas Môças dos Conventos ;
E pelas Freguezias vis Garotos :
Niuguem se intende com tammanha bulha.
Ás janellas acode, acode ás ruas
De toda a qualidade immenso povo.

Eutretanto com passo vagaroso
Duas compridas álas s'encaminham
Ao antigo Mosteiro, que desfructam
Os Reverendos Cruzios satisfeitos
De hospedar esta noite a Protectora
Da sua sancta Casa. Á portaria
Com alegres festins é recebida.
De noite em toda a parte as luminarias
Fazem emulação á luz do dia.
Em funcção de barriga, e de badalo *
Fazem os Frades consistir a festa.
Mas o pio Reitor, que òbediente
Ao milagroso sonho ser deseja,
De novo ordena, que se apromptem tolos,
Que na manhã seguinte bem montadòs

Iriam conduzir á Academia
A Régia Estupidez sua Senhora.
Assignala tambem os Oradores,
Que haviam celebrar tam grande feito.
O valido Mordomo, que algum dia
De mochila exerceu o nobre emprêgo,
Toma a seu cargo o apprestar as Bêstas.
Ainda descansava a roixa Aurora
Nos braços d'Amphitrite, eis que os Lacaios
As portas dos Doctores despedaçam
A fortes golpes de calhaus tremendos.
Abrem a seu pezar os frouxos olhos
Estas almas ditosas, engolphadas
Em mil suaves e felices sonhos;
Mas não vendo luzir o Sol nas frestas
Querem o somno agasalhar de novo.
Debalde o querem, que os valentes Môços
Cada vez as pancadas mais duplicam.
Tal ha, que a mil Diabos encommenda
Os Lacaios, e a quem lh'os manda á porta ;
Por vêr o seu descanso interrompido,
O seu somno de doze boas horas.
Mas enfim, o motivo é forte e justo ;
E para apparecer á Divindade
É preciso o cabello bem composto,
A batina escovada, a volta limpa ;
Cousas, em que despendem longo tempo.
Cadaqual asseiado, o mais que pôde,

Vai buscar o Reitor, e em companhia
 D'uma rica Berlinda, a seis tirada,
 No patio de Samsão se ajunctam todos:
 Reverentes a mão todos lhe beijam,
 E a todos vai lançando a sancta bênção.
 Chega enfim ao Prior, elle prostrado,
 « O Deusa! (assim lhe diz) ampara, e zela
 A estes Filhos, que te adoram tanto.
 Por ti d'este socêgo é que gozâmos.
 Esta forte saúde, esta alegria
 Desfructamos per tua alta bondade.
 Seria para nós ditosa sorte,
 Se fizesses aqui tua morada;
 Mas ja que somos n'isso desgraçados,
 Benigno influxo sôbre nós derrama,
 Que a nossa gratidão será constante. »

Abraca-o ternamente a Divindade;
 Diz-lhe, « que se console, que ella sempre
 Nos seus olhos trazia a tam bons Filhos. »
 Os superbos capellos alli tomam;
 Brancos, verdes, vermelhos, amarellos,
 • Azul-ferrete, ou claro; o mesmo as borlas:
 Per humildade os Frades so barrete.
 Em duas grandes alas repartidos
 Os barrigudos e vermelhos Monges
 Acompanham saúdosos esta grata,
 E d'elles sempre amada Padroeira.

A nobre comitiva dos Doctores
Entre os braços a toma, a qual primeiro,
E quasi ao collo na Berlinda a mette.
Logo montados pelas ruas tomam,
Que de mais Povo são sempre assistidas.
Uns d'encarnado vão todos cobertos,
Altivos, suberbões consigo assentam,
Que não ha no Universo outras figuras
De mais contemplação, de mais respeito;
O vermelho durante ás Bêstas serve
De compridas gualdrapas; outros picam
O feroso Cavallo, quando passam
Pela porta de tal, ou tal Senhora.
De preto muitos vão; porém os Frades
Vestem ao mesmo tempo várias côres,
Branco com preto, azul com encarnado:
Se tu, ó gran Fidalgo de la Mancha
Famoso Dom Quichote! esta aventura
Nos teus andantes dias encontrasses,
Á sem-par Dulcinéa, quantos d'estes
A render vassallagem mandarias!
Tu que não perdoaste aos pobres Padres
Conduziudo a cavallo, por ser longe,
Entre archotes, e vélas um defuncto,
Que os fizestes voar de susto, e mêdo
Pelos campos, e montes, que fizeras
A esta encamisada de Doctores?
Por Gente feiticeira e endiabrada,

Por maus incantadores os terias :
 Como taes o furor de Rossinante ,
 Do elmo de Mambrino as influencias ,
 E o pesado lançaõ exp'rimentaram.

Musa, renova no teu Vate o fogo
 Com que accendeste, outrora, a sábia mente
 Não digo de Despréaux, d'aquelle activo
 E discreto Diniz na Hyssopaida;
 Renova, em quanto acabo, que a prigiça
 Da molle Estupidez ja me accomette;
 Ja comêço a sentir os seus effeitos.
 Mas oh! que um estro derepente agita
 O meu entendimento. En vejo, eu vejo,
 Da nossa Academia ao grande patio
 Chegar contente a numerosa tropa;
 Em triumpho é levada a Deusa Augusta
 A um suberbo e majestoso throno:
 Gemem debaixo d'elle aferrolhados
 A Sciencia, a Razão, o Desabuso.
 Poem-se em socêgo os Assistentes todos;
 Levanta-se o Bustoque, e de joelhos
 Á Deusa pede uma comprida venia:
 Em barbaro latim começa ufano
 A tecer friamente um elogio
 Á sua Protectora; e n'elle mostra,
 O quanto é indecente, que nas Aulas
 Em Portuguez se falle; profanando

A sacra Theologia, e as mais sciencias :
Que em fórma syllogistica se devem
Os argumentos pôr : sem syllogismo,
Não sabe como possa haver verdade.
N'isto mais d'hora gasta; e emfim conclue
Animando a que sejam sempre firmes
Na fe, que devem a tam alta Deusa.

Levanta-se depois o gran' Pedrozo ,
Que de Prima a cadeira em Leis occupa ,
Com a Béca estendida , a mão no peito
Prostra-se em terra , a sua venia pede
Á molle Estupidez , que muito folga
De ver um Filho seu com tal presença ,
Tam cheio de si mesmo , tam inchado.
Principia a fallar com voz d'estalo ;
Com a esquerda acciona , e co'a direita
(Que estende as mais das vezes sóbre o peito)
Sua em mostrar a vã Genealogia
Da nobre Deusa , a quem louvar pretende ,
A sua antiguidade patenteia :
Faz depois elogios nunca ouvidos
Ao Direito-romano ; e no remate
Concorda em tudo com o seu Collega.

Vem depois o Reitor, jura por todos
Submissa obediencia, e lealdade.
Da molle Estupidez põe na cabeça

190 O REINO DA ESTUPIDEZ.

Uma importante c'roa cravejada
De finissimas pedras do Oriente.
As mãos lhe beija logo respeitoso,
E manda a todos, que outro tanto façam.
Os Oradores véem : off'rece um d'elles
A discreta oração *de sapientia*,
Que foi causa de ser tam cedo Lente.
O outro o mesmo faz da sua Analyse
Do parto septimestre, cousa prima!
Um bando de Rhetoricos rançosos
Depois acode; um d'elles assim falla :
(Parece, que Bezerra (1) se appellida)
« Soberana Senhora, a vossas plantas
Tendes rendida per vontade, e gôsto,
A porção principal do vosso Reino.
As portas das sciencias nós guardâmos :
Porque sendo as palavras distinctivo
Que dos Brutos separa a especie humana,
Eu creio que so n'ellas deve o homem
Da vida despender os curtos dias.
A Mocidade pois assim levâmos
N'esta bella sciencia industriada.
Quando a mesma palavra se repete
Ou duas, ou tres vezes, lhe dizemos
O nome, que isto tem : quantas apostrophes
Póde o exordio conter, sem ser notado.
N'estas cousas, e n'outras semelhantes
De sorte os engolphâmos ; que surprazo

Fica o gôsto, se o teem, ás vãs sciencias,
Que servem de cançar o esp'ritu humano. »

— « Ó bom Filho! insisti n'esse systema,
Que por ser verdadeiro mais me agrada. »

(Abraçando-o lhe diz a Divindade.)

Vem atraz um Varão muito asseiado,
Um livro traz na mão mui douradinho :

Ó Deusa singular! a quem respeito,

Esquecido da minha Fidalguia,

Este Poema fiz, que Joanneida

Por nome tem; humilde vol-o off'reço,

Dignai-vos aceitar a minha offrenda. »

— « Ó men Morgado! quanto sou contente

Da tua offerta, vêl-o-has com o tempo;

Aqui ao pé de mim quero te assentes,

« Para mostrar o quanto te venero. »

Assenta-o juncto a si a Divindade.

Dos Estudantes vem a turba immensa;

Um lhe offerece uma flôr, outro um bichinho,

Um ninho de pardal, um gafanhoto,

Da Historia-natural suados fructos!

Outro vem todo afflicto mil queixumes

Formando contra um tal, que lhe usurpara

A glória de fazer ja sette máchinas,

Que subiram ao ar com bom successo.

« Filhos amados (lhes replíca a Deusa)

192 O REINO DA ESTUPIDEZ.

Esse vosso cuidado me consola ;
Esse desvelo de ajunctar cousinhas
Tam lindas, tam bonitas, bem recreia
Uma alma como a vossa tam sensibil.
Proseguí n'esse estudo, eu vos prometto
A minha protecção em toda a vida. »
Ao queixoso assim diz : « Sinto deveras
Que tenhas essa causa de tristeza ;
Mas ólha um bom remédio : outras de novo
Obra, que la irei mesmo em pessoa
Assistir a fazer justiça inteira. »

Os Doctores véem logo per seu turno
Vassallagem render, e vão passando.
A molle Estupidez brinca entretanto
Com os lindos anneis do bom Morgado,
Que afficto não quizera ter tal honra,
Recciando, que alli se descobrisse,
Que cabelo não é, mas que lhe cobre
A luzidia calva, cabelleira :
Por que em menos não préza o ser bonito,
Do que Fidalgo ser, e ser Poeta.
Seguem-se finalmente os Lentes todos,
Que são alegremente recebidos.
Mas chegando o Trigozo, fica a Deusa
Assombrada de vêr tal catadura
Não menos carregada que a d' um Touro,
Que sopra, e para traz a terra lança,

Quando para investir se ensaia irado.
Com immensa alegria rematada
A geral confissão de vassallagem :

Em paz gozai (a Deusa assim profere)
Da minha protecção, do meu amparo,
Eu gostosa vos lanço a minha bênção ;
Continuai, como sois, a ser bons Filhos,
Que a mesma, que hoje sou, hei-de ser sempre.



Notas.

CANTO II.

(1) Um d'estes *Espiritus-cornicabras*, sendo expulso pelo Padre-Exorcista do corpo d'uma das taes Mulheres, caiu, per engano, na pia d'água-benta, e com os baldões das âncias, que o atormentavam, despejou toda a água; verdade é que obteve escapar; mas pellado para sempre como um Leitão.

Outro Diabrete (ao sair do corpo da Possessa) foi obrigado, por preceito do Frade-Exorcista, a tanger o sino do Convento; a fim de testemunhar, com esse *zão-zão*, aos outros Padres do mesmo Convento, e aos Circumstantes, que realmente deixára de atormentar a sua Vítima.

CANTO III.

(1) *Phoronomias*, etc. — Os compositeiros de livros de *Medecina*, d'*Historia-Natural*, de *Chy-*

mica, etc., teem de tal modo abarrotado a linguagem scientifica franceza, etc., de termos barbaro-inintelligiveis, que um pobre Dictionarista, que se ve forçado a traduzil-os em portuguez, dá-se a perros, não digo ja para atinar-lhes co'o vero significado, mas para escrevel-os correctamente. Quem pronunciará sem custo *arythenoepiglottico*, *gymnotetraspermo*, e milhares d'outros da mesma categoria? A verdade é que os nossos bons Maiores, sem estes palavrões anatomico-botanicos, curavam os doentes, e conheciam perfeitamente as plantas. Hoje não ha senão charlatanismo em tudo!!!



(2) Tirçeu. — José Monteiro da Rocha, Lente de Prima, em Mathematica.



(3) O *subscripsi*. — O que então era Secretario da Universidade costumava pôr *subscripsi* em vez de *subscripsi*.

CANTO IV.

(1) Bezerra. — Os Estudantes da Universidade chamavam-lhe *Bezerra*. Certo Sujeito, indo procu-

ral-o, perguntou ao Criado « se estava em casa o senhor *Boi*? » Admirado o Servo de semelhante pergunta, respondeu-lhe: « V. Mee engana-se, meu Amo é o Senhor *Bezerra*. » — « Perdoe, acudiu o tal Sujeito, como ha perto de seis annos que o não vejo, cuidei que ja era *Boi*! »

O dicto *Bezerra* fazia *odes* tam compridas, que Francisco Manuel disse, ácerca d'uma sua tambem longuissima, o seguinte:

« Se eu para desculpar a desmesurada gigantex d'esta *ode* me quizesse escorar em algum exemplo, mui volumoso o tinha nas *odes* do Senhor *Bezerra*, que como Professor da Universidade deve mui bem saber todas as bitolas d'uma *ode*. Ora elle faz *odes sine fine dicentes*. Ergo *Rosas*. »



OS BURROS,

OU

Ⓞ Reinado da Sandice ;

POEMA HEROI-COMICO-SATYRICO
EM SEIS CANTOS ;

DE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

Facit indignatio versum.
JUVENAL.

Prefacia.

Os homens não so se immortalizam com os monumentos, que levantam á Sabedoria, mas tambem s'immortalizam pelos que levantam á Parvoíce; e assim como ha Heroes na virtude, igualmente os ha (e é de se que os ha) na Asneira. Se os primeiros teem jus á penna, e ás fadigas dos Vates para perpetuarem suas façanhas pela Epopea; os segundos conservam o mesmo jus á celebridade do nome pelos escriptos, e vigílias dos Poetas, a quem foi dado em dote o fel da satyra, mãe do vero enthusiasmo. Tam immortal e permanente é o nome do piedoso, ou tartufo Eneas nos versos de Virgilio, como é o de Crispino nos oraculos de Juvenal: a ceia

de Nazidieno é tam famosa nas satyras de Horacio, como os banquetes de Mecenas nas odes, e epistolas do mesmo Cantor. Assim como a Justiça manda que se dê o prémio de louros a quem o merece pelas suas virtudes; tambem a mesma Justiça quer que o orgulho, a presumpção, a altivez, e a importunidade de tantos Asnos, que emporcalham os seculos, moem a paciencia, e quebram os tomates ao genero humano, sejam fustigados com a vergalhada da satyra; e que tanto os saiba detestar o seculo futuro, quanto os aborrece, e abomina o seculo presente. Nenhum por certo houve mais fertil d'estas Sevandijas que este; nenhum Reino mais abundante d'ellás, que o de Portugal; e nenhuma Côrte mais abarrotada que a de Lisboa. Eu a considero, eu a observo, eu a conheço bem de perto. Os Ladrões são muitos: os Velhacos innumeráveis: as Meretrizes não teem conto. Os Pedreiros-livres passeiam em bandos, e em cardumes; porêm os Asnos, sem me lembrar dos das grandes repartições de

Justiça , de Fazenda , e Milicia , os Asnos em materia de Lettras , Artes , e Sciencias fogem , pela sua multidão , a todos os calculos. Leibnitz , e Newton ficariam engasgados aindaque lhe quizessem applicar o *integral* , e *differencial* ; aindaque , em logar dos *infinitamente pequenos* , quizessem n'elles considerar os *infinitamente grandes*. Lucilio , Horacio , Petronio Arbitro , Juvenal , Luciano ; e dos modernos Regnier , e Boileau , se apparecessem em Lisboa n'este corrente anno de 1826 , pasmariam da nova especie de Toleirões , que o seu seculo nunca viu , nem verão os futuros ; porque é de presumir , que decline o que ja chegou , não ao *summo* , mas ao *infinito*. Os que Pope sacudiu , e escovou em Inglaterra ¹ eram poucos , e eram Aguias comparados com os que pejam , e apoquentam a miseravel Lisboa. « Se a natureza me não houvera preparado para a Poesia , bastara

¹ No seu célebre poema satyrico intitulado —
a Dunciada.

a zanga de os olhar, e conhecer para me constituir Poeta, » (como bem diz Juvenal) ; proseguindo, « que não ha indulgencia mais tola que perdoar com silencio á infinita récua de Burros, que de toda a parte embicam, e esbarram no homem sensato. » É verdade que a satyra os não emenda, assim como os não extinguiria a mesma força ; mas o homem honrado não se póde vingar do ultraje público, que a Razão padece, senão immortalizando os mesmos Toleirões, com a mais amarga e virulenta invectiva, que podesse conceber o intendimento humano impellido a expliear-se pela voz da Poesia.

A mudança da constituição politica da Europa acarretou á misera humanidade uma alluvião de males incognitos ás antigas revoluções ; causou a mudança dos sentimentos moraes, civis, e religiosos : mas isto é nada, quando se compara com a dose de demencia, que derrainou nos miolos humanos : e como se Portugal ja dêsse no fundo do bacio revolucionario, coube-lhe a mais grossa, a mais abobo-

rada parte, ou razão da futil Parvoíce. O espiritu da Asneira construiu no centro de Lisboa um domicilio, onde quiz alçar o throno, e dilatar o imperio da Sandice. Uma fatal fôrça para la puchou os Asneirões de todas as classes; e d'alli, como do Club dos Jacobinos de Paris, se prepararam, e dirigiram todos os golpes, todos os tiros, e todos os ataques contra o Imperio da Razão, do Gôsto, da Crítica, da Poesia, e da Prosa em que reluzisse um pequeno vislumbre de senso-commum. Eu fallo d'um Botequim, ou Café de um José Pedro da Silva, no Rocío de Lisboa: sanctuario conhecido não so dos Vagahundos ociosos, mas até dos estupidos d'essa Capital, e alarves Provincianos; que se persuadem figurar no Mundo quando entre calotes apparecem seis mezes no sordido e sebento theatro d'uma estalajem, onde entram com reposteiros á porta, e saiem embrulhados na manta, que de la furtam. Uma deploravel necessidade, que nos arrastra, n'este seculo para o chaos da ignorancia, desde a des-

graçada *installação* d'este Botéquim, fez alli presidir a Asneira, dès que o Orate Bocage levantado de motu-proprio, e podêr absoluto em Sultão do Parnasso, começou a beber, e a gritar no dicto Botéquim. Alguma cousa se susteve ainda a fôrça da razão nos dias d'este mentecapto; mas eram ja mui debeis os effeitos da sua resistencia; e conheceu-se, e sentiu-se de todo a preponderancia da Estupidez, quando um verdadeiro Sandeu, per nome João Bernardo Loureiro Rocha, Palestino d'origem, e natural de Viseu, associado a outro, per nome Nuno Pato Moniz deram principio a um papel da classe dos Diarios, chamado *Telegrapho*, ou *Correio-da-Peninsula*; isto espalhou inteiramente a sombra, e fez volver de todo a noite da Estupidez. Escolheram estes dous Orates para theatro seu o mesmo Botéquim, onde foram aggregando a si tantos, e tantos Sequazes, que alçaram como um Tribunal litterario a seu modo, d'ondé se derramou a estupidez em tudo. D'alli correram para o theatro os apon-

toados de Xavier, os *elogios* do Moniz ¹, para chegarem com aquella espelunca de Ladrões, e alcouce de Rameiras ao estado, que vemos, e lamentâmos. D'alli saiu, e alli mesmo se alinhavou, e realisou o maduro projecto de besuntar d'azeite as tábuas da testada do mesmo Botequim; e se apresentar sôbre seus architraves, e cornijas os retratos dos Paes-da-Patria, e dos Generaes-do-auxilio ² em seus competentes dias natalicios, e occasiões de suas *interessantes* victórias; distribuindo, aos que primeiro bebem, aquellas fatalissimas folhas, e meias-folhas de versos, onde parece que se embrulham, não so a gelea, mas a quinta-essencia da asneira.

Finalmente, la se urdiu a conspiração universal contra tudo o que era razão, e

¹ Elle mesmo confessa no Exame-analytico, etc. do Poema Oriente, pag. 345, « que composera quarenta e tantos dos taes *elogios*, que se representaram desde dezembro de 1808, até 1813, em que abandonou a tarefa. » Bellas producções!!!

² Wellington, e Beresford.

gôsto , formando - se tambem , e instituindo - se uma propaganda , que se ensina per todas as classes da gran' Lisboa , e que conta por principaes Adeptos todos os Orates , que vão enchendo as páginas d'este Poema.

Respira , accende mordacissimo veneno ; mas nem a innocencia é calumniada , nem a virtude insultada , nem o merito aborrecido ; por quanto ; indaque em muitos se ataque a moral ; elles são tam conhecidos pela sua perversidade , per uma tam pública corrupção de costumes , e sentimentos que , o que parece á primeira vista uma injúria , considerado á luz da razão , é um justissimo castigo de sua maldade.

Com estes estupidos e malvados teem relação outros muitos , que formam a totalidade da tábua do Poema ; que não é uma relação vaga , como é entre os Francezes a *Borminada* , entre os Italianos o *capitulo 14º dos Frades* , entre nós o *Hyssope* ; mas um Poema no seu genero epico , e no seu acabamento perfeita-

mente similhavel ao *Lutrin* ¹ de Boileau, onde ha uma accção, onde um Agente principal, acompanhado de outros subalternos, consegue o fim da fundação do Imperio da Asneira; e no qual apparece a natural peripecia, ou mudança final de fortuna na transformação em Burros; que era o annunciado na proposição. N'este Poema ha uma inherente e indispensavel *obscuridade*, não so para o seculo futuro, mas para o presente; porque a mor parte dos Leitores não póde estar ao alcance das suas muitas *particularidades*, e reconditas allusões; e perde (eu o conheço) uma grande parte de sua belleza na razão inversa da ignorancia, do character, dos costumes, do estado, da condição, e das producções litterarias dos Individuos n'elle mencionados: e torna-se *sombrio* polo mesmo motivo porque se nos tornam inintelligiveis as *satyras* de Persio, quando alludem a Individuos, e costumes, que nos são

¹ A Estante-do-Côro.

incognitos em tanta distancia de logares, e tempos ¹. Para obviar d'alguma maneira a este inconveniente, vai acompanhado de breves notas, que conservem aos postereros, e aos presentes a memoria das Personagens, e das suas acções. Desejo que todos se persuadam, que apesar da *mordacidade* dominante em todo o Poema, não ha n'elle hyperboles, que excedam a medida; pois é tal a dóse da parvoíce, e maldade dos Varões cantados, que as taes hyperboles parecerão mui civilmente comedidas aos que de perto os conhecerem. Pola maior parte é um enxame de malvados invejosos, e d'infamissimos intrigantes, ou frascarios: outros são uns bebados, uns renegados, e uns revolucionarios, ou Mações pestilentissimos: outros uns conspiradores (quaes os Me-

¹ A *escuridade* nas dictas *satyras* é tal que (segundo contam) san' Jeronimo indignado, certo dia, de não poder intendel-as, as lançara no fogo, dizendo: « Queimemol-as para as tornar claras. » Queira Deus não aconteça o mesmo, mais d'uma vez, ao meu Poema dos *Burros!!!*

dicos no Poema) : outros uns estúpidos Alarves, importunos Trovistas, e todos bem conhecidos Sandeus. Se d'espáço a espáço os versos são obscuros, sordidos e duros, não ha outra linguagem, nem são outras as côres, com que se devem retratar similhantes Heroes, ou bosquejar Cabrões impudentissimos, e descaradas Marafonas : e nunca é *carregado* um quadro, em que apparece um grupo de tropa exterior. Eu não pinto virtudes: onde estão n'este seculo? Pinto o Militar estouvado e ridiculo; o Jornalista venal e estúpido; o Trovista importuno; o Mação venenoso; o Rabula perjuro; o Medico assassino e luxurioso; o Vadio ladrão; o Botiquineiro maroto; o Hypocrita falsario; o Pedante enlabusado em phrases, e frioleiras litterarias; o Frade ocioso, etc. Eu sou o Cantor da *peste pública*. E poupam-se acaso tam assignalados Varões? Resta-me responder a um reparo natural e óbvio ás pessoas de bom-siso. Quando se compararem uns com os outros estes meus Heroes, conhecer-se-ha

que vão alguns como secundarios no Poema, que parecem superiores ao Heroe João Bernardo Loureiro Rocha; assim é: ródam alguns, que são mais estrondosos que este estafermo, que existe n'uma absoluta escureza, ou nullidade entre os Homens; mas eu, que os conheço, sei que não ha nenhum mais asno: e n'esta qualidade completa de palerma, não existe entre tantos Tolos, um so Tolo que o iguale, e o seja tanto. Este bruto, com o seu unico soneto-*Ananaz*-acquiriu o direito de primogenitura entre a infinita burrical manada: e se-em perversidade de coração não é inferior aos outros, em estupidez d'alma excede a todos.

Conserva a estupidez d'alma no centro;
E se é Burro per sóra, e mais per dentro.

Consolem-se comtudo os outros; porque o Poema celebrando a todos, dá a todos a mesma reputação de nome, e iimmortalidade de fama. Ja que fiz um *Prologo* (que na presente composição era indispensavel) fugirei n'elle ao menos da cos-

tumada hypocrisia de Auctor, captando com baixas e estudadas submissões a benevolencia dos Leitores. Isto não é para Asnos, que não intendem; não é para Meretrizes, que não teem vergonha; não é para Doctores, que são pedantes; é para um certo Público, que consiste em poucos, que avaliam com justiça: esses poucos claramente conhecerão, que este é um verdadeiro Poema d'um genero unico; que nada deve a precedentes modelos; que manda a tabúa os preceitos dos Rhetoricões; que marcha livre; e que o Auctor (que a ninguem deve o fundo do Poema mais que á sua imaginação) deseja que todos saibam que, sem roubar Juvenal, porque se embebeu, quando môço, na leitura d'esse Moralista, tem a mesma vehemencia de Juvenal; e que hórta, d'um logar muito alto, no pedantismo militar, no pedantismo maçonico, no pedantismo scientifico, na estupidez pública; e que se mais Burros achara, mais Burros aqui metterá.



.....

Os Burros,

ou

O REINADO DA SANDICE.

CANTO PRIMEIRO.

A Visão.

O' Zanga! ó Numen, que em minha alma eutornas
Fel em torrentes, que me inspiras versos,
Que são do Crime, e da Impostura açoute,
Bafeja-me; aqui stou, que canto os Burros,
Em que de Lysia Heroes se transmudaram,
Dignos d' alto Cantor, dignos da Forca,
Se mais azada a satyra não fôra
A conserval-os em perpétua infamia.

Homens, homens de bem não teuhais susto,
Que eu vil quadrilha de Pedreiros surzo,
E Impostores hypocritas, e Aúlicos,
Que as letras, a razão, e a Patria aviltam :
Somente é esta a burrical Caterva.

Qual de tantos Heroes primeiro, ó Zanga!
Me mandas celebrar? Teu guincho escuto :
Pampelona immortal, velhaco illustre
Tu, que fizestes vezes mil de Judas,
E mil vezes da Patria o Deus trahiste ;
Tu, que entregastes a Macena o archote
P'ra a cinzas reduzir Portugal todo ;
Tu, que outrora enforcado em státua sendo,
Aos Burros, teus iguaes, junctar-te foste :
Tu, que á Patria voltando, escravizada,
Com Magistrados taes la deparastes,
Que ja tendo-te á morte condemnado,
Puro depois te acharam e innocente (1) !
Tu, que o largo trazeiro ao Rei beijavas,
Ao mesmo, que outro tempo, matar qu'rias ;
Tu, que até aquelles traçoaste
Que livrado te tinham do supplicio ;
E que, Primeiro-Eunucho e Visir sendo,
Guerra entre o Pae, e Filho suscitastes,
Separando o Brasil de Portugal,
E Portugal de todo destruindo ;
Tu Burro es, e dos Infernos Burro.

Tambem tu Calhariz, malvada raça,
Acharás o logar, que te compete;
Tu pygmeu; mas manhoso e fodaz Burro,
Que Lysia a Albion, muito ha, vendeste
P'ra de Burras entreteres Serralho,
E á Paulina Palmella, em Paris, dares
Duzentos francos mil, suor dos Lusos.
Tu da casta es Burro damninho,
D'aquella casta a quem os Portuguezes
A cabeça arrancar, e pés deviam.
O Araujo Ministro, que, imitando-tê,
Portugal aos Francezes entregara,
Ao Congresso te fez ir de Vienna,
Para la ostentares sabença, e tretas
De a Amos dous servir ao mesmo tempo:
Tam voraz Burro sempre te mostraste,
Que do Dono a ração jamais te aprouve.

Tu tambem, d'elle a par, seu digno ajonjo,
Orang-outang disforme Dom Domingos,
Que o titulo de Conde te encaixaram,
Quando descabecar-te so deviam:
Asno, aquem d'Albion as Putas chamam
« Horrendo, sujo e porco Sodomíta; »
Tu, depois d'a Franceza enxovalhares,
(Que ao basbaque marido o Padre emprenha)
Por mulher ao Cardoso a impingiste:
Tu, que com o teu célebre Tractado

Conta dos Lusos, e de tudo déstes ;
Es Burro tam matreiro, e taes, e tantos
Serviços, de Forca dignos, has feito,
Que nunca em Lisboa, e Rio te apanharam !
Bem pouco se te dá que a Patria chore ;
Embaixador em Roma agora te achas,
Que em manhas mahometricas te iguala.

Toma logar aqui rasteiro Bráiner,
Com os Lusos outrora suberbão ;
Mas com os Francos humiliante Burro ;
Tu, temendo que os Lusos te amanhassem,
Ao Rio practicar fostes baixezas ;
Tam calejado e malhadiço estavas,
Que por mais de annos tres no Paço andastes
Esporadas soffrendo arrocho, e arres ;
Dos Lusos, dos Macacos mófa sendo.
Taes mataduras ascarosas tinhas,
Que até mesmo o Valença (2) te fugia.
Vilezas taes fizestes la no Rio,
E tanto em Sancta-Cruz sollicitaste,
Que um velho e manhoso Burro obeteve
Ires do Papa a Roma o pe beijar,
E a borla, e nedio cu aos Carbonarios :
Sendo pelo Asno trémulo depois
Ás Tuilerias representar mandado
Aquelle que mordeste e abocanhastes ;
Porque sempre contrário aos Borbons foste !

Tal a condição é da lusa Gente,
 Que os Burros, que mais couces lhe disparam,
 De regêl-a somente encontrem dignos :
 E tal do luso Rei era a fraqueza,
 Que o Reino arruinou por inconstante,
 Empregando os Velhacos, que o trahiam.

Em a classe primeira occuparás
 Teu lugar, ó Silvestre ex-congregado !
 Que Lysia reformar em Coimbra q'rias ;
 Mas que, a não fugires para Setúbal,
 E de là (graças ao Grilo Anns, e á Súcia)
 No primeiro navio p'ra a Alemanha,
 A merecida paga receberas.
 Tu es o Asneirão, e o Sevaudija,
 Que tautas no Brasil patadas déstes
 Que, a não ser do Principe a molleza,
 Para a Costa africana te enviara.
 Evitara-se assim, co'a Irmandade,
 O Monarcha trahires, e a Monarchia :
 Porém tal foi depois tua insolencia,
 Que do Reino, a final, te sacudiram.

Tu Candido, tambem, do Alveitar Filho,
 Major-das-duzias, que no Campo dicto
De Marte, extra-portas de Grenoble,
 Para melhor a Napoleão servires,
 (Pois dous seitis de táctica não tinhas)

Co'os soldados, Dulin (3) te misturava,
Obrigando-te á esquerda, e á direita
A dares voltas mil no exercicio.
Tanta raiva te tinha a lusa Tropa,
Que, em Wagràm, no maior calor da briga,
De metralha te deu não poucos tiros,
De que trouxeste a perna escalavrada (4):
Mas tendo tu servido contra os Lusos,
Justo era, que elles ja feitos Jumentos,
Governados per ti a ser viessem;
Pois a Burros, so taes, governar devem.

Tambem tu porcalhão Coronel Pêgo,
Que no assalto terribil de Symólensko
O luso Batalhão sacrificaste;
Porêm, como teu Filho la perdestes,
Te fez Napoleão Barão-d'Imperio,
E com a cruz-da-honra te brindou,
Que agora mesmo em Portugal não largas:
Do hábito-d' Avis ao lado a trazes.
Pena é que de Wagràm no atroz conflicto
Não deixasses a ossada; mas valeu-te
Ficares guardando a ponte; que, sem isso,
Levaras co'os balazios no bandulho,
Com que ha' muito queriam premiar-te
Os teus mesmos soldados, em desforra
Das grandes arrojadas, que lhe davas (5).
Tu me pedes tambem logar primeiro

Arrumador da bispotada immunda
Do bellico hospital roubado aos Frades
Dictos *Capachos*, ou *Seringas* dictos :
Tu da esquadria apóstata perjuro
Abrantes Verspelle, Heroe dos Burros ;
Tu, que quizeste ja, servindo os Francos,
Os tristes Lusos albardar, e albardas ;
Tu, que apenas largastes a sotaina,
E a chave, que na cinta te pendia
(Com que abrias a porta do Convento
Aos nedios e vermelhos Frades Bentos)
Logo com vis embustes, em Coimbra,
A Antonia padeira seduzistes,
E co'o suor das Putas te formaste :
De uma, que o capello te alcançara,
Com a tua pharmácia, cabo déstes ;
Mas, emfim, c'uma Torta te ajoujastes ;
A qual, pouco te dá que o Guedes monte,
Comtantoque do Pae dinheiro arranques.

• Não me esqueço de ti, Lacerda, es Burro,
Burro malvado, que o Algarve, e o Porto
Com sórdida cubiça rapinaste ;
Porém mais em Lisboa encheste a garra
Quando ao trédo Pamp'lona succedestes.

D'elle a par te colloco, ó tu Barradas !
Que das Cannas-da-Quinta o Sultão es,

E dos Mações o célebre Gran-Mestre,
Mais apto a destruir, que a edificar,
Á ruína da Patria cooperastes.

Tambem tu bonifrate Barbacena,
Que no *crachá*, e fitas te embasacas;
Tu autómato vil e miseravel,
Que Boneco te arvoraram na intriga;
E que as ordens á risca executavas
Dos Carrascos de Lysia, e teus Carrascos.

Mencionado tambem serás, ó Tórres!
Tu Burro alvar, té na figura Burro,
E Ministro dos Trolhas duas vezes;
Que da Patria nos ultimos arrancos,
Em partilha, co'os outros, não deixastes
De extorquir, para o Filho, á Viuva o offício.

Chefe-dos-Cornos, Lancerote primo,
Que para os lados todos couceavas,
E ás partes mui bem zurrar sabías;
Co' o titulo de Conde te compraram;
Porque o sóldo augmentastes aos Ministros,
E a gran' commenda ao Pampelona déstes.

Tambem tu Burro e trémulo Saldanha,
Que do Principe Inglez a libré tinhas,
Quando cabo de Lysia dar cuidavas;

O que sempre , a final , obetiveste.

Vicente Pedro teu logar me pedes ,
Magro investigador d'antiguos trapos ,
Da triste inutil papelada ensossa ,
Que a ti , e ao Abrantes enviavam
Da trolha , e da esquadria Heroes jumentos ,
Seringadores da Vaccina immunda ,
Do Bernardiuo , e do Baeta asneiras.

Não me apertes Accurcio , eu te conheço ;
Vejo os volumes cinco ; es Burro , es Burro :
Irás na récuá em teu logar decente .
Responde ao teu Rival , que la do Rio
O célebre General vingou das botas
De macio veludo (6) , e a Academia ,
Na entrada do Junot , mostra innocente (7) ,
E ao corneo Foyos o panal empurra
Do acertado convite ao Socio digno
Dos Burros Academicos , quaes elle .

João Bernardo , o Bacharel ao canto
Dará princípio , e fim ; outros o enfeite :
Nunca existiu na terra outro mais Asno :
Com elle quiz Sandice em Lysia o Reiuo
Fundar , qual vejo , universal da Asneira ;
E por prémio , depois d'altos serviços ,
Elle , e infinitos mais , transforma em Burros .

Do patriota Lolé o Genro e Sócio,
 (Que escapou per milagre á justa paga,
 Que aquelle, por igual manha obtivera)
 Do Patrão a Pequena inda corrompe,
 Adjudando-o a quadrilha dos Eunuchos
 Lopes, Rendufe, Pamp'lona, Abrantes.
 Um ja, quanto era obsceno, produzindo-lhe;
 Outro, entretendo o pobre Pae com sustos;
 Aquelle, viajens dictando á Outra-Banda;
 Aquell'outro, purgantes receitando;
 E este, que no Pará Sultão ja fóra,
 É hoje dos Mações o Polchinella,
 E será para sempre o Heroe dos Asnos.
 Tal outrora se viu a potestade
 Do disforme Priápo, quando expulso
 De Lampesaque foi; porque lascivo
 As femeas desflorava aos habitantes.
 (Eterna infamia de meus versos foge,
 Que até n'isto calar me manda a Zanga.)

Tu Gôsto, tu Razão, tu Amor-da-Patria
 Sereis Mecenas d'um Poema eterno.
 Se tem Tamisa Dunciada, e Pope,
 Se o Sena tem Lutrins, tem Lysia os Burros;
 Qual tenha mais dirá Posteridade.
 Queixai-vos Asneirões, que a perda é vossa;
 Pois quer ser Lobo quem lhe veste a pelle.
 Tinha acabado da venal tarefa

João Bernardo o Bacharel immundo;
Sôbre o bofete perfido empilhando
Os feitos vis, que o Rábula perjuro,
De nome o Simas, d' instituto o Trolha,
Com chicana defeude, e as Partes rouba.
Do Escriptorio-de-Anaz dando co'o vulto
No conhecido Botequim-das-parras,
Que rege o Chefe dos Luminaristas,
Que pede terras, e vermelhas fitas;
Porque algum sêbo co'os Bretões tem gasto:
Encheu de quente ponche as êrmas tripas;
Ponche almôço, jantar, merenda, e ceia,
Com que a ralada máchina sustenta;
Salvo se algum dos Jumentões seus Socios,
(Que as minas tem na banca aladroadada,
E em dado certo de chumbinho prenhe)
Na tasca lhe vai dar chanfana immunda;
Humedecendo o esóphago sedento
De azêdo carrascão medido a sette,
Com tarraçadas tres, rivaes d' almude:
Tal lhe foi n'este dia o Fado amigo.
Elle, pagando aos Socios, lhes repete
Ao gentil Caracol, gentil Vimeiro,
Co'o soneto-*Ananaz*-dés odes suas.
A voz, o gesto, a lettra emtôrno espalham
Frio succo d' egyptica dormideira.
Na subitanea lethargia involto
Deixa o Congresso o Bacharel, e foge;

E no centro da fetida posilga
Alcova, e sala, e gabinete, e tudo,
Vai com os podres lazarentos membros.
Prende-lhe o somno enviezados olhos,
Onde em viva expressão lhe falla a asneira :
Respira, sorve o monco, e bufa, e ronca ;
O peito arqueja, como arqueja um folle :
Da verdeneira escancarada bôcca
As ensanchas dos beiços se alargaram ;
Elles, e o pingo impertinente cobrem
A mal de pêllos povoada barba :
Das recôncavas ventas, atulhadas
De mormo, e de tabaco, o compassado
Retornello infernal sai d' assobio,
Que sempre vem no fim, que sempre acaba
A cavatina do toante ronco.
Na semi-alma, emtanto, atrapalhada
Co'os densos fumos do liquor sarrento,
Mil confusas imagens se apresentam ;
Indaque pouco mais com luz distincta
N'alma as conceba o vigilante Orate.
A imagem d' um jantar pilhado a dente
Do Caes-da-lama na taverna escura,
A phantasia em nectares lhe banha :
Offerecida casual torrada
Com prazer se lhe antolha em manhã fria ;
De simonte, ou rapé pitada avulsa
As almejantes ventas lhe consola ;

Como Cão , que sonhando abócca a Lebre ,
Está dando no ar co'a tromba estalos.
De mais alto calibre ideias grandes
Sucedem ao prazer da venta , e tripa ;
Surge-lhe n'alma o Botequim-das-parras.
A Raiva , em fóрма d' um Cação ja velho ,
Ante o Sandeu se mostra , a grenha hirsuta ,
Com dous olhos de púrpura e remela ,
Com bôcca aberta e grande , os cantos cheios
De espuma verde-mar , co'as cordoveias
D'ambos os lados da guela inchadas ;
Perfeita copia da feroz Megera.

No meio dos Caragos , la resurge
Em sonhos (enviado per Silvestre)
O tolo Embaixador , que alli disputa
Altos planos , que so se dirigiam
(A fim de assegurar a paz ao Mundo)
A entregar d' Hespanha , e Lysia os reinos
Ao engeitado Filho do atroz Corso.
O Fernando Thomaz , Elle , Carvalho ,
E Silvestre Pinheiro , e outros muitos
Gusmentos burricaes , talvez um dia
A Réis subir podessem , retirando
Aos pannos dos Bretões os seus direitos ,
Á manteiga , á batata , á graixa , á louça ;
Anzoes das nossas requestadas peças ,
Que de lusos Heroes fizeram Tolos ,

Quando o maior dos Rêis , que os thronos viram,
Comprou com ellas Principaes a Roma,
Monsenhores, e Conegos , e a Turba,
Que com farta pinguissima mesada
Nutre inda agora ociosidade , e Putas.
Se menos ouro aos pontapés andasse ,
Teriamos nas mãos arado , e lança ;
Houvera Magalhães, Castro, Alboquerque;
Nenhum Futre cruzara a foz do Tejo
A dar lições de tactica , e tarimba ;
Nem rustico Bretão metterá as ventas
Na sala d'um Govêrno. Ah! qu'inda a Aurora
Inda o bêrço do Sol co'o o nome assusta!
Peças funestas , que sem tino demos
Por assobios, birimbaus , escovas,
Por ver um Urso c' um Macaco emcima.

Assim corria a noite , assim sonhando
Cozia o vinho o Bacharel Javardo ,
Té que a luz da manhã desponte , e rompa ;
E penetrando o tecto esburacado ,
Com raio avivador, desperte o Alarve ;
Saltar fazendo da moída enxêrga ,
Onde insecto roaz tem couto eterno ,
O Chochino, e vestir camisa immunda,
Que nunca viu sabão ; bemcomo a cara
Outra agua não viu mais , que a do baptismo
(Se acaso os Paes , que do Jordão vieram ,

Netos de Barrabaz , não se esqueceram
D'esta , no gran' naufragio , arca segura !)

Eisque, quasi ao romper dos Ceos a Aurora,
Quando nem toda luz , nem sombra toda,
Do rocío do Ceo se orvalha a terra ,
Á phantasia do Sandeu se amostra
Um sempre seu, mas turbido Phantasma ;
Grenha empedada traz, denso o sobrólho,
Que os dous olhos estupidos lhe assombra ;
O nariz achatado , as ventas largas,
A bôcca enorme e vasta , a lingua em prancha.
Treme o Javardo do Phantasma á vista ;
E da poída manta os descarnados
Sarnentos braços alongou , cuidando
Que afugentava o Avejão medonho
Ja vertical á fetida posilga.

— « Não temas, Filho (lhe diz elle) attenta
N'este fociinho do Trigoso imagem ;
Do meu ventre caíste ; em meu regaço
Eu te acolhi contente ; e tu pendeste
D'estas esguias asininas têtas.
Ólha o charco , ólha a barra onde apontaste
Co'a dura frente para o chão , nascendo :
Sou tua Mãe , sou teu brasão Sandice ;
Tudo o que has visto em França é obra minha :
Surdo da França a renovar o mundo :
Eu puz no throno dos Borbons o Corso ;

Truxe á Hespanha José, e Aguias ao Tejo,
Eu presidi na Convenção-de-Cintra.
Entre a prole infinita, e que eu na terra
D'este ventre vasei, tu te distingues
Illustre Chefe, Capataz dos Tolos;
Não tens rival, nem semelhante ha outro :
Nem o tolo Linhares comtigo hombraia ;
Nem é mais asno do que tu Rendufe.
Nem serão teus iguaes meus Filhos gemeos
Loretto, e Soledade, ambos Vicentes ;
Nem Vicente o doctor Mestre da turba,
Que de Platão Republicas souhando,
A rapinante Grei chamara ao Tejo,
Que maldiz a fatal Septembrizada,
Que em vez de Forca, o conduzira ás Ilhas.
Vacilla o reino meu, vacilla ó Filho!
Quasi aluídas as paredes vêjo
Do gran' palacio, que no Cahos tinha,
Depois que o gran' Marquez chorado agora
Em vida sua conhecido a poucos,
Deu preço ás lettras, aos cultores prémio ;
De todo afugentou gothicas sombras ;
Fez brilhante surgir philosophia :
La foi achar um Prebendado gordo
Dicto grande Vernei, que á lusa Terra
Da sapiencia a luz primeiro entorna :
Das leis ao labyrintho, á vil chicana
Fez succeder um Código sublime :

Era, em logar de cálculo, sabida
 A taboada de Garrido apenas;
 Abriu da Geometria o templo augusto;
 Fez á terra patente a terra; o mundo.
 As boas artes arrancou das sombras:
 Do seiscentismo a lingua emporcalhada
 Dos conceitos salvou, com que um Tarouca,
 Um Ericeira, e gongorista Corja
 A mettêra na abyssmo, ou nas secretas;
 Indaque eu fôrça fiz por conserval-a
 Na mesma calda com Manuel de Sousa,
 Co'o profundo Cenaculo-dos-Nadas.
 Ja tinha dado avivador arranco
 Do Monarcha maior, que a terra vira,
 (Se um pouco menos dêsse ás sacristias)
 Com Alexandre de Gusmão; Brochado
 Do Cahos a tirou; faltou-lhe apenas
 Saber um pouco basculhar Vieira.

Do Tibre a Arcadia sê plantou no Tejo:
 Carrapato Garção fetido e feio
 Tirou do lodo a maga Poesia,
 D'aquelle lodo, que é delicias minhas,
 (No qual espero chafurdar de novo
 So contigo, e com Pato as Musas todas:)
 Teve ingenho, mas pobre; e não de todo
 Devera a rhyma desterrar de Lysia:
 Da vulgar Poesia é base ainda,

Quando á lyra se ajuncta o som cadente ,
Ou canta epica tuba os altos feitos
Do pacifico Heroe, do Heroe guerreiro.
Alguma cousa fez magro Basilio,
Poeta d'arte, natureza nada:
Deu leis á scena perfido e tyranno
De Meninos um Mestre, involto em sombra
Quaes costumam no Tejo os Genios raros
Sempre ignorados ser, sempre esquecidos!
Este é Pimenta, que nas tábuas punha
Nuas as Graças, Natureza nua,
Quaes as poz Aristóphanes, Menandro,
No Sena Molier, Goldoni em Adria:
Deu cabo de Solis, cabo de Lope,
E enterrou Calderon (Filho d'esta alma!)
Surgiu (que dor!) um Quita, a quem talento
Fez grande sem doutrina, e ensossas regras:
Entre pentes, e sêbo, e cabelleiras
Seguiu de perto a Natureza, e pôde
Sem vergonha seguil-a, e sem rebuço,
De Moscho, e de Theócrito no idyllio,
(Sabendo apenas Portuguez o monstro!)
Reproduziu simplicidade ingenua;
No soneto imitou sóbrio e sisudo
Nobre conceito do epigramma grego,
Sem empolados êmphasis d'aquelle,
Que o golpe pinta, que no Touro dera
Co' a espada Ferrabraz Conde da Torre,

Que co'a ponta cavando a terra, fórma
Na mesma terra ao Touro a sepultura!
Alguni tom liberal guarda nos versos;
Parece que lhe caiem de facil veia.
O Tejo deve a Elpino de Nonácia
Reproduzido tom de versos limpos,
Que visos teem de siso, e d' harmonia.

Com taes ideias, com sciencias d'estas,
Tinha meu reino proclamado em Lysia:
Mas oh! que é este o seculo funesto
De um throno ora no ar, um throno em terra!
Sempre cuidei que a Pedreirada immensa,
Que acarretara os Vandalos do Sena,
Mantivesse per seculos meu solio!
Que do campo senhor fosse Pampl'ona,
E subalternos Generaes do Chefe
Palmellas, e Patricios, Póvoas, trampa.
Sinto um dia importuno... acorda, Filho!
Lettras em Portugal!!! Javardo, acorda:
Mette os hombros á empresa, em ti confio;
Meu reino vacillante em ti repousa:
Té per instincto machinal es Asno.
Toma o bastão de General dos Tolos;
Fórma Estado-Maior, Sultão (8) presida:
D'este Estado-Maior depende tudo,
Te diz José Sebastião no livro
Feito per elle na fumosa Londres:

(Um sonho vai la ter que Auctor não seja !)
Todos a eito o Principe adorando ;
Porque a vida tirar-lhe não poderam.

Levanta-te Bernardo, e a turba ajuncta
Dos Filhos meus, immensos e mimosos ;
Escrevam todos; viverei no Tejo,
Porção do Globo, que me escapa em parte ;
Pois nem todo o *celeste* Maçonismo
Inda pôde illustrar, provincias faltam :
Eu co'os Pedreiros meus um jus conservo
Á posse universal da terra toda.
Em ferros tive a Europa em sombra involta :
Ondequerque viver Canning, existo.
Eu fiz no mundo reserver cabêças ;
As bases abalei dos thronos todos ; -
Eu fiz sonhar Republicas sonhadas ;
Côrtes convoquei ja; mas esvaíram-sé:
Ainda as chamarei, não ésmoreças.
Todo o Govérno popular é trampa ;
Pois todo vai cair nas mãos de um Tigre,
Que entre Canalha mais astuto surge.
O Meu Filho Mably, meu Filho Jacques,
O meu Filho Raynal, da Europa a bola
De fumo encheram, d' esperanças loucas ;
Porque os maiores Sabichões não pensam
Como esse Machacaz, que em versos canta
Meus feitos immortaes, e os teus Javardo,

É da cabeça aos pés Republicano ;
Mas qual fôra Pompeu, qual Tullio, ou Bruto,
Labieno, e Catão, e os mais da Súcia,
Que nenhum Bonaparte albardar pôde.
Para o padar d' um Burro o mel não nasce :
Deixemos isto agora. Ajuncta os *Sabios*
No gabinete do charoto, e ponche,
Que ao Grande Eólo (9) os patriotas Burros
Entre tigellas consagrar costumam.
Onde os themas se dão, e as quadras surgem.
D'este meu ventre se escoaram todos ;
E tu saiste parto atravessado,
Mais tolo, e mais alvar : Bernardo acorda,
Co'os Sabios delibera, eu vou contigo. »

Disse, e desfez-se subito nos ares :
Esquecendo-lhe ainda o Padre Foyos,
Atraz tornando, lh'o mostrou na cella
Que traduzia Euripides, e foi-se.

Rompendo a taipa da remela immunda
Abriu Bernardo esgaziados olhos,
E viu ralar a luz ; deixa assustado
A posilga hedionda, a manta, as pulgas ;
Encortçados pés poz no sobrado ;
Um resto de camisa ao couro ajusta ;
Atamancando nos quadris as calças,
Enfia as vezes mil tombadas botas ;
Nos hombros, com sentido, e mais nos braços,

Encaixa pouco e pouco a porca e triste,
Ja sem frisa, subtil sobrecasaca,
Ao penetrante frio escudo imbelle :
Mas inda assim na espinha, inda amostrava
Vivos signaes d'antigua caldeirada,
De chocas conservando a barra eterna:
Que é Bernardo o Sandeu trampa per fóra,
Como é n'alma o Sandeu trampa per dentro.
Da primeira pitada a caixa em lastro
Deixa logo ficar; sorveu d'um jacto :
Em grossos borbotões ja corre o pingo;
Eis lhe acode co' a mão; suspende o fluxo;
Outra vez o resorve : assim do Tejo
Na praia os cagalhões tornam, retornam
Co'o contínuo vaivem das mansas ondas.
A tampa bacial poz na cabêça,
Chapeo de felpa pobre, e rico em sêbo.
D'uma pernada so se poz na rua,
Sem soffrer dous jejuns miólo, e tripa,
No conhecido Botequim s' enfia :
Co'o corpo emporcalhou marmórea meza,
Toda n'ella encostando a tromba immunda :
Veio astuto José ja mestre em contas,
No lycen dos Caurins doctor formado;
Ás ventas lhe arrumou torrada, e copo;
Foi depois trabalhar co'o giz na porta,
Sem unico *P. G.* de riscos cheia;
Que inda até-gora nos cafés, na tasca

Não consta que o Sandeu ração pagasse.
Subitamente no porão da pança
O almoço inteiro o Jacareo sepulta,
Sem que movesse a burrical queixada,
De cujo moto treme o farto Izidro,
Se alguma vez do jôgo a Súcia o leva
A encher de môfo o bucho anachoreta
Onde nunca o fastio achou guarida.
Pillhou d' um lado casual pitada,
Êrma deixando a caixa ao Dono absorto!
Na venta cavallar toda a sepulta;
Sorve os resquicios nos immudos dedos :
A perna escaletal cruzou na perna,
Inclinando o toutiço , a barba encosta
No arcabouço do peito ; os beijos quatro
Dos rizes soltos badanando ondeiam :
Taes da Rozaura, Calceteira, e muitas,
Que eu vejo andar, badanarão badanas.
N'esta attitude estúpida e trombuda,
Qual um Bezerro desmamado, fica
Co'a pança consolado o Bruto immobil.
Baila-lhe emtanto nos miolos oucos
Da Mãe Sandice o vulto atoleimado ;
Na confusa memória inda alguns restos
Revolvendo do estúpido discurso,
Que vezes tantas lhe lembrara em sonhos.

Cresce , que é tempo , dos Sandeus a turba ;

Tam basto enxame de joguinho, e copo
 Saúdam o Sandeu c' um viva ensosso;
 Como á toa se dão no Caes os grossos
 Do equilibrio europeu Calculadores.
 Fica Bernardo immobil como um corno,
 Qual é per dentro no juizo, e n'alma.

Vai-se engrossando o fio; o assombro cresce
 Na turba dos Sandeus, vendo a viseira
 Da venta primogenita caída;
 Embicam n'ella, e se lhe poem deroda.

Entra o gran' Bacalhau, doctor-em-nada,
 Que a tola Filha empanzinar deixara,
 Em quanto o Espôso(10), traductor d' officios,
 No campo de Mercurio, e Cornos brilha.

A Cafila cresceu, o apito soa
 Na escura estancia, que chamar costuma
 Os Membros á Sessão, quando ha tigellas;
 Todos emboccam limiar sebento:
 Vai após elles carrancudo e triste
 Sandeu, caída a beija, onde almorreimas,
 (Ja cauçada do cu) poz Natureza.
 São na tollice iguaes, e iguaes se assentam;
 E d' um lado da tabula redonda
 N'um mocho raso s' escondeu Javardo:
 E com Jorge, ou com Pedro, ergue-se o panno.

Quaes em Carthago os Tyrios, e os Troianos
Boqui-abertas estão, pendentos ficam
Todos da bôcca do velhaco Eneas,
Quando á Rainha Dido a arenga embute,
Em que elle mais que o *Monitor* mentia :
Taes em roda da banca os Membros todos
Tesos estão, suspensos e direitos,
Como assestados do Sandeu nas ventas.
Elle então começou, dando co' a dextra
Sôbre a meza cambaia uma porrada :
— « Ides ouvir a Fœx... *gentil* discurso... »
Uma risada universal se escuta
No exortio do Orador ; pallido exclama :
« Então que é isto? É Serra, ou Luz em scena,
Ou sou eu a fallar? Arre, auditorio...
Se Vocês estão bebados, eu deixo
Este excelso logar, podem cozel-a ;
Mas se querem ouvir-me, então, caluda. »
A fôrça invicta d' *eloquentes* vozes
Conteve a sôlta gargalhada em todos :
Elle então começou : — « Roncava ó Socios!
Na manta involto, no covil deitado ;
Não foi ponche, ou vinhaça, era a verdade,
A Mãe commum me appareceu, Sandice ;
Inda lhe escuto a voz n'estas orelhas !
Alheio de cuidar n'alta ventura
De ver a Deusa tutelar da Europa,
Vi aquelle Avejão de bôcca aberta,

(Seu brasão, seu signal) gritando : — Acorda!
 Eis em Lysia abala o imperio nosso;
 Eis a fôrça da inercia, herança minha,
 Quasi no Tejo reduzida a nada;
 So me resta o Telegrapho, o Mercurio:
 Se acaso morre ó Sá, e espicha Accursio,
 E se os tractados da Vaccina acabam,
 Que me fica, Lambaz? a Academiá?
 Mas nem todos são meus quantos a formam;
 Nem todos que a compoem, agora, escrevem
 Memórias sôbre pesos e medidas,
 Ou belidas em olhos de Cavallo;
 Nem todos no *azurrar* deixam um lexicon;
 Nem todos fazem planos de batatas;
 Nem todos querem dar feijões á tropa;
 Nem todos buscam phrases gallo-lusas (111);
 Nem todos Bentos são, nem Frei Luis todos.
 Tenho um corpo d' exército potente,
 Tenho Times, e tenho Morning-Chrónicle;
 Mas contos annuaes oitenta, custam:
 Nem menos ao Palmella emporta a mécha,
 Que os Jumentos de Lysia acham barata.

Combater é preciso, ó Socios todos!
 Tracta-se a nossa causa, a da Sandice:
 Veni tarde, e muito tarde um Jalapeiro
 Quando o celtico humor no corpo é velho.
 Obstemos todos ao fatal principio;

Oppondejá nova luz sandice, e trevas :
Escrevei Socios meus, eis a victória;
Escrevei qual se escreve em França agora.

Venha o dia natal dos Jorges todos,
Ou legitimos sejam, ou bastardos (12):
Venha, qual Cesar pequenino, ao Tejo
O tam celebrado hoje, Jorge Canning,
Ou mesmo de Brunswick o Jorge quarto,
Que á America toda o jugo hão pôsto,
Conde, Barão, Marquez, Duque, Vaivode,
De leve fato, de trajos tam modesto,
Que o Povo alvar cuidou que era Paizano,
Afeito a ver os Capitães da bicha.
Oh quanto o Povo portuguez é simples!
Se ha mais albardas n'este mundo, surjam,
É digno d'ellas; porque não conhece
So no gesto, e chapeo o Heroe guerreiro.
Nem tu tornando, como espero, ó Abrantes!
Tubuciana Academia acima
Farás ir outra vez. Eivar honrado,
Se um voto menos te livrou da Forca,
Não podeste evitar que emtórno d'ella
(Porque abafava com calor o dia)
Não desses vezes tres serena volta,
Co'o pardo e liso couro ao sol patente,
Onde ingenuo, igual teu, Carrasco dicto,
Descarregou sonora sapatada,

Que o Povo de prazer deixava absorto;
 Pedindo ao Ceo que a gargantilha tua
 Nodassem nos paus tres, onde ondeante
 Teu mascarado corpanzil ficasse!

Aos Rapazes o Couto (13) ensina grego;
 Compoz o Calhariz em francez versos;
 Um Mestre, outro Ministro: em letras ambos,
 Inda menos que eu sou, iguaes a zero.

Ó potente! ó fatal metromania!
 Annes Barrasco, e sabichão pedante,
 N'essa, que empinas, tonsurada bola,
 Jamais ostentará sciencia occulta,
 Em quanto a triste viúvez debaixo
 D'esse corpo lambaz se refocilla.
 De Tacito conciso as promettidas
 Versões irás deixando ao fim do mundo.

Qual do Salitre em carunchosa praça
 Vemos o Cão-de-filla inda açaimado,
 Que pula, e barafusta, e ja co' a bôcca
 Dá dentadas em vão no Touro ao longe;
 O Rolão preto, por fallar, ardendo,
 (Rábula infame, novelleiro infausto,
 Do rapazio tragador Lagarto,
 Do Simas successor na banca, e geito,
 Que inda não sei porque da Forca escapa!)

Em quanto o Heroe sandeu na barra esteve,
Dava pulos de ca, mal suspendendo
A dysenteria de palavras oucas;
O queixo em convulsões, a bôcca espumea,
Pedro de Sousa (diz) poe-te a meu lado:
Se eu me vir afogado, e afogar todos
N'este diluvio atroador de vozes,
Que chega a preamar no sesso e bôcca;
Tu, Sandeu, dos Sandeus Chefe e Monarcha,
Assalvajado Agamenão dos Asnos,
Eu Achilles serei; embora empunhes
O bastão de Jordão, eu tenho a espada.
Meu Pae não foi Peleu, nem Mãe foi Thetis;
Um Frade foi Bernardo, e uma Gallega,
Que de geito pilhou na estrebaria:
Vê que se espera de tam nobre casta!
Eu contigo darei das lettras cabo:
Na tésta d'este exército potente
Onde não levarei conquistas nossas?
O Heroe maior que Scipião, que Cesar,
Não passou de Moscow; e eu so contigo,
Os estandartes plantarei da Asneira
No Pólo Aquilonar, no Pólo opposto.
Da China ao Tibre, do Danubio a Java
Irei correndo, campeão dos Tolos.
Padres-Conscriptos, o meu voto é este:
As armas, Asneirões!... » E o Fado escuro,
Que no mundo não quer gostos completos,

A Sessão perturbou , poz em fugida.

Qual piquete de Tartaros Calmucos,
Qual do ferreo Cosaco o bando immundo,
Das altas tórres de París bispado,
Cai no Franco esquadrão, que um Duque leva
A passar o Hellesponto, e ir ter á Persia;
Que n'um momento a pantomima Corja,
Largando trapos, espelinhos, pentes,
E sem rabo deixando as sacras Aguias,
Vira de poppa com ligeiras gambias:
De Paizanos assim, e Granadeiros,
Co'o General de Villa-Franca á têsta,
Caiu na sala das Sessões a turba;
Á tabúa mandando os Oradores.



Os Burros,

OU

O REINADO DA SANDICE.

CANTO SEGUNDO.

A Viagem.

Emtanto a Mãe Saudice, oppressa e cheia
Do péso enorme do voraz cuidado
De se ver de tal sorte perseguida,
E os planos seus de todo transtornados,
Com os quaes dar em Lysia leis contava,
E os Portuguezes reduzir a Burros;
Então, sem perder tempo, corajosa,
Nos cascos barricaes volve o negócio :

Assim das Côrtes os Conscriptos-Padres ,
De San' Carlos á ópera assistindo ,
Todos apar d'El-Rei empertigados ,
Em o meio das danças , e cantatas
Cuidam na Patria , e no trampinha código ,
Que um piparote lançára per terra ,
Apenas um Infante em Lysia assome.

Deixa a posilga fetida , ascorosa
Em que o Javardo estolido roncava ;
Desenrola , e sacode as pandas azas ;
Dá dous pinchos no ar , pousa no Sena ,
Da pedreira , e d'ella asylo augusto.
Per toda a parte observa as obras suas ,
(Em moral , em politica , em govêrno
Tudo que for Francez cheira a Sandice !)
E não se pôde ter , que em gôsto immersa ,
E acorando as nadegas , não dêsse
Nas caldeiras , retortas , e lambiques
Do Mestre Vauquelin tammanho peido ,
Que o estampido lhe ouviu Pedro de Sousa
No Tamisa , e no Tejo ouviu-lh'o Abrantes.
Um sal-fixo deixou nas ventas todas
Da Instituição vaccinica , e seus Membros :
D'esta arte então desonerando o ventre ,
A quadro mais gostoso os olhos volve.
Das Tuilerias ao terraço eis voa :
E viu n'um canto a Mãe de Bonaparte

Com tres velhos Abbés rezando as contas ;
(Não ha sem devoção Puta , ou Larapio !)
Deu no gôto á Sandice a Tartaruga ,
E espremendo-se mais , deu novo estoiro :
Nas salas rebombou do Paço augusto ;
Cuidou que era um trovão , tremendo , a Velha :
Bentos , per Fesch , e per Maury , dous cotos
A san' Napoleão devota accende ;
Sancto , que os Neris na Folhinha punham ,
Feito per elles so , martyr no Egypto.
Novo estoiro do ventre então Sandice
Soltou gostosa , e revoou mais alto ;
E de Montmartre nos Moínhos posta
Á véla o sesso poz ; com trinta salvas
Os Alliados ao Congresso chama ;
E a morada do Filho de la vendo ,
Logo para Pantin dirige o vóo ,
E do Pampl'ona o tecto antiguo busca ,
Que pela *gyroeta* se distingue.
Ainda juncto á Casa estava o campo
De brancos Malmequeres guarnecido
Onde Elle , e a cara Espósa s' entretinham
Quando ambos indecisos fluctuavam
Sôbre o qu' em Portugal fazer deviam.
Rumas e runas de papel estavam
Do vestibulo á entrada , virgens restos
Do rapsodio-jornal *Contemporaneo*.
Pela sala , em molduras se divisam

De todos os Borbons, as fieis cópias ;
Mas pela inversa parte encaixes tinham,
Que do Corso a familia resguardavam.
Tendo bem tudo a Mãe Sandice visto,
E feitas ao Livreiro (1) as despedidas,
Á rua de *la Paix* direita vólta,
Onde a Paulina do Palmella assiste,
E onde de Lysia se tractava a sorte.
Viu, que em quanto nos braços da Bacchaute
O torpe e curto Satyro chaforda,
O Brito (2), e o eunucho Rademáker
O almôço apromptavam na antecamera.
Contente ja com isto a Mãe Sandice,
O cio Burrical expor não qu'rendo,
La para o novo Delphos s'encaminha
Aonde todos os Pascasios lusos
A consultar acodem em cãrdume
Sôbre a materna lingua um Francez mouco.
Tal a desgraça é de Lysia hoje,
Que a um Estranho e Trolha caprichoso
Conselhos, e avisos se demandam
Ácêrca do que bem saber se deve,
Ou aliás so a Lusos perguntar-se.
D'alli á praça Carrousel se atira
Onde vê mais gentis, mais dignas scenas,
E onde um Casarão medonho avista,
Onde outrora Barrás, Marat outrora
Republicanas maximas dictaram,

Que alto e malo , a granel , a eito , a rôdo
Mandavam n'outro tempo á Guilhotina.
Riu-se de ver a habitação mimosa
Onde ella ouvida foi , e onde traçara
Da morte , e da igualdade o plano excelso ;
D'onde o Corso tirou modêlo exacto
Dos Duques, dos Barões, Principes, Condes:
Grande episodio da epopea eterna,
Que Luciano fez , Nolasco extracta (3).

Vai ver ao Pantheon nacional os ossos
De Voltair fallador, Jacques mijado ,
Que os caboncos abraira, onde alicerces
Teve eterna Republica sonhada ;
Onde Fabricios sos, e ingenuos Curios,
Quaes Danton, quaes Barrere, e o Corso outrora,
As redeas *suavissimas* tiveram,
Dos olhos da Sandice objectos dignos!
Conhece em tanta asneira as obras suas ;
De prazer se mijou, limpa-se, e vôa ;
E no Instituto-nacional se chimpa :
Este o bairro mimoso á Corja eterna
Dos qu'inda dictos são Niveladores:
Genios senhores das cabêças oucas,
Que d'Eva antiga aos Filhos desditosos
Promettiam salvar da sombra espessa
Da escravidão dos Rêis, duros tyrannos,
E a todos darem Bonaparte o *justo* :

Genios sublimes das Nações, ou Mestres,
 Cujo maciço corpo, e unida fôrça
 Da terra ora afugenta hora, e virtude.

N'uma caverna escura, onde inda a furto
 Nem cala a luz do sol, nem brilha o dia,
 Onde apenas do tecto humido e triste
 Lanterna quasi moribunda pende,
 Morada os Genios teem, que o mundo infestam:
 D'alli vão de tropel varrer do Globo
 Os debeis restos de sciencia, e pêjo:
 Vampiro, ou Diabão maior que todos,
 E mais cornudo, que os que Milton senta
 Na Sala-grande, Pandemonio dicta;
 (Do Ariosto Bretão lembrança digna!)
 Tinha o focinho chato, as ventas fundas,
 A pelle côr de cal, chavelhos tortos;
 Sôbre os cornos a prumo, alta e pontuda
 Se eleva esguia carapuça, ou mitra
 Igual áquella, que empalmara outrora
 Do Diogo Manique o Substituto,
 (Que o chocolate atroz sepulta em Mafra)
 Quando agarrando o Hippolyto espiolha
 Da Confraria Pedreiral as opas,
 Vestimenta, avantal, luvas, e trolha,
 Ou tralhoadas das visagens pécas,
 Que em Lojas treze sustentou Lisboa
 Co'a Loja-mãe no pedreiral Mosteiro

Dos *exemplares* Conegos-Regrantes.
Bem no fundo da lóbrega caverna
Sentado está n'um throno de argamassa,
D'onde inspira o nivel, qu'inda não viram
Senão na Guilhotina os Homens livres;
D'onde deu cabo da mesquiuha Europa,
E d'onde encheu de Papelões o Tejo;
Que sem estranha protecção assentam,
Que não póde existir, ou medrar Lysia.
Dando co'a indústria nacional em terra;
E embutindo o diaphano panninho,
E chale a tres vintens: passado um anno
Té da Estrella o zimbório em troca levam,
Quando la virem que nos fica em cofre
Papel, e patações de cobre immundo;
Dando leis onde outrora as leis dictara
Com honra o Luso, e com valor ao Orbe,
Mettendo um corno pela bôcca dentro
Aos sisudos Varões da Patria amigos,
Que se finam de zanga ao ver patifes
Impando de Patrões no barco alheio:
D'onde do Abrantes veio a repostinha,
Dada de bôcca ao Lobo na gaiola,
(Oh memoria de mais!) e impressa outrora
No Jornal impostor dos dous Carrascos (4),
Que ha muito tempo a paciencia ao mundo
Com papeis velhos e sedições ralam;
Jornal, que la no Rio era louvado,

Pescando uma pensão dada a Velhacos
Executores da rapina Corsa,
Per nove mezes ordens espalhando
Do General-em-chefe á bôcca cheia.

Do Monstro na caverna, aos pés estava
Fouché de Nantes com punhal na dextra,
Que os direitos da Furia, e da Canalha
Com tanto sangue sustentou na terra.
Á mão direita cabisbaixo tinha
Cabecudo Sieyes, Macaco infame,
Que com planos, e calculos furados
A Bonaparte abrira a estrada ao throno.
N'um mocho raso de cortiça podre
Dos Publicistas se assentava o Genio :
Philantropica Gente, ouca e farfante,
Cujo miôlo referveu co' a lenda
Do *Social-Contracto* escuro tanto
Como é a *Carta* burrical do Canning.

O Genio gazetal sentado estava
N'um sophá de papel, mentira, e lixo :
Da bôccaça expellia estultas phrases,
De que arrunhadas vão cabêças oucas,
Que d'este Globo os Botequins entulham,
Que tu Caes-do-Sodré ves em cardumes
De tarde, e de manhã, de noite, e sempre
Pender continuo estupidos e immoveis

Do labio alvar do Jornalista trampa ,
Que dos pobres (por ser de siso pobre)
O *Periodico* escreve por dês réis .
Cujas graças insulsas , e arenguices
Delicias hoje são dos manteigueiros :
E se com ellas cuida inchar o ventre
Ao grande Lord Canning, filho da Gran,
Tambem o sesso a outros co'o elles limpa
Quando os bellos futuros prophetiza
Da vil escravidão aos Lusos posta,
A nós do Tejo Filhos, e Senhores
Que o ganhámos sem Futre ao Mouro ousado;
E ao cobarde Hespauhol tirámos sempre,
Calar nos manda, empobrecer nos deixa...
Oh Patria minha! se chegasse um dia
Em que devéras conhecer quizesse,
Que Filhos tens, que em merito, em sciencia,
Em virtude, em valor, em genio, em artes,
Fanfarrões europeus, e ilheos excedem;
Que Senhora uma vez de Lybia, e d'Asia,
D'America, e de ti tens Homens raros!
Ólha esta penna, desenrola a espada
D'Albuquerque immortal, seremos tudo,
Sem ricações Bretões, qu'ind'outro dia
Pescar deixámos Bacalhau no Banco,
Em que ufano mijou Marujo honrado,
Que do Indostão co' as perolas voltava
E metal do Brasil, rezar o Têrço

E embebedar-se no Beato, e Penha.
 Ó Patria! ó Lusos! ó Nobreza antiga!
 E vós quarenta Heroes, que a Patria escrava
 Arrancastes do jugo estranho e duro,
 Se então podestes, quem vos prende agora?...
 Rua, rua os Arcos, qu' em sangue, e em armas
 Não vos chegam ao cu!... É crime um voto
 Que a Patria amada em vão me arranca d'alma?...
 Mas eu tórno aos Sandeus, aos Burros tórno,
 Tómo os pinceis, que o gazetal Retrato,
 (Digno de Horacio, ou Juvenal) traçavam.

Das mãos o Genio per cardumes lança
 (Barbaro termo!) Boletins ás pilhas,
 Que a vil mentira, e confusão derramam;
 Que pés de barro do Colosso immenso,
 Na Pedreiral opinião sustentam
 Vacillante existencia ao Grande-Imperio;
 Que chamam sem vergonha a um desbarato
 Victória digna da Ovação romana;
 Dão louro eterno aos Generaes palhaços,
 Que, co' as calças na mão, d'Almeida fogem.

Estes os Genios são, que entre os mais Genios
 Teem seus doces em levantados thronos:
 Dos charlatães os seculos são estes!
 Poucos havia em Portugal outrora;
 Porque fóra o paiz de honra, e virtude.

Bastava aos Velhos portuguezes esta :
Mais póde um siso bom que os livros todos ;
So é preciso em governar juizo ,
A fôrça , a Lei , desinteresse , e Patria. —
D'este estouvado Genio é parto , é cria
Charlatão militar ; d'alli retorna
Com mais mêdo no cu , na bôcca planos
De ataques , marchas , retiradas , postos ;
General no café , cagão no campo :
D'alli delgado chicotinho trouxe ,
E o barretinho de dormir , na rua ;
Como quem anda passeiando em casa :
De ferro , ou de latão grossa cadeia ,
Que a calça ao calcanhar lhe prende airosa :
D'alli vem semi-Inglez o Eleziario ,
Que a tropa em monosyllabos commanda ;
D'alli vem mais ufano , e mais carrasco
O Medico impostor palavras todo ;
(Esta é de charlatães mais fina raça !)
Azote , e oxigenio arrota Abrantes :
De assassino em receita anda ajoujado.
Hoje em mister de governar o mundo ,
D' Esculapio um discipulo não vive
Que não manqueje , charlatão de planos :
Basta-lhe um anno de Mondego , cuida
Que ja póde entre Consules sentar-se ,
Ser Cotta , e Pansa , e Cicero , e Metello ;
Mandar á Libya Scipião , e á Persia

Crasso mandar, Germanico ao Danubio,
 Pompeu aos Hespauhoes, e Mario aos Cimbros:
 Que é pouco mais que receitar Jalapa,
 De maldicta Vaccina encher Rapazes;
 Sinapisar o cu; dar tom ao membro.
 Dize-o tu Pelourinho, onde encostado
 N'um miseravel sordido Gallego
 Se apresentara o corpulento Paiva,
 O Carrasco levando á retaguarda;
 E dos flancos, e frente a turba immensa
 Dos narigudos phariseus Escribas:
 Sôbre dous cornos solidos levava
 Na frente o *Semanario*, obrinha sua;
 Por que devera oriental jornada,
 Onde se erguem tres paus, fazer a Bêsta;
 Porém ha Bêcas que parecem Paivas!...
 Doctor em taboada o Financeiro
 (Qu'inda outro dia dés moedas tinha
 De ordenado, aprendiz) d'alli ja marcha
 Pancudo, ufano, circumspecto e grave,
 D' elastico-chapeo, hirto pescoço,
 Necker se julga, Necker se assoalha
 C'um « *venha ca para a semana* » inteiro;
 Bufa, e se assenta; e de sommar a conta
 Acaba vezes cem, cem vezes erra.

Dous furos mais distante o torto existe
 Genio de traducções (5), delicia, emprêgo

De muitos Sabios, que apascenta o Tejo.
 Traduziu Antonio d' Araujo em verso;
 Traduz agora de Palmella o Conde :
 E, o *pernas-d'Egua* (6) Candido, vertia
 Para, os das Lettras e Artes, *Annaes* burros(7); ;
 Recheiado armazem de gallicismos,
 E de phrases insulsas mixtificadoras.
 Traduziu Pedegache; e todos deram
 Co' a lingua lusa nos Infernos quintos :
 Das pestilentes traducções é este,
 E será sempre o desgraçado fructo!
 A tanto precipicio, a tanta quédia
 Leva os Humanos a fatal mania
 D' escrever sempre, e figurar em lettras
 Sem genio original, que é dado a poucos.

Per muito tempo equilibrada esteve
 Sôbre um grupo de turbidos vapores,
 (Como banhada em nectares) Sandice,
 Vendo do ar a eschola das Crianças
 A quem dá mama no asinino peito :
 Não lhe suspende a maternal ternura
 Dentro do ventre a harmonica fallinha :
 — « Ó d'esta pança puritanas Grias,
 Minha esperança (diz) firmes columnas
 De meus dominios na illustrada Europa! »
 Eis a tal guinchó a estúpida Caterva
 A segunda fazendo á Mãe babosa

Berroigual entoava.— «Ó Mãe que queres? »
— « Quero nova conquista ; outra colónia
Onde espancada fui, onde espancados
Foram, sem compaixão, Bravos de Jena.
Eu ja la tenho rebanhado um troço
D' illustres Filhos meus, brasões do Tejo,
Que ao Corso, como vós, hão bem servido.
Todos os que este gran' Sandeu não viram,
Nem, nas usurpações, o secundaram,
Em tudo inertes são, ou imperitos.
A glória minha é hoje, ó meus Amigos!
Patriotismo mudar em tractantisse.
Eu agora empregar so quero aquelles
Que mais contrarios foram aos Rêis fracos
(Porque mais longo assim será meu reino),
Visto energicos Rêis serem ja raros!
Vereis a colleccção, que la vos mostro;
Vereis aquelles que o Junot serviram,
E a Patria a Massena entregar qu'riam :
Ergue entre elles o estolido toutiço
Um, que per fado e genio, sempre é tredo,
Gran' Marquez de Palmella se intitula!!!
Desde que o fiz nascer o trago d'ólho :
Tinha na mente um Burro a Mãe de baixo,
Tinha na mente um Burro o Pae decima
Quando a semente burrival vasaram!
É elle, é elle o meu predestinado ;
Tem cabéca de corno e sem miólo :

Eu, que dos Filhos meus conheço a récua,
Attesto ao mundo que nenhum mais Asno
Houve até-gora de asinina especie;
Ou componha, ou discorra, ou falle, é Burro:
Nada dos cascos burricaes lhe surde
Que não seja d' um Burro, ou couce ou dente:
Um bando o segue de Sandeus menores,
Que á sombra d' elle, na tolice medram:
Quasi rivaes alguns com elle hombreiam;
Mas quando a agulha burrical levanta,
Quando dobra, e desdobra a orelha esguia,
Tanto d' elles acima as aucas ergue.,
Quanto entre vimes sepulcral cypreste.
Com todos inda espero erguer meu throno,
E afugentar de Portugal inteiro
Da importuna sciencia ainda as reliquias;
Mas sem vós que farei? Sem vós não pôsso
Entrar em campo, e conseguir victórias!
Surgi, vinde comigo. » Inda acabado
Sandice Mãe de se vasar não tinha,
Ja da caverna fóra os Genios todos
Batendo as negras azas se arrojavam:
Turvo se fez o ar, e a Natureza
Sentiu no vasto corpo um forte espasmo:
O dia s' enluctou; mais apressada
Surgiu a noite das cimmerias sombras:
Pelo reino animal somente os Burros
Deram mostra de si, zurraram todos;

Os de Cacilhas, e Vallada, a pino,
 Como per fôrça mágica, elevaram
 Todos a flux elasticas orelhas ;
 Pelas barrigas os lampreões bateram ,
 E o rabo , as Moscas enxotando, ondeia.

Nunca longe da terra o vôo erguendo
 Tardo e pesado a Mãe vinham seguindo ,
 Quaes véem na revoada inda adejando
 Atraz da Gralha-mãe Gralhas pequenas :
 Ella lhermarca o trilho , ao guincho attentam
 Com que a audacia reprime , se atrevido
 Mais algum d'elles , se remonta e sóbe :
 — « Arre la para o chão (lhe diz Sandice)
 Deixai que as Aguias co'os diabos subam ;
 Tu so n'um ar mais crasso , e mais sedição
 Ventila as azas cartilagiuosas ;
 Descobre no Morcego a imagem tua ,
 Que evita um ar subtil cosido á terra :
 Se queres repousar, toma fôlego
 Em lodosa lagôa, em charco immundo ;
 Não pinches alto , não , que o precipicio
 Nunca temeram animos rasteiros. »
 A voz da Mãe reprime a turba airada
 Amor d'altaneria , e da suberba ;
 Tudo co'a terra se coseu n'um ponto :
 Com rasteiro andamento assim proseguem
 Vereda conhecida até Bayonna.

Alli *bons* Patriotas lusitanos
Foram pedir um Rei, teudo-o tam certo
N'esse Heroe vencedor do Rei Maluco,
Que ás trancas deu dos campos africanos;
Na ilha ou cu de Judas escondido,
D'onde ás vezes se apraz de noite em sonhos
Sair, mostrar-se á jumental Caterva.
Porém Sandice na conquista attenta
Deu signal de marchar; desfilam todos:
Ja sôbre a Hespanha a Cafila voava
Contente de observar no estrago, e sangue
Effeitos da Sandice, effeitos d'ellès:
Roubos, mortes, catástrophes são suas;
Cidades ermas, e talados campos,
Extincta a Juventude, e Velhos curvos
Sob o pêso de cornos, e cadeias;
Templos em cinzas, muros arrasados,
Sôbre as aras thurícremas extinctos
O Sacerdote, a candida Donzella,
Que um sacrosancto voto aos Ceos unira;
As infulas Vestaes inda conservam
Na ja pallida frente, e as mãos cruzadas
Sôbre o peito lhe tem da morte o gêlo.
Pedreiros infernaes eis obras vossas!!!
Eis as vistas politicas so tuas
Bernardino João, doctor Bemfica,
Na Gazeta de Almada Heroe cantado;
Bacharel Wanzeller, ex-Grillo e bêsta,

Que atrellado ao Falcão, viu ir Lisboa
 Buscar (devendo a Forca) Ilha-Terceira.

Satisfeitos co'a vista os Genios voam,
 Tocam do Coa as margens pedregosas;
 E não podem voar, que é fino e rallo
 Inda o ar, que circumda o Imperio luso:
 Que Monstros taes em flúido mais crasso
 So podem existir. Então Sandice
 Dos largos poros do pesado corpo
 Deixa sair vapor fetido e escuro;
 Engrossaram-se os claros horizontes;
 Per ondequerque passa é sombra, é noite.
 Véem do Mondego ás limpidas vertentes,
 E desde um teso levantado bispam
 Ja n'esse tempo a quasi nada Athenas,
 Depois que a Mãe Sandice o cu tanchara
 Nas crystallinas aguas do Mondego,
 Transformando o Museu n'um cagatorio,
 E mudando o anatómico escarpello
 Em penna gazetal, que asneiras véte.
 — « Temos vencido aqui (bradou Sandice
 Aos Genios todos, que a phalange formam)
 Vamos á Capital; táctica é esta
 Dos Generaes, ou Cardadores corsos. »

Disse; deu costas; e a phalange voa,
 Vertical ao Rocío expande as azas;

E absorta no prazer, busca o Javardo,
Que ao conhecido Botequim se acouta
Quando a Noite desdobra o manto escuro,
E a turba dos Cações, e dos Caixeiros,
Despejada a gaveta, ao ponche acodem;
Tudo observa a Sandice, aos Socios brada:
— « É este o domicilio, este o viveiro
D'onde vamos tirar Conquistadores
— Com que entre Gente lusa edifiquemos
Novo Reino, que aos astros sublimemos. —
Seja de Orates Portugal a casa;
Asnotenha em saber, que opponha á França. »

O Genio então da nova Poesia
Acotovela a Mãe, que se babava
Ouvindo o Filho coxo e cego em tudo,
E lhe diz susurrando: — « Ó Mãe campámos!
Estou pasmado da colónia nossa
Tam florescente ja no Tejo undoso,
Que em mil versos fataes fermenta, e arde! »
— « Isto tudo que observas (lhe diz ella)
Conquista é minha ó Filho! inda não vistes
O que é minha potencia, o que é meu braço:
Ólha além para dentro, ólha o Trigoso,
Rôsto feito ao picão, beijo caído,
Caldeirada ambulante, e que parece
Um bacio de dentro para fóra;
N'este vivo monturo erguer pretendó

De meu Imperio o throno mais seguro :
E ja se eleva, e ja s' immortaliza
Tanto no *Popular* do meu Carvalho,
Que muito tem medrado la em Londres,
E os outros Filhos meus Borges, e Moura;
Pois ja com Sir Roberto Wilson andam.
Eu agora aqui fico, observar ide
Quanto em Lisboa immensa se offerece;
Ide ultimar a commissão d'asneira;
Charles Stúart aqui esperar devo;
Nem longa póde ser sua demora.
Tudo prestes levou d'aqui, de Londres
O Barradas, Lacerda, e o Porto-Saucto:
Muito de dia e noite trabalharam :
A elles é que deveremos tudo ;
Bemcomo ao Aguiar, e mais ao Abrantes,
Que do Rei aggravaram a molestia,
Para assim, desgostoso, annuir a tudo :
S' elle espicha, ó meus Filhos! (como creio)
Então de certo o vencimento é nosso :
É com o Pedro que eu ha muito conto.
Pela Cidade-nova dividi-vos ;
N'ella meu reino, e a esperanza eu fundo.
Da rua-Augusta, Capellistas, e Ouro,
Faqueiros, Algibebes, e da Prata
Os Patrões convocai, e os seus Caixeiros.
Destribuí dos Eleitores a lista,
Que elles mui bem fazer a escolha sabem ;

E ja dos Trolhas mesmo a trampa gostam.
Ide assim preparando o Imperio, e throno,
Que hoje comêço a conquistar Lisboa:
Tomando a Capital, eu venço o Reino.
Vou-me escanchar no Bacharel Bernardo;
E toda quanta sou, n'alma de trampa,
Minha morada, meu prazer, chimpan-me.
E pois a Noite taciturna e fria
Vem o manto estendendo, e os astros brilham,
Eu aqui fico, ó Genios! qu' é chegada
Do gran' Congresso a hora, em que alto plano
Da parvoíce universal se forme:
Eu devo presidir; geral ataque
Em toda a linha da Sciencia, e Gôsto
Á manhã se dará. Genios, sou vossa. »



Os Burros,

ou

O REINADO DA SANDICE.

CANTO TERCEIRO.

O Congresso preparatorio.

O carregado ponche, o gro picaute,
Mil e mil vezes repetido, tinha
Feito rodar estolidas cabêças
Aos Campeões do litterato beco,
Que emroda estavam da marmiórea banca,
Das Artes, das Sciencias disputando,

Do genio do Miguel, e do chicote
 Com que mui bem zurzidos tinham sido.
 Mas ja da casa mystica á secreta,
 Onde se joga á noite, onde se ajuncta
 O Conselho dos Dês, qual em Veneza,
 A ventilar d'Estado altas materias;
 (Pois de Judas ao cu foram as Côrtes)
 Per qual das frestas não se sabe ainda,
 Ou per cima, ou per baixo agudo apito,
 Quaes em gaita-de-corno, os Rêis-das-armas
 Sohiam em Madrid chamar a Côrtes :
 D'esta guisa avocando a vil Caterva
 Para o Congresso estúpido e profundo,
 Qual a assobio conhecido acodem
 De Pancas na charneca, ou Vendas-Novas,
 E Espinhaço-de-Cão, ladrões matreiros :
 Assim surgem da banca, largam copo
 Ao ouvir dos canhões o estampido,
 Que a chegada de Stúart annunciam ;
 Ao qual, n'um escaler, além da Barra,
 Ha muito, a Mãe Sandice, esperar fôra.

Formam Conselho os Asnos n'alta Côrte;
 E ja nos bancos ensebados, todos
 (Quasi iguaes na Sandice) se assentaram :
 Preside o gran' Sandeu. Quaes do Dentista,
 Charlatão de París, pependentes ficam
 Ároda d'alta banca os Chanfanceiros,

E os nojentos Cações do Caes-da-pedra,
Quando elle entoa a divinal prelenga
Em que promette esmigalhar os queixos
Com permissão do Proto-Medicato;
Assim de palmo abrindo enormes bôccas,
Ficam da bôcca do Sandeu pendentés,
Per largo tempo, os sessos, e os Sessores;
Elle alarga a bochecha, assopra, e grita :

— « Veneraveis Varões em prosa e verso,
Grandes Mestres da crítica, e dentada,
Padres-Conscriptos de Gazeta, e ponche,
Parece-me que sinto escarranchada
No meu cachaco a minha Mãe Sandice.
(Onde eu, e vós estaes, per fôrça existe.)
Ella decreta, e tinha decretado
Que em Lysia o reino da Sandice expire;
Bemcomo o nosso Jorge Canning, Clinton
Mandou conquistador, para que os Lusos
Beber da merda, hourados, o mandassem;
Ella me escolhe a mim n'esta ardua empresa;
Mas sem vós que farei? Sem vós sou nada.
Dêmos cabo das lettras importunas;
Ponha-se fogo á triste Academia:
Se a deixâmos em pe, talvez que um tempo
Surja, e lhe esqueçam planos de batatas,
E cuide em mais que em manuscriptos velhos;
Talvez que o *Diccionario* finalize (1);

E um corpo inteiro dê de Historia lusa,
E não va mendigal-o aos Estrangeiros!
Ja que o Trigoso, Frei Luis, e Súcia
Occupados estão na causa nossa,
Que os Burros todos a salvar so tende,
E que sem elles Académia é nada,
Extinguil-a (penso) melhor fôra;
Pois mais uma Sessão vale das Câmaras,
Que cem mil academicas arengas.
Mais bem nos fez á causa da Sandice,
Do Fernandes as brutas gritarias,
O — *Passe per la bem senhor Brasil* —
E os couces, que o alvar Borges Carneiro
Ao Principe atirava, e aos Brasileiros,
Que todas as arengas Bonifacias,
E as sommas todas, que gastou Roivídes.
Com Jumentos vinte oito, em Trolha mestres,
Nas Côrtes Bêstas cem, venci tres annos:
Estes, e os outros entretinha o Chefe,
Como, outrora, o Corso o seu Senado;
Aos primeiros confrindo as môres honras,
E os outros lançando á margem todos.
Assim como de Robespierie a morte
Em Franca a quêda da Sandice trouxe,
Tambem á perda do Heroe Fernandes,
De nosso Imperio se seguiu a perda:
Mas a consolação ao menos temos,
Que, em quanto o Heroe nosso padecia,

O jumento Loulé diariamente
Vezes vinte d'El-Rei era mandado
Indagar os progressos, que a ascarosa
Doença, n'elle Burro, ia fazendo :
E que, se o Infante derribara o Templo,
O Marquez firmemente promettera
De restaurar-nos procurar maneira.
Vós sabeis muito bem que elle foi víctima
Do cio burrical, e causa nossa :
Porém o Socio nos deixou e Genro,
Que seguir sabe á risca as manhas suas.
Nós os mores favores hoje alcançamos
D'um estranho Patrono, *Eólo dicto*,
Que dos Eunuchos todos é gran' Mestre.
O Palmella é ja nosso, e outros muitos
Fidalgos orelhudos; a até temos
Naftes illuminados, que outro tempo
Involvidos no escuro á toa andavam,
Sem o valor, e aprêço dar saberem
De ser nutrido com batatas Burro,
Ou com bolota, como o fôra outrora :
Que os Burros no Albiôn não teem cabresto;
Mas sim, de forte couro, liso freio.
Do Trigoso a conquista, e a aquisição
De Sir Charles Stuárt, e da Condeça,
Que Anadia se chama, fructos foram
D' intrigas, de canções, e suores.
Paciencia, e corajem ter devemos :

Já, o velho Dono, a zurrar matámos ;
 E agora a granel andámos todos.
 Senhor quer ser Miguel, e quer ser Pedro :
 Também pola Criança é Lord Canning.
 Quando muitos um Burro montar querem,
 Sempre elle, do que as manhas sabe, foge ;
 Porque a manha a chicote, e a espora leva.
 O diabo do Miguel não nos faz conta,
 Nem o Pedro (a ca vir) nos serviria ;
 Visto que pontapés dá nos *Congressos* :
 Mas como longe está, zurrar nos deixa,
 E da Pequena é Canning o Tutor,
 Albardados per elle antes sejâmos,
 Já que ao Pedro, e Brasil também albarda ;
 Pois feno (em caso mau) e asylo, temos. »
 (Assentam todos uniformemente,
 Que jumentada igual nunca saíra
 D' humanos cascos, de toneis de ponche.)
 « Este o maior brasão do Imperio nosso ;
 Este dilata o Reino da Sandice,
 Dos Lusos ao saber bestial põe cunho. »

Saltando estava por fallar o Pato ;
 Levantou-se orador, grunhiu d' esta arte :
 —« Vos, Asnos, socios meus, e meus modelos,
 Sabeis ser o Theatro a eschola aberta,
 Onde aprende a Nação patifarias,
 Onde s' estraga, se corrompe o gôsto,

Onde a linguagem lusa s' emporcalha ;
Onde as Mulheres se refinam todas
Na grand' arte d'ornar de corno a frente
Dos que lhe arrasta conjugal carroça :
Sabeis que alli s' estuda, alli se aprende
Como presente o Pae, e a Mãe presente,
Donzella mestra na *modesta* Walsa,
Não so cartinha embuta, encaixe, e mêtta
Tudo o que ella quizer grosso e miúdo :
Como a Patrão forreta empalme o gimbo
Namorador Caixeiro, que inda ha pouco
De Basto, ou Guimarães veio em tamancos
Co' a ceroula no cu pegada e rôta ;
E ja nos Botequins, ja no Theatro,
Em Polífrica, em Dramas decidindo,
Na plateia alugada desapprova
O que nunca entendeu, com conce, e zurro.
Tal o Macaco vemos do Gameiro (2)
(Que quinquilheiro no Brasil ja fôra)
Feito hoje Embaixador ! e tambem vemos
O Rodrigues tripeiro, que outro tempo
Vendia em Londres a cebola às duzias,
Secretario, e secreta em Turim ser.
Graças mil á Sandice sejam dadas,
E outras tantas ao Sandeu Palmella !
E ess' outro que de Priapo blasona
Lopes jumento, qu' exaltava tanto
Os louvores, que Jorge (dicto Quarto)

A seu burro marzapó prodigara;
 E o como por guinés trinta comprar,
 (Que em Sancta-Cruz o Pedro lhe quebrara) (3)
 Um apostiço dente, enviado fôra
 Ministro a Stockholmo, ahi deixando
 Seu Filho Encarregado, em quanto em stansas,
 De Villa-Flor ao Conde, mostrar veio
 Dos doze Imp'rades eternas manhas.
 Assim se funda da Sandice o Imperio;
 E assim, entre nós, ja vai medrando.

Genios dous me dominam, *vil*, e *asno* :
 Dos Fidalgos d'agora, eis a apanagem :
 Se os Francos chegam, vão o cu beijar-lhe;
 Se vêem Inglezes, vão pedir-lhe albarda :
 Dos Heroes lusos a ascendencia é esta !
 Esses Asnos agora, nova regra
 Conformes seguem; pois assentam todos,
 Que, quanto mais com Stranhos se humilharem,
 Mais nobres hão de ser, em casa, e honrados.
 Nos Burros esta regra origem teve;
 Pois aquelles, que ao montal-os, se acacapan,
 Dão em a manjadoura, grandes couces
 A outros Burros, que p'ra carga servem.
 Isto a Loulé, e a Bráiner bem surtiu;
 Pois se vilezas no Brasil fizeram,
 E pontapés, e arrócho la soffreram;
 Alcançando depois os maiores póstos,

(Em logar do da Forca que m'rciam)
 Vingança muito bem então tiraram ;
 Um , o Real Decoro achincalhando ;
 O outro , o Throno , e a Nação vendendo .
 O vastissimo Imperio da Sandice
 Funda-se em traducções , e ellas são minhas :
 Quero trazer eu so de novo a Lysia ,
 Com traducções , o Imperio da Ignorancia .

●
 Traduzi , traduzi , fazei Jornaes ;
 E depois de assolar , queimar a Patria ,
 Escrivei , publicai *Contemporaneos* ;
 Porque então vil Tractante e Sandeu sendo ,
 A primeiro Ministro aspirareis
 D'aquella Patria , que trahiste em tudo !!!
 E até mesmo aquelle , que em roupeta ,
 De Porteiro servia aos Padres Bentos ,
 Será dos do Conselho no Serralho :
 Tal hoje a pedreira é Irmaudade
 D'esses Fradinhos , que o Sotaina mesmo ,
 A par d'um digno Padre , vai fazendo
 Do jumento Patricio um Cardeal . »

— « Alto la , lhe bradou risouho , insulso ,
 O Major Daniel Rodrigues Costa ,
 Assustador do Rapazío immundo ,
 Quando insomne , as recrutas farejando ,
 Co'o terço patamal Lisboa entulha :

Tudo (exclama com voz pausada e tola)
 A meu esforço deve o Imperio vosso !
 Quarenta annos ha ja que eu pôsto em campo
 Contra a razão batalho, e contra as lettras :
 Ninguem mais graças disse, e teve menos,
 Nem zangou mais a paciencia ao-Mundo.
 Roucos se fazem com meu nome os Cegos :
 Nenhuma esquina se sujou sem elle.
 Volumes vinte e quatro impresos tenho ;
 Eu mesmo, que os compuz, não sei que dizem.
 De rhymas varias dous volumes conto ;
 Que cousa seja um verso inda hoje ignoto.
 Animoso atirei comigo á scena.
 (Cousa não vista mais !) As pateadas
 Vinham atraz de mim malhar-me em casa
 Depois de fartas de malhar na peça !
 O meu *Mundo, Hospital, Barco, Almocreve*
 Podem fazer-me o ~~General~~ dos Burros :
 Nem mais que desejar Sandice tinha ;
 Os dous Galenos Coimbrões seus Filhos
 Em seu docto Jornal me immortalizam,
 E ambos, a paiz de mim, se acclamam Asnos!
 Ou deixai-me escrever, eu so no campo ;
 Ou por mim vós seguindo a estrada aberta,
 Sêde vós Danieis, Sandice é tudo. »

— « É grande o voto do Commum (gritava
 O Silvestre Pinheiro) mas eu vejo

O Povo luso n'outro estado agora.
É p'ra vos instruir, que a Mãe Sandice
Em Inglaterra, e França ha viajado.
Foi sempre tal em França o amor ás letras,
Que é mui raro em Paris o logar hoje
Aonde se não leia, e até cague.
Os de cus Inspectores, e de cloacas
Lendo estão os Jornaes, em quanto os outros
Vão a tripa vasando; porém logo,
Para o sesão alimpar, os Jornaes tomam.
Durante que o Francez a qualquer canto
Engraxar faz a bota, ou o sapato,
Lê o Jornal. No açougue o Carniceiro
Lendo o *Constit'cional* a carne corta.
Nas Praças os Saloios Jornaes lêem;
E tal esta mania em Paris reina,
Que de carga os Jumentos, que atraz se acham,
Ler todos sabem; stando assi' ao alcance
Das tenções, e politica dos Donos:
Eis a causa porque os francezes Burros
Se distinguiram sempre em toda Europa:
Mas sem fallar-mos nos albinos Asnos,
(Que acima um furo aos outros se avantajam
Co'os seus longos Jornaes de duas varas)
Dizemos, que o progresso d'esta raça
Tem ja civilisado o Mundo inteiro,
A couces, e a zurrar os Réis matando.
Do Constancio (4) e Benthàm, alvares Burros,

Assás lições aqui se nos mandaram.
 O velho Burro Verdier (5) ja temos;
 N'habitacção do qual os Socios todos
 Em París, á porfia, se ajunctavam,
 (Qual em Delphos um Burro) a consultal-o:
 Eu mesmo a conferir ia com elle.
 Nós tivemos Jornaes, ó feliz epoca!
 Ó *chefe-d'obra* (6) do talento humano!
 A não ser o Rapaz excommungado,
 Que não houveramos nós té-aqui feito?
 Mas corajem, Amigos meus, corajem.
 Agora um gran' Jumento nos protege:
 Palmella é ja dos nossos, trabalhemos.

Gazetas, meus Senhores, e mais Gazetas;
 Que, de todas, a mor Sandice é esta.
 Na séria redacção s' ajunctem todos,
 Quaes ja, no escuro Tâmisia, outro tempo,
 Em ajoujo os dous Mestres d'alta trolha,
 Abrantes, e Nolasco se ajunctaram
 Per ordem do sodómico Roivídes,
 Para o *Investigador* trampa escreverem,
 Em o qual ao Hippólyto retruquem
 Sôbre os milhões, que o Funchal sizara:
 E chegando depois Palmella o Burro,
 As *Córtes-de-Lamego* assoalhassem.

O grande Padre Amaro, ou ladrão dicto,

Que dos Trolhas a caixa gatunara
(De que elle mesmo Thesoureiro fóra),
É hoje do Palmella o Jornalista;
Que é o mesmo (ja se intende) que ser nosso:
Emfim este é o seculo das luzes.
Se outrora ouro faziam os Alchymistas,
Tambem hoje a Gazeta o dom possui
De os Portuguezes transmutar em Burros,
Quaes ja todos vão sendo, excepto poucos;
E muitas Alcobaças terá Lysia
Onde centos engordem de Bernardos.

Que será sem o *Times* o Palmella?
E sem *Constit'cional* o Burro Abrantes (7)?
Ah sem Gazetas nunca houvera Accursios!
E sem Gazeta os bacamartes cinco
Não vieram quebrar do Mundo as bolas,
Nem conservar aos pósteros zangados
De asneiras tantas a memória eterna!
Milagrosos Jornaes, per onde a farto,
Quizeram ser Fouchés Frades Vicentes:
Que cabo d'elles deu, mas não de todo,
Phrenesi gazetal. Doctos Pedreiros,
Tonsurados Maçons da Loja-Mestra,
De quem foi Veneravel o Loretto,
Que ao Hippolyto hospedar se gloria
Quando s' escapuliu da tóca Bicha
(No Rocío existente) para Londres,

Onde, alfim, Redactor foi co'o Nolasco.
No paradouro dos illustres Sabios,
Que vão no Tejo das galés fugindo,
Gazeta, Socios meus, Gazeta é tudo :
Da quéda da Sabença a causa é ella.
Antes de haver Jornaes, e Academias,
Viu-se na Europa o Templo da Sciencia. »

Qual quando volve o gordurento Entrudo,
Nos açougues se escuta alto sussurro,
Ou como em Maio nos floridos campos
De Burros um coreto alto solseja ;
Tal no immundo salão dos Asnos sôa
Clamor universal d'applausos tolos,
Que o grande achado aos sessos levantaram.
Á saúde do Membro aos cascós sóbe
Almo férvido ponche em palanganas :
Mais que todos bebeu Sandeu Bernardo ;
E de mófo sorvendo a caixa alheia,
Da bôcca jumental bafordas vasa.



.....

Os Burros,

OU

O REINADO DA SANDICE.

CANTO QUARTO.

O Palucia da Sandice.

NA conhecida enxêrga esburacada
Tinha apenas Sandeu lançado os ossos
Embañhados pela manta immunda,
Prompto somno lhe prende os vesgos olhos;
Que elle a receita de os fechar conserva
Repetindo a si mesmo um seu soneto,
Que a fôrça tem da egypcia dormideira
Na pesada lethárgica virtude!

Então mais um motivo accresce e sóbe
 Do Carrascão a dose assalvajada
 Que sóbre as Ostras sepultou no bucho.
 Dous roncoss dava ja, qual no chiqueiro
 Costuma dar o grunhidor Cochino,
 Ou qual Bernardo, que estirado espera
 Que o badalo infernal toque a completas
 N'um dia duplex de jantar bernardo.

Eis que Avejão bem conhecido, attenta
 Sobrestante á posilga, horrendo e feio,
 Mais alto ainda que o Doctor Sangrado (1)!
 Dos labios deslisou sorriso tolo,
 Arregaçando os proeminentes beicos,
 Qual Burro que cheirou da Burra o mijo,
 E alcatruzando o lombo o ar atroa
 Da poppa co'o cachorro em salva inteira :
 — « Filho (o Nume lhe diz) contigo estive
 Na tasca immunda das puxantes Ostras ;
 Á Sessão presidi na sombra involta,
 Que é própria e natural da essencia minha.
 De prazer me molhei quando escutava,
 Quando dos Membros recolhia os votos ;
 De meu Imperio firmes alicerces,
 Firmes columnas das conquistas minhas.
 Nada mais é preciso, a Europa é minha ,
 Depois que a praga gazetal é sua!
 Grande empresa scabaste, ó Filho! agora

Cumpra a devida recompensa darte,
Bemcomo Thetis no Camões ao Gama;
Que depois de ceiar lhe mostra o Mundo
Dentro de bolas de crystal mettido:
Assim eu (como exórdio ao prémio immenso,
Que guardo para ti, e aos outros guardo)
Destino os meus Alcaçares mostrarte,
Onde verás o que Mortaes não viram.

O Nume assim fallou : pelo gasnate ,
Ou da beica travando ao vil Javardo,
Em corpo , e semi-alma ao ar o sóbe.
Bambaleam-lhe as pernas ; de uma d'ellas,
Logo caiu desirmanada bota ;
A perna lhe ficou despida , esguia ;
Mas na côr, e no laivo igual á outra,
Qu'inda sustem caritativo couro.
La vão fendendo espaços dilatados
Té chegar a um logar Pantana dicto,
Onde tudo vai dar quanto a toleima
De Morgados, e Vates esperdiça ;
Quanto ás Nações Embaixadores furtam
Para com luxo entreterem as Putas :
Quanto, trahindo a Patria, se adquire,
E que tambem depois leva o Diabo.

Aqui da Mãe Sandice o Paço estava,
De mão estranha , ou nova architectura ;

Tem salas, galerias, tem janellas,
Qual d'Alcobaça outrora a estrebaria,
Antes que o facho destructor de Mássena
Chegasse ao côro, á manjadoura, a tudo :
Fica n'um valle dilatado e ameno,
Qual nos fez Dom Rodrigo o Campo-grande.

Do ar descia co'o Sandeu, Sandice,
E vai cruzando o portico da Estancia.
— « Ás armas! (grita a sentinella) ás armas! »
A grande-guarda se ajunctou n'um ponto;
Magote digno do potente Nume!
D' aspecto vário, e de diverso traje,
Da Canalha composto alti-gritante,
Que no Caes-do-Sodré se ajuncta, e vive.
Tocaram rufos tres, e o som parece
Igual á flauta jumental, se em Maio
Reproduzir-se a Natureza intenta.
(Não tem Sandice mor defenza que esta.)
A todos sobrepuja, excede a todos
O Capitão, que a estúpida Quadrilha,
Em duas longas filas logo ordena :
Era o Villa-Flor nedio e asneirão,
Que esfregando as verilhas corre á frente ;
Dando n'isto a intender que sempre pronto
Está para cobrir as Burras todas
Ou seja em cama esbelta, ou ja n'um charco.

A escadaria sandiçal subiam :

Aqui e alli Javardo ia notando
Os Bustos dos Heroes, que em nicho estavam
Entre columnas mil de Ordem-toscana,
Com capiteis do Gothico-pesado.

Dos Heroes, entre os Bustos mais distinctos,
Stavam, em galeria, os Paes-da-Patria,
Que de Sandeus são óptimos synonymos.
O Fernandes estava, e o gago Moura,
Que fizera ao Junot d'alcoviteiro;
Stava o desnarigado e alvar Médico,
Os Asnos Betencourt, Annes, Trigoso,
E o esqueleto fodaz Castello-Branco:
Os da Súcia, alfim, todos estavam,
Cadaum, por pilar, tendo um bacio;
Distincção, que a mãe Patria lhe outorgara;
Visto dos Benemeritos a ordem
Não terem, outro tempo, conseguido.
Em outra galeria, em maior vulto,
O corpo Diplomatico se achava.
Aureas grossas cadeias ao poscoço
O Palmella, Funchal, e o Mathens tinham,
Com que ha muito os Bretões os prisionavam,
Segue-se de Villa-Sêcca o sandeu Busto,
Que aos Credores fugiu para Moçamba;
E de la a Turim chegado havendo,
Secretario se fez do Anadia,
E pelo Metternique agora é pago.

Segue-se-lhe o Guerreiro sevandija,
 Que os pratos ao Roivídes alimpava;
 É hoje (por servir a Jorge Canning)
 É Ministro dos Cesares na Côte.
 Tambem do Nap'litano jaz o Busto,
 Que agora, la em Nap'les, Lysia advoga;
 Porque Gente capaz não ha ja n'ella !!!
 Dous Bustos Jumentinhos hi jaziam,
 Qu' em Turim o Linhares bêsta deixara;
 Que honra tanta lhe hão feito, e á Mãe Sandice.
 Seguia-se do Moraes Sarmento (2) o Busto,
 Que em Copenhague a Canning ora serve.
 É do Brito, a final, a statuazinha
 Co' as rodelas nas ventas, e co'a penna
 Na sêcca mão suspensa, indiciava
 Meditar as palavras afonsinas,
 Qu' empregar costumava nos *officios*,
 Que da Haya a Lisboa dirigia.

— « Filho, vais vêr as maravilhas todas
 Que meu potente braço alli junctara;
 Obras são minhas, de meus Filhos obras;
 Aqui seguras vão da Eternidade:
 Duras são ellas, que nem traça as chucha.
 Vês esta sala, que d'espera é dicta
 (Chamam-lhe os bons Criticos palheiro),
 Estas estantes toscas e grosseiras,
 De calhamaços ensebados cheias,

(As mesmas Moscas, se aqui pousam, dormem!)
 Não sabes de quem são? Ólha este Busto
 De cabecinha leve, e venta larga,
 Capitão d'alabardas, e d'archeiros,
 As obras todas são do Palmellinha;
 São do Camões a *traducção* famosa;
 São as *Cartas ao Times* dirigidas,
 E assignadas—*Um Brasileiro em Londres.*—
 (*Cartas que ao Times* muito bem renderam.)
 São *Memorias* escriptas na *Minerva*,
 No *Investigador* peças differentes,
 E no *Sovêla*, ou *Campeão* insertas:
 Tudo quanto aqui vês, elle o escreveu!

Anda, meu Filho, não detenhas muito
 Teus estupidos olhos n'esta sala;
 Tens muito mais que vêr: são bagatellas
 Do Foyos, do Cenaculo as asneiras.
 Ólha immenso salão de Vates cheio;
 A estante—*Portugal*—tem mais que todas!

Olha n'este recanto as obras junctas,
 Que o gordo, traduziu, Padre-das-hervas;
 D'agro-manía possuído a oito,
 Aos Lusos deu theoreticas batatas,
 Planos de arroz, e mel, cevada, e milho,
 Fazendeiros da America, e melaço,
 Co' as estampinhas mil (trabalho inutil)

Que a Dom Rodrigo o bom, milhões custaram
 Na abertura das chapas, e matrizes
 Das lettras calcographicas de trampa.
 O tractado da *Abelha* aqui conservo,
 Que ensina so despovoar colmeias.

Ólha a par d'isto como brilha ufana
 De tomos cinco pejadiuha estante!
 —*Historia Augusta da Invasão*— se chamam
 Os inuteis gelados bacamartes (3):
 Não precisam na frente Auctor pintado,
 Dizem per fóra e dentro *Accursio, Accurçio !!!*

Ora agora vem ca, Sandeu, chegaste
 Á grande sala, que uma vez somente
 Serve no anno á Pedreirada nossa.
 O veneravel Maldonado mudo,
 Zanolho Costa, que dos Filhos mestre
 Do Seabra se diz; doctor Vicente
 O consultado oraculo dos Tolos;
 Rodrigo Pinto, thesoureiro d'elles;
 E os mais abysmos da sciencia, ou trolha,
 Que o vulcanico Híppolyto salvando,
 Ficaram na esparrella, ás Ilhas foram;
 Aqui tinham Sessão do Grande-Oriente.
 Ólha a bella armação franjada d'ouro;
 Ólha o docel de veludilho negro,
 Os ricos avantaes, e as luvas brancas,

A espada, a caveirinha, a trolha, o prumo,
 A esquadria, o compasso, a mitra, os cornos.
 Os d'alto-grau na Pedreira mestres (4),
 Que igualdade sonhando, e idades-de-ouro,
 Do estouvado Francez não conheceram
 Essa fatal Revolução de sangue :
 Fiaram-se em Ladrões, que ao Tejo vinham,
 (Mais alarves que os Vandalos, que os Hunos)
 Roubar somente, e desprezar Pedreiros.
 Cheios d' ideias vãs republicanas,
 Reproduzir no Tejo imaginaram
 De Catão, de Pompeu dourados dias :
 Elles chefes ficando, os mais escravos.
 Mijaram-lhe na escorva os Protectores ;
 Alimparam-lhe a bolsa ; ás trancas deram,
 Erma deixando no meu Paço a sala :
 Tal é o que os Bretões fazer pretendem (5).
 Fique outra vez fechada : ávante vamos.
 Desarqueia o sobrolho : eu sei que triste
 Te ficou n'esse corpo a alma de Corno :
 Alguma cousa dos Pedreiros oucos
 Esperavas obter, tem paciencia.

No Museu do Palacio agora entremos :
 Aqui tenho o meu throno, e sou Rainha.
 É este o Busto do sandeu Vandélli :
 Aquella estátua Bonifacio Andrade.
 Os tres Reinos aqui classificaram ,

Ordenadores-commissarios ambos.
Vai vendo, Filho meu, sôbre os armarios
Dos subalternos na sciencia inutil
Os Bustos em argilla, em grêda, em humus.
Dos Correios-da-Morte, em longo fio,
Aqui vês os retratos na direita;
Do Museu da Sandice enfeites dignos!

Acolá o Ricardo teus, gran' Trolha,
Que em Coimbra a Cath'rina divertia;
Ao que Reitor dos Nobres ser devera,
E á Maçonica depois dignidade,
Agente d'Albion, dos Lusos Régulo;
Fazendo-o eu d'Estado-Conselheiro,
Pois tal gente compete a tal Estado!!!
Do Mello Franco a estátua envernizada
Co' a essencia da Vaccina, aqui contempla.
De ranhosas Crianças rodeiado
Este Assassino está, co'a lancetinha
Mettendo o pus, e consolando a Morte;
Pois, sem ella as trazer, bexigas fórma.
Ólha a estátua do Medico Delgado;
Por timbre tem na base o cemiterio,
Por lança tem nas mãos a sura, e tibia
D' um medonho esqueleto, a quem matara
Com vinte grãos de tartaro-chumbado.
Do Xavier (6) alli vês a negra estátua;
Furada barretina tem por casco;

Da Hygiēna obra-prima, e invenção sua,
Com que, nos hospitaes, ou la no campo,
A moleira ventila dos soldados.
Do Constancio eis-aqui o grosso Busto:
Elle diz nos Annaes ter vaccinado
As Crias do Martins, Genioux, e Lannes.
É elle que de Lysia expulso sendo
(Por tambem vaccinar querer a Patria)
Mandado, em meu reinado, foi á America,
Para tirar o ventre de lazeira.
Repara na encarnada fita da Ordem
De Christo, que os sandeus Trolhas lhe deram:
Ordem, que elle em París hoje não larga;
Mas que tanto algum dia achincalhava,
Da Raposa, co'as uvás, á maneira.
Tal a cartilha é d'estes meninos,
Maldizerem os Rêis, e as Jerarchias,
Quando d'elles o cu nem cheirar podem.

Deseccados, tambem, alli tens Asnos,
E as tripas do Fernandes em conserva;
Preciosa reliquia para os Burros!
Vai no Reino animal mettendo a tromba.
Aqui tens Mochos tres embalsamados,
Virados para o cu conservam bicos:
Imagens são dos Criticos, que ao senso
Dos Escriptores bons dentada atiram.
Ólha Lagartos mil, Cobras seiscentas,

Que o veneno da satyra cuspiram
Na virtude, é saber de homens honrados.
Aqui d' Escarabeos cardume immenso
Guardo em frascos d'espíritu-de-vinho :
Zuniram nos ouvidos, e quebraram,
Com sussurro importuno, ao Mundo as bolas;
Bemcomo aturdem Novelleiros oucos,
Per praças e cafés, theatro e tudo,
Com mentirosas burricaes noticias.
Oito Lobos-cervaes, de palha cheios,
Fóra d'aquelle armario as trombas lançam :
Imagens são dos Commissarios déstros,
Que a immença pança abarrotando, folgam
Co' a fome e descalcez de Heroes da Patria,
Que o nobre sangue e generoso entornam ;
E marchando em jejum mastigam louros,
Quaes no Oriente seus Avós colheram.
Os mesmos são que o Indo avassallaram !
Teem braço os Lusos, mas não teem cabêça.
Se houvera um Alboquerque, adeus ó Bifes!

Ólha agora o paiz da Ornithológia :
De Milhafres tu vês cem mil especies.
Nos cantos do Museu tenho em poleiros
Alguns de garra e bico mais adunco:
Imagens são dos Rapinantes finos !
Bilhetes, e guineos, patacas, tudo
Que a fome vende, a ladroeira compra.

Alguns no ninho estão muito anafados :
Retratos são dos Usurarios duros ,
A quem contractos exclusivos nutrem.
Teem quintas, teem jardins, coches, palacios,
Teem argêntea chapada em peito immundo ,
Qu'inda outro dia se encurvou co'o pêso
De canga em que levou caixa d' açucar (7);
Em quanto o Benemerito gemendo
Banha o pão com suor, se acaso o come!
Mas tem honra, qu' excede em prêço os cofres
Que usura vil, e monopólio atulham.

De Ratazanas de focinhos varios
Alli tenho um caixão pejado e cheio;
São de dente roaz, cauda comprida :
Imagens são dos que nos outros mordem,
E teem rabo-de-palha, e baldas muitas.
Lisboa cheia vai d'esta ratada!
Cem mil Camaleões de aspecto e côres
Mudaveis sempre como o ar se muda;
São mais leves que o ar, d'elle se nutrem ;
Dentro d'aquella vidracinha os tenho :
Retrato vivo de Tractantes muitos,
Que mudam rumo, como sopra o vento ;
Jacobinos, ladrões, rebeldes, falsos.
Porêm se os Hespanhoes em Lysia entram ;
Se o Rapaz em Lisboa é acclamado ;
Se da Trolha o domínio, e reino expira,

E o preto veludo em rubro muda ;
 De Villa-Franca as variegadas fitas
 (Que tanto, n' outro tempo, se pediram)
 Os vestidos, a flux, adornarão ;
 E a casaca virar hão-de q'rer todos.
 Abrantes d'este lote, e Abrantes outros
 (Cujo nome immortal não cabe em verso)
 Mastigam n'este Reino a dóus carrilhos :
 E as Galés com bolor!...e a Forca ás Moscas !...

De Cigarras aqui conservo um cento ,
 Qu'inda assim mesmo, em balsamo enterradas,
 Das cantiguinhas as não deixa a teima .
 Nas quentes séstas do calmoso Agosto ,
 Quando o ar se esbraseia , e escalda a terra ,
 Racham co'a linda voz té sêccos troncos !
 Poetas são dos Botequins de Lysia .

Deixemos animaes, que n'estes Paços
 Nunca teem fim quadrupedes, e insectos ,
 So Aguias no Museu nunca aninharam .
 A meu jardim-botanico encaminha
 Agora os longos pés, que ás hervas corres .
 Nenhuma plauta-exótica vegeta
 N'este meu logradouro ; apenas cardos ,
 Pasto mimoso de esfaimados Burros .
 Para os Vates aqui d' herva-babosa
 *Coroas immortaes, grinaldas crescem ;

Com minha mesma mão lhes cuido os carnos :
Cingi com ella a cabeciua ao Pato
No Elogio fatal chamado o *Nome*.
Foi vergonha d' Arthur, de Lysia opprobrio !
Nuno a par d' um Bretão no esforço, e glória
Inda é menos que o Cárcome (8) em proezas!
Ó galés, onde estais? Forca, que fazes
Que não penduras em teus paus o Pato?
A planta, que entre todas multiplica,
E mais me cresce aqui, prospéra e sóbe,
É Sandeu dos Sandeus, a parasita;
Une-se ás outras, e lhe chucha os succos.
Qu' emblêma, Filho meu, de tudo, e todos
Quantos em Lysia alvar vegetam troncos!
Não vivem do que é seu, vivem dos outros.

Do reino-mineral contempla agora
Alguns nobres metaes; ólha ouro-em-bruto
Pegado a terra inerte, e a duras pedras,
Que nunca se empregou da vida em usos :
La tens na sociedade imagens d'isto;
Tens cofres de milhão collado a pedras,
Que insensiveis aos ais, ao pranto, ao lucto,
Eternamente ferrolhados jazem :
Não servem para si, nem para os outros.
Ólha cem barras de pesado chumbo;
Imagens são de corpulentos Burros
Tardos de corpo, e de miôlo tardos,

Da humana sociedade inutil péso.
 Taes Conegos da Sé dizimos comem :
 Do côro á tasca vão, da tasca ás Putas.
 O corpo arrastam rochonchudo inerte,
 Com rezas machinaes zangando as almas
 Dos Defunctos, que á Sé seus bens deixaram:
 Com rezas machinaes; que em quando a bôcca
 Salmeia e desafina, a alma voando
 Ou lhe anda na taberna, ou na mesada.
 São pesados, qual chumbo, os Impostores,
 Que os tomates ao Mundo andam quebrando,
 Ou com longo aranzel d' Heroes fidalgos,
 Ou com subidas ideiaes valias.

Basta ja de jardim, vamos á sala
 Onde conservo apuros de gravura :
 Tens muito que admirar nos Quadros-Mestres.
 Olha bem p'ra o Congresso-de-Vienna (9):
 Nota a postura, e vê como em cadeira
 O cagão do Palmella está sentado;
 E como logo á frente se colloca
 Qual, se de todos, o primeiro fôra!
 O garbo com que mostra na poltrona
 Aos outros um papel, que nenhum olha.
 Qual seja esse papel, talvez, perguntes?
 É a vil concessão, que fez a Cástlereagh,
 De os vasos serem nossos visitados
 Dos mares, per Albion, em toda a altura;

E ser defeso aos Lusos de comprarem
O que bem lhes convenha em seus Dominios.
Ólha aquelle que ao Lord beija o trazeiro,
O Saldanha, ou Conde é de Porto-Saucto.
O outro o Lobo é, Prusso d' origem :
Por servir ao Congresso, todos Condes!!!
Eis a Cafila, que expediu o Araújo (10);
E de expedição tal os resultados !
A todos no Congresso o cu beijando;
Pedindo a todos o cabresto, e albarda;
Cayenna dando aos que nos roubam tudo ;
Ficando sempre nós sem Olivença !
E ousa este Bugio inda pintar-se
Em quadro tal, e que de todo bórta,
E aquelles que taes Bêstas la mandaram ?
Ólha aquella parede, é toda cheia
De Lords grandes, e pequenos Lords ;
Meio corpo estes teem, aquelles todo.
Um corre em Talavera, outro é sentado
No mais alto da Linha a ver Francezes
Jogando no Sobral bola, e chinquilha.
Este ao Porto chegou, depois que o Franco,
Carregado de alampadas, s'esgueira †
Com tigelinhas José Pedro o mostra ;
O Senado entre paus com tres bogias ;
O Barão-do-Sobral com vidros varios.
Eil-o n'um lenço de tabaco expresso
(Isto agora é mais fino, é obra d'elles

Ticianos, britanicos Carraches !)
 N'um marotinho a Badajoz escala;
 N'um chale a Burgos o castello toma;
 N'uma caneca em Salamanca ceia;
 N'um taboleiro de Xarão-bastardo
 De victória em victória, obtem victória!
 La vai n'um bule caminhando a França;
 Na manteigueira se aquartela em Vera;
 N'uma escovinha o Bidassoa passa;
 Ataca Arispe n'uma carteirinha.
 Anglia d'est' arte o Heroe produz em tudo!
 De Lamparinas n'uma caixa expresso
 Lança os pontões nas aguas do Garona;
 Em Panninho-estampado, eil-o em Tolosa;
 N'um *Bidet* de amarello entra em Bayonna...
 Sem que elle ao rabo d'uma chuça lance
 A mão robusta, os ossos desconjuncte
 A tanto Artista, que o produz em cacos,
 Em lenços, em papeis, em gêsso, em trapos.
 Ora fechemos a revista ó Filho!
 Que estou cançada de fallar-te agora:
 Outro dia verás os Monumentos. »



Os Burros,

OU

O REINADO DA SANDICE.

CANTO QUINTO.

Os Monumentos da Sandice.

—“**Q**UERO ó Sandeu! satisfazer-te essa alma,
Dando-te a ver eternos Monumentos
Do meu potente braço, e mente obtusa.
Tu sabes quem eu sou, sabes que a Europa
Ha muito tempo minhas leis aceita.
Que eu n'alma dos Philosophos mettida
O grande architectei projecto insano

D' exiliar do Globo honra , e vergonha.
Eu me encaixei dos Sabios no miôlo ;
N'elles a ideia lisonjeira excito
D' uma frugal Republica assisada.
Sube que em França o reformar Govêrno
Era na areia apresentar co'os Bodes :
(Do dicto ao feito vai grande intervallo !)
Era bella a Republica sonhada
Em meu Filho Mabli, meu Filho Jacques.
Se os costumes são bons, as Leis teem fôrça ;
E se teem fôrça as Leis , iguaes são todos.
As Leis n'uma Republica teem fôrça ,
Se os Chefes annuaes do Throno passam
Para a charrua , para o campo herdado.
Fiz que Jacques fallasse em Curio, em Bruto,
Em Cincinnato, Scipião, Serrano ;
Fiz-lhe dizer que o titulo—*Virtude*—
Inda era mais que Principe , que Duque ;
Que so no tempo de uma justa guerra
Empunhasse o bastão justo Guerreiro ,
E que acabada a escarpela, logo
Depozesse o bastão , findasse o mando ;
Fôsse couves dispor , cavar na vinha ,
E comer nabos com presunto em casa ;
No tribunal das Leis, igual aos outros ,
Que uns impalpaveis átomos se dizem ,
Qual se diz um Poeta, e um Jornalista !
Oh ! que cousa tam boa e tam piquante

Em miólo francez, que ferve ó Filho!
Que so na superficie embica, e pára;
Que em calculos moraes manqueja sempre;
Que os homens so na plebe apalpa, e observa;
Que das paixões a progressão não sente;
Que tirado da *Quadrilha*, e *Pirouette*,
Da moda e *Calembour*, o resto é nada.

Tóca a fazer Republicas nos ares
(Disseram todos) e surriu-se o Jacques
Do Pantheon-Nacional na cova escura.
De Ovidio o cahos retornou meu Filho!
Do Estado-social os elementos
Andaram todos em contínua guerra!
Dos Estados-Geraes fui eu Correio;
Eu lhe elevava os destampados Membros.
Covencção-Nacional foi obra minha:
Aqui tens em relêvo as Sessões suas.
Rebentam bandos de partidos loucos;
Maratistas são meus, e os Brissotistas.
Ólha o partido da Montanha em grupo,
Tudo em pedra-infernal gravado eu tenho.
É Cria minha o gran' Robespierre!
Aqui tens n'este grupo o seu retrato:
O mais notavel Monumento é este
Que em França fez, e que aturou Sandíce!
As frentes duas, que lhe vês dos lados,
São Saint-Just, e Couthon, mimosas Crias!

Dos Moralistas de Paris os Mestres ,
E Professores da *Igualdade* foram.
Quasi os homens iguaes iam fazendo
Pelos pescoços cerceiando a todos !
Ólha em pedra-volcânica esculpida
A Guilhotina , de um Galeno invento :
Ligeira , qual um *récipe* , no golpe ,
Ferrinho abaixo , cabecinha em terra.
Aqui me tens em mármore sanguineo
Retratada a mim mesmo , e os meus Juizes ,
Votando á morte no processo infausto
O miseró Luis !... (1) Ólha d' enxofre
Este grupo rarissimo , que eu guardo ,
É todo o Reino-do-terror em pêso !
Tudo acaba , ó Sandeu ! na Guilhotina !!!
La vai n'um carro o Dictador-dos-Tigres ,
Que ia deixando a França sem Francezes !
La vai co' a tromba , e queixos amolgados
Robespierre o *bom* : ólha o Carrasco
Como contente está , como estirado
De barriga no chão deixa o Marmanjo ,
Mostrando a frente ao Povo soberano ,
Que se deixa albardar de mais quinhentos ,
Com cinco *Paes-da-Patria* os Dictadores.
Eu dei aos Alemães chefes Pedreiros.
Mack é meu Filho , meu parente Melas :
Abre á Victória a Pedreirada a porta.
E sem Pedreiros que vencera o Corso ? (2)

Um grupo em papelão te mostro agora ;
É este, Filho meu, Padres-Conscriptos ;
(Eu presidi no seu Congresso augusto !)
A louca egypcia expedição decretam.
La vão suberbas naus, Chymicos marcham ,
Naturalistas vão, Barbeiros correm :
A Canzoada sabichona uivando
A eschola vai abrir d' Alexandria ?
De Jupiter Amon medir os cornos ;
Calcular das Pyramides a altura ;
Abrir canaes do Nilo ao mar da Persia ;
Para ir buscar lencinhos de Surrate ;
Deitar fóra os Bretões da aurea Malaca ;
A Marselha trazer canella a rôdo ;
Conquistar o Indostão ; tomar Bengala ;
E a marítima Paz firmar d'esta arte !
Ó que projectos meus ! Que asneiras minhas !
Eu ia triumphar, destino avêssô
Fez voar a Abukir Nelson n'um sôpro ;
Eis a cambada dos Barbeiros toda,
Os Chymicos-de-trampa, os Impressores,
Tudo em vaza-barriz dentro em tres dias !
Ficaram por medir cornos de Jove ;
Foram-se os lenços de Surrate, e foram
Oitenta mil Francezes pelos ares !
Com minhas azas o cobri ; na praia
De França o puz ; e merecendo a Força,
Consul ficou ; deu cabo dos Quinhentos.

Meus maiores tropheos d'áqui brotaram,
Com que esta casa enchi de Monumentos :
É feito Imperador ; e a Terra é minha !
Regalei-me, Sandeu ; de vér Francezes
Demócratas da França ha so dous dias,
Da Liberdade co'o barrete esguio,
Mudando o *Calendario*, o nome aos mezes,
Das Tuilerias nos jardins alçando
Ao Creador-Omnipotente altares ;
E um Sacerdote de casaca pondo
Sôbre elles para azeite, e por esmola
Tres francos e tres soldos, tres espigas,
E do Champanha um cangirão vidrado ;
Alçando templos á Velhice, e a Marte,
Elevando um Courão Sacerdotiza
Da Natureza ao Templo c'um chourico,
Como emblema allegórico, que mostra
Esse canal, que multiplica os Entes !
Regalei-me, Sandeu, de vér a Corja
Que as leis fraternas d' *Igualdade* abraça,
De antigos pergaminhos queimadora,
Que buscava, anciosa, última tripa
D'um Conego, ou d'um Frade esbarrigado
Para enforçar um Rei, qu'inda existisse!...(3)
Sujeita a Condes, a Barões e Duques,
Que vira na taberna, ou nos açougues,
Medindo vinho ; um porco espatifando ;
Ou com ligeiro pente, e com pomada

Dar lustro a caracoés, e a *gaforines* :
 Ou, quando muito, em theatraes alcouces,
 Serem do Sena os Borges, e os Fernandes,
 Em baixo sóco Theodorico, e Sanctos.
 Regalei-me de ver suberbo o Povo,
 (Mais que o de Roma soberano e livre)
 Com ferreo jugo, com servis cadeias,
 Puchar de Bonaparte o carro, e os cornos.

Ólha n'um camapheu Bastilhas oito ;
 Da *liberdade* Monumento augusto !
 Alli sentada está *Philosophia*.
 Cocando o cu, Republicas sonhando,
 Mabli, Montesquieu, Jacques n'um cânto
 Choram seu tempo, espedicado em livros,
 Que em dormir, em beber melhor gastaram;
 Porque os Francezes, dançarinos sempre,
 Tanto sentem o pêso ás vis cadeias
 D' estranha servidão, como as doçuras
 Da *liberdade* : sem vergonha saltam
 Na taberna, e no carcere contentes.
 Se teem theatros, viva Bonaparte !
 Se theatros não teem, morrerão todos,
 Indaque fartos, e que livres sejam,
 Como era um tempo o Bátavo bojudo
 Deitado em queijos, nos milhões cuidando ;
 Co'o cachimbo na hôcca, o cu nas calças,
 Em quanto a frota do Borneu lhe chega,

E desenrolha de Constança o vinho.

Ólha n'um grupo os Toleirões do Rheno,
Reizinhos de mão-morta, e vis Bonecos,
Que Bonaparte na maromba escanCHA!
As Leis da Convenção dictou, meu Filho,
Que a porrada fatal do horrendo Russo,
Mesmo dentro em París, metteu no abysmo.
Inexorabil Alexandre e duro,
Mais generoso que Alexandre antigo,
Da França me enxotou; talvez do Globo.
Corramos a cortina ao quadro triste...
Bonaparte no chão, Sandice em terra!

Deixemos grupos taes, que são mysterios
Em que tu, Sandeu-mor, não mettes dente.
Da margem do Danubio ao Manzanares
Agora vira a proa, ou vira a tromba;
Que aqui junctos verás bocados d'ouro,
Obras do braço meu na Côte hispana.
De sette palmos n'este chifre observa
D' embutidos-de-corno a Historia toda
Do sabido Godoy, Godoy montado
Muito a seu salvo n'um Courão ja duro.
D'este Cano-Real correram todas
As desgraças da Hespanha, e até d' Europa!
Aqui joguei de mão, vê que bolada
Tam vantajosa á Pedreirada minha;

Liança fraternal, Carlos, e o Corso!!!
De septi-palmi corno o lado opposto
Contempla agora com buril de Mestre;
Ólha esculpido La-Romana, e tropa,
Que aos gelos vai do Baltico perder-se:
Sangria que atenúa, e qu' enfraquece
O corpo colossal dos vis Caragos.
Ólha á surrelta as praças empalmadas;
De sangue luso a prêço hoje remidas.

Pódes crer, meu Sandeu, que eu quasi toda
M' espremi, me vasei per cima e baixo;
Metti-me toda de Godoy nos cascos:
Toda em Fontainebleau me vim co'a fôrça
De meus discursos burricaes na sala
Em que a grande partilha, e reinos novos
Traçou de toda a Lusitania o Corso!
Á Rainha tocou, que foi d'Etruria,
Porção septentrional do luso Imperio:
Ao zarolho Godoy dos Algarvios
A terra fertil d'alfarroba e praga.
Tal dos Orphãos Juiz foi Bonaparte;
Mas não tiraram cartas-de-partilhas.
Co' a cornea frente annue baboso Carlos,
E a farrapagem Girondina marcha.
Todo este arcaz de Montimentos cheio
Conservo da jornada, e effeitos d'ella.
Desde que o mundo existe, e eu sou no mundo,

Nunca victórias , e triumphos tantos
 Eu pude conseguir da especie humana ,
 Quantos em Lysia consegui co' a entrada
 D' um bando de Ladrões descalços , rotos :
 Até da asneira resentida estava
 A madre Natureza ; encheu de lucto
 A carantonha com trovões , e chuvas .
 Eu tinha preparado a entrada sua ,
 Que não podia ser mais que obra minha ,
 Co' a Pedreirada estolida e vasia ,
 Que desde a Capital mandava em tudo !
 Poucos eram de fóra os bons Juizes ,
 Que meus não fôsem, se Pedreiros eram
 Quasi todos. Per marca , e per bitola
 Eu medi o Manuel Borges Carneiro
 Aguazil de Vianna em Alemtejo ;
 Que aos quatro de Gibão Vereadores
 Discurso ciceronico repete ,
 Que estimo e guardo na redonda-lettra.
 Estes os Paes-da-Patria ; á Patria abriram
 Vastos canaes para a ruína , e morte.
 Eil-os , no barro do Doctor Milagres
 Effigiados Generaes observa ,
 O Gran' Duque Junot, Maneta , e Súcia.
 Ó que soberbo grúpo em grêda-fina !
 Na casa do Quintellá , e do Bandeira
 Que papa-fina os Capatazes acham !
 Vê como em roda de chinez bofete

Peruns atacam, Patos atassalham;
O Carcavellos, e o Bucellas fumam,
Quando attento Copeiro a rôlha arranca.
Vês Cações de Excellencia e Senhoria?
Fazem honras da casa: as honras deixam,
Que a opinião foi pôr nas pernas d'ellas.
Vê dos Castros os Netos, dos Saldanhas,
Beijando o cu aos Histriões da França!
Ah! nunca eu tanto conheci quem eram!!!
Ólha n'um casco d'Ónagro-silvestre
Dos Tres-Estados a Sessão gravada.
Eu, que Sandice sou, tal não podia
Soffrer, levar á córnea paciencia!
Que orações, Filho meu, que cumprimentos
Prepara a Súcia que ha-de ver Bayonna!
Do Barão de Sobral la vai o Filho,
Que o Povo luso representa todo!
O Lettradinho Frota, auctor da arenga
Foi, que o prastrano recitou contente:
Eu mestre-da-aduela um Rei proponho
(Como os Polacos n'outro tempo tinham)
Rei de tirar e pôr, Rei de tarracha:
Se acaso servir bem, sirva no officio;
Se acaso servir mal, quartos na rua.
Palmella quer Junot, outros Eugenio.
Ó Irmandade da borracha e copo,
Do milagroso San' Martinho Bispo!
Nunca em vossas Sessões tanto se asneia

Como os Confrades, que o Reizinho pedem !
N'esta pelle d' um Burro retratados
Os Asnos todos vês que até Bayonna
Foram pedir um Rei , pedir esmola,
Depois de feita a Commissão d'asueira.
Acolá vês um grupo de Fidalgos (4),
Que, sem os obrigarem , se alistaram
Para o Corso servirem contra a Patria !!!
La os vês em Grenoble encurralados ,
Para instruídos serem , quaes recrutas ;
(Tam ignorantes Bêstas elles eram !)
Porê m sempre dizendo (a pesar d'isto)
Que mais gostoso lhe era um Heroe servirem ,
Que ao basbaque, seu Rei, frade de Mafra !!!
E isso, porque enforcal-os não mandara ,
Como elles , ja de muito , mereciam.
Enviados depois á Hespanha foram
Para conductores e linguas serem
Dos que so assolar Portugal q'riam.
E, Idiotas taes , e taes Tractantes
São , mais tarde , dos Lusos os Ministros ?...
Um Dom José de Lavradio em nome ,
E muito mais no amor do vinho d'elle ;
Que Deputados dous !... Volta meu Asno ,
Vê n'esta tampa d' um bacio a effigie
Do guerreiro Junot de pe na sala ,
Qual Pae (Lagard o diz) entre seus Filhos !
Nas mãos *reaes* os osculos recebe :

(So lh'os deram Cabrões, lh'os deram Putas ;
Tambem lh'os dava illuminado Abrantes !)
Os parabens do seu Ducado aceita.
A Conselheiro do La-Garde exalta
Reicend o patifão , chefe d' Espias ,
Policarpo Manuel seu Jornalista.

N'este bispote de meu uso observa
Um caso todo meu , digno e famoso ,
Dom Pedro peregrino o Heroe da peça ,
Digno pastor de Salvaterra , o tolo
(E o foi por certo , porque foi Vicente)
Olha-o no sancto púlpito escanchado ,
De San' Napoleão prégando a vida ,
E as virtudes do Sancto achando impressas
No grande Imperador , que é de seu nome ;
Porém não teve por esmola a Forca
O eloquente Chrisostomo de merda !

Vê n'este cagalhão-petrificado
Com arte-mestra retratado ao vivo
Dos tres bons Principaes o Consistorio ,
Co'o braço alcado fulminando raios
D' excommunhão-maior , se alguem nas ventas
Dêsse c'um corno , dos Heroes-de-Jena !
Monumento immortal , qu' é meu , que é d'elles !
Se demandados a desculpa embutem ,
Disfarçados em si fugissem antes ,

Que quer dizer, s' escamugissem Burros.

De Potassa-gelada ólha estes Bustos ;
Á direita Junot , á esquerda Stóckler ;
Sentado o Franco , acorado o Luso ;
O ar pensante d' um profundo sabio ,
Ou tolo , mostra alvar Naturalista .
Olhe vossa Excellencia (em tom gelado
Lhe dizia o Sabujo) é este o bairro
(E as Pedras-negras lhe mostrou co'o dedo)
Dos Joões , dos Josés , mais das Marias
Gravadinhos ao vivo em metal louro :
Aqui póde cavar , que a beta é certa ;
Quasi aqui todo o Pôtosi descança ;
Rios do Sena para aqui correram ;
O Serro-frio , e Cata-preta jazem :
Aqui maude cavar Herman mineiro ,
E mande que Timtim lhe cobre os quintos .
Ora va Rua abaixo á Magdalena :
Aqui jaz outra mina em terra-porca ;
Indicio é d'ouro um presuntinho á porta .
La vai correndo um fio , e páre aonde
Cheiro lhe der de Bacalhau nas ventas :
Aqui acha grãos-d'ouro , e grãos-de-carne ,
(Se os quizer apalpar , taludos globos !)
La vai a veia escorregando á praia ;
De ser bôcca de mina é certo indicio
Ter alcofinha de feijões á porta :

Entre pilhas d' arroz jazem cartuxos.
Se fôr com facho acceso á térrea alcova ,
E vir enxêrga-esburacada, apalpe,
Que sôbre burras jaz pejadas d' ouro.
Vire de bordo, venha aos Capellistas;
Alguma prata teem, platina muita,
Ouropel quasi tudo, e talco immenso :
Pois nem tudo o que luz na mina é ouro.
Vamos ávante farejando as minas :
Um repiquete subterraneo faça ;
Surja d' um cano pela Augusta-Rua :
Se Chaves, Bastos, Guimarães, Viannas,
De Môça e quinta em fôfas se não mettem,
(Em theatro tambem) não falha a mina.
Mande depressa que o Timtim cirande,
Verá que d'ouro na gamella fica,
De lâ vendida, e tosquiados Tolos.
Nas travéssas de um lado, e d'outro lado,
Veja se ha terra d' Israel, que é certa
Colheita de metal, *com que abundancia!*
Bemdicta terra de Judeus, que é farta!
Aonde existe Synagoga ha ouro.
Das palhas-a-travéssa aponta o mappa;
Da Tribu de Izacar esta a morada ;
Não é possibil, não, cavar mui fundo;
Teem poucos trastes, roupa de Francezes
Os errantes Judeus; mas teem *quatrine:*
Estes adoram como um Deus da terra :

Não sei se com razão; mas deu-lhe o sestro
 Desde o momento que o Bezerro d'ouro
 Pozeram n'um altar, no cu beijaram.
 Prosiguâmos a viaje, ouro busquemos :
 So este é d'um Francez Idolo, e Nume!!!
 Per esta encosta do Chiado, as betas
 Grandes e fartas são, pôstoque occultas.
 Debaixo de chapeos d' agouro e morte
 Onde a *Folhinha* se fabrica, e aponta
 Um Sau' Napoleão de Agosto a quinze,
 Ha ouro-em-barra, esphérica-chapinha.
 Não cumpre so cavar á superficie,
 Que esta mina é manhosa, e tem recantos.
 Se não bastar Tímtim, que cobre o terço,
 Do La-Garde nas mãos s' entreguem todos,
 Que os ha-d' espiolhar com mão de mestre.

Deixemos esta scena : ólha em coquilho
 Duas Matronas como as Mães dos Gracchos.
 Ambas Cornelias são, Cornelios fazem;
 Anna Felicia, e Madre Catherina :
 Esta do Pinto, do Seabra aquella
 Dignas esposas, d'este reino Harpias :
 Uma em versos cuidando, outra em presentes:
 Ambas cardando Pretendentes oucos.
 A par d'ellas verás outro Par bello :
 Do Mangoalde Rendeiro é uma a Filha ;
 A outra do Bráiner é myrrhada Cria ;

Em Italia, e Lisboa Cações célebres!
 Á nymphomania ambas tam sujeitas,
 Que até mesmo la uma no Theatro,
 (Sem caso algum fazer dos que a miravam)
 Ao collo do Rendufe se atirava.
 Ólha aqui n'esta lâmina de gêsso
 Da morcegal Caterva, ordem do dia
 Do novo General Luso-Britano;
 De meia-lingua os Batalhões mandando,
 Onde nem todo Inglez, nem Luso todo,
 Mas Tolo extreme, se nos mostra o Tolo!
 Inda mais esta nos annaes da Asneira,
 (Depois das luminarias, e dos chuços)
 Á gran' Lisboa guardadinha estava!
 Menos foram do Egypto antiguas pragas,
 Ja faltam cornos, que metter na bôcca!!!

N'este craneo d' um Burro ólha esculpida
 A Juncta toda da Vaccina immunda:
 Na tésta Mello, e Franco, e nas queixadas
 Escarranchado Bernardino guincha.
 De ranhosas Crianças um cardume
 Alli berrando está; porque a lanceta
 Ja lhe anticipa o contingente achaque,
 Que nem a todos Natureza impinge,
 Nem leva a todos hexigal contágio.
 Ah! quem podera nos costados d'elles
 Inocular-lhes pútrida maligna!

Edizer-lhe — que é bom ; porque as malignas
Não tornam mais, se uma maligna veio ,
Com arte medical, jazer no corpo !
O Secretario-da-Vaccina envia
Aos mata-sanos o Diploma horrendo ,
Que o negro-pus nas gerações espalhe.
Se o Bispo chrisma , vaccinando chrisme ;
E se o Cura prégar, prégue a Vaccina :
Té na taberna o Bacalhau se venda
Com mólho de Vaccina : os Jornalistas
Todos, todos a flux Vaccina empurrem.
Vaccine o José Pedro as luminarias ,
(Talvez não pegue o moedor contagio)
Levante-se um Commum no Parlamento ,
— Que quer Cerveja vaccinada (grite).
Vaccina é dom do Ceo, Vaccina é tudo.
De Londres, de París, e de Lausanna
Véem, té do Inferno., escriptos de Vaccina :
E vaccinem no Porto até mulheres ;
E ja co' a Sancta-Unção triste o doente ,
(A não ter sido vaccinado) engula ,
Indaque seja em pímulas, Vaccina :
Não passe sem Vaccina á Eternidade ;
D'este trimestre o Secretario o manda.

O tempo vai correndo, ó Filho ! e a noite
Quasi cedendo á luz seu manto enrola.
Muito tens visto ja, muito te resta :

Nacionaes M'numentos vou mostrar-te,
E o quanto hoje Macacos são os Lusos.
Observa uma Regencia, e os que a compoem :
É o Souto Maior, Carvalho escriba ;
E, o *synonymo* d'Asno, Frade Bento!
É o servo do Junot, Conde San' Paio ;
A orelhuda Bêsta do Brancamp ;
E o célebre Francisco Maximiano ;
So, porque avantal, taes Burros cingem !
A Câmara alli stú preparatoria
Aonde os Jumentões verás de Lysia.
Assentado acolá tens o Congresso,
Em o qual ha Brissots no Pedantismo.
Aquella nau que vês n'aquelle quadro,
De João sexto, a chegada, a Lysia indica.
Aquelles que na poppa descortinas,
Um dos Regentes é, e um Secretario,
O Conde de San' Paio, e o Maximiano !
Ambos scolhidos foram pelas Córtes
Para serem d'El-Rei os carcereiros ;
Ao desembarque oppondo-se, no dia
Próprio, em que Elle chegou ; não obstante
Ser ainda mui cêdo, ou vir molesta,
De tam longa viaje, a Real-Familia.
Este so, da Convenção, passo tam digno,
Chorar me fez de gôsto, vendo o óptimo
Princípio, que levava a minha Corja ;
E stupidos ficando os Lusos todos !!!

Bemcomo, outrora, em França Robespierre
Á *Commissão-da-Pública-saúde*
Ufano presidia empertigado,
Hoje, em Lysia, verás o Heroe Fernandes
N'outra igual *Commissão* ser Presidente;
Conseguir pretendendo, so com ella,
O que o outro, com aquella, executara!!!
Ahi do luso Povo o bem invoca,
Quando unicos seus fins obter queria;
(Qual ja o Mestre Robéspierre fizera)
Pois morte dando ao Povo, o incensava!
Um Lettrado alli tens tambem Dantôn,
É o Ferreira Borges peralvilho,
Que, assim como elle, sem gravata andava;
E o qual, se ao Fernandes immolado,
Como o primeiro a Rob'spierre, não fôra,
Na seguinte eleição elle não entrara.
Um Barraaz alli vês, um Robespierre,
Que, se á Guilhotina o Rei não enviaram,
Foi porque d'elle obtiveram tudo!
Se mortes (quaes os Mestres) não faziam,
Nem ávidos de sangue se mostravam,
Era porque disposta não acharam
Toda a maioridade da Nação
A se regenerar ás bordoadas;
E que os Conscriptos-Padres preferiam
Antes bolsas encher, que cemiterios.
Se os Mestres, San' Domingos (5) sublevaram,

Tambem nossos Heroes Brasil perderam.
Se a Franca, de tripeiros, e lacaios
Embaixadores fez, e Generaes,
Tambem Lysia tendeiros, petimetres
Em Pl'nipotenciarios transformou.
O Marat eis dos Lusos, e é o Moura;
Que, qual novo Catão, se abalizava
Quando tudo, a seu grado, lhe corria;
E que o Diabo fallava, gaguejando:
Mas, que da Cria, desmaiou no entêrro!
Fouquieres verás, Peres, Duchesnes,
Gobels, e outros apóstatas chapados;
Verás, enfim, por tudo macaquice;
Mas, o que elles queriam, era comer!!!
Em Hespanha eu então stava entretida
Ás Côrtes dos Caragos presidindo;
Eis o porque animar não pude a Corja,
Que bellas esperanças agourava.
Quantas vezes me não molhei de gôsto
Co' as moções burricaes, que então faziam,
Como (entre outras) a do Soares Franco
Para a creação da *ordem benemerita*:
Lembrança qu'escapou aos Sandeus Francos!
Da Facção os Ministros tens ao lado,
A distincção, entre elles, merecendo
O ex-Professor tísico de Logica
(Ja quando congregado Jacobino)
E que em nome de'El-Rei officia

Em Londres, p'ra ceder o throno aos Trolhas!
 Mas travêssô Rapaz agnouo tudo ;
 Rapaz , que da Sandice é o flagello.

Agora o penhor último de affecto ,
 D' amor e fe te dou por despedida.
 Vem ver o Gabinete onde eu trabalho ;
 Logar d'onde atirei comigo ao mundo ,
 Desde que ha Réis , Republicas com Doges ;
 Logar d'onde entornei na França a asneira ,
 Que inda hoje per la prospéra , e medra ;
 Onde tenho o bispote , e d'onde mando
 De trampa a Portugal a dóse immensa ,
 Desde que a Turba pedreiral se alçara
 Fazeúdo da Gazeta unico estudo.

Do cabresto lhe pucha , anda o Jumento
 Atraz da Mãe com costumado chôto.
 No meio do Palacio escura estancia
 A Divindade estólida tem pôsto.
 • Á entrada estão de marmore dous Burros :
 Entre as orelhas teem , como pennachos ,
Investigador, Times, e Sovéla,
 Dous columnas-lateraes emcima
 Dous meios-corpos teem de massa-ignota ,
 O Rademáker são , e o pintor Cruz.
 Em dous bacios se sustenta , e pouosa
 Oval um medalhão d' alto relêvo ,

Do Soyé as *oitavas* o coroam (6) :
 Uma Figura tem, que anã se mostra ;
 Variegados emblemas a çircundam :
 São as *Cartas* ao *Times* dirigidas ,
 E os que, da escravidão nos fez, *Tractados*.
 — *A convenção-secreta c'os Inglezes*
 (Em baixo diz) Em cima—*Obras do Anão*—
 Quem o Palmella não conhece em feitos?
 Abriu-se a porta, e s'encaixaram dentro.
 A gran'cadeira da Sandice estava
 Na meza, em que *medita* uma Gazeta,
 E na parede o Conde de Palmella!!!
 Abre a bôcca de palmo o vil Javardo,
 O Gabinete da Sandice vendo ;
 E, mais que tudo, embirra no Palmella.
 A Mãe, que o Burro viu d' orelhas frouxas,
 E os quatro beços seus postos nos rizes,
 Signaes de pasmaceira, assim lhe exclama :
 —« Causa-te assombro, ó Filho! este retrato?
 É meu maior brazão, não por Ministro ;
 O Canning o pediu, sosten-o Canning.
 Patifaria elle ha deixado incerta ;
 Ja, na dos Francos invasão, salvando-se ;
 Ja co' esta, hoje dos Anglos, ganhando. »

Disse : ao gasnate do Sandeu lançando
 Robusta e longa mão, nos ares vôa,
 E mansaunente foi a pés e pëllo

O Javardo outra vez pôr na posilga :
Inda o deixou dormir : foi-se ; e sumiu-se.
Entre silencio, e escuridão profunda
Cuidou no prémio, que aos Heroes destina.



Os Burros,

OU

O REINADO DA SANDICE.

CANTO SEXTO.

A Transformação.

EM quanto os Asneirões a pança encliam
De vinho-carrascão, de podres-ostros,
Nunca os deixara a Mãe, bemque o Javardø
A seus passos levou : d'ella foi obra
Do gran' Palmella o traçadinho plano,
Que ella, ha muito, realizar cuidava,
A todos dando o merecido prémio,
Digno d'altos Heroes, columnas suas,

E de seu throno firmes alicerces.
Vai agora ajunctar profundos Genios ,
Que espalhados mandou correr Lisboa ,
Qual foi de Bonaparte antigua usança ,
(Quando empolgar queria algum Estado)
Introduzir o enxame de farrapos ,
Que nos veio trazer miseria , e fome ;
Encaixar d' antemão Pedreiros-altos ,
Que os mais honrados animos corrompam ,
Que futuros brilhantes promettendo ,
Os pulsos vão dispondo a duros ferros ;
Tal Sandice comsigo os Genios trouxe ,
Que ao despenho fatal levaram França ,
Dando em vasa-barriz co' as Artes todas ,
E que o fulgor da antigua Academia ,
Na trampa do Instituto converteram .
Os Sabios em Farcistas se mudaram ;
E os Paes-da-Poesia , os Paes-da-Scena ,
Boileau , Corneille , Crébillon , Racine ,
Em Fabre d'Églantine se transformam ;
É do Liceu-Central Picard o Mestre !

Á conquista mandou dos Portuguezes ;
Assignalou-lhe os póstos ; e ficaram
Ja senhores do campo , e da victória .
E quer Sandice organizar o Reino
Em tres minutos (qual Junot fizera)
Com Ministro-dos-Cultos , e Finanças ,

Intendente-d'Archivos, e das-Mattas;
E, transformado em Á Court Junot sendo,
Torne a ter Portugal logar no Globo!
Se o La-Garde, ou Hermàn ja nos deixaram,
Possuímos Brancamp, e o Xavier Cândido.
E se nós, Lusitanos, o Brasil
Perdemos, per teimosa renitencia,
Dos que Protectores nossos se diziam,
Uma *Carta* nos resta, e duas *Câmaras*,
Da hispanica Influencia tambem livres.
Assim formava o Reino, assim Sandice
As bases lança do seu vasto Imperio,
Dando aos Genios, que trouxe, emprêgo, e estado:
Querendo, que os que mais Junot serviram,
Tambem sirvam Á Court, e Canning sirvam..
Araújo, Cabral, Gravito, e Castro,
O Jumento dos Bentos, dos *Synonymos*,
(Que a *duzentos*, ao muito, se reduzem:
Abastado soccorro a quem pretende
Suas Obras polir com diligencia!!!)
E o Sotaina Abrantes Mor-Eunucho,
Do Conselho-d'Estado sejam todos:
O Trigoso ja o é, e outros muitos;
Pedro de Mello Bráiner, o Palmella,
E tudo o que mais ha de sevandija
Quer, arrogante, que empregados sejam;
So, porque além de Bêstas, são Tractantes.
Quer que nas Eleições s'escolham Nobres;

Mas so Nobres bastardos e pedantes,
Taes como um Saldanha, ou um Almeida,
E o gran' velhaco Conde de San' Paio;
Isto, para impôr á burrical Turba!
Ao conhecido ápito acodem todos
Co' a mesma promptidão com que em Theatro
Os carpinteiros bastidores mudam.

Não mui longe onde águas-livres nascem,
Enorme Casarão deserto existe.
Entre as Velhas do paiz é fama antiga,
Que ja um, que do Pará volveira, Bode,
Vinte e seis cornos retorcidos tendo,
Alli viera parar, e alli ficara.
É fama, que em cardume, as Bruxas todas
Co'o Bode-mestre Synagoga tinham,
Todas, uma per uma, indo bem pagas;
Mas ficando alfim prenhe a Superiora!

N'este Palacio pois, digno das Fadas,
Fez profundas Sessões, traçou seus planos
Quadrupede Ministerio de Lisboa;
Todos quatro manhosas Alimarias:
Um, ja vendido a Patria tendo ao Corso,
E a casaca depois mudado ao mesmo;
Outro, que tanto para um novo Rei,
O req'rimento promovido havia;
Mas que, depois, de Vienna no Congresso,

P'ra a extincção do Corso, foi da Súcia;
Porque ja a esse tempo Albion pagava!
Aquell'outro o Maçonico Patricio,
E o, finalmente, dos Bretões Caixeiro.
D'esta Súcia, tambem era o Rendufe;
A quem Sandice, sem olhar a gastos,
Fazia de noite vir, com mudas oito,
Para mais impôr, melhor do Bode
E das Bruxas o tesão servir, e o cio;
Por companheiro tendo uma das Bêstas
José Vas, ou Vasconcellos Brigadeiro.
Sandice este Local ainda escolhe,
Porque alli grandes cousas se passaram!
La a Corja, co'o Stnárt, ao Rei extorquem
A, do Throno, e do Reino, espoliação,
Com que, ao infeliz Monarcha, a morte deram.

Aqui pois, n'um Salão assás immundo,
Onde Amos, Amas, e os Criados nijam;
E onde, para a meza o jantar indo,
Bispote encontra, que á janella vasam,
Subito á voz imperiosa surgem
Os Genios d'asneira, e tratantice:
Fez-lhe aceno a Mãezinha, e se assentaram.
Na Poltrona-maior Sandice estava,
Ergue a voz de um Courão, berrou d'est'arte:
— « Filhos d'esta barriga, onde anno e dia,
Quaes os Burros vegetam, vegetastes,

Dai conta do que vistes, e do estado
Da minha e vossa Capital dai conta. »
Do Congresso-de-Vienna o Carrapato
Fallador sempiterno, assim começa :
— « Ó Mãe alambazada! ó Mãe róiça!
De Lisboa a conquista era ja nossa,
Mas tudo hoje transtornado eu vejo;
O Rapaz, que d'aqui sair fizemos,
Começa a dar-nos que fazer; á lerta!
É preciso que a Mãe, e os Burros todos
Os podêres me deem illimitados,
Para que aos nossos Socios orelhudos,
Tanto de França, d'Austria, d'Albion tanto,
Os asnaticos planos communique,
Que a burrical Súcia hoje medita.
A maior guerra, meus Amigos, crêde
Que, com fructo, fazer-lhe hoje possâmos,
E declarar á Irmandade toda,
Que nem é Trolha, nem amigo d'ella!
E para que nem mesmo se suspeite
Fôra d'Eunuchos, e Serralho víctima,
É preciso fazel-o um regicida!!!
Se em outro tempo o assassino Abrantes,
Que transplantado no Tamisa fôra
De Lysia á custa, la dizendo d'ella
Cobras, Lagartos, maldição e raios,
Os planos meus, á risca, assoalhava;
E so de Lançarote, ora servindo,

Com nossa utilidade, emprêgo exerce,
 Burro e Burro alvar em Londres temos,
 Que, qual o Abrantes, de perjuro ha feito,
 E tambem, como o Abrantes, é bein pago.
 Este, no seu ensosso Padre Amaro,
 Todas quantas asneiras produzirem
 Os Trolhas jumentões, enxirirá.
 Se em Londres *Investigador* não temos,
 Diuheiro existe p'ra comprar o *Times*,
 E todos quantos no Tamisa escrevem.
 O Canning mesmo, ja de muito, é nosso!
 Não, não ha Burro que mais alto orneje;
 E, qual outrora a protecção do Corso,
 Será hoje tambem a do novo Eólo.
 Se não temos em França *Annaes-fedentes* (1),
 Ou, da Sandice Mãe, *Contemporaneo*,
Constit'cional, *Correio*, *do Commércio*,
 E dos *Debates* o Jornal são nossos.
 Tudo que na *Minerva* parte tinha
 Benjamin, Étienne, e a Corja toda
 Da Súcia-Pedreiral, é partidista:
 Que mais nos falta ó Mãe? Não foi d'est' arte
 O nosso Imperio confirmado em França?
 Os *Papeis-periodicos* conservam
 Em si virtude de fazerem tolos
 Os, n'outro tempo, portentosos Lusos!!! »

— « Ab! não teriam dobradiça orelha,

Se aos *Papeis-periodicos* so dados
 Eu os podera descobrir (bradava
 Das tediosas traducções o Genio)
 Quadrupedante turba de Jumentos ,
 Suada a orelha , o lombo em carne-viva ,
 Cangalhas , e ceirões de livros trazem :
 Atraz o Burro traductor caminha .
 Desde o triste Academico vasio ,
 Até a um vérme cirzidor de trovas ,
 Tudo traduz , traduz , traduz , e véрте .
 Traducções tambem faz Pedro de Sousa ,
 (Do Calhariz pygmatica trampinha)
 Como em Roma nasceu , e é bastardo ,
 Emporcalhar quiz os lusos Classicos ,
 Em pessimo Francez Camões vertendo !
 Tal a mania é da burra Especie ,
 Pretender explicar aos Estrangeiros
 O que elle mesmo Traductor não sabe .
 Em perfeito lethargo o Gôsto existe ,
 Coripheus , sabichões , traduzem , vertem ,
 N'isto s' escoa , e se consome a idade .
 Estudo é traduzir , verter ingenho !
 Até de Castelhana os livros gordos ,
 Eu não sei para que , tambem se vertem .
 O mesmo Reino traduzido existe ;
 Não é original , verteu-se todo !
 A lingua , um tempo pura , agora é porca (2) ,
 Mascavado *jargão* , que não s'intende :

Tinha os costumes sãos; mas traduziu-se
Em Loulés, Palmellas, Villas-Flor, e os mais
Por quem chora o Garrote, e a Forca berra.

Depois qu' eu dominei (tornava ufano
O Genio Pedreiral) eu nos abysmos
Co'os Costumes preguei, preguei co'as Lettras.
Eu fiz dos Lusos toleirões malvados.
Com ar sombrio e estúpido camiuha
Ingente turba de Sandeus mondegos,
Que debaixo da borla asneiras guardam,
Com que planos politicos traçando
A Seita, a que presido, inda dilatam!
Ella nos corações vérté a maldade,
E de tolice dessorados deixo
Sempre em lastro volcanicos niolos.
Eu treze Lojas em Lisboa tinha;
E tinha a Loja-mãe, d'onde surdira
A Turba, que apupada ás vélas dera
A ver o gran' Castello, onde algum dia
Vegetar se mandou o Sexto Afonso.
Depois que em Lysia levantei meu throno
Da terra afugentei Vergonha, e Lettras!!
A Cartilha se leu de Bonaparte;
Opprimir e roubar, este o talento,
Que intentei dar aos nobres Lusitanos.
Eu presidia á Loja dos Vicentes.
Huet, o gran' Chanfana, o gran' Loretto,

Leitores eram meus : oh que discursos
 De fradesca Eloquencia eu lh'escutava !
 Que facundos Demósthènes d'asneira !
 Que provas d'igualdade, e de miseria,
 A que eu procuro reduzir o Mundo !!!
 Com que vontade eu fiz que recebessem
 Os Protectores ínclytos da Terra!
 Que prazer, minha Mãe, no rosto eu via
 De cada papelão Frade Vicente
 No dia em que pediu milhões quarenta
 Da fresca Abrantes Duque Esganarello!
 Que Vicentes, ó Mãe! co'as Lettras deram
 Dentro em vasa-barriz : ó Mãe, que Frades!...
 Um so Vicente que nos reste, existem
 N'elle dous animaes — *Pedreiro e Burro* —
 Da Fradaria a jumental Caterva
 Tam alto não zurrou como os Vicentes !
 S' entra o *grande Junot* vendem a pêso
 A luminosa Ordenação-do-Reino;
 Se os Francezes se vão, compram Fragatas,
 Com que a si Burros-paes, Pedreiros-mestres,
 Na requestada America se salvem,
 E la vão transplantar bazófia, e trolha.
 Tambem faz súcia do Lacerda a Cria;
 Maiormente depois que o Pae, e Bárradas,
 Da Sé-da-Guarda o fizeram Cónego.
 Parente algum não houve, ou *ser-dourado*,
 Que de Pedreiros taes não conseguissem

Qualquer logar, e até sobrevivencias :
Chegando a tal o seu descaramento,
Que o proprio Irmão Thomé a Londres manda
Para delapidar as lusas Tropas
Do que lhes tinha bem e bem custado.
O Bulhões não esquecendo ao Barrádas!
Tal o patriotismo é d'esta Gente,
Quando logares occupam elevados!!!
No grego Botequim tenho um Palacio,
Que no Caes-do-Sodré cem portas abre,
Per onde os Tolos véem, Bebados surdem :
D'alli novas fataes Pedreiros lançam ;
Alli se fórma exército potente
De cavouqueiros mil, d'enxofre e ferro,
Que Canning expedir faz da Ilha d'Álbion,
À testa d'elles vem ; restaura a trolha ;
E logo, para os Tórys trahir, volta. »

Dos Membros academicos a conta
Aqui chegava ja, e a Mãe Sandice
Per entre as peruas se babava toda
De gôsto, e de prazer, vendo os progressos
De seu Imperio, da influencia sua :
Nada mais quiz ouvir. E vendo a Lysia
Povoada d' estolidos Jumentos,
Vendo turba infinita de Pedreiros,
Por quem Braga e Galés de balde choram ;
Vendo atulhados Botequins de Tolos,

Cuja vida é so ponche , é so Gazeta ;
Vendo as ruas , as praças , e as tabernas
De infindas traducções abarrotadas ;
E vendo a Corja do Sandeu Javardo ,
(Do vasto Imperio seu firme columna)
Ir incançavel batalhando sempre
Aos couces na Razão , Sabença , e Gôsto ;
E o verdadeiro exército-das-trevas
Trazendo a Lysia a noite da ignorancia ;
(Mas so elles se dizem *sclarecidos* ,
Os mais todos são cegos e *profanos* !)
E vendo quasi a magra Academia (3)
Como arquejando co'os ilhaes na arêia ,
Toda empregada em planos de batatas ,
E nos legumes militar *étape* ,
Que encham de vento a lusitana Tropa ;
Vendo a sciencia reduzida a zero ,
E universal emprêgo dos talentos
Vaccina de manhã , Vaccina á tarde ,
Com Vaccina ao jantar , Vaccina á ceia ;
Vendo que Conselheiros são d'Estado
Silvestre o patifão , Bráiner o trédo ,
O Candido alveitar , Sotaina Abrantes ,
O charlatão e apóstata Trigoso ,
No Serralho , e compasso todos mestres ,
(Que é o que destingue os Lusos hoje !)
Como Cesar bradou , bradava ufana :
—«Eu *vim, vi, e venci*; são meus os Lusos!—

Vós (aos Genios berrou) vós formaes todos
Alli meu vasto Imperio, ergueis meu Throno.
De meu podêr, comvosco, hoje pretendo
Mostrar a Lysia que sem Canning é nada ;
Que se a vinha, e os pomares cavámos,
E, o que o Pombal creara, destruimos,
Chitas, espelhos, e batatas temos.
Que se ao tímido Rei o salariado
Ministro (aos Bretões vendido em Londres)
Quanto ordenava Álbion, extorquia,
Hoje de Burros haverá Congresso,
Para, infamia dos Lusos, servir Canning!
Burros, que a sua scavidão confirmem,
As chaves entregando-lhes dos Fortes ;
Que as Burras pelos Bifes montar deixem ;
E que, antes mesmo que na relva pastem,
N'ella mijem Inglezes, nella caguem.

Não pôde (Ovidio o diz) Neptuno um dia
Co' a pancada do mádido Tridente
Fazer sair da Terra um bom Cavallo ?
Não são as Bêstas producções dos Numes ?
Eu Divindade universal da Terra,
Desde que em povo os homens se ajunctaram,
Não sou princípio das asneiras suas ?
Quem os conduz ao Campo, e á morte os leva ?
Quem Politicos faz, e Romancistas (4) ?
Quem compõe Periodicos no Mundo ?

Quem das Conquistas o furor atica?
Quem nova trampa, e *Carta* deu aos Lusos?
Quem Ladrões Pares-do-Reino ha chamado (5)?
Quem Ministro fez Trigoso, e o Brancamp?
E aquelle tam bazofio arganaz Candido,
Da Patria o maior Tractante e escandalo?
Quem no Caes-do-Sodré rebanha os Tolos?
Quem fez julgar que os Bodes-Congregados,
Porque a Folhinha dão de reza e porta;
Porque entortando estúpida cabeça,
Sejam vastos Lyceus das letras todas?
Quem foi que ás Côrtes assistiu de Cádix?
E ao Tio succedeu Orang-outango?
Quem nos Tractados permittiu aos Anglos
Que em alto-mar papeis nos visitassem?
Quem na *Minerva*, e *Times* escrevia?
Quem mudou do Pombal a sã rotina,
E a dos Lusos, extinguiu indústria?
Quem mandou a París, Embaixador
O que (mais que ninguem) o cu beijava
A Junot, a La-Garde, e a Futres outros?
Dizei, não são religiosas Bêstas,
De Arroios o Prior, Prior dos Anjos,
Veneravel da Loja-da-Concordia,
Das Putas d'alquiler Ministro e Guarda?
Dizei, não são propagandistas Burros
O Rocha, o Wanzeller, Carvalho, ou Annes
O Traductor de Tacito não visto,

Doctor dos Grillos, Thomarista agora?
Póde haver, existir, pastar na terra
Burro maior que o Historiador Accursio?
Não é Burro immensissimo o Bayard,
Que ao Corso remetteu modêlo exacto
Dos ligeiros Barquinhos-de-oleado,
Que Heroes conduzam de Bolonha ás Dunas,
E arvorem no Tamisa a Passarola;
Que em prémio recebeu caixa, e retrato
Do Carrapato Gengiskan cornudo? »

Disse, e muda ficou; mas abaixando
Um pouco á terra a estolida viseira,
Deixou cair as languidas orelhas :
Per entre os dentes murmurando escuras
Magicas vozes, que escutara aos Fados :
Remuge emtórno o ar, d' espessas nuvens
Mais e mais se encapota a horrenda noite;
Uívam todos os Cães dos Bairros todos :
Como ajustadas porcas Cuzinheiras
Todas a um tempo subito lançaram
Aboboradas podres caldeiradas ;
Qual o Diabo-Coxo á voz potente
Se levantaram súbito os telhados ,
E se viram reconditas alcovas :
Mais poderosa que os Diabos todos,
Mandou Sandice, e elevou n'um ponto
Desde a immunda posilga o vil Javardo.

Os Socios todos do Sandeu voaram ;
E como Astolpho ao côncavo da Lua ,
Dos Botequins ao Casarão vieram
Quantos Doctores gazetaes dormiam :
Vem da Terceira o bando tenebroso
De mitra, d'avantal, compasso e trolha.
Tal o podêr da voz da Mãe Sandice,
Que, quanto é Burro, em Portugal, lhe acode !
Em Sé nenhuma os Cónegos ficaram :
Véem Medicos, e vem o Burro Abrantes ;
Véem Estauqueiros judeus, véem os Campos,
Dos Tribunaes véem Bêstas, e véem Bécas.
San' Pauló, e Pedro, Militares mandam,
Collegios tres, os burricaes Alumnos ;
Innumeraveis Papelões de farda ;
Tudo, alfim, quanto segue a Maçonice,
E que do Burro-Mestre o cio affaga,
Sem freio e cilhas ao Congresso correm ;
E correios s'expedem ao Estrangeiro,
P'ra qu' os Burros, que no almargem andam,
Para seus postos, o mais breve, venham.
Tambem ás Ilhas se despacha um próprio
Para, ao Doctor Vicente (6) s' intimar
Dos zurros burricaes Redactor seja :
Mas quer tambem, e manda a Mãe Sandice,
Que duas estrebarias separadas
Para as tolas Sessões logo se formem :
Para os Burros de raça uma mais alta ;

E pr'a os damninhos Burros outra rasa ;
E que os Jumentos de cabresto a esperem ,
Em quanto ella a Sessão vê dos da raça.

Como Sandice promettido havia
De dar mostra de si, quando passasse
P'ra a abertura das Sessões asnaticas,
Ás Bêstas todas da Cidade-nova,
Dos Fanqueiros, Augusta, e Algibebes,
Dos Capellistas, da Prata, e do Ouro as ruas
Juncadas de cevada, e feno estavam :
Entre zurros todo este Bairro corre,
E do Rocío ao Palacio logo chega,
Onde á espera d'ella tudo estando,
Nas ancas, para a grande-sala, a levam;
E cadaum, per sua ordem, vai seguindo-a,
Seus logares competentes occupando.
Dos Jumentos a Mãe estava, e Deusa
N'um throno ricamente trabalhado
De cascos-burricaes tam bem polidos,
Que coruo-transparente parecia ;
E d' orelhas de Burro, no ar, per cordas,
Do gran' *Midas* ao cu, suspenso estava
Em, o da sala tope, rubro Asno
Com mitra na cabeça, e orelhas quatro.
No branco dos Tractantes, e dos Sousas
Á direita o Roividico Bugio
S'avista, primogenito velhaco,

Que de General mono, outrora sendo
Em grande Diplomatico mudado,
E, em segredo, de Turim expulso,
Dous Asneirões-de-marca la deixara,
Porque assim o pygmeu Cunhado qu'ria:
A Paris, de passage, espiar fôra
P'ra serviços fazer á Irmandade.
Seguia-se-lhe o José Matheus Morgado,
Que os Lusos aos Bretões tambem vendera,
E, da Constituição, o Conde, e Cria;
E a banquetta tambem dos Ladrões-nobres,
Que tanto ornejavam na Assembleia;
De San' Miguel o Conde, que na França
Particulares roubava, e ao Govêrno (7);
E que, se não voltasse o Áttila Corso,
A cabeça o Carrasco lhe arrancara.
E juncto d'elle o Coronel (8) e Conde,
Que do primeiro-regimento a caixa
E os caixões empalmara tam bizarro!
Depois o banco dos mitrados Burros
Aonde *Tayllerands*, e *Pradts* estavam:
Seguiam-se os Burrinhos, que em pinotes,
Em couces, e ornejar se distinguiam,
Da Taipa, e Lumiars dignos Jumentos.
Feitas, do uso, todas as cerimónias,
E a tarefa a cadaqual prescripta,
Bemcomo de zurrar o modo, e tempo;
Ao grande som de couces e patadas,

Levantado o vermelho Burro, disse:

— « Dignissimas Bêstas Pares-do-Reino,
Mui longo espaço ha ja que nós soffremos
O não despedir couces, nem orneios :
Dos Burros a distincção das boas racas
Muito ha, que em Portugal, se não fazia ;
Mesclavam-se os filhos d'Egua, e Burra.
A grande casta dos francezes Burros,
Que tanto á Rev'lução contribuíram,
Pelos Burros infimos e abjectos
Espancados e *massacrados* (9) foram :
Desde então burricaes e dignos Pares,
Tem, dos Asnos de Dom, a grande raça
Em esquecimento, e oppressão estado.
Com mágoa era profunda, e gran' tristeza,
(Razão porqu'os Burros se diziam tristes)
Que os nossos burricaes direitos viamos
Ultrajados de todo, e esquecidos ;
Pois Macacos, e Monos attentavamos
Reconhecidos ser com Parlammentos,
Sendo, alias, tam ligeiros e volantes!
E nós outros, per natureza, Bêstas
Pensativos, meditabundos, sermos
Condemnados a levar, e a dar couces,
E a puxados ser per um cabresto.
Certo é que a teima nossa nos perdia,
Poisque os Nicos, muito ha, eram Mações ;

E nós nunca de Burros sair q'r'endo :
Os álbinos Cavallos, que são girios,
Desejando tirar dos Monos lucro,
Em affagal-os, e vestir cuidaram,
Constituição, e Rei subministrando-lhe ;
E para indemnisar a perda nossa
(Tam justos elles são e providentes)
Constituídos á sua guisa fômos ;
Câmaras tambem alta e baixa tendo !
Mas, como Burros, d'elles lei nos venha,
E que, a Cavallos ser, nunca aspiremos.
A Canning é a quem devemos tudo,
E quem tam ricamente nos albarda :
Os que, ja démos, couces, obra é sua ;
Com elles, não ha muito, um Rei matámos,
E Sandice, e intemp'rança hoje entretemos ;
Mas elle exige que de raça Burro
O character manhoso conservemos :
Que, ao mais leve signal d'espóra e látego,
Os couces e pinotes prestes ténhamos :
Quer mesmo, que do Archanjo so á ideia,
Altissimos pinotes, couces dêmos ;
Porque, se elle o Diabo ha subplantado,
Muito mais facil domará os Burros ;
Visto que Burro algum quer sem cabresto,
Nem que em serviço choutem, ou ornejem !
Forçoso é logo obedecer-lhe em tudo ;
Pois, de França a Guilhotina, talvez faça

Assim, um dia, entre nós, progressos,
Republicas, Imperios, tambem tendo.
Titulos temos ja de toda a laia,
Quaes em França tambem agora existem.
A não serem Macões, e a Mãe Sandice,
Cardeal eu não fôra, ou Par Botelho.
Tam custoso não é, como antes, hoje
Codigos tecer, ornear em Côrtes:
E bemque o Povo em nós se não confie,
Em nada receiâmos seus Agentes;
Pois, como a nós, governa-os Canning.
Nem João segundo, ou Pedro-o-Justiceiro,
Causar nos poderão hoje cuidado.
Crime era, outrora, a influencia estranha,
E hoje Estranhos são que nos dominam,
Quem ao Rei, e Cria nossa, tambem regem:
— Seja *comer, zurrar*, nossa divisa. » —
A Turba burrical applaude toda,
E fecham a Sessão a zurros, couces.

Mui gostosa, com isto, a Mãe Sandice
Ao Terreiro-do-Paço s'encaminha,
E la juncto da arcada immunda e fetida
Onde, outro tempo, seu Imperio fôra,
E hoje a burrical Caterva zurra,
Co'o apito o signal faz costumado,
E logo os Burros, a galope, entraram.
No vestib'lo da sala um Busto estava

Do sordido Patriarcha o Fernandes,
E, qual Mafoma em Meca, suspendido :
Este, em virtude do íman, se sustinha;
Aquelle, pelo ar espesso e fetido,
Que a asc'rosa burrival Chusma lançava.
Sentados, la no fim da sala, estavam
Dous Jumentos-de-carga juncto á meza,
E, um pouco mais alto, em meio d'elles,
Com meios-atafaes um negro-Burro,
Que de Roma, *obrepticios*, vindo tinham :
Burro, do qual as manhas nôtas sendo
P'ra a nora da Batalha o enviaram ;
Onde buscal-o foi o trolha Stúart,
Para dos Asnos restaurar o Templo.
Para um e outro lado os olhos pondo,
Burros novos e velhos la se viam ;
Os quaes, contra o Brasil, contra seu Chefe,
Altamente zurrado, outrora, tinham,
So porque expor-se aos couces não queriam ;
Mas ventas e focinho hoje alargando,
Monumentos, ao som de couces, votam,
Como em Franca, outro tempo, ao Rei fizeram,
Antes de á Guilhotina o conduzirem,
O gran' Borges, que mais então zurrava,
E ao Principe mais couces despedia,
Hoje, mais pertinaz, n'isto era, que outros.
Entre a récua dos Asnos-velhos, via-se
O, das Ilhas gran' Burro, Bentencourt,

Que, ao Amigo, furtara, outrora, a Burra (10):

Via-se o desnarigado, tambem, Medico,

Que escrupulo não tem de envenenar :

Das Hilarias se via o tal Sobrinho (11),

Que, de Mor-Asno, que dos Francos fôra,

Para Burro dos Albinos passara.

Via-se das N'cessidades o Jumento,

Ao qual sempre a Mãe d'ólho trouxera

Dês qu'elle no Mondego couceara,

E que a galope p'ra Berlin fugira :

Elle, depois de pretender co'a Súcia,

Com Lisboa, e Brasil dar em Pantana,

Para o Sena pastar mandado fôra.

Burros de Tras-os-Montes se notavam,

Burros-velhos, e na malícia Zorras.

Do Lavradio, tambem, via-se o Asninho,

Que la no Sena co' a Franceza andava,

E que hoje do Á Court o rabo segue :

Via-se o Burro-arganaz, o magro Feio,

Que na França tambem versões fizera,

E que hoje embirra em jumental Republica.

O Barrasco Castello-Branco via-se,

Que no Rocío queimar mandava a Gente,

Mas em casa mui bem reproduzia-a.

O Mozinho Asno estava, que a París,

Da cataracta, á extracção fingida (12),

Do Sogro Burro-zorra, assistir fôra,

E no Sena tambem d'auctor fizera.

O orelhudo-zurrador 'Trigoso via-se
Que, dos *bem-cazados*, per via da Burra,
Dos Burros Conselheiro Stuárt alçara.
Via-se o Hollandez maçon Brancamp,
Que outrora deputado ao Corso fôra,
Para de Lysia se dar cabo e conta,
Á manjadoura alta hoje aspirando.
La jazia tambem o Asno Sarmento,
Que zurrar tanto á ingleza affecta,
E tanto á angla albarda, e freio aspira.
Depois de coucearem á porfia,
E co' as orelhas tesas ornejarem,
O Incenso-bestial tendo exhalado,
Logo aberta a Sessão foi declarada.
Que memoravel e estrondosa epoca
So da Prosapia dos Jumentos digna!!!
Era tal o barulho, e os couces tantos,
(Pois zurrar cadaum primeiro qu'ria)
Que a não ser o chocalho do Asno-negro,
E os zurros-mestres do Sarmento Burro,
A cria do Stuárt, Palmella, e Canning (13)
Morta ficara a couces, e a patadas.
Mas elle ser ouvido conseguindo,
Entre ventosas-salvas, couces, zurros,
Elle orneja d'esta arte, e assim começa :

— « Faltam-me as expressões, Amigos todos,
Inda a nossa fortuna crer não pôsso!

Quem diria que agora aqui nos víramos?
E que, aquelle que mais escouceámos,
Comnosco se portára de tal modo?
Sirva-vos pois de regra, meus Amigos,
Que pouco, ou nada ganham Burros mausos.
O grande passo, que de certo démos,
Foi o Princ'pe encaixar na Confraria,
E, o fazer-lhe crer, que é formulario,
Que sem nós nada póde, e nada vale:
Muito o anglo Govêrno fez ao caso;
Maiormente Stuárt, e o grande Canning;
Tam habeis elles são, e tam politicos,
Que mal no Rio aquelle desembarca,
Logo a Amiga do Principe procura:
Elle (como s'esp'rava) trouxe tudo.
Os que ao Throno, e Nação contrarios eram,
Na erecção do Govêrno entral-os fez.
Do Conselho-d'Estado é ja o Bráiner;
Igualmente os Heroes Cañlido, Abrantes,
O Trigozo; e o foi Silvestre, e Pámplona:
É n'isto que consiste a nossa dita,
E que se mostra da Sandice a fôrça!
Elles Rev'lucionarios todos são,
(Ou *descontentes*, como os chama Canning)
Mas é uma tal Gente que nos serve.
Cuidado não vos dêem as duas Câmaras;
Basbaques muitos (bems sabeis) que ha na outra,
Que a casaca a voltar sempre estão prontos,

Hospedando mui bem os Estrangeiros.
Se Francos entram , logo são bons Francos ;
Se Inglezes , logo são seus Adjudantes.
A que nós aspirâmos , como aquelles ,
É comer, putear, mandando a Turba.
Pouco importa aos Bretões obedeçâmos ;
Se os bem servirmos , pagos bem seremos.
Qu' importa que p'ra Queluz , ou Windsór,
Se transporte dos Lusos o dinheiro?
Nós somos os Fiscaes , é quanto basta ,
E o mundo ir deixemos como vai.
Conselheiro murmuram ser o Abrantes ;
Mas , a meu ver, razão não teem p'ra isso :
Quem a trampa da Váccina inocula ,
Para d'Estado-Conselheiro é óptimo ;
Pois iguaes são Vaccína , Trampa , e *Carta* ,
Irmãs da Tratantisse e Pedantismo ;
Eis o porque o Brainér igualmente
Com o Candido estão no Ministerio !
Sem saber como , e so por rebem dita
Contribuiu, trabalhou mais que ninguem
P'ra a nossa restauração o Pamplóna :
Os Delegados seus o desplicaram ,
Porto-Sancto , Barradas , e Lacerda ;
Por isso paga boa ja tiveram ,
Um chupaudo o ordenado per inteiro ;
A corda , os outros , do cruzeiro tendo.
Para hoje melhor impor ao público ,

Da macaquice o segredo temos,
Que é a um Bispo ter no Ministerio.
Com esta bugiganga, e incoherencia,
Conseguir dous grandes fins pod'remos ;
Um ao Povo tirar desconfiança
Dos planos, que ha ja muito, meditamos;
Outro pôr na Doctrina Sancta o Schisma;
E a Nação, desde então, ja prepararmos
P'ra a mudauça da Religião antiga;
Pois que *Revoluções* fazer sem isto,
Em frio ferro é malhar, perder o tempo.
O grande ponto, Socios meus queridos,
É da Sandice o parto ter vingado :
Um Padre ser Ministro da Justiça,
Isto é que se chama o supra-summo !
Porque, se outrora, os Francos, na República
Tinham Bispos, e Abbades por Ministros,
Apóstatas, ao menos, elles eram;
E os nossos, bemque o sejam, não o mostram:
Por isso é maior philaucia, e merito
Ja tres Bispos contar-mos na Justiça;
Bispos, que quando a Deus o culto fixam,
Da fazenda tambem dispoem, e vida
Depois de consagrar, e antes, mandando
Ao proximo tirar os bens, e a alma !
Finura é esta que bem poucos vêem ;
Finuras em que são Sandeus mui fortes :
Oxalá que o *profano* as não perceba,

Pois aliás tudo ao cu de Judas torna.
Canning, Ministro quer seja o Palmella :
Outrora, quando havia enthusiasmo,
Seria isto razão de nos oppormos ;
Porém hoje, que so comer queremos,
Seja Ministro quem for, seja o Diabo.
A vez terceira é que Canning o pede,
E, a que no Ministerio entra, é a terceira.
É verdade que n'elle fe não temos,
Não so porque se oppoz no Rio a tudo,
Mas, porque foi per nós, depois, proscripto,
E visto que em *Sessão-secreta* estamos,
Que vos traga á memória será justo,
Quam pouco a este systema elle é affecto ;
Que da volta depois de Villa-Franca,
Na Commissão, a que elle presidia,
P'ra outra, se redigir, *Constituição*,
Fôra elle um dos que mais a isto se oppoz ;
Resultando por fim seu despotismo.
Dominar foi a que elle aspirou sempre,
E, a superior não ter senão os Álbinos.
Certo é, que elle mais do que nós, inda
Compromettido se acha com o Infante,
E, que tudo fará, por ca não vêl-o ;
Mas pensai que se obter não poder isso,
E souber que a final governar ha-de,
Negociará com Elle á custa nossa,
Afiçando Canning ficar impune,

No caso que Regente seja o Principe :
Isto, porque elle mesmo é boa prova
Da fraqueza dos Rêis, e inconsequencia (14);
Portanto, bom será qu' em nós cuidemos,
E que, a carrilhos dous, tambem comâmos :
Um teremos servindo em tudo a Canning ;
E o outro, á Nação mui bem impondo :
Este o voto meu, Senhor Presidente. »
O que a burrical Corja confirmando,
A Sessão adiaram p'ra outro dia.

D'aqui saiu Sandice ás gargalhadas,
E a casa vai direita do Saldanha
(Que uns, diziam doente de uma sova ;
Outros, fingida co' a invasão do *Chaves*)
Entrou no Gabinete, onde se achava
O Villa-Flor, e o gran' General Clinton,
E tambem co'o Marido a Ingleza estava ;
Em pe tudo se poz, sophá lhe deram.
Feitos os cumprimentos de costume,
É empinadas um cento de garrafas,
C'um chicote na mão começou Clinton :

— « De correr as Províncias todas venho,
E o que no Povo vi foi indifferença ;
É por isso preciso intimidá-lo,
E fazer-lhe o que na India ja fizemos.
Nós não queremos dar-lhe o que não temos,

Mas queremos que um simulacro tenham
Que hoje julgâmos ser-nos muito util :
Se o Povo, qual o nôsso, respingar,
E pelas lêis antiguas insistir,
Faca-se o que em taes casos practicâmos,
Matar cem, ou duzentos individuos,
E tudo logo foge, e s'accommoda.
É preciso mudar o Ministerio ;
E que o partido inglez afouto siga.
De M'nistro ja expulso vêzes duas,
Por servir, foi Palmella, a nossa causa :
Ha muito, co' elle, e os Sousas nós contâmos :
Cumpre mandal-o vir ; isto é urgente ;
E que, o Cunhado, va substituil-o ;
Porque somente é co' esta familia
Que o Govêrno inglez sabe intender-se ;
Pois quem albardas faz, bem as sustenta :
Eu n'isso fallarei mesmo á Princeza ;
De vossas Excellencias stou eu certo. »
Isto ouvindo, tal salva deu Sandice,
Que em syncope caiu a Inglezinha :
Porê m sendo levada para dentro,
Ergueu-se o Villa-Flor, (15) e assim disse :

— « Eu sou do voto do General Clínton ;
É preciso servirmos quem nos serve.
Eu a Londres ja fui, e ahi fiz saber
Que ninguem servirá, como eu, Inglezes, »

Pois que assim sirvo a mim, e a minha pelle:
La saber fiz ao cúmplice Palmella,
Que, aqui de modo algum, convinha o Infante.
Por bamburrio General hoje me acho,
E por influxo d'aquella que alli vês:
Digno me farei d'ella em todo o tempo.»
Mal acabado tiuha a última phrase,
Foi tal a buta, que largou Sandice,
Qu' ao Saldanha os bigodes se molharam,
E a Clinton embaciaram-se as dragonas,
Furacão todos crendo ser da Barra.
Foram, acabado isto, para o Paço,
E depois de fallarem á Regente,
Decretos, aos novos Membros, s'expediram;
Mas alguns, qu'inda á antiga, pensar qu'riam,
Ministro ser do Erario recusaram,
O que a Dnarte Coelho off'recer foram.
Tal a táctica é dos Sandeus hoje
Nomear p'ra Ministros, Puritanos;
E quando isto aceitar elles não queiram,
Chamar então das Côrtes os Serventes:
Bonifrates, alfim ter, é o plano,
Que, por quanto lhe mandam, tudo estejam.

Esta nova levou Sandice logo
Ao das Parras-Café, onde a aguardavam:
« Victória Filhos meus! (ella lhes brada)
Nas palanganas, hoje, ponche quero;

Deputação va a Villa-Flor, e a Clinton
P'ra que ámanhã aqui receber venham
O *Diploma*, que tanto elles merecem.
Ide agora pastar, vivei tranquillos,
Ja livres das Galés, vivei quaes Burros.
Se atrevido ainda algum surgir um dia,
Que vos queira albardar, junctai focinhos,
Fazei praça-vasia, e da garupa
Despedi-lhe incessante artilheria;
Couces nas Lettras, couces nas Sciencias:
Este o dever de verdadeiros Burros. »

Disse : atraz d'ella os Genios revoando
Foram ceiar co'os Conegos-Regrantes.



Notas.

CANTO I.

(1) Puro depois te acharam, etc. — Pampelona publicou uma *Memória justificativa*, em que provava que tudo quanto fizera anteriormente lôra a bem da Patria!!!



(2) O Marquez de Valença.



(3) Dulin. — Commandante-da-praça.



(4) De que trouxeste a perna escalavrada.

O Candido José Xavier, era tam odiado dos soldados portuguezes, que esses projectaram matal-o atirando-lhe alguns tiros na batalha de Wagrâm, em Allemanha; mas so o feriram n'uma perna. Elle, ja de vólta a França, mostrava a perna aos outros Officiaes seus Camaradas, e dizia-lhes voz em

grito : — « Olhem , meus Senhores , a bala , que me feriu não foi austriaca , foi portugueza !!!

Este mesmo Guerreiro-litterato , costumava (nos artigos *d' arromba* , que compunha para os Annaes das Sciencias , das Artes , e das Lettras) assignar-se C. X. : se lhe acrescentasse o signal algebrico \equiv poderia ficar C. X. \equiv O.



(5) Das grandes arrojadas , que lhe davas.

O Pêgo , Coronel d'um dos regimentos d'Almeida , para não perder o louvavel costume , então em voga em Portugal , continuava em França , a chibatar os soldados portuguezes sob seu commando ; até chibatou um *Maire* ; e foi causa d'um Sargento portuguez se afogar na ribeira Aure , que banha a Cidade Burges , temendo o rigorosissimo castigo , que lhe elle Pêgo daria por uma leve falta , que commettera.



(6) O denodado e prudente Duque de L*** , que então commandava o Exército portuguez , para não magoar as pernas , trazia , em vez de botas-de-couro , outras de-veludo.



(7) O Stockler foi ao Brasil fazer todas as humiliações para obter o perdão de seu bom comporta-

mento em 1807; e não só foi elle o primeiro que foi ao encontro do Junot a Sacavem, em novembro de 1807, comprimental-o por vir assolar Portugal; mas foi igualmente o órgão da mui leal Academia, repetindo o célebre elogio, que ella teceu ao Usurpador.



(8) O Conde de Villa-Flor.



(9) O Ministro inglez Canning, no famoso e revolucionario discurso, que recitou na Casa-dos-Communs, em 12 de dezembro de 1826, compara-se a Eólo, Rei dos ventos, e a Inglaterra ás ilhas eólias, ou ao rochedo onde reside o dicto Eólo; e cita os seguintes versos de Virgilio:

- *Hic vasto rex Æolus antro
Luctantes ventos, tempestatesque sonoras
Imperio premit, ac vinclis et carcere frænât.
Illi indignantes magno cum murmure montis
Circum claustra fremunt. Celsâ sedet Æolus arce,
Sceptra tenens; mollitque animos, e temperat iras.* -

Dos quaes versos, eis a traducção feita per Antonio Ribeiro dos Sanctos:

- Aqui tem a seu mando o Rei Eólo
N'uma vasta caverna os luctadores
Ventos, e as ruidosas Tempestades;
Que elle em ferros nos carceres refreia:

Emiôrno das abobadas do monte
 Raivosos rugem com fragor horrendo :
 Sentado n'alta roca lhes preside
 Eólo, e lhes dá leis, e lhes amansa
 Os seus furores, e lhes quebra as iras. *

Os *jornalistas* inglezes, fraucezes, etc. riram, e zombeteiaram muito da tal comparação;

E é d'ahi que ficou a milord Canning,
 Do furibundo *Eólo* o inchado nome,
 Com que em todo o Globo * é conhecido.



(10) O Commendador Sodré.



(11) Nem todos buscam phrases gallo-lusas.

Eis como s'exprime o grande Antonio Pereira de Figueiredo, ácerca da elocução dos Academicos portuguezes:

* Um *estyllo* inteiramente diverso d'aquelle, que ha cincoenta annos fallaram entre nós os que se reputavam fallar bem, é hoje todavia o que mais reina nos papeis de muitos dos nossos *sabios*. Um *estyllo* onde os Oradores se não distinguem dos Poetas, segundo uns imitam dos outros as mesmas phrases, os mesmos epithetos, as mesmas translações, as mesmas imagens. Um *estyllo*, onde tudo o que é do uso commum de fallar, se evita estuda-

* Terraqueo.

niente, como plebeu e sordido. Um *estyllo* finalmente, cuja epoca se deve deduzir d'aquelle tempo, em que preferida a lição dos Escriptores estrangeiros á dos patrios, começou a dar-se por um *portuguez rasteiro e insulso*, tudo o que não tivesse *muitos e mui sensiveis resabios do dialecto frances.* »



(12) O Ministro Canning era Filho d' uma actriz, e o Pae ignoto.



(13) O Couto. — Professor de Grego assás conhecido em Lisboa pelas suas trinta e seis decantadas *Producções!*

• Foi môço (pontinhos) dos Frades Vicentes,
E andou de sotaina co'os outros Serventes,
O Couto em calotes gerado e parido,
E o Pae, no Terreiro, velhaco e fallido. •



CANTO II.

(1) Esse livreiro é o baboso e soez Rey, o qual comprou ao Pampelona a casa-de-campo, que este possuía em *Pantin*, perto de Paris, quando partiu, a primeira vez, para Portugal.



(2) O Brito, etc. — Francisco José Maria Brito, então Encarregado-dos-negocios de Portugal em Hollanda. Eis o retrato, que d'elle nos deixou Francisco Manuel :

« Seguia-o *Momo* em trajes de Gerundio,
Que, com duas rodellas-de-vidraças,
Espreitava as *palavras* que partiam,
Para as frechar com dardos de Capucho. »

É necessario que o Leitor saiba, que o tal Brito queria passar por um *rigorosissimo aferidor* de vozes portuguezas; e nunca escreveu cousa que lamba o Gato!!!



(3) Nolasco extracta, etc. — O Poeta teve em vista n'este verso, o doctor Vicente Pedro Nolasco, o qual (quando residiu em París) foi visitar o inimitavel Francisco Manuel, para mostrar-lhe certa obra poetico-prosaica-afrancezada, que andava compondo. Esse Vate, depois de ter lido algumas paginas da dicta obra, aconselhou-lhe que a não publicasse; visto ser ella (palavras suas) « uma *borracheira*. » — O senhor Nolasco, azoado com este sincero conselho de Philinto, vomitava depois contra o mesmo Philinto (perante outras cabêças iguaes ás d'elle Nolasco) mil absurdos, dizendo « que Francisco Manuel era um *rançoso quinhentista*, que sua dicção mais era *latina*, que *portugueza*, etc., etc. » E para vingar-se do sobre-dicto Francisco Manuel, arrojou-se tambem a

traduzira a Ode, que M. Raynouard, secretario-perpétuo d' Academia franceza, tinha composto em louvor de Camões (afirmando, a quem o queria ouvir, - que Philinto, não intendera o original francez!!!) Porém a tal versão saiu como s'esperava da doctoral cabeça do senhor Nolasco, e confirmou plenamente o verso horaciano

- *Parturient montes, nascetur ridiculus mus.* -

A verdade é que a translação de Francisco Manuel, foi avaliada pelos Doctos, como excellente, e a do seu myrrhado Antagonista mais parece cantiga de Trovador, ou decimas-d'outeiro, do que estylo de Ode. Pondere agora o Leitor se, quem d'este modo traduz, estava em circumstaancias de ser escolhido para ampliar o dictionario do Capitão Manuel de Sousa, e de merecer os grandes encomios, que lhe prodigalizou o Edictor, no prologo da mesma obra, chamando-lhe: — *Homem summamente versado, e instruido em ambas as linguas*, etc.—Quam longe estamos ainda de possuir um bom dictionario Francez-Portuguez!!!



(4) No jornal impostor, etc. — Os taes dous Carrascos, ou Redactores do diario intitulado — *Investigador portuguez em Londres* — mandavam ir de Lisboa todos os editaes velhos, e outras papeladas, que ja os Cegos tinham cantado, e apre-goado pelas ruas da dicta Cidade, para depois as recambiarem impressas em seu jornal a seus sa-

piantissimos Assignantes residentes na Côrte, ou nas Provincias portuguezas. Os sobredictos Redactores inculcavam por um modelo de castigada linguagem certa *Ode saphica*, e ao Auctor d'ella por um Classico. Eis o comêço :

« *A Corja adusta do Cocyto em flammis*
Igneo ferrolho aos alçapões correndo,
 Porque blasphema a voz não *trápe* e Jove
 Lucifer disse. »



(5) Genio de traducções. — Allude aqui o Poeta ao Ex-Visconde Francisco Bento Maria Targini, que era cego d'um ôlho, e que traduziu *apressadissimamente* varias obras em Portuguez, em versos *mui-aprosados*.



(6) Os soldados portuguezes chamavam a seu Major Candido José Xavier — *Pernas d'Égua* — em razão d'ellas serem *mui-compridas*, e quasi em fórma de X.



(7) *Annaes burros*. — Os tres *diligentissimos* Redactores dos *Annaes das Sciencias*, das *Artes*, e das *Lettras*, que outrora aqui residiam em Paris, e que (sem lerem, ou possuírem um so classico portuguez) se alçaram Juizes-de-Obras-litterarias, fazendo-lhes *analyses*, e promulgando dicisões *em estylo afrancezado*, ácêrea de sua boa, ou má

concepção, de sua orthographia, language, etc., tendo mandado vir de Lisboa o Dictionario de Moraes, nunca olharam para elle!!!

CANTO III.

(1) O *ponderoso* Dictionario d'Academia, enorme volume em folio, e que abrange unicamente a letra A, findou na palavra *azurrar*. Custa, pelo menos, 4800 rs. — Se os doctissimos Academicos seguirem nas outras letras o mesmo plano de *profusão pedantesca*, de quantos tomos constará a dicta obra? qual será seu preço? e quem poderá compral-a? Os Homens letteradores não; pois quasi todos são pobres. Compral-a-hão Fidalgos, Negociantes? duvido muito.



(2) Tal o Macaco vemos do Gameiro
 (Que quinquilheiro no Brasil ja fôra)
 Feito hoje embaixador.

N'um folheto impresso em Paris, no anno de 1828, vem uma breve noticia sôbre a vida d'este Heroe; eis em somma o que ella contem:

• A primeira epoca biographica do illustrissimo senhor Visconde d'Itabayana data de quando o dicto senhor aprendia a pesar manteiga, e açucar n'uma tenda de Lisboa, não longe do Caes-do-Sodré. E

ora como S. Ex. era Americano de origem, desejando voltar á sua querida Patria, deixou Portugal, e chegando ao Brasil, conseguiu, á força de zumbaias, e baixezas ser admittido copista na secretaria d'um Ministro-d'estado. O Govérno, então existente, procurava, mui *afanosa e circumspectamente* um Sujeito assás habil para confiar-lhe encargo de machucha importancia, e foi ao dilecto Gameiro Banana a quem a sorte o conferiu. Tractava-se de levar são e salvo a Vienna d'Austria um Papagaio para certa personagem. O nosso Heroe preencheu tam sollicita e bizarramente essa honrosa commissão, que d'ella lhe proveio, não so o Viscondado, e o ficar addido á Legação portugueza em Paris; mas até ser ultimamente nomeiado Embaixador em Londres. — A' vista d'este facto, e d'outros similhantes, ja ninguem se deve admirar que os Camões, os Pachecos, etc., morram nos hospitaes!!!



(3) O Principe D. Pedro, hoje Imperador do Brasil, tirando na quinta de Sancta-Cruz, em 1819, um dente postico ao Lopes, que fazia de Sevandija e Bobo no Rio-de-Janeiro, e quebrando-o com uma pedra, este se poz a clamar, dizendo: — « Que era um dente polo qual tinha dado em Londres, 30 guineos!!! »



(4) Benjamin Constancio, membro da Câmara-

dos-Deputados, e um dos corypheus do Liberalismo.



(5) O tal Verdier (Francez d'origem) não so decidia todas as duvidas aos *Pascasios* lusos ácêrca da lingua portugueza ; mas até lhes compunha *petições*, etc., com desinencias em *om*.



(6) O' *chefe-d'obra!* etc. O Leitor não deve estranhar esta palavra na bôcca do Sujeito que a profere ; pois como o tal Sujeito residiu longo tempo em França, e escreveu varias obras em *frances-bastardo*, é provavel que assim este, como outros muitos vocabulos gallo-lusos lhe acudam de tropel á *legislatoria-retintiva* quando falla, ou compõe. O que porém custa a crer é que varias Pessoas, que blasonam de puritanas, usem a cada passo do dicto termo na conversa, e na escripta. Para mostrar-lhes que elle é vero *gallicismo*, lançarei aqui uma nota de Francisco Dias Gomes ácêrca do mesmo termo :

« Sempre se disse, em nosso idioma, *obra-prima* por cousa bem-acabada, ou excellentemente executada ; a que os ignorantes da lingua chamam *chefe-d'obra*, clausula absolutamente franceza, que em nossa linguagem de nenhum modo pôde ser admittida ; por lhe não ser analogo, nem em sentença, nem em soído ; por ser de rude, e dis-

sonante pronunçiação ; e por que, no meio, tem desagradavel cacophonía. »



(7) O sotaina Abrantes mandou pôr no *Jornal francez Constitucional* quanto aranzel imaginou, saindo-se, por fim, com uma grande *Carta* dirigida a Sir W. Á Court, em que parece fallar com carta-branca da parte do Público portuguez. Desgraçado Público com tal advogado! E como pretende á fôrça ser Conselheiro-d'Estado, nomeação que obteve no Serralho-do-Rio (repartição em que é assás forte) toda sua azafama é querer mostrar que o Infante D. Miguel não pôde ser regente, mandando outra *Carta* anonyma ao tal *Constitucional*, em que bafora *dilemas* proprios da sua cabeça-empoada : e o mais galante é, que no momento, que com *Monsieur Fritot* na mão, intenta mostrar que a Regencia não pôde pertencer ao Principe D. Miguel (ja se sabe, porque não lhe faz conta) atreve-se a dizer — « que isso não é por falta de consideração e respeito que tenha ao Principe; pois quando elle estava abordo da nau Inglesa Windsor-Castle, lhe ia beijar todos os dias a mão. » Que tal o Brejeiro! um Tractante que se ia la, era mandado pela Facção, e Irmandade para espiar o Principe no estado mesmo em que se achava !!!

CANTO IV.

(1) Mais alto ainda que o doctor Sangrado.

Este doctor Sangrado foi um medico hespanhol que tinha adoptado como especifico universal para curar toda casta de doencas a *sangria*, e *agua-morna*. Eis o retracto que d'elle faz Le Sage no seu galantissimo romance — *Gil Brax* — Sirvo-me da versão de Bocage :

« Era o medico um homem alto, magro, pallido, que havia quarenta annos, polo menos, que dava exercicio á tesoura das Parcas. Este Sabio tinha o exterior grave; pesava as palavras, e dava um ar de nobreza ás suas expressões. Os seus raciocinios pareciam geometricos, e as suas opiniões fóra do commum. »



(2) Seguia-se do Moraes Sarmiento o Busto,
Que em Copenhague a Canning ora serve.

O tal Sarmiento (sendo catholico romano) teve por amiga (durante o tempo que residiu em Copenhague como Encarregado-de-negocios da Côte portugueza) uma mulher protestante; e chegou a tal estado d'indigencia, polo seu mau procedimento, que estava ás sopas do Rei de Dinamarca, por não ter onde cair morto!!!



(3) Os inuteis gelados bacamartes.

Esses , e outros grossissimos volumaços , com que gereram as prensas , e inda hoje gemem as estantes , são como os pannos-de-palha , que com desmesurado ouco recheio não teem succo , e apenas dão ás Bêstas com que esgravatar os dentes. Em Portugal ha certos homens , e certas litterarias-regias-sociedades que , ou por ignorancia , ou por desmazelo nem dão , nem cuidam em dar cousa util.



(4) É de tal natureza a *Maçonaria* de Portugal , e tam differente d'aquella que existe em Inglaterra , em Allemanha , e nos Estados-Unidos , que quando algum se acha em artigo de morte , se confessa de ser Mação , e entrega as insignias ao Confessor ; dando n'isto a intender que seguia uma seita contrária á Religião , aos costumes , e ao Estado ; eis o que acaba de fazer o Marquez d'Engeja , e fez o ex-regente Souto-Maior , em 1822 !!!



(5) Tal é o que os Bretões fazer pretendem.

O Poeta tinha em vista , escrevendo este verso , a *estrandosa* expedição ingleza a Portugal , commandada pelo General Clínton , e cujo resultado foi , qual o mesmo Poeta prophetizara. Os Bifes , depois de comerem muita laranja , muita carniça , e encherem es couros de vinho , foram dar um

passoio té Coimbra. Mas em breve fizeram *volta-face* para as ribas do Tejo onde lhes jazia a esquadra. E, sem dispararem uma so espingarda nas tropas capitaneadas pelo Marquez de Chaves; apenas avistaram o *Archanjo*, puzeram pés em polvorosa. — Quando é que a Nação portugueza abrirá por uma vez os olhos ácerca da *efficacidade* da protecção britanica!!!



(6) O Senhor Medico Joaquim Xavier da Silva aliuhavou em liguagem *gallo-lusa* uma indigesta rapsodia, que intitidou — *Hygiena militar* — e a qual, com todo despejo, offereceu á Academia Real das Sciencias de Lisboa!!!



(7) O Negociante Bandeira veio de Galliza a Lisboa; foi muito tempo mariola de caixa-d'açucar; enriqueceu commerciando; obteve o habito-de-Christo, etc., etc., etc.; tinha palacio, carruagem, criados, navios no mar, etc. Estes phenómenos, não são raros em Portugal, mormente no que tóca a Estrangeiros!!!



(8) O Carcome, etc. — Este charlatão militar commandava uma brigada na famosa expedição

de Bonaparte á Russia; porém foi tal sua poltroneria e ignorancia durante essa campanha, que lhe tiraram a brigada, e deram-a a um Official francez mais experiente que elle.



(9) Olha bem p'ra o Congresso de Vienna, etc.

Allude o Poeta, n'este, e nos seguintes versos a uma estampa que circula per toda Europa, e na qual o Duque de Palmella occupa o primeiro logar entre os outros Diplomaticos. O que o Leitor não deve estranhar; pois foi elle Duque quem mandou abrir a chapa, e a pagou.



(10) O Araujo. — Antonio d'Araujo e Azevedo, Pinto, Pereira, etc., etc., etc. Appellidou-o Francisco Manuel deus Conso,

« Que em coxins cramesis d'um sophã molle,
 Repatanando a sonsa mandriiçe,
 Posta á Malbrucka a branca gorra, os olhos
 Pisca, á sombra da arcada sobranceilha. »



CANTO V.

(1) Luis XVI, Rei de França.



(2) Em Ulm estavam trinta mil homens; tinha provisões para dous annos : a Praça era inconquistavel per situação ; pois abrem-se as portas aos Francezes , sem dar tiro , e os trinta mil homens depoem as armas. — Que quer isto dizer ? — *Pedreirada!!!*



(3) O encycopedico e francez D'Alembert quando ouvia fallar d'algumas acções injustas attribuidas a Monarchas , ou ao Clero , entrava a barafustar , qual um energumeno ; e , escumando raivoso , — « Não (gritava eile) o Universo nao será ditoso senão quando o último Rei for enforcado com as tripas do último Frade!!! »



(4) Entre os *honrados* Fidalgos , que voluntariamente se alistaram para irem a França servir Bonaparte , se notavam o Marquez de Valença , o Marquez de Ponte-de-Lima , o Conde de Sabugal , o Visconde d'Assêca , e outros taes. Esses Campeões assim mesmo sem pessoa alguma fazer caso d'elles em Grenoble , diziam la : — « Que ao menos no meio das privações que tinham , serviam com mais gôsto um Heroe como Napoleão , que um *Barbaque!!!* »



(5) Ilha de San' Domingos.



(6) Do Soyé as oitavas o coroam.

O Sujeito à que, n'este verso, se refere o Auctor, é o Doctor formado na Universidade de Coimbra, d'Academia e do Atheneu das Artes, e Sciencias de Paris, etc., etc., etc. Luis Rafael Soyé. As taes Oitavas são dignas do *liberalissimo* Mecenas a quem foram offerecidas. Eis a Dedicatoria

* Senhor Conde * *esclarecido*,
Benigna protecção *de*,
Às Oitavas que Soyé,
Lhe offerece agradecido,
Co'as penas *amortecido*
Seu estro não tem calor ;
Mas seu *inclyto* favor
Tam *portentoso* será
Que os versos *aquecerá*
E *dará nome* ao Auctor. *

As Oitavas merecem que a palreira Fama as apregoe, a som de trompa, pelas quatro partidas do Mundo conhecido. Ahi vai a primeira somente como amostra de parto tam campanudo :

* Não tenho, Senhor, *braço ás armas* feito,
Mas *tenho mente ás Sciencias, e Artes* dada :
Das Musas *para a lida* acham-me geito :
Co' os buris, e pinceis *ja dei quartada* :
Jamais da *intriga ás manhas* fui affeito,
O que prova a *camisa esfarrapada* :

* O Conde, Marquez ou Duque de Palmella :
escolham.

Para a Pluto agradar não *fix* esforço,
Querendo antes pobreza, que *remórço*. *

Viva!!! viva!!!

Quando o Auctor d'esta *memoravel* producção publicou seu *immortal* poema heroico, intitulado — *Sonho* — certo Sujeito (a tempo que o mesmo Auctor se achava na loja do Livreiro onde se vendia o tal poema) entrou mui pausado na dicta loja; pediu ao Livreiro o mencionado poema; e, com uma tesoura foi-lhe cortando as *bellissimas* estampas, que o adornam. Depois d'embrulhal-as n'uma folha-de-papel, tirou da bolsa 480 rs. (preço do livro) e entregando-os ao Livreiro, disse-lhe: « Eu pago-lhe as estampas: quanto á obra póde guardal-a para mechas. » Proferidas estas palavras, fez uma profunda reverencia aos deus Personagens, e foi-se.

CANTO VI.

(1) O escriba Brito, ex-ministro em Hollanda, mas então residente em París, tinha composto uma Memória relativa ao *estérco*, e levando-a aos *Collaboradores dos Annaes* para que estes a inserissem n'um dos tomos da mesma Obra, respondeu-lhe o Tractante Candido José Xavier: — « Já n'este volume vai a minha Memória sôbre as commuas-

imodoras; a de V. S. ficará para o seguinte; porque aliás seria muita merda juncta. »



(2) A lingua um tempo pura, agora é porca, etc.

É vergonha nossa que homens estranhos tenham melhor gosto de lingua portugueza, que nós, seus naturaes. Enjoam-se dos livros, que se agora fazem n'ella: compram por alto preço os antigos que acham. La estão per Hespanha, per França, per Italia, per Allemanha, per Inglaterra, e per Hollanda nossos livros portuguezes em mor estima, do que nunca tiveram entre nós. Os doctos estrangeiros nada querem de *nossas novas riquezas, e policias litterarias*: conhecem que tudo isto é chocho e vão; sentem mui bem nossa fraqueza, e pobreza n'essa parte: e todavia acha-se entre nós certo *Orthographo-etymologico-grammatico* que não cessa de gritar em suas *gallo-atarefadas* produções, « que a lingua portugueza tem feito agigantados progressos em correcção d'estylo, e orthographia. » *Risum teneatis?*



(3) E vendo quasi a magra Academia, etc.

O erudito Francisco José Freire tractando dos nossos Academicos diz o seguinte:

« Os Academicos de nossa idade passam a vida sem instruir o público nas cousas, que pertencem a

seu instituto, e à sua obrigação. De tantos *Mestres*, que obras lemos, em que nos mostrem d'uma maneira sólida, e conforme ás doutrinas dos bons Antiguos, o em que consistem as riquezas da Eloquentia, e da Poesia? Onde temos quem nos instrua do diverso merecimento dos Escriptores antigos, de que foi tam abundante Grecia, e Roma, e não menos dos *nossos*, que no seculo de *quinhentos* ennobreceram sua lingua na prosa, e no verso? *



(4) Romancistas. — Depois da praga gazetal o *romancismo* é a peste litteraria, que mais tem grassado per toda Europa. Assim que o W. Scott, e o Byron em Inglaterra, e em França seus Macaquinhos Lamartine, d'Arincourt, Victor Hugo, e outros d'igual jaez publicaram seus monstruosos delirios, logo houve em Portugal quem os imitasse. Os Tarellos do mesmo paiz, e até grande porção do gado femeo, pozeram de parte as boas produções classicas nacionaes em prosa, ou verso, para lerem o que elles, ou ellas alcunham *romances-modernos*; isto é um tecido de tediosas extravagancias, uma *moxinifada* de scenas ja libidinosas ou impias, ja revestidas da mais nauseosa ignobilidade, tudo

* Sem nexo, sem linguagem, sem cadencia,
Partos informes da loucura humana. *

E finalmente obra mais propria a adormecer crianças, que a servir de honesto e instructivo

recreio. Se, comtudo, alguém pergunta a um d'esses Auctores iscados da mania *a la-moda*, em que novos Horacios, Aristoteles, ou Boileaus colleu os preceitos para bem desempenhar *tam interessantes e uteis* producções, responde logo muito pausado e concho — *que não segue regras de mestre algum; mas que vai de pps o coração, etc.* — Como chamarão isto os Homens atilados e sabedores? não lhe chamarão — *rematada demencia?*



(5) Quem ladrões Pares-do-Reino ha chamado? Quando ouço fallar d'esses Senhores, vem-me logo á ideia certa estampa que representa d'uma parte dous, ou tres ladrõezinhos na gollilha expostos ao Público, por haverem furtado algumas bagatellas, e da outra um Ministro ladrãozão (que merecia o cordel da força, por furtar milhões) todo entufado, inchando as bochechas, chapelinho de baixo do braço, bofes na camisa engommados de preguinhas, habito ao peito, com casaca de veludo bordada, etc., etc., etc., cercado de muitos Apaniguados e Sollicitadores, fazendo-lhe venias profundissimas. Assim vai o mundo!!!



(6) O doctor Vicente, denominado hoje *velho liberal*, é o que quiz dar conta d'El-Rei em 1806, e da Monarchia em 1808.



(7) De San' Miguel o Conde, que na França Particulares roubava, e ao Govêrno, etc.

Este Conde degenerado commandava em 1809 um regimento portuguez em França; e para satisfazer a paixão, que tinha polo jogo, e por uma Comica franceza (que zombava d'elle Conde) apenas recebia o *pré* do regimento, ia jogal-o, e ficavam os soldados té o *pré* seguinte, a pão e agua (como dizem). Depois da abdicção de Bonaparte, e da entrada dos Borbons em França, ficou este Heroe reduzido a tal miseria (pelo seu mau proceder) que para jogar, e subsistir, entrou a pregar calotes aos Particulares francezes; mormente a mercadores, pedindo fazenda fiada n'uma loja, para ir vendel-a n'outra. Finalmente, por bilhetes-falsos, que fabricou, foi, per ordem do Govêrno francez, conduzido a uma tórre, juncto a Marselha; da qual so devia sair para ser espiogardeado: mas a segunda entrada de Napoleão em França, deu causa a que o soltassem, e o mandassem para Portugal.



(8) Ao Conde da Taipa fizeram um Conselho-de-guerra polo que elle dizimava ao Regimento, que commandou; porê m o maior castigo, que teve (como costumam practicar em Portugal com esta boa Gente) foi ser demittido do serviço.



(9) *Massacrados*. — Expressão de que usou o Patriarcha Patricio da Silva no seu famoso discurso em 12 de fevereiro 1827 : expressão que até os Jornalistas francezes sublinharam. Tal é a *litteratura* hoje dos nossos Homens-d'Estado ! Tal a linguagem , e os gallicismos dos Frades que , á fôrça de pôrem avantal , se acham erectos em Cardeaes , Patriarchas , Ministros-de-Justiça , e Regedores !!!



(10) Tendo um Sujeito , amigo do Betencourt , contado-lhe as vantajens , que tinha com um casamento , que ia contrahir com uma Senhora muito rica , e sendo o dicto Betencourt apresentado á tal Senhora pelo seu Amigo , aquelle cuidou em a seduzir , e casar com ella ; com o qual proceder , melancolisado o Sujeito , se metteu Frade.



(11) Bento Pereira do Carmo.



(12) José Diogo Mascarenhas , então Director dos *Annaes das Sciencias das Artes e das Lettras*, mandou vir de Lisboa a Paris o Genro , e a Filha para assistirem á operação da cataracta , que elle tinha n'um dos olhos , e a qual operação devia ser feita per M. Dupuytren , famoso oculista. Todavia

o dicto Mascarenhas temendo cegar de todo, não se resolveu a descartar-se da cataracta.



(13) A Carta do Canning.

(14) O actual Rei d' Inglaterra nunca pôde soffrer Jorge Canning; principalmente depois que elle quiz fazer de Conselheiro da Princeza Carolina sua esposa: no emtanto mais tarde (per intrigas e terrores) veio a ser seu primeiro Ministro! e diziam os falladores: — « Que D. João VI era um fraco. » E que teem sido os outros?



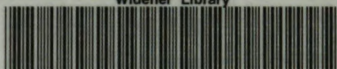
(15) A anarchia, que rebentou em Portugal foi, em grande parte, obra do Conde de Villa-Flor, pessoa das mais compromettidas, e por isso fazendo todo esforço por encaixar na scena Bonecos de que se serve para seus fins, taes como um João Carlos de Saldanha, um Marquez de Valença, um Candido José Xavier, e ultimamente o bonifrate Conde da P***! Que Ministros d'Estado não tem produzido a *Carta!* Isso é que constitue o Reinado da Sandice! Que não rirão os Estrangeiros, em quanto os Portuguezes choram!!!

FIM.

ERRATAS.

ERROS.		EMENDAS.	
PAG.	VERB.		
46	13	excandes cido	excandescido.
75	23	O	A.
240	6	o	e.
258	1	Berfoigual	Berro igual.
267	1	gropicante	gro-picante.
295	1	carros	cornos.
309	7	Notos	Netos.

Widener Library



3 2044 100 438 498